

PETRA HUCKE

# A Mulher que ergueu Nova Iorque

Ela ousou o impossível e criou uma obra  
para a eternidade



*Bestseller  
Internacional*

**300 000**  
exemplares  
vendidos

alma  
livros

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

PETRA HUCKE

# A Mulher que ergueu Nova Iorque

Ela ousou o impossível e criou uma obra  
para a eternidade



*Bestseller  
Internacional*

**300 000**  
exemplares  
vendidos

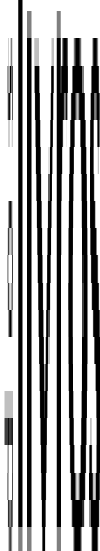
alma  
livros

petRa huCke

**A MULHER  
QUE ERGUEU  
NOVA IORQUE**

Tradução de

NaZaré Matias



info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

tiktok.com/@almadoslivros

twitter.com/almados\_livros

linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2023

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

© 2021 Piper Verlag GmbH, München/Berlin

Título: *A Mulher que ergueu Nova Iorque*

Título original: *Die Architektin von New York*

Autora: Petra Hücke

Tradução: Nazaré Matias

Revisão: Maria Gabriela Ferreira

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa: Johannes Wiebel

Fotografia de capa: Richard Jenkins

Arranjo de capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 516 717/23

1.<sup>a</sup> edição: julho de 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

## Primeira Parte

Manhattan, Nova Iorque,

janeiro de 1865

A mão áspera de Washington era a única coisa que mantinha Emily quente. Depois de algumas horas na carruagem, estava gelada e doíam-lhe os ossos por estar numa posição desconfortável. Talvez não tivesse sido boa ideia visitar Long Island em janeiro, mas a prima Fanny estava doente desde o nascimento do segundo filho e todos receavam o pior. Quando eram crianças, tinham passado verões inteiros juntas e, naquele momento, sentia a necessidade de voltar a vê-la a qualquer o custo.

Há apenas uma semana, Emily casara com Washington Augustus Roebling na terra natal dela, Cold Spring, numa bela cerimónia: a irmã de Washington tocara órgão na pequena igreja da vila, e nunca esqueceria o olhar sincero no rosto do marido quando lhe tinha jurado amor eterno.

Contudo, naquele momento, sozinha com ele na carruagem, teve de conter uma gargalhada – aquele homem tão atraente estava a dormir de boca aberta. Se havia uma coisa que Emily tinha aprendido desde que casaram, era que Wash podia dormir em qualquer situação, mesmo a atravessar uma estrada acidentada. Tinha aprendido a agir assim na guerra. Depois de alguns quilómetros percorridos na carruagem, pegara na mão dela, adormecera, contente, e ia a dormir tão profundamente que a cabeça balançava para trás e para a frente, espalhando o cabelo louro-escuro em todas as direções sobre o tecido do encosto.

Havia tanto para ver lá fora! Há muito que tinham deixado para trás os intermináveis campos castanhos, os esqueletos de árvores negras que se desenhavam contra o céu cinzento, os corvos assustados que grasnavam indignados ao sentir os cascos dos cavalos a passar, e somente o rio Hudson os continuava a acompanhar, fiel, à direita.

Por aquela altura, já tinham chegado à cidade de Nova Iorque, a maior cidade dos Estados Unidos da América. Se alguém inclinasse a cabeça para trás, num dia sombrio como aquele, teria a sensação de que os edifícios tocavam nas nuvens. Em dias de sol, por outro lado, ao olhar



para cima, recebê-lo-ia um céu azul brilhante, parecendo dizer com um certo gozo: «Por muito que tentes, nunca me vais alcançar.»

Mesmo assim, ainda existiam engenheiros e arquitetos ambiciosos que ficavam muito contentes em aceitar esse desafio. A ilha de Manhattan era pequena e cada vez mais pessoas queriam lá viver: vinha da Europa um fluxo constante de imigrantes, o que resultava num navio detrás do outro a atracar no porto de Nova Iorque e, na impossibilidade de as pessoas caberem ao largo, passou-se a construir em altura.

Tinham abrandado perante o trânsito cada vez mais intenso, e o cocheiro, lá fora, coitado, tinha de lutar contra todas as outras carruagens. Emily, sem largar a mão do marido, inclinou-se para a frente para ver mais. As pessoas andavam embrulhadas em longos e espessos casacos de lã, marcados pela sujidade das ruas, e apressavam-se ao longo das calçadas, saltando para a estrada com a convicção de um sonâmbulo e esquivando-se de igual forma das carruagens. Teve a sensação de que seria, com toda a certeza, atropelada num instante, pois, afinal de contas, tinha crescido na província. Tinham passado mais de três anos desde que estivera em Nova Iorque com a mãe e a irmã para conhecer o primeiro bebé de Fanny.

Decidiu acordar Washington, por achar que estava a perder demasiadas novidades. Mais uma vez, olhou para ele, com as suas longas pestanas, as três sardas no nariz, que haviam ficado profundas desde o inverno, e o bigode bem aparado que lhe fazia cócegas quando lhe sussurrava alguma coisa ao ouvido ou quando a beijava. Nada era melhor do que receber os beijos dele, em todo o lado... um arrepio agradável percorreu-a.

Depois, levantou o pé e deu-lhe um pontapé na canela.

Assustado, Washington ergueu-se.

– Já chegámos?

Emily riu-se e acariciou-lhe a bochecha de barba aparada.

– Ainda não, mas em breve.

– Ah, Manhattan – percebeu Washington com um olhar pela janela.

Dobrou-Se para esfregar a perna e olhou-a com repressão. – Senhora Roebing, a senhora é a mulher mais brutal que já Conheci.

– Lamento. Dei-xei de sentir os pés, faltou-me a Sensibilidade.

Washington Sorriu ironicamente.

– Uma nódoa negra não me vai matar.

«Diga-me, querida Emmie, o que é o amor? Beijarmo-nos, fazermos cócegas, abraçarmo-nos? São as cartas de amor ou pontapearmo-nos um ao outro nas canelas por debaixo da mesa? Penso que deve ser isso – as canelas.» Tinha-lhe escrito ele uma vez, quando estava na guerra.

Esticou e acomodou a manta grossa de peles à volta dos pés frios. As garrafas de água quente já tinham arrefecido há muito tempo. Naquele momento, a Carruagem avançava aos Solavancos e Wash teve de se segurar. Os Cavalos tinham acelerado o passo.

– Olha, vamos fazer um desvio pela Broadway. Está menos Congestionada.

Emily aConchegou-se debaixo do braço dele e olharam juntos para o exterior. Estavam tão perto da janela que, ao passar uma corrente de ar, sentiram o cheiro da rua.

– Excrementos de Cavalo – disse Wash.

– Carvão e fuligem – acrescentou ela.

– Batatas cozidas.

– Carne ou salSiças.

– Restos.

– Suor.

– Repolho fermentado.

– O bafo de noventa mil pessoas.

A cidade sempre lhe parecia imponente e, com Wash, tal viagem era de qualquer forma muito especial. Washington via as cidades de forma diferente da maioria das pessoas, e Emily gostava daquele olhar do marido que penetrava por detrás das fachadas.

Normalmente, à tarde, muitas mulheres jovens passeavam pela Broadway e iam parar à Tiffany's. Iam ao teatro e à ópera e bebiam champanhe ou encontravam-se no novo Central Park para patinar no lago congelado. Emily lembrava-se de como tinha sido maravilhoso deslizar de mãos dadas com a irmã sobre o gelo, fazendo a superfície ranger e estalar. Patinaram até ficar tão escuro e tão frio que somente uma chávina de chocolate quente a fumegar à espera delas na borda do rink pôde aquecê-las de novo.

Naquele momento, no entanto, tudo era diferente, e Emily pensou conseguir ler a inquietação no rosto das pessoas a partir da segurança da carruagem. A Guerra Civil Americana não estava resolvida e as pessoas não conseguiam gozar a liberdade, de facto, quase se envergonhavam dela. Enquanto havia tiroteios e mortes no Sul, naquela grande cidade, as pessoas apressavam-se a trabalhar e a fazer compras, ainda que com expressões sérias e a lembrança de que há apenas dois anos tinham desafiado o recrutamento militar de Lincoln e lançado a cidade no caos.

– O 280 da Broadway, o palácio de mármore – murmurou Washington. – Consegues vê-lo?

A carruagem parou numa esquina e Emily pôde contemplar calmamente o edifício brilhante.

– Já alguma vez estiveste lá dentro? – perguntou.

– Não. Mas dizem que realmente há de tudo lá.

– Um armazém... – Emily pronunciou a palavra lentamente.

– Todo o tipo de artigos de retrosaria, roupas pré-fabricadas, cosméticos. Tudo a preços fixos.

– E é mesmo feito de mármore?

– Mármore Tuckahoe do Norte. Consegues ver as janelas grandes?

– Sim.

Infelizmente, a época natalícia já tinha terminado, mas tinha lido que as montras das lojas estavam sempre enfeitadas por essa altura, cheias de luzes e de enfeites invernais. Talvez no próximo ano, quando passassem

por ali novamente para fazer uma visita pré-natalícia a Cold Spring, pudesse vê-las. Até lá, estariam a viver em Cincinnati, onde Washington iria realizar uma empreitada do pai, o que, por sua vez, a deixava tensa – nunca tinha estado tão a oeste.

A Carruagem Continuou a Circular, e Washington já estava a avistar o próximo edifício interessante.

– Que têm as janelas? – perguntou Emily. Wash abriu a boca para lhe responder, mas ela bateu-lhe para o calar. – Espera, acho que sei onde queres chegar. As janelas são tão grandes que a estrutura por trás delas deve ser muito forte. Portanto, o edifício em si não pode ser de mármore.

– Mas sim de...?

– Ferro fundido? – tentou ela, após um momento de reflexão.

– É isso mesmo. A pedra é só uma fachada. Olha, estás a ver aquele terreno em construção?

Picou-lhe a cabeça.

– Não se vê muito bem.

– Ainda não, mas espera alguns meses. O edifício vai ter uma altura total de trinta e nove metros e elevador. É para uma Companhia de Seguros.

– As nuvens não estão realmente muito longe – murmurou.

Chegaram à doca do *ferry* na Fulton Street, que continuava em Brooklyn com o mesmo nome.

– Queres esperar na Carruagem? – perguntou Wash, mas o brilho nos olhos dela disse-lhe que já sabia a resposta. É claro que não queria ficar sentada, queria ver tudo, mesmo que fosse só por dez minutos.

Congelados e rígidos, saíram da Carruagem. Apesar dos seus 21 anos, Emily sentia-se naquele momento como uma bisavó de 80. Num instante, estavam de pé no meio da multidão e Wash deu-lhe a mão para não se perderem um do outro, soltando-a brevemente para afundar o chapéu de pele mais para baixo nas orelhas. Depois das longas horas sozinhos na Carruagem, era quase esmagador ver todos aqueles rostos estranhos à

volta deles, expulsando nuvens de condensação que subiam pelo ar salgado.

Emily ouviu o Som do irlandês Cantante e do alemão rígido, que não compreendeu, mas reconheceu, tendo em conta que o pai de Washington, que tinha imigrado da Prússia há mais de 30 anos, falara em alemão com a mulher algumas vezes na sua presença. Ouviu a voz furiosa de uma mulher que estava indignada por o patrão lhe ter descontado do ordenado ter chegado dois minutos atrasada e depois o coro compassivo dos amigos que conheciam tais injustiças demasiado bem. Um homem velho resmungou para si mesmo. Não usava chapéu e tinha as orelhas encarnadas.

As nuvens separaram-se a oeste, deixando passar os raios do sol já baixo e Emily teve de semicerrar os olhos. Não conseguia ver o East River entre as pessoas, mas a água brilhante banhava toda a cidade com aquela luz cintilante. Logo depois, o passadiço para o barco a vapor da New York and Brooklyn Union Ferry Company abriu-se, e centenas de passageiros pagaram os seus dois cêntimos, amontoando-se a bordo e levando o casal Roebeling com eles. Um homem alto com um casaco requintado empurrou Emily, fazendo-a tropeçar, e Wash segurou-a com firmeza pelo braço.

– A gente das finanças está sempre cheia de pressa – murmurou Wash, olhando para o sujeito que continuava, de nariz empinado, a empurrar mais pessoas.

– Que horror ter de perder tempo a atravessar para Brooklyn.

O velhote com as orelhas encarnadas virou-se para ela.

– Não é o único contra, minha senhora. Toda a Wall Street vai para Brooklyn Heights desfrutar de uma curta noite de sono. Conhecia quase toda a gente que aqui ia, mas agora tornámo-nos o dormitório de Manhattan. Até querem construir uma ponte. – Abanou a cabeça. – Os ricos vão acabar conosco. – Emily beliscou o braço de Wash por cima do casaco.

– Vive em Brooklyn há muito tempo, senhor? – perguntou Wash,

Como se nada tivesse acontecido, mas o homem já tinha desaparecido à procura de um lugar na cabina. – Não teria dito nada, Emmie – sussurrou-lhe ao ouvido. – Queres entrar para o quente?

– Os meus pés querem, mas prefiro ficar aqui fora. Vá lá, se ficarmos abraçados junto à amurada, será suficiente.

Foram empurrando ao longo do lado direito do convés até ficarem a meio do *ferry*. O barco já estava a partir, buzinando tão forte que Emily sentiu as vibrações por todo o corpo. O Sol tinha-se posto mais um pouco, fazendo não só a água mas também inúmeros blocos de gelo virarem-se e deslocarem-se como se estivessem numa dança lenta e vagarosa, cintilar. Não se ouvia nada por cima do barulho do barco além dos rangidos e estalos do gelo que já conhecia demasiado bem do rio Hudson em Cold Spring quando chegava a primavera. Por vezes, guinchavam alto como um fantasma inquieto, outros dias, via-se uma águia ou uma foca empoleirada num dos grandes blocos de gelo, seguindo rio abaixo. No entanto, nenhum barco navegava quando isto acontecia porque o gelo era demasiado perigoso e podia esmagar uma quilha do barco num instante.

Ficou na ponta dos pés, debruçada, segura nos braços de Washington. *E se o gelo também aqui...*

Antes mesmo de que pudesse terminar o pensamento, começou-se a ouvir um rangido, tão forte que se sobrepôs ao barulho do motor e das vozes dos passageiros, e só desapareceu quando o barco parou.

– Oh, Deus – sussurrou uma mulher.

Todos levantaram a cabeça e olharam para a esquerda e para a direita. As portas para as cabinas aquecidas abriram-se.

– Estamos presos, não estamos? – perguntou Emily a tentar manter a calma.

– Receio bem que sim. – Washington puxou-a um pouco mais para perto de si.

Os dentes de Emily começaram a bater. E se o barco tivesse tido uma fuga? Ninguém sobreviveria na água gelada. Passaram--lhe pela cabeça

milhares de pensamentos. Sentiu ainda mais frio com o medo, como quando o gelo tinha cedido e tinha caído num lago perto de Cold Spring. Só tinha sobrevivido porque o irmão GK, 13 anos mais velho, a tinha puxado corajosamente para fora da água pelas duas tranças. Uma experiência terrível – que não a tinha impedido de ir patinar outra vez no dia seguinte. No entanto, já não deixava GK puxá-la com carinho pelas tranças, como costumava fazer, e ele tinha ficado bastante desapontado quando cresceu o suficiente para lhe ser permitido arranjar o cabelo. Mesmo assim, a irmã tinha-se apresentado orgulhosamente quando visitou o Corpo de Pioneiros.

«Para onde foi a minha irmã mais nova?», perguntara GK. «Tudo o que vejo é uma jovem e estranha *dama*.»

E, um ano mais tarde, aquela *dama* acompanhara-o ao Baile dos Oficiais da Segunda Divisão, onde, por sua vez, a apresentou a Washington Roebling, um grande amigo e ajudante de ordens, por quem Emily se apaixonou imediatamente – apesar ou por causa das suas tentativas desajeitadas de dançar. Era assim que, naquele momento, Wash estava ao lado dela como marido e ia naufragar com ela. Não, não devia morrer! Mesmo que ela fosse até ao fundo do mar, o seu Washington tinha de se manter vivo, ainda tinha muito a fazer. Se pudessem furar a multidão até à carruagem e agarrar-se a um dos cavalos... chegariam à costa. À pressa, Emily olhou em volta e deixou o olhar vaguear até ver o cais de Nova Iorque, fechando os olhos de seguida e sentindo as cócegas de riso na barriga.

– O que é tão engraçado? – perguntou Wash, divertido.

– Oh, já nos vi a todos congelados até à morte e depois olho para trás e vejo que ainda estamos tão perto da costa que poderiam pôr só uma escada e atravessamos.

Além disso, tinha querido, de imediato, sacrificar-se heroicamente pelo marido, mas... Ah, não, também queria continuar a viver.

– O sujeito das finanças da Wall Street, com aquelas pernas longas, até podia saltar.

OS outros passageiros também tinham percebido que não havia perigo, mas que chegariam tarde para o jantar. O estômago de Emily já rosnava de forma audível.

– Sabes o que seria uma boa ideia? – perguntou ela a ponderar.

– O quê?

– Construírem aqui uma ponte.

Washington bufou e Emily encostou a cabeça no peito quente dele.

Sim, uma ponte para Brooklyn... Se ao menos o pai de Washington, um engenheiro bem-sucedido e defensor persistente do seu extraordinário projeto, pudesse finalmente ter luz verde para avançar com a proposta de uma ponte combinada de suspensão e cabos... «A Grande Ponte», como modestamente a chamara, já estava terminada na mente do mestre.



Manhattan, Nova Iorque,

janeiro de 1865

**H**omens fardados escalam com agilidade o barco, olhando para a água como se estivessem à procura de baleias, e atiraram-se para o convés.

Podia muito bem haver baleias, pois o East River não era um rio de água doce, mas sim uma espécie de estuário, muitas vezes agitado, onde afunilavam as águas da baía inferior, depois da baía superior, correndo para leste e passando por Manhattan. Alguns quilómetros mais a norte, alargava-se outra vez e fundia-se com o Estuário de Long Island, no extremo em que Fanny e o marido, George, viviam. Emily achou a viagem emocionante, mas teria preferido estar sentada à lareira em Montauk.

– Vai demorar algum tempo até nos tirarem daqui – notou Wash. – Vamos, é melhor irmos para dentro da cabina.

– Hmm. – Emily parou e observou, fascinada, enquanto os homens se movimentavam. Um deles acenou na direção da cabina do condutor, de onde proveio uma buzina e a chaminé emitiu uma grande nuvem de fumo negro.

Em pouco tempo, voltaram ao cais de Nova Iorque e os funcionários atracaram o barco perante a indignação geral dos passageiros.

– Sempre estes *ferries*, não se pode confiar neles...

Algumas pessoas faziam piadas, mas soavam azedas. Emily e Washington voltaram a aproximar-se do passadiço aos poucos. O homem com o uniforme azul-escuro que antes tinha recolhido o dinheiro devolvia-o aos passageiros.

– Lamento, teremos de esperar primeiro pelo quebra-gelo.

– Quanto tempo demora? – perguntou-lhe uma senhora.

– Uma hora ou duas. Não posso ser mais específico.

– Maldito bote – barafustou um homem e as mulheres bufaram,

indignadas. Não poderia expressar-se com mais cuidado?

– Desculpe, senhor – repetiu o homem fardado –, mas tivemos de voltar rapidamente para não ficarmos completamente presos.

– Uma boa decisão, senhor – concordou Washington e levou o dinheiro.

No embarcadouro, os próximos passageiros já estavam à espera e a olhar surpreendidos para os retornados. Emily e Wash esperavam entre a multidão à frente do edifício dos *ferries* que o cocheiro chegasse com a carruagem. Os cavalos estavam cansados e penduravam a cabeça.

– Que vamos fazer agora? – Emily perguntou. – Reservámos quarto em Brooklyn, não foi?

Washington passou a mão pelo cabelo. De repente, também parecia exausto.

– Teremos de encontrar alguma coisa aqui. Hoje não vamos conseguir fazer a viagem e, além disso, está a ficar cada vez mais frio.

Emily já não conseguia sentir os pés e não se imaginava à espera de que o *ferry* partisse. Era quase de noite. Washington e o cocheiro discutiam.

Espirrou.

– Saúde – desejou o homem arrogante de antes que, naquele momento, estava a passar por ela.

– Obrigada – respondeu Emily, desconcertada.

Ele deteve-se e sorriu.

– Também queria atravessar?

– Sim.

– Está sozinha?

Emily sentiu Washington aproximar-se.

– Ah, tem companhia – reparou, então, o homem.

– Roebling – disse Wash. – Boa noite.

Emily pensou ter detetado um tom possessivo nele e teve de sorrir,

satisfeita. Já era casada, oficialmente proprietária do seu maravilhoso marido, e não era apropriado falar com cavalheiros estranhos. Não que tivesse sido apropriado antes, nos seus círculos, quando era jovem e solteira. Ao contrário dos Roebing, os Warren não eram exatamente ricos, mas eram muito estimados em Cold Spring.

– Thomas Kinsella, prazer em conhecê-lo. – Na verdade, o homem não parecia tão arrogante. – Ouça, conheço uma pensão onde fico por vezes quando é demasiado tarde para voltar para casa. Não é muito longe daqui, fica na Liberty Street.

– É muito amável da sua parte. – Washington estava a tentar livrar-se dele de forma óbvia.

– Gostaria de vir na carruagem connosco? – perguntou Emily com rapidez.

Thomas Kinsella esboçou uma vénia.

– Se não for inconveniente, adoraria.

Os três ficaram um pouco apertados na carruagem. Thomas Kinsella sentou-se à frente deles e ia a espreitar pela janela. Tinha descrito o caminho ao cocheiro e ficou tranquilo quando reparou que este estava a seguir bem as instruções. As suas longas pernas ocupavam todo o espaço entre eles.

– O que os traz a Nova Iorque? – perguntou.

– Estamos apenas de passagem – explicou Emily. – Vamos visitar parentes em Montauk.

Enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Espero mesmo que não estivessem a planear fazer toda a viagem assim com este frio de rachar.

– Não, tínhamos um lugar para ficar em Brooklyn.

Washington ficou em silêncio. A alegria casual que reinara entre eles quando estavam sozinhos tinha desaparecido. Para o consolar, Emily pôs o braço por baixo do dele. Estariam a chegar? Não sabia a que distância ficava a Liberty Street e os solavancos paravam e recomeçavam. Uma

lanterna de gás deixou-se ver pela janela e desapareceu novamente.

– Brooklyn é um lugar maravilhoso – disse Thomas Kinsella. Quase não se podia ver nada e a voz algo sonhadora dele parecia vir da escuridão. – Muitas vezes tenho de ir a Manhattan para trabalhar e adoro a agitação, a azáfama e a Confusão. A propósito, Sou jornalista no *Brooklyn Eagle*.

– Oh, a sério? Pensámos...

– O que pensou?

– ...que trabalhasse em Wall Street.

Ele gargalhou.

– Céus, não! Eu e o capital não mantemos uma amizade demasiado estreita. Ou melhor, eu e os capitalistas que enchem os bolsos à custa dos outros não mantemos uma amizade muito estreita, mas devo confessar que gosto de usar um bom casaco. – Emily viu-o acariciar o tecido de lã de forma pouco óbvia. – Apesar de adorar estar em Manhattan, sinto-me mais em casa em Brooklyn, com a minha mulher e os meus filhos. Lá é tudo diferente, como nos velhos tempos na aldeia, onde todos se conhecem. Também têm filhos?

Emily tinha crescido como a segunda mais nova de seis irmãos e queria uma ninhada de crianças. O mais rapidamente possível. Wash tinha três irmãos e três irmãs, todos mais novos, e também queria começar uma família, mas Emily já sabia que não tinha tido uma infância fácil e provavelmente havia muita coisa que não lhe tinha contado.

– Dê-nos um pouco mais de tempo – pediu Emily alegre, enquanto Wash continuava em silêncio. – Casamo-nos na semana passada.

– Parabéns, minha senhora... Desculpem a minha indelicadeza, mas não me consigo lembrar dos seus nomes. Não é coisa boa no meu ramo.

– Emily Warren Roebling.

Thomas Kinsella ficou em silêncio por um momento e depois perguntou:

– Tem alguma coisa que ver com John A. Roebling?

– É o meu pai – interveio Wash.

– Ah. – O silêncio reinou por um momento, apenas se ouviram vozes e uma gargalhada barulhenta vindas do exterior. – Bem, o senhor Roebling em breve fará com que os *ferries* deixem de ser necessários. Suponho que uma ponte não vai congelar com tanta facilidade.

– Oh, não se pode dizer isso. – Washington pôs-se mais direito. – Claro que não se fica preso entre blocos de gelo numa ponte, mas, com os ventos salgados do East River, pode formar-se uma camada considerável de gelo de forma surpreendentemente rápida. Além disso, é preciso considerar a força do gelo e os efeitos da água e do frio ao construir os pilões e escolher o material apropriado.

Emily sorriu no escuro. O seu Wash não era bom a conversar com estranhos, mas sabia muito sobre pontes. Era mesmo a cara do pai, ainda que não gostasse de o ouvir.

– Também é arquiteto? – perguntou Thomas Kinsella.

– Engenheiro – corrigiu Wash. – Estudei no Instituto Politécnico Rensselaer em Troy.

O cocheiro parou e bateu à porta. Wash saiu à pressa, talvez por não querer passar mais tempo preso num espaço tão estreito com aquele homem estranho. A pensão que Thomas Kinsella tinha recomendado estava situada num edifício de dois andares e era tão antiga que Emily ficou com a impressão de que só se aguentava de pé porque a seguravam as casas adjacentes, à esquerda e à direita. Contudo, o interior era muito acolhedor. Conduziram-nos por uns degraus escuros.

– Prazer em conhecê-los – disse Thomas Kinsella, cujo quarto ficava mesmo ao lado das escadas. Apertaram as mãos e, enquanto Wash abria a porta do quarto, ao lado, Emily ouviu Thomas Kinsella murmurar – Surpreendentemente simpático, como o pai.

Consternada, olhou para ele, mas este só lhe piscou um olho e desapareceu.

Com um gemido, Emily deixou-se cair na cama macia e fechou os olhos. Uma lareira ardia e o quarto estava maravilhosamente quente.

Wash ajoelhou-se, desatou-lhe as botas e tirou-lhas dos pés. Depois, virou-a com cuidado e desatou as fitas e os ilhós do vestido. No fim, Emily teve de se levantar por um instante para que ele lho pudesse tirar e, quando Wash levantou o edredão para que pudesse esgueirar-se para debaixo dele, em roupa interior, bateram à porta e ouviram a voz calma do estalajadeiro.

– Água quente para si.

Emily permaneceu deitada entre os lençóis que cheiravam como se tivessem secado com uma brisa fresca, enquanto Washington recebia com gratidão o jarro de água e o colocava no lavatório. Emily já estava a adormecer, perdida em trechos de sonhos – o gelo brilhante do rio, os corvos sobre os campos, o leito a balançar ao ritmo da carruagem –, quando um murmúrio a trouxe de volta para o quarto semiescuro da pensão. Wash estava inclinado para a frente no lavatório, de costas para ela. Na sua mão direita, segurava um jarro do qual vertia água fumegante para a tigela da mão esquerda até esta estar cheia. Depois, deitava-a de novo no jarro, pegava-lhe com a mão esquerda e vertia a água para a tigela na mão direita até estar novamente cheia.

Emily observou-o maravilhada. Lembrou-se de que nem sequer tinha soltado o cabelo, sentou-se, puxou os ganchos para fora e sentiu o cabelo pesado cair nos ombros nus.

O marido pegou na barra de sabão entre as mãos, esfregou-a até aparecer espuma e voltou a pô-la de lado. Durante meia eternidade, ensaboou as mãos, lavando cada dedo por separado, limpando à volta das rugas, esfregando as palmas e depois as costas das mãos. O líquido ensaboado gotejava para dentro da tigela.

– Wash?

Wash fez uma pausa.

– Vens para a cama?

Após um breve silêncio, mergulhou as mãos na água, deixou-as pingar e depois secou-as na toalha branca, que pendurou outra vez com cuidado.

Quando se deitou ao lado dela, Emily aconchegou-se contra ele. Envolveu-a entre os seus braços e ela sentiu as mãos quentes dele nas costas. Que ritual estranho teria sido aquele? Antes de lhe poder perguntar sobre isso, adormeceu.

Montauk, Long Island,

janeiro de 1865

— Até que enfim! — Fanny lutou para se endireitar na *chaise-longue* e esticou os braços finos.

Em dois passos, Emily estava ao pé dela. Queria abraçar bem a prima, mas ao mais pequeno toque sentiu-lhe as costelas por debaixo do vestido de lã solto. Pestanejou rapidamente para afastar as lágrimas, forçou-se a sorrir e ergueu-se novamente.

— Este é o meu Washington. — Empurrou-o para Fanny. A prima estava pálida, mas os olhos brilhavam alegres enquanto olhava para Wash, fingindo, ainda assim, um certo rigor durante alguns segundos. Era um marido digno de Emily? Devia ter chegado a uma conclusão positiva, pois estendeu a mão e Washington agarrou-a com confiança.

— Afinal, não sou feita de açúcar. — Fanny parecia apertar a mão com força. Os olhos de Washington abriram-se e sorriu.

— Bem-vindos à nossa bela Montauk — disse George. — Espero que não tenham congelado até à morte pelo caminho.

— A senhoria da pensão encheu as botijas com água quente e deu-nos um balde amolgado de brasas quentes para colocarmos aos pés na carruagem.

— Oh, que gentil! Temos de nos lembrar disso. — Fanny revirou os olhos por um segundo para o teto, como se estivesse à espera de que lhe passasse uma tontura. Tinha começado a erguer-se, mas George sentou-se mesmo ao lado dela, para que não tivesse a ideia de se levantar.

Há pouco, à porta, tinha dito que Fanny estava bastante bem. «Especialmente porque a querida prima veio visitá-la.» Tinha posto a mão no braço de Emily com gratidão.

— O médico esteve aqui esta manhã e, pela primeira vez em muito tempo, não pareceu completamente desesperado. No entanto, ainda tem de ficar em repouso e sem esforços.



– Também pareceS cansado – notou Emily. Claro que sim. Além da recém-nascida, tinham Sammy, de três anos, e George estava muito preocupado com a esposa.

– Sammy é um traquinas e a bebé só o fez ficar mais animado. Ambos me mantêm ocupado.

– Onde está? Está a dormir?

George riu suavemente.

– Não, está a lutar com unhas e dentes contra ter de dormir. Porque deveria desperdiçar a vida na cama? Está lá fora a brincar com as crianças mais velhas, as dos vizinhos, mas deve estar para chegar.

Depois, entraram na sala de estar. Emily olhou à volta com curiosidade. Ali, ao pé da lareira, estava o berço.

– Esta é a nossa Charlotte.

Emily curvou-se sobre o berço. Com tantos folhos brancos, a bebé parecia estar deitada numa nuvem.

– Oito semanas – disse o pai baixinho, mas inequivocamente orgulhoso –, cinquenta e dois centímetros, pesada como um saco de batatas depois de comer, olhos azuis, dez dedos dos pés, dez dedos das mãos.

Oito semanas e Fanny ainda estava a sangrar.

– Vale a pena, não é? – Emily encolheu-se quando ouviu a voz da prima tão perto, atrás dela. Afinal, tinha-se levantado, apoiada em Wash.

– Olhem para ela, o nosso pequeno milagre. O nosso segundo pequeno milagre. Queres pegar nela?

– Só se te sentares outra vez.

Obediente, Fanny voltou à *chaise-longue* com Wash. George levantou o pequeno fardo da nuvem de folhos, e Emily sentou-se entre Fanny e Wash. Depois, esticou os braços e acolheu a bebé, olhando para ela com espanto. Charlotte tinha uma quantidade surpreendente de cabelo escuro e alguns caracóis já espreitavam por debaixo do gorrinho. De repente, a bebé piscou e abriu os olhos azuis profundos.

Emily olhou de esguelha para Wash e descobriu que estava a contemplá-la cheio de amor. Se tivesse sido possível, o seu coração teria derretido ainda mais. *Em breve*, parecia prometer.

O riso e o barulho interromperam o momento, vindos do exterior. Ouviu-se o uivar do vento por um momento, sacudindo as janelas, depois a porta da frente fechou-se. Aquele pequeno mundo parecia enorme outra vez. Lá fora estava o mar! Emily mal podia esperar para ir à praia logo pela manhã. Se ao menos pudesse levar Fanny com ela para procurar conchas e caranguejos como costumavam fazer... Havia uma fila inteira de bolachas-do-mar alinhadas com muito amor no seu quarto de criança em Cold Spring, que levaria consigo assim que soubesse onde iria assentar de vez.

– Mamã! – Sammy entrou de meias, mas a usar gorro e cachecol, seguido por um rapaz mais alto que bateu na testa e desapareceu outra vez.

– Obrigado, Micky – agradeceu-lhe George.

No meio do percurso, Sammy parou de boca aberta e olhou fixamente para os dois estranhos. Emily agachou-se e sorriu para ele, mas ele passou por ela e subiu para o colo da mãe, que lhe tirou o gorro e lhe deu um beijo apertado na cabeça escura e selvagem.

– São a tia Emily e o tio Washington.

– Olá, Sammy – saudou Wash e, na segurança dos braços da mãe, Sammy, por fim, sorriu-lhe.

– Sentem-se, por favor. – George apontou para as poltronas onde Wash e Emily se deviam pôr à vontade. – Vou fazer chá.

Coxeou para a cozinha e Fanny seguiu-o com o olhar. Não era só ele que parecia preocupado com ela, o contrário também era válido.

– Como está? – perguntou Emily cautelosa.

Escureceu-se-lhe o rosto e levantou os ombros, mas quando Sammy olhou para ela, de repente, sorriu.

– Está bem. Estamos contentes por tê-lo aqui. Cuida de nós e até nos

faz chá!

Emily Sentiu-Se envergonhada, não deveria ter perguntado sobre o ferimento de guerra do pai à frente do menino. Afinal de contas, Sammy já Conseguia notar que a mãe não estava bem desde o nascimento da irmãzinha.

Mais tarde, quando Sammy foi, por fim, para a cama, sentaram-se os quatro à volta da lareira. Conversaram, observaram as chamas em silêncio durante algum tempo e continuaram a falar. Emily segurou a mão de Washington no colo e brincou com a aliança de casamento. Wash parecia satisfeito, a tensão da viagem parecia ter-se dissipado.

George massajou a perna mesmo por cima do joelho. Volta e meia, segurava-a estendida e deslizava-a de cá para lá por cima da poltrona. Quando tentou levantar-se para atear a fogueira, Washington chegou primeiro. George, no entanto, levantou-se na mesma e ficou de lado, apoiado com um cotovelo no parapeito da lareira.

– Os nossos dois homens – sussurrou Fanny. – George e Washington.

Emily riu-se.

– Muito presidencial.

– Os nossos dois fundadores. – Fanny desatou a rir.

À luz cintilante, parecia que tinha um pouco de cor na cara. Será que afinal iria melhorar? Emily queria fazer tudo o que pudesse para que Fanny se sentisse melhor e decidiu, sem pensar muito no assunto, que ficariam por algum tempo.

Nessa mesma noite, a pedido dela, Washington escreveu uma carta ao pai e uma segunda ao adjunto em Cincinnati, um senhor Lamb, que não era de modo algum semelhante a um cordeiro, como o nome poderia sugerir, pois adorava piadas e trocadilhos vulgares. Wash dava-se bem com ele e até o tinha convidado para o casamento, onde tinha, na medida do possível, contido as piadas. Tinha feito apenas alguns comentários indecentes e não enganara por completo. Naquele dia, não só celebraram o casamento de Wash e Emily, como também o casamento de Edgar, irmão de Emily, e da sua noiva. Para jogar pelo seguro, o vestido tinha

sido feito pouco antes do grande dia. De forma oficial, o que se dizia era que não se podia ter grandes festas em tempo de guerra, mas como o vestido de Emily tinha custado meia fortuna, aquela razão não fora particularmente convincente e, além disso, Cornelia casava-se por circunstâncias muito diferentes.

Enquanto o senhor Lamb gozava com tais circunstâncias, Emily, apesar da sua educação católica, não achava aquilo dramático. Washington tinha estado no exército até pouco antes de casarem e as cartas não a engravidaram, mas quem sabia o que teria acontecido se as coisas fossem de outra forma. Nas poucas noites que passaram na mesma casa, esgueiraram-se, muitas vezes, em bicos de pés pelo corredor.

Washington tinha-lhe confessado logo no início que não tinha uma grande relação com a religião.

«Receio que os Roebling sejam uns pagãos terríveis», dissera. «Nunca estivemos interessados em qualquer fé, mas claro que é bom que nós os dois vamos à igreja uma vez ou outra para deixar os vizinhos tranquilos. Ou os católicos, se preferires.»

«Não acredita em nada?»

«Agrada-me o espiritismo, mas o que é provável é que as freiras da tua escola conventual me tratassem como um herege.»

Na manhã seguinte, Emily acordou assim que clareou lá fora. O quarto de hóspedes de Fanny e George não era muito maior do que uma despensa, mas tinha dormido bem. Aconchegou-se contra as costas de Washington e sentiu-lhe a respiração. Quando quis puxar o cobertor um pouco mais para cima, porque sentiu o pescoço a ficar frio, Wash mexeu-se.

– Não te queria acordar – sussurrou-lhe ela.

– Oh, mas é assim que eu gosto de acordar.

Emily pressionou-se firmemente contra ele. O que estava para acontecer podia acontecer e não seria nenhum escândalo e, na verdade, demoraram bastante tempo a sair da cama, mas foi Emily quem se levantou.

– PreCisamos mesmo de ir à praia. Sinto o Cheiro a mar, ConSegues Senti-lo?

Logo depois do pequeno-almoço, vestiram-Se. George deu a Washington um CaSaCo de lã grosso e Emily pediu um emprestado a Fanny e vestiu-o por debaixo do Sobretudo.

– Tu vais Com eles, George – ordenou Fanny. – O Sammy fica aqui, ontem ConStipou-Se.

George hesitou, mas acabou por Calçar as botas. Não fazia tanto vento como no dia anterior. À esquerda, encontraram um grande lago turvo e invernal com algumas gaivotas marinhas ao seu redor. Passados vinte minutos, chegaram às dunas e desceram-nas até chegarem à água.

O mar! Emily respirou fundo e esteve prestes a correr até ele, até sentir as pontas dos sapatos a tocar na água. Contudo, George tinha de se concentrar para não tropeçar naquele terreno pouco fiável. Emily tentou distraí-lo com comentários sobre o bom tempo, mas ele mal conseguia responder-lhe.

Por fim, parou.

– Maldita perna – amaldiçoou.

– Maldita guerra – respondeu Emily. – Espero que acabe em breve.

Parecia ser assim, ao menos. Já tinham dado alta a Washington, estava ileso, apesar do terrível banho de sangue que tinha testemunhado em Gettysburg.

– Vou dar-lhes mais alguns meses – comentou George.

– Então, mas consegues trabalhar?

George abanou a cabeça e pôs o queixo mais para dentro do lenço, como uma tartaruga a tentar esconder-se.

– Um pescador sem duas pernas de trabalho não é um pescador. Já não posso ser útil dessa forma. – Virou-se para a água, com as mãos nos bolsos. – Partindo daqui, não se volta a pisar terra até chegar à Europa.

– Queres ir para lá? – perguntou Emily. Sempre tinha pensado que os pescadores que passavam muitos dias ou semanas no mar alto se sentiam

particularmente ligados à pátria. Fora por essa razão que Fanny se tinha mudado para ali com ele, depois de ter conseguido convencer o clã Warren de que queria mesmo casar com alguém tão inferior à sua posição. Tinham comprado a casa de campo em Montauk com o dinheiro de Fanny.

– Seria excitante – disse George. – Mas ainda teria de encontrar o país certo e ver onde poderia arranjar trabalho.

Washington enrugou a boca, pensativo, e fez duas pausas antes de falar.

– Podíamos tentar arranjar-te trabalho na nossa fábrica. Há empregos em que não é preciso andar muito. Talvez possamos encontrar algum cargo no escritório.

– Que fábrica?

Fanny ainda não lhe teria falado sobre o assunto. Uma fábrica de cabos de aço era muito menos interessante do que o trabalho como engenheiro e arquiteto pelo qual o pai de Washington, John, era conhecido. Contudo, a maior parte da fortuna da família provinha de Trenton, a capital de Nova Jérсия, onde fundaram a Roebling Wire Company há mais de 15 anos e onde fabricavam cabos de aço para a indústria da construção e, claro, para as pontes suspensas do próprio John.

Emily tinha viajado para Trenton pela primeira vez pouco depois do seu noivado, no passado abril, a convite dos pais de Washington.

*«O meu pai está desejoso de te conhecer», tinha-lhe escrito Wash, «não só vai querer mostrar-te a casa mas também a firma, da qual tanto se orgulha. Eu, por outro lado, acho Trenton chato e monótono. Cada vez que passo lá alguns dias, parece que estou prestes a morrer de tédio, mas é ótimo que conheças a minha mãe, uma mulher maravilhosa que torna tudo suportável».*

Pouco tempo depois, chegara outra carta. *«Infelizmente, não posso ir buscar-te a Cold Spring como planeado porque o nosso esquadrão vai ser destacado para outro avanço, mas o meu pai está atualmente em Manhattan em negócios. Quer encontrar-se contigo lá e levar-te de comboio até Trenton. Escreverei mais pormenores. Na verdade, teria*

*preferido estar presente no vosso primeiro encontro porque ele é uma pessoa muito especial. Não te preocupes, vai tratar-te bem, claro, mas não fiques surpresa.»*

Não se poderia ter expressado de uma forma mais enigmática, mas já tinha notado que toda a leveza desaparecia sempre que falava do pai. Por conseguinte, as mãos de Emily tinham ficado húmidas de ansiedade enquanto esperava com a mãe pelo futuro sogro, como combinado, na estação de comboios de Jersey City, numa quarta-feira de maio, sob o grande relógio.

Reconheceu-o de imediato. John Augustus Roebling tinha uma barba farta e, aos 60 anos, um rosto enrugado. Contudo, as proeminentes maçãs do rosto – e especialmente os olhos – lembravam-lhe tanto Washington que depositou a sua confiança nele de imediato.

«Deve ser a jovem noiva de Washington», comentou ele com um sorriso apertado e fez-lhe uma vénia.

«Emily Warren, estou encantada por conhecê-lo, Senhor Roebling. Esta é a minha mãe, Phoebe Lickley Warren.»

Emily estava orgulhosa da mãe, que se erguia bela como uma rainha. Era certo que tinha perdido seis filhos, criado mais seis e enterrado o marido há cinco anos, mas o seu cabelo ainda era escuro e tão difícil de domar como o da filha. Emily podia adivinhar o que estava a pensar e logo percebeu que a mãe achava o pai de Washington digno de confiança e que lhe entregaria a filha sem hesitar. Após uma breve conversa, o Senhor Roebling lembrou-lhes que tinham de apanhar o comboio.

Apressaram-se juntos para a plataforma, Emily deu um beijo de despedida à mãe, entraram e sentaram-se no comboio, que começou a mover-se como um animal grande e pesado, levando-os durante cerca de 113 quilómetros até Trenton.

«Está um cheiro um pouco desagradável», observou o Senhor Roebling. «Posso abrir a janela?»

«Com certeza.»

O fedor da fuligem disfarçou por um tempo o cheiro constante a salsiça, até que o comboio percorreu uma curva e um vento fresco

entrou de rompante pelo compartimento. O Senhor Roebling deixou-se estar quieto, a olhar pela janela. O cabelo cuidadosamente penteado para trás flutuava-lhe à volta da cabeça. Passado algum tempo, Emily continuava sentada ao pé dele, cheia de nervos, a brincar com um brinco. O Senhor Roebling levantou o braço e apontou para a frente.

«Estamos prestes a atravessar o rio Hackensack», disse. «Pode discutir-se o aspeto da ponte, mas a construção é robusta, e Schroeder ergueu-a a uma velocidade impressionante.»

«Quão grande é o vão?», perguntou Emily.

Admirado, o futuro sogro olhou para ela. Parecia surpreendido por ela conhecer tal termo técnico. O azul dos olhos era um pouco mais escuro do que o de Washington, mas poderia ser devido à idade.

«Pouco mais de mil e duzentos metros.»

«É uma ponte de treliças, não é?»

«Trelliças de viga Gerber, para ser exato.» O Senhor Roebling fechou a janela com um puxão e deixaram-se estar nos dois lugares opostos enquanto um súbito silêncio invadia o compartimento. Emily mal chegava ao chão com as pontas dos pés. «O seu pai também está no ramo da construção civil?»

Emily verificou se o vento lhe tinha estragado o penteado, o que também levou o Senhor Roebling a alisar o cabelo.

«Não, foi congressista do estado de Nova Iorque, tem assento como presidente na Câmara Municipal de Cold Spring e ainda investiu na Fundação de West Point.»

«A fábrica de armas? Certo, é mesmo ali ao pé de vocês. Mesmo em Cold Spring, não é? O nome soa tão idílico.»

«Imagine um belo dia de primavera, sentado junto a uma janela aberta, a escrever uma carta ou a ler um livro, enquanto ouve os pássaros a chilrear... e, de repente, testam uma rodada de canhões *Parrott*, sempre direcionados para a Montanha Storm King. Muito idílica, a nossa *primavera fria*.»



Riu-Se, rouCo.

«OS *Parrotts* têm-nos servido bem até agora.»

«Além da estranha explosão», observou Emily seCamente. A reputação das armas não era muito boa. «A propósito, o nome do meio do meu irmão mais novo Bobby é Parrott. O meu pai era amigo do senhor Parrott, o inventor. Quando era Criança, Bobby era propenso a birras não muito diferentes de uma explosão.»

O Senhor Roebling Sorriu.

«O meu nome do meio é Augustus, mas não posso dizer que me sinta exaltado. À exceção, talvez, de quando estou de pé numa ponte recém-construída. O que me leva de volta à minha pergunta, Como sabe o que é uma ponte de treliças? O meu filho já lhe ensinou alguma Coisa?»

«O Seu filho também, Sim, mas especialmente o meu irmão, Gouverneur Kemble, cujo nome é, a propósito, de outro amigo do nosso pai. Chamamos-lhe apenas GK. Estudou engenharia em West Point.»

«Mas é Claro, Conheci o major-general no ano passado ou no anterior. Dão-Se bem?»

«Muito. O GK é muito mais velho do que eu, mas gosto muito dele. Mostrou-me desde cedo como são maravilhosamente poéticas não só a botânica como também a estática.»

«Poéticas, isso, isso.»

Vários jovens passaram no corredor, a gritar uma canção que provavelmente só eles mesmos reconheceriam. O comboio balançou e um dos cantores foi atirado contra a porta do compartimento.

Voltou a endireitar-Se e aCenou lamentoSo.

«InaCredítavel.» As rugas da testa do senhor Roebling tornaram-Se sulcos profundos. Saltou, abriu a porta de correr e olhou furiosamente para os rapazes. Durante alguns minutos, parou no corredor, olhou à volta e para fora da janela e voltou para o compartimento. «De qualquer modo, menina Warren, estou encantado de lhe dar as boas-vindas à nossa família. Suponho que...» Sentou-Se, cruzou uma perna sobre a

outra e inclinou-se para trás. «Suponho que vai casar com o meu filho pela razão certa?»

Que queria dizer com aquilo?

«Vou casar com ele porque o amo.»

«Essa é a razão certa, não acha?»

«Sim, com certeza.»

«Um casamento sem amor não é melhor do que o suicídio.»

Olhou pela janela enquanto o dizia, para que Emily não lhe conseguisse ler a expressão no rosto.

Quando chegaram a Trenton, uma carruagem aberta de dois cavalos levou-os pela cidade. O ar cheirava a lírios-do-vale.

«É aqui que vivem os nossos trabalhadores», apontou o senhor Roebling, referindo-se a uma fileira de casas de tijolos vermelhos. A carruagem andava aos solavancos sobre a calçada de paralelos, pelo que Emily teve de se segurar.

«Está frequentemente na fábrica ou nos locais da obra?»

«Depende da fase de construção. Verifico com regularidade as coisas aqui, mas o Ferdinand está a tomar cada vez mais conta da empresa e o Charles parece estar também interessado nela. Ao contrário do Washington.»

Porque parecia tão amargo quando o filho mais velho o apoiava ativamente no terreno? Era suposto Washington tomar conta da fábrica ao mesmo tempo? Emily resmungou interiormente, mas deixou a raiva de lado. Estava ansiosa por conhecer Ferdinand e Charles. Washington tinha-os descrito como um duo imbatível. A irmã, Elvira, vivia com eles na casa familiar. Dos outros irmãos de Washington, Emily sabia pouco até ao momento.

Deixaram as casas dos trabalhadores para trás e foram conduzidos durante algum tempo por campos de trigo de onde espreitavam flores azuis de milho e papoilas vermelhas. Por fim, uma propriedade apareceu por trás das árvores altas. Vinte e sete quartos, tinha descrito o noivo, e

havia mesmo uma cúpula com várias janelas que devia deixar entrar muita luz para o interior. Emily seguiu o anfitrião até ao imponente vestíbulo, onde um velho relógio de pêndulo estava a tocar naquele momento. As grandes plantas davam ao ambiente um toque exótico.

«Bem-vinda, outra vez», disse o Senhor Roebbling, apontando com a mão para as duas mulheres que ali a esperavam. «Esta é a minha mulher, Johanna Roebbling, e a minha filha, Elvira. Devem ter quase a mesma idade.»

O rosto da Senhora Roebbling estava marcado pela doença. Tinha os olhos ocos e o cabelo liso era tão fino que mal se conseguia juntar num coque. Contudo, o seu olhar castanho era quente e saudou Emily com grande emoção, enquanto Elvira cuidava dela e a mimava como a uma convidada de honra.

Eram uma família e uma casa tranquilas, que só se tornaram um pouco mais animadas quando Charles e Ferdinand chegaram para jantar. Charles, aos 15 anos, era ainda meio criança, com o rosto macio, mas Ferdinand, aos 23, já exibía as características do pai. Os traços mais suaves da mãe aparentemente só se tinham afirmado em Elvira. Atrás deles, um rapaz tentava atrair o mínimo de atenção possível.

«Edmund ainda não se costuma sentar à mesa para jantar quando há convidados», referiu o Senhor Roebbling a olhar para o filho mais novo, que endireitou os ombros relutante durante o discurso. «Mas hoje abriremos uma exceção, menina Warren, uma vez que já é quase da família.»

«Bem-vinda ao manicómio», ouviu Ferdinand murmurar. Elvira largou a colher provocando um barulho alto e olhando horrorizada para o irmão. Como podia dizer uma coisa daquelas?

Emily teve de reprimir uma gargalhada. No entanto, a alegria ficou-lhe presa na garganta quando reparou no súbito silêncio que se instaurara à mesa. O Senhor Roebbling tinha deixado de comer a sopa e estava a olhar para a mesa, com a colher segura num punho bem fechado. O resto da família continuou a jantar, em completo silêncio – não se conseguia ouvir

nem um tilintar, nem sequer ninguém a engolir. Emily tentou chamar a atenção de Elvira, mas esta só olhou para ela brevemente, sorriu de forma sentida e fez um gesto para que comesse a sua sopa.

Emily lembrou-se de como o futuro sogro tinha ficado enraivecido por causa dos jovens a gritar no comboio. Tinham seguido o seu caminho, nada impressionados, mas Emily tinha a certeza: se tivessem visto aquela cara dura e os nós dos dedos brancos, teriam retraído a cabeça do medo.

Quando chegaram ao prato principal, o temperamento do pai tinha acalmado. Perguntou sobre a família de Emily e queria saber se tinha tido alguma escolaridade. Não o fez de todo num tom amigável, mas sim questionador, embora não o suficiente para a incomodar.

Durante uma pequena pausa na conversa, pôs o olhar sobre Edmund, que parecia quase tão miserável como a mãe doente.

Não tinha dito nada durante todo aquele tempo.

Emily sorriu para ele.

«Quantos anos tens, Edmund?»

«Onze.»

«És o mais novo?»

«Sim.»

«Queres ser engenheiro como os teus irmãos quando cresceres?»

Encolheu os ombros, mas a mãe empurrou-o quase de forma impercetível para o obrigar a responder.

«Ainda não sei», acabou por responder.

«Onde é a tua escola?»

Edmund permaneceu sentado, imóvel. Quase se conseguia cortar o silêncio até que chegaram duas criadas e recolheram os pratos. Assim, Emily ficou aliviada quando conseguiu retirar-se para a sala de visitas para um café. Ferdinand separou-a e levou-a até às escadas.

«Espero que o Washy a tenha avisado. O Roebling sénior não é um senhor idoso que abraça os amados filhos em todos os momentos. O Edmund foi expulso pela terceira vez da escola no outro dia, por isso é

um assunto delicado neste momento.»

«Oh!»

«Mas penso que gosta de si.»

Emily ficou em silêncio. Na verdade, era uma boa juíza de carácter e a primeira impressão do senhor Roebeling na estação tinha sido tão boa que agora estava confusa e de alguma forma desapontada consigo mesma.

«Deixei-lhe uma carta do Washy lá em cima, na qual tenho a certeza de que lhe deseja uma boa noite», continuou Ferdinand.

«Muito obrigada. Desejo-lhe o mesmo.»

Apressou-se a subir as escadas, de uma forma demasiado impetuosa para uma senhora e do andar de baixo ouviu o riso abafado do futuro cunhado.

O quarto de hóspedes era mais do que espaçoso. Elvira tinha colocado um ramo de flores na cómoda. Junto ao vaso estava a carta de Washington e rasgou com alguma impaciência o envelope. Teria gostado de lhe ter perguntado tantas coisas...

*«Mal posso esperar por te ver amanhã. A minha família está a tratar-te bem? O Ferdinand e o Charles já te ofereceram uma visita guiada à fábrica? Já viste o canal ao pé de casa por onde passa a água para a fábrica? Já conhecestes o Tilton, o guarda-pontes? E o Mitchell, o operador de eclusas? Devem estar roídos de inveja por eu ter uma noiva tão bonita...»*

Emily abriu a janela para deixar entrar o cheiro de maio no quarto e saltou para a cama. No dia seguinte, Wash estaria ali, talvez já para o pequeno-almoço, e mostrar-lhe-ia tudo.

Depois, ficou ali deitada durante muito tempo, incapaz de adormecer. A luz da Lua, prateada, banhava a mobília escura, mas o que a mantinha acordada era o gorgolejar constante do canal. Levantou-se, vestiu o roupão e foi na ponta dos pés pelo corredor até à casa de banho. Ainda parecia estar a ouvir aquele gorgolejar – o som tinha-se apoderado dos seus ouvidos.

Abriu a porta e congelou.

*Vai-te embora*, disse uma voz dentro dela. *Fecha a porta em silêncio, assim não te vê.*

No entanto, não se conseguia mexer e olhava para a cena diante dela como se estivesse em transe. A luz da lua banhava o papel de parede azul da casa de banho conferindo-lhe uma tonalidade sinistra. Na banheira, estava alguém alto, esquelético e seco, que, com ambas mãos, levantou uma tigela, apontou os cotovelos para fora e derramou água sobre a cabeça e o corpo. Os poucos pelos que tinha estavam colados ao crânio e as omoplatas sobressaíam das costas como as asas de um abutre.

Era como se pudesse sentir a água gelada na própria pele. Ofegou. Naquele momento, a criatura virara-se para a enfrentar – era a senhora Roebling.

«Desculpe», sussurrou Emily e rapidamente fechou a porta. Depois, ficou no corredor durante um minuto, a sentir as batidas estrondosas do seu coração, a pensar que nunca mais conseguiria tirar a mão daquela maçaneta.

A senhora Roebling morreu no novembro seguinte, completamente extenuada. Não viveu para ver o casamento do filho mais velho.

Emily puxou o lenço de forma a enrolá-lo ainda mais à volta do pescoço. Estranho que ali com Wash e George na praia de Long Island, que sempre estivera associada a memórias de dias quentes de sol e longas noites de verão, estivesse a reviver a imagem daquela figura em fase terminal à frente dela. Enfiou a mão no bolso do casaco de Washington, que a segurou. Quente e seguro. Ali, naquele momento.

Os três andaram lado a lado ao longo da areia firme à beira da água. Emily ficou em silêncio. O murmúrio da água daquela memória não a abandonava. Não tinha maneira de saber, claro, se a água daquela tigela estava tão gelada como pensava, mas não tinha o típico vapor da água quente, como no dia anterior, à noite, quando Wash...

Deteve-se e separou-se dele. No dia anterior, à noite, quando Wash tinha lavado as mãos na pensão naquele estranho e interminável ritual...

Tinha de haver algo entre esses dois atos.

Somente não sabia ainda o quê.

Montauk, Long Island,

janeiro de 1865

À tarde, os homens foram pescar com Sammy. Emily ficou a comer tarte de maçã feita pela prima, enquanto Fanny estava radiante depois de ter conseguido comer uma fatia inteira. De seguida, puseram-se a cortar tiras de tecido e encheram-nas de algodão.

– Não sangro desde a manhã de ontem – comentou Fanny orgulhosa.  
– Fazes-me bem, Emmie. Se ficares mais tempo, não tarda nada e estarei outra vez bem.

– Tens de melhorar pelos teus filhos e pelo teu querido marido.

– Especialmente se tivermos mesmo de nos mudar...

Quando os homens voltaram, as duas mulheres guardaram as faixas, que eram, na verdade, lençóis higiénicos caseiros, e, em vez disso, trataram das calças e camisas rasgadas de Sammy. Enquanto Charlotte dormia no seu berço, Sammy estava sentado ao lado da mãe no sofá e brincava com uma alfineteira vazia.

Fanny ainda estava a pensar no futuro profissional de George em Trenton.

– Não seria bom se também lá vivessem? É definitivo que tenham de ir para Cincinnati?

– O meu pai quer que supervisione a construção da ponte sobre o Ohio – referiu Washington. – Por isso, vou para lá em breve e encontro um lugar para ficarmos, em Cincinnati ou em Covington. As duas cidades estão mais ou menos juntas, sendo o rio a única coisa que as separa, e depois apanho os transportes.

– Mas até lá viverão em Trenton? – perguntou Fanny ao primo.

Na verdade, Emily não queria que Wash a deixasse sozinha um único dia como o sogro tinha deixado a mulher sozinha em casa durante semanas, meses. Wash já lhe tinha assegurado que seria diferente.



– Depois, podíamos visitar-vos e ver se gostávamos de lá estar –  
Continuou Fanny.

– Primeiro tens de ficar boa – rosnou George. – Diz-me, Washington, não mencionaste uma ponte em Nova Iorque na qual estão a trabalhar?

– O meu pai tem um plano, mas ainda não foi capaz de convencer ninguém a construí-la.

– Que tem de especial?

– Tudo!

Wash já tinha contado os planos a Emily em pormenor, e ela achava-os tão excitantes, muito provavelmente, por estarem nus e quentinhos durante as explicações. No entanto, mesmo naquele momento, enquanto Wash explicava a George e Fanny como a conceção de John A. Roebling era única, Emily ouvia com uma atenção arrebatada.

– É um gigante em comparação com a Ponte de Ohio, que é atualmente considerada a mais longa do mundo. E o East River é muito difícil, porra. Alguns preferem tentar um túnel, alguém sugeriu mesmo uma barragem onde pudessem construir lojas e armazéns.

– O Washington disse *porra* – gritou Sammy.

– Desculpa, Sammy. Não se diz. O East River é muito difícil – corrigiu-se a si próprio.

– Porquê? – perguntou o rapaz.

– Porque é um dos rios mais movimentados dos Estados Unidos da América. Se construirmos uma ponte com muitos pilares ou demasiado baixa, os navios não irão caber. Ninguém o permitiria. Uma ponte levadiça seria uma possibilidade, mas o rio é demasiado longo e, além disso, não é de todo um rio, mas sim um braço de mar com uma enorme amplitude de maré.

A explicação de Washington era com certeza demasiado complicada para uma criança de três anos, mas Emily achou que era bom que respondesse ao rapaz e não lhe acenasse apenas.

– O que é isso? – perguntou o rapazinho.

– A amplitude de maré? É quando a água sobe e desce, como no mar. Conheces as marés, não é?

– Sim.

– Normalmente, não é o caso de um rio, mas está lá. Uma vez, houve um vento tão forte no mar que provocou uma maré tão baixa que o rio ficou quase vazio e os navios encalharam todos.

De espanto, os olhos de Sammy quase lhe saíram do sítio.

– Estas foram circunstâncias muito especiais, mas o East River é realmente... muito, muito difícil.

– Há mais de cinquenta anos – disse Emily –, havia um homem chamado Thomas Pope. Era, na verdade, um jardineiro, mas ao mesmo tempo sonhava em construir uma ponte em Nova Iorque.

– Porquê?

– Não sei. Talvez um amigo seu vivesse em Brooklyn e quisesse visitá-lo.

Sammy acenou com a cabeça em entendimento.

– O meu amigo Matthew vive na Market Street.

– Também tens de atravessar um rio para o visitar?

– Não. – Sammy dirigiu-lhe um olhar cético. – Vou com a mãe ou o pai. Eles seguram-me a mão.

– Mas nada saiu do plano de Thomas Pope? – perguntou George.

– Não – negou Emily. – A construção dele teria desmoronado. Queria que a ponte se arqueasse sobre o rio como um arco-íris. Houve só um plano. Ter-se-ia tornado uma estrutura incrivelmente elegante e quase eticamente bela.

– A Bifröst.

– Desculpa? – Todos se viraram para Fanny.

– Não conhecem a ponte arco-íris, Bifröst?

– Bifröst! – Sammy corou.

– Na mitologia nórdica – explicou Fanny –, existe uma ponte arco-íris

que liga o mundo terrestre ao reino dos deuses. Um deus guarda-a para que ninguém a atravesse sem permissão e, no fim do mundo, no Ragnarök, será destruída.

– ReCeio ter de vigiar mais de perto o que lêS no futuro, mulher – obServou George SeCamente.

– Experimenta, Seu rufião.

– Rufião – gritou Sammy, subiu para o colo do pai e lutou Contra ele. George tentava mantê-lo longe da perna ferida, mas ainda assim brinCou com ele. Washington observou-os durante algum tempo, a sorrir, e depois desviou o olhar.

– Como se pode fazer uma ponte sem pilares? – perguntou Fanny.

– Com cabos. Cabos de aço, para ser mais preCiSo – explicou Wash.

Iria eXigir âncoras fortes que, segundo os cálculos de John A. Roebling, tinham de ser mais altas do que a maioria dos edifícios em Nova Iorque, cerca de sete andares, e tão largas como um quarteirão inteiro da cidade. Sammy sentou-se ao colo do pai e ouviu com atenção outra vez.

– Só se – disse Wash – as âncoras fossem suficientemente pesadas é que teriam força suficiente para resistir à imensa tração dos cabos.

– Do que vão ser feitas as âncoras? – perguntou Fanny.

– Pedra e betão. O meu pai está a pensar em deixá-las ocas por dentro. Imagina, poderiam construir-se câmaras de tesouro no interior, onde o dinheiro e o ouro estariam mais seguros do que em qualquer outro lugar.

– Mas então viriam os piratas – gritou Sammy – e roubariam o ouro!

Emily não o conseguia imaginar. Não tanto por causa dos piratas, que de certo também existiriam naquelas paragens, mas quem quereria armazenar as suas riquezas num ancoradouro de uma ponte? Nem se esperava que a construção de John durasse sequer um dia.

Para passar os cabos através do rio, seriam necessárias duas torres enormes, uma no lado de Nova Iorque e outra no de Brooklyn, cada uma

com mais de 80 metros de altura. As fundações seriam construídas perto da costa, mas ainda dentro do rio.

– É uma ciência em si mesma. O meu pai ainda está a pensar em métodos diferentes para que seja concretizável – disse Wash.

– Conta-lhes como queres que sejam as torres – pediu Emily.

Wash já as tinha esboçado. Lembravam uma igreja gótica e, por cada arco, deveriam passar as estradas. Só a torre da Igreja da Trindade em Wall Street seria mais alta, mas muito mais fina. Wash tinha dito que não haveria uma estrutura tão grande e maciça em toda a América do Norte. A Grande Ponte – o nome não era exagero.

Enquanto Washington fazia um esboço do desenho da torre, Sammy ajoelhou-se ao lado dele e observou fascinado.

– As torres têm de ser altas porque a terra à esquerda e à direita do rio é relativamente baixa – explicou Wash.

– Compreendo que tenham de ser elevadas – concordou George. – Mas porquê tão maciças? Não poderiam construir algo mais leve e elegante? Não me interpretem mal, parecem impressionantes. – Apontou para o desenho de Washington. – Mas, para mim, água, seja mar ou rio, significa sempre movimento e dinamismo. Talvez esteja também a pensar nos mastros dos veleiros, esguios...

Wash olhou para ele e parecia já estar a imaginar mastros de veleiro como torres para a próxima ponte.

– Não é um pensamento nada desinteressante – acabou por concluir –, mas precisamos da massa. Temos as ancoragens pesadas que compensam a tração lateral dos cabos. Mas também precisamos de torres pesadas... Calculo sessenta e sete mil toneladas. Têm de suportar a pressão descendente que é criada pelos cabos.

– São cabos incríveis – disse Emily, que, naturalmente, tinha conhecido a fábrica durante a primeira visita aos sogros e observado o estranho equipamento e maquinaria. – Estás a pensar nos de trinta e oito centímetros, não é?

– Há diâmetros diferentes, mas sim, os de trinta e oito centímetros

são os mais espessos.

– O que são trinta e oito Centímetros? – perguntou Sammy, apesar de estar quase de olhos fechados.

Wash mostrou-lhe o diâmetro com a ajuda das mãos dele e afastou-as um pouco até achar que tinha o tamanho certo. Fanny franziu o sobrolho e parecia ter dificuldade em imaginar uma pilha de aço torcido em forma de cabo no espaço vazio.

Ainda com firmeza, Wash acrescentou o curso das cordas no desenho.

– Há o que se chama uma Catenária...

– Catenária – Emily adorava essa palavra. O facto de a matemática oferecer uma curva e função tão perfeitas tinha-a fascinado quando Wash lhe falara pela primeira vez sobre o assunto. O marido olhou para ela com ternura antes de continuar.

– Sempre que uma corda ou cabo se prende a dois pontos e pende entre eles, a curva criada depende da massa e do comprimento.

Sammy subiu para o colo da mãe e aconchegou-se. Com a sua idade, não havia a necessidade de estar interessado no cálculo de variações nem no bom velho Pitágoras.

– No meio desta curva, vamos então encontrar a faixa de rodagem – explicou Wash e desenhou a linha horizontal que correspondia às calçadas e vias de circulação. Arranhou a bochecha, deixando-lhe uma mancha cinzenta de lápis. – Para reforçar tudo isto, ainda deve haver cordas verticais...

– Parece uma harpa – reparou Fanny.

– É isso mesmo. Depois há escoras diagonais – e apressou-se a desenhá-las. – Centenas delas... e tudo o que vai segurar toda a ponte para cima.

Sentou-se de costas, cheio e satisfeito como se tivesse tido uma refeição sumptuosa.

Emily e Wash ficaram em Montauk mais duas semanas até que o

médico disse que Fanny se podia levantar e voltar a fazer trabalhos leves. Só não poderia engravidar outra vez. Na primeira caminhada com a prima, Fanny ergueu o nariz para o ar fresco do mar. Com fevereiro tinha vindo uma frente quente que quase cheirava a primavera, mas ainda faltava algum tempo para o sol aquecer outra vez e as primeiras flores brotarem. Emily sentia falta dos passeios românticos de inverno com Washington, mas tiveram de partir: o Senhor Lamb aguardava impaciente por Wash em Cincinnati.

– Promete-me – suplicou Fanny – que terás o teu primeiro filho em breve e que serei a madrinha.

– Prometido. – Emily deu-lhe um beijo na bochecha, que finalmente voltara a tingir-se de rosa.

Partiram três dias depois, e Emily foi deixada na casa da família Roebling, em Trenton, como uma bagagem. Iria viver lá até Wash encontrar um lugar para ficar em Cincinnati. Não conseguia imaginar como se sairia sem o seu marido calmo, mas bem-humorado, um mês depois do casamento. Sentia falta daquele olhar atento, do qual não conseguia esconder nenhuma emoção... Meu Deus, estava apaixonada!

No outono anterior, tinha ido uma segunda vez à casa dos Roebling para o funeral da mãe de Washington. Nessa altura, estavam noivos há mais de meio ano, mas nos poucos dias de folga do exército de Washington, Emily não tinha ido para Trenton. Tinham-se encontrado em Baltimore, na casa do irmão GK e da mulher, Lily, onde gostava de ficar durante várias semanas de cada vez.

*«Estou só contente», escreveu-lhe Wash logo após a morte da mãe, «que Elvira está a cuidar tão bem de Edmund e dos outros dois pequenos, enquanto eu tenho de passar aqui o tempo, horas, com jogos de dados e outras distrações. Hoje cobi um botão e deixei-o cair acidentalmente, tive de rastejar para debaixo da cama para o procurar e não voltei a encontrá-lo. Será que um desses monstros que vivem lá em baixo o comeu?»*

Claro, tinha sido dispensado para o funeral. Emily tinha viajado para Trenton acompanhada por GK e Lily, porque GK estava interessado em prestar homenagem à mãe do antigo ajudante de ordens. No dia seguinte

ao funeral, Emily Caminhara Com Washington ao longo da larga Avenida Greenwood, sob as árvores nuas de novembro. Embora soubesse exatamente o quanto Wash estava de luto, mal conseguia suprimir o tremor da mão com a qual se tinha agarrado a ele. Ainda era tão invulgar estar perto daquele homem que, por vezes, se sentia tonta. Mesmo as suas cartas, com aquela caligrafia elegante, faziam-lhe o coração bater como uma companhia inteira de soldados do exército em marcha. Contudo, tê-lo tão perto dela despertava outras partes do corpo.

«Odeio isto», rosnou.

Emily olhou à volta. Trenton ficava no rio Delaware, na margem oposta onde começava a Pensilvânia. As casas e ruas estavam limpas, as pessoas pareciam bastante prósperas e o governo mantinha uma vigilância rigorosa, mas benevolente, sobre todos. Ao mesmo tempo, é claro, Emily sabia que não se tratava de tais coisas, mas da família de Washington, da sua juventude e de tudo o que lhe estava associado.

«Quando penso em casa, penso em Saxonyburg, não nesta cidade horrível. A minha mãe teria preferido lá ficar.» Proferiu a segunda frase ainda mais baixinho e só depois de uma curta pausa. «Em vez disso, continuou a torturá-la mantendo-a aqui.»

Deram alguns passos em silêncio. Wash parecia alternar entre a tristeza e a raiva e não gostava nada da ideia de o largar, temendo que fugisse dela se o fizesse, que fosse para longe, para a Colónia alemã de Saxonyburg, na Pensilvânia, onde tinha crescido. Teria o pai sido tão diferente lá? Queria perguntar-lhe, queria saber tudo, mas não era o momento certo. Não tão cedo após a morte da mãe.

Washington deteve-se, virou-se para ela e deixou descansar a testa no seu ombro. Emily enfiou-lhe os braços por debaixo do casaco, somente para segurá-lo e evitar que se desfizesse.

Covington, Ohio,

maio de 1867

– Sydney, para – gritou Lily Warren, quase a tropeçar por cima das saias enquanto tentava deter o filho. O pequeno mudou de direção tão rapidamente quanto o galo cacarejante que perseguia com entusiasmo. – Emmie, apanha-o!

Emily entrou no pátio. Odiava galinhas e o seu cacarejar, aqueles movimentos bruscos com a cabeça, a sujidade que deixavam por todo o lado e aqueles estúpidos olhos a mirar tudo fixamente. Mas o pior era o macho, o *Senhor Galo*, aquele fanfarrão que gritava todas as manhãs em Covington e Cincinnati e que, naquele momento, corria mesmo à frente dela.

Quase tropeçou e, antes de o ter apanhado, o sobrinho ultrapassou-a com o pequeno rosto cheio do desejo de segurar aquele animal com aqueles bracinhos gordos e pequenos. No entanto, o animal, feroz, só o iria bicar.

Doía-lhe o lado esquerdo das costelas por causa do espartilho apertado e, por isso, deteve-se, ofegante, a olhar para a cunhada, cujo vestido de linho tinha uma longa racha nas costas. Não fora feita para perseguir nem galinhas nem crianças. Depois, Sydney e a ave voltaram a correr na direção dela. O rapaz olhou para ela e, com um risinho, sentou-se sobre a fralda. Lily agarrou a oportunidade e apanhou-o.

– Fica aqui!

O *Senhor Galo* desapareceu indignado por trás do barracão.

Emily sentou-se ao lado deles e esperou que a respiração acalmasse. Estava realmente a gostar da visita de 15 dias à cunhada. Sentiu uma carta enrugada fazer barulho no bolso do avental, tinha-a guardado à pressa quando ouvira os gritos de Lily vindos do exterior.

– Do pai de Washington – explicou Emily antes de dar uma vista de olhos à carta. Depois, soltou um guincho agudo, saltou no sítio, arrancou



a sujidade do vestido e correu pela casa.

– Pagdon, pode atrelar os cavalos à carruagem?

– Com certeza, senhora Roebing, com certeza. – O homem tinha feito com ela tantos quilómetros pelo país, no entanto, não primava pela rapidez. Impaciente, deixou-o trabalhar e correu de volta para avisar Lily de que ia para o estaleiro de obras onde estava Washington. Entretanto, saiu outra vez e subiu para o assento do cocheiro.

– Muito bem, Pagdon, eu mesma irei conduzir.

Atirou-lhe o chapéu que estava pousado no assento e fez estalar as rédeas. Trotou em direção ao rio, conduzindo ao longo da estrada seca e levantando uma nuvem de poeira que fazia afastar as andorinhas a voar por cima dela. Covington era tão suja e cheia de fuligem que Emily só usava roupa escura. Quando assoava o nariz à noite, o lenço ficava preto.

Wash tinha arrendado uma pequena casa nos arredores da cidade, de onde se tinha de atravessar as ruas movimentadas para chegar ao local da construção da ponte. A guerra tinha marcado estas cidades gémeas: quase não havia casas para arrendar perto do rio e o alojamento em barracas opressivas com senhorios mal-humorados tinha sido um horror para ele.

«Além disso, quero ter uma horta», dissera Washington, «como em Saxenbourg. Quero andar descalço pela horta e cultivar legumes».

Um sonho agradável cuja realização ficara nas mãos de Emily, porque Wash estava sempre ocupado.

No entanto, Emily não tinha nascido nem para ser agricultora nem jardineira. Tinha frequentado o Mosteiro da Visitação de Georgetown, no distrito de Colúmbia, e sabia coser e bordar, gerir uma casa, organizar saraus, falar francês e persuadir os vizinhos a doarem para boas causas. Também tinha descoberto que conseguia fazer cálculos melhor do que as finanças de Ohio quando reviu várias contas da cidade que tinham impulsionado astronomicamente o custo da Ponte de Suspensão do rio Ohio.

«De dois em dois dias, surgem novos impostos e, cada vez que fazem

um novo cálculo, é a Seu favor», reSmungara. Depois de ter tido uma série de Conversas Corteses Com alguns funcionários públicos, o ranCor tinha-se transformado em relações quase amigáveis.

«Eu não sabia», diSSera um, «que as mulheres podiam fazer Contas».

Emily tinha, diSCretamente, esqueCido o aSSunto.

MeSmo aSSim, ninguém lhe tinha ensinado Como distinguir os vegetais das ervas daninhas nem Como saber quando Colher qualquer Coisa que nem Sequer Conseguia identificar. Tinha perCorrido Com GK os campos herborizados de Hudson Valley, identificando as miosótis e as orquídeas, mas os legumes tinham permanecido um mistério para ela. ASSim, numa primeira inStância, Contratarem um jardineiro que lhes Custava quase mais do que Wash ganhava, tendo em Conta que o pai o mantinha Com uma rédea Curta no que toCava ao ordenado.

Emily não se preocUpava partiCularmente Com o dinheiro, mas não achava que fosse justo. Wash valia por três. Nos dias de semana, desaparecia às seis da manhã e regressava ao fim da tarde, exausto. Só aos domingos, depois de ir à igreja, é que, às vezes, andavam juntos pela horta e Wash tirava realmente os sapatos, enrolando as calças Como um gaiato.

«DesCulpa, Emmie», pedira o marido uma vez, «não queria fazer de ti uma agriCultora. Acho que isto não é o Correto para nós, afinal. Mas Se regressamos a Manhattan, Será o fim de qualquer forma... Até lá, podes deixar-me ter a minha hora de Sonho?».

Em resposta, Emily também tinha tirado os sapatos e tinham andado de mãos dadas por um campo cheio de... Cheio de algum tipo de plantas. À noite, ambos tinham desenvolvido uma terrível erupção cutânea nas pernas. Colocaram Compressas frias um no outro.

Enquanto Emily conduZia por aquelas ruas, pareCeu-lhe que tinha surgido mais um bairro, totalmente novo. O Canal de Erie e a nova linha férrea aCeleravam o CresCimento das Cidades e Cada vez mais imigrantes alemães escolhiam-nas Como as Suas novas CaSas. ConduZiu o Cavalo para fora da estrada, para o Caminho acidentado que conduZia ao estaleiro de

construção, e, à sua frente, já via a pesada torre com a assinatura de John A. Roebling. O rio Ohio, que separava não só Covington e Cincinnati mas também os estados de Kentucky e Ohio, brilhava bem azul no meio, mas estava lamacento, castanho e cheio de redemoinhos mais perto da costa e dos ancoradouros dos barcos a vapor. A ponte levava ao outro lado, por onde as pessoas se espalhavam sem se preocuparem com as fronteiras do estado.

Há já seis meses que a ponte tinha sido oficialmente declarada aberta, mas depois tinham aparecido fendas que não deveriam ter aparecido, e Washington, o Senhor Lamb e ela tinham examinado os planos em conjunto até que Emily notou um erro grosseiro nos cálculos do sogro.

«O espaçamento dos cabos de suspensão é demasiado grande. Estão em falta...» Tinha rapidamente anotado uma série inteira de números, somando-os de cabeça.

O Senhor Lamb olhara para ela com espanto.

«Isso não pode estar certo. O Senhor Roebling não cometeria um erro como esse!»

Contudo, ele mesmo tinha feito as contas e, depois, sem palavras, tirou-lhe o chapéu.

O estaleiro parecia vazio. Tinham removido muitas máquinas e nenhum homem trepava os cabos de aço, parecendo um artista de circo. Tinha visto, com demasiada frequência, Wash a trepar esses cabos, correndo risco de vida. No entanto, não conseguia pensar senão que também ela o teria feito, se ao menos não tivesse de usar aquelas saias nada práticas...

Emily estacionou a carruagem e saltou para fora dela.

– Bom dia, chefe. – Um dos trabalhadores da construção estava ao lado de uma pilha de pedras que não tinha sido colocada, de caneta e prancheta na mão.

– Bom dia, Senhor Müller – respondeu-lhe ela. Em dois anos, tinha aprendido muito com Wash e os muitos alemães ali presentes, mas provavelmente teria sempre problemas com o som ü. – Sabe onde está o

meu marido?

Müller virou-se e apontou para Cima. Ali estava ele, o Seu Washington, Como um Capitão num navio. Emily acenou-lhe, mas ele estava a olhar noutra direção. Então, pôs dois dedos na boca e assobiou com tanta força que o homem ao lado dela baixou a cabeça do susto. Funcionou. Wash acenou-lhe e gritou qualquer coisa.

– Desculpa? – gritou de volta.

Washington gritou-lhe outra vez.

– Não te percebo – gritou-lhe mais alto.

Acenou com os dois braços para indicar que ia descer.

– A ponte está pronta – referiu Müller, confortável.

– A sério?

– Sim, acabou de ser inspecionada.

Emily soltou um grito de alegria e correu ao encontro de Wash, que estava a descer por uma escada improvisada.

– A ponte está pronta?

– É oficial! – Foi até ela. – Queres subir?

– Claro que sim!

Subiram, então, a escada.

– Posso ver por baixo da sua saia, Senhora Roebeling – avisou-a Washington, subindo atrás dela.

– Não há lá nada que ainda não tenhas visto. – Abanou as ancas para que a saia balançasse para trás e para a frente, mas parou de imediato, porque o Senhor Müller também ainda ali estava, de pé com a prancheta.

Lá em cima, Emily olhou uma vez para a direita, outra para a esquerda, mas, naquele momento, a notícia que trazia era mais importante.

– Tenho de te dizer uma coisa... – Tentou parecer particularmente reservada, mas como estava contra o sol, fez uma careta e, de imediato, notou uma expressão ansiosa no rosto de Washington.

– Há alguma coisa de errado com o bebê?

Emily levou a mão ao estômago.

– Não, não te preocupes. Está tudo bem.

Com um gesto dramático, tirou a carta do pai do bolso.

– John escreveu. – Fez uma pausa ainda mais dramática, durante a qual Wash franziu o cenho. – A ponte sobre o East River foi aprovada!

– Finalmente!

Há um mês, após um longo braço de ferro, Nova Iorque tinha aprovado uma lei que permitiria a construção de uma ponte sobre o East River, na condição de que fosse financiada e operada por privados. Uma ponte com portagens que em pouco tempo iria compensar as elevadas despesas de construção. Desde então, John tinha lutado e debatido para convencer os homens, feito algazarra e mostrado os punhos e tinha conseguido. A Grande Ponte tornar-se-ia uma realidade.

Alguns dias depois, porém, o sogro veio visitá-los pela primeira vez em Covington para dar uma vista de olhos à ponte, embora, entretanto, a tivesse começado a detestar. Tinha iniciado a construção já em 1856, mas o processo fora constantemente perturbado devido a problemas financeiros e disputas entre os responsáveis, bem como pela eclosão da Guerra Civil. Muitos soldados tiveram de atravessar o Ohio em pontes temporárias de barcas, semelhantes às que o próprio Wash tinha construído noutros locais para os seus oficiais, apenas para as ver desmanteladas ou destruídas pelo inimigo alguns dias mais tarde. Após a guerra, os materiais e a mão de obra tinham-se tornado extremamente caros, e John tinha-se retirado para Trenton, abanando a cabeça perante o absurdo de a cidade estar de repente em chamas, deixando Washington no comando.

Quando chegou, já tarde, durante a noite, estava taciturno e só quis um chá de ervas quente, bebendo-o em pequenos goles regulares, como quem toma medicamentos antes de ir dormir. Na manhã seguinte, ouviram-no a ressonar antes do nascer do Sol.

– Subtil é diferente – resmungou Wash, tentando esconder-se

debaixo do travesseiro. Quando se levantaram, um pouco mais tarde, encontraram John, Lily e o pequeno Sydney a tomar o pequeno-almoço.

– Dormiu bem? – perguntou Emily ao sogro.

– Levantei-me muito antes do galo cantar.

– Com certeza que isso foi um insulto de morte para o galo – brincou Emily com um sorriso.

John franziu o sobrolho. Claramente, não estava brincalhão. Naquele momento, Sydney, que tinha estado a ouvir muito atento a conversa sobre o *Senhor Galo*, cantou tão alto como só um rapazinho pode cantar e bateu com tanta força com a colher na papa que esta se espalhou em todas as direções. Lily deu um salto e levou com uma carga de papa extra. A criança agarrou num pedaço de maçã e esmagou o fruto farinhento entre os dedos pequenos.

Emily teve de se levantar rapidamente e virar-se para evitar rir em voz alta, o sogro parecia tão horrorizado – demasiado horrorizado para o reprimir.

Logo limparam os restos da explosão.

– Quase mataste aquela maçã, Sydney – repreendeu Lily.

John murmurou qualquer coisa e Lily olhou para ele inquisitiva.

– Se ao menos as pessoas parassem com isto dos átomos – repetiu ele mais alto. – Não há átomos.

– Não há átomos? – perguntou Lily espantada.

Wash abanou a cabeça de forma quase impercetível, mas Lily não sabia ler os sinais de aviso tão bem como Emily: era melhor não discutir ... E, de facto, John começou um dos seus temidos discursos, que se tornou mais alto a cada frase e que não tolerava nenhuma contradição.

– Os átomos são um disparate! Os átomos não são a menor unidade possível. Tudo pode ser cada vez mais subdividido. Só a alma é que é eterna. A alma está subjacente a tudo.

– Isso... – Lily não conseguiu pronunciar mais do que uma palavra no meio.

– Tal como um pensamento pode ser decompuesto nas suas partes componentes, ou uma frase. – Um monte de perdigotos voou pela mesa traçando um arco alto. – Uma frase é dividida em palavras, uma palavra em letras, uma letra em riscos!

Lily olhou para ele com incredulidade. John tinha-se tornado tão barulhento que Sydney torcia a cara. Ia desatar a gritar a qualquer instante.

Emily pôs uma mão no braço do sogro. Ainda se lembrava do susto nos olhos dos irmãos de Washington quando interrompeu pela primeira vez John no meio de um discurso, ao tocá-lo.

– Venha – convidou-o. – Vamos embora? A ponte é particularmente bonita à luz da manhã.

Enquanto John empurrava a cadeira para trás e se levantava, Washington permanecia sentado com os olhos em baixo. Emily sabia que tinha medo do que o pai diria quando visse a ponte.

– Posso, por favor, dissolver-me em inúmeros átomos? – sussurrou-lhe o marido.

– Queres que fale com ele?

Wash abanou a cabeça.

– Recio que não haja maneira de contornar isto.

Emily foi buscar outra capa e depois saltou para a carruagem, onde os homens estavam à espera de chapéu na mão.

– Não prefere ficar em casa? – perguntou John. – Na sua condição.

– O ar fresco faz-me bem.

– Como sabe, as mulheres não deveriam estar em estaleiros de construção. É demasiado perigoso.

– Já não é um estaleiro de construção.

Felizmente, o sogro não sabia que tinha lá estado quase todos os dias, conhecia os primeiros nomes dos trabalhadores bem como os aniversários deles e algumas histórias familiares – alguns deles até se tinham dirigido a ela para perguntar aspetos técnicos quando o patrão

estava ocupado noutra lugar.

Emily tentou distrair o Sogro.

– Há alguma notícia de Nova Iorque?

– Tratamos disso mais tarde. Neste momento, tenho de ver esta ponte. Já o disse ao Washington, mas acho que desta vez fiz uma ponte ainda melhor do que aquela sobre as Cataratas do Niágara.

– Pensei que a odiava.

– Oh, vá lá. Os decisores por detrás disto irritaram-me. Aqueles homens pomposos que fizeram dela um campo de guerra... Mas não é culpa da ponte. Já com a minha Grande Ponte, vai ser uma batalha com a política e a imprensa.

– Pensei que estava tudo resolvido.

– Claro que está. Mas um jornal acaba de noticiar que eu já tinha apresentado uma proposta no ano passado, na qual arredondava os custos à volta de quatro milhões e vinte e cinco mil dólares. Entretanto, fiz cálculos mais minuciosos, mandei fazer medições, um inquérito e consegui chegar aos sete milhões e vinte e cinco mil. Em vez de ficarem contentes por saberem com mais precisão quanto custará a ponte, ficaram chateados e procuram escândalos: para que são precisos mais três milhões? Corrupção? Ou sou corrupto conscientemente, dizem eles, ou alguém me está a manipular. – Sacudiu vigorosamente a cabeça. – Não há nada que me obrigue a isso e também não aceito subornos políticos.

As pontes suspensas não são a opção mais barata, mas são o futuro! Pontes de suspensão, cabos de suspensão e aço. O tempo dos colapsos constantes terminou.

Chegaram, e John saiu da carruagem.

Emily pegou na mão de Washington.

– Aí vem a tempestade – sussurrou ela. – Mas fizeste tudo bem. Também vai ver isso.

– Sim, depois de me fazer a cabeça.



Só então a voz de John pôde ser ouvida do exterior.

– Washington!

Wash saiu e estendeu uma mão pegajosa a Emily para a ajudar a sair da carruagem.

– Os teus cálculos estavam errados – disse Wash ao pai.

*Oh, meu amor, pensou Emily, devias ter-me deixado falar.* A diplomacia nunca tinha sido o ponto forte dos Roebling.

– Não pode ser. – John marchava. – Os meus cálculos estavam corretos.

– Estavam errados! – Washington ia a gritar atrás dele. – Foi por isso que tivemos de reduzir a distância entre cabos.

– Tem demasiado peso! – John nem se virou para se dirigir ao filho. – Vai entrar em colapso!

Passou por um grupo de homens com cartolas, aterrorizados, que obviamente tinham vindo à margem para ver o novo símbolo da cidade. Olharam para ele com a barbicha a tremer.

– Não o fará! – gritou Washington e começou a mexer-se com ele. Puxou Emily para trás de si. – Não vai colapsar – disse ao grupo quando passaram por ele. – É ainda mais segura do que era suposto ser.

Emily poderia ter-lhes explicado: mais peso não significava que a ponte se dobrasse sob o seu próprio peso, não. Mais peso tornava-a ainda mais rígida e estável porque Wash também tinha reforçado as vigas de aço na estrada e as tinha ligado entre si. No entanto, John não conseguia ver isso dali. Bradava para a ponte e depois virava-se para o filho, rodopiando ao alternar entre um e outro e gesticulando.

Emily puxou a manga de Washington e fez peso nos calcanhares até o fazer parar.

– Deixa-o descarregar, espera.

Wash não conseguia tirar os olhos do pai, mas tinha percebido que Emily tinha razão. Naquele momento, não o podia atacar com factos e números, sentia-se enganado.

Passado algum tempo, virou-se para eles.

– Diz-me exatamente o que fizeste.

Washington sabia de cor todas as medidas e pesos e explicou ao pai porque o desenho original não tinha funcionado e tinham sido necessários mais cabos de aço verticais sobre os quais se pendurava a estrada. Entretanto, os cavalos das carroças trotavam pela ponte, os homens desviavam-se deles, acomodando melhor a carga que transportavam nos ombros ou nas costas, as mulheres de saias compridas pareciam flutuar no rio, os navios afundavam-se na sombra da ponte e saíam incólumes do outro lado... Emily pensou que ainda podia ver dali os homens de cartola. Nada daquilo fazia com que a estrutura, que tinha sido concebida por John A. Roebling e construída por Washington Roebling, vibrasse de forma mensurável.

– Bem – resmungou John –, não sou infalível.

Depois, os três marcharam até Cincinnati e de volta a Covington. John gostaria de ter inspecionado cada centímetro e subido várias vezes ao parapeito, contudo, Emily agarrou-o pelo fundo do casaco. A postura de Washington tornara-se mais ereta. Aparentemente, tinha percebido que enfrentara o pai; que este aprovara a decisão, embora à sua maneira; e, por fim, que já não o via apenas como um filho que podia mandar por aí, mas que o respeitava como engenheiro.

Saxonburg, Pensilvânia,

junho de 1867

Washington abrandou o passo e deteve-se à frente da maior casa em Saxonburg. Aquela casa era dele. Quis mostrar-lha no caminho de regresso a Trenton. Não se via ninguém, nem uma única pessoa. Onde estavam todos? O lugar que em tempos fora o orgulho e a alegria do sogro parecia pequeno e a cair aos pedaços.

A casa tinha dois andares e já tinha sido branca. Um estreito caminho pedonal conduzia à entrada, onde o alpendre com colunas planas protegia a porta da frente das intempéries. Sem parar, Wash subiu os dois degraus e bateu à porta. Ninguém abriu. Assim, sentaram-se nos mesmos degraus e ficaram a ouvir o canto dos pássaros. Um cão cinzento desganhado apareceu e deixou que lhe acariciassem a cabeça. Quando se fartou, desapareceu por detrás da casa.

Tinham feito mais de 300 quilómetros de Covington até ali, mas os dois tinham ido a ressonar ao longo do caminho com total descontração. Tinham deixado grande parte do mobiliário na casa de Covington, juntamente com os sonhos de Washington sobre o país, e a bagagem já estava a ser reencomendada para Trenton.

O marido ganhara um pouco de descanso. Após a conclusão da ponte, fizera algum trabalho no escritório. John ficara para fazer as assinaturas mais importantes, enquanto Wash preparava a transferência para a cidade. Uma vez que sempre mantivera registos consistentes, o esforço não tinha sido muito grande. Com alguns dos homens e o senhor Lamb, tinha ido algumas vezes ao *pub* irlandês.

Durante os últimos meses, Washington adormecia assim que a cabeça pousava na almofada, com frequência devido ao esgotamento físico, e acordava a meio da noite, abalado com tudo o que ainda precisava de ser feito. Após a conclusão da obra, vinha mais contente para a cama. A certa altura, tinha-lhe dito qualquer coisa mais sobre o pai e a infância. Tinha-se deitado ao lado dela, acariciando-lhe a anca e o estômago.

«Como estão os dois, tu e o pequeno?»

«Muito bem», respondeu. «Fomos hoje ao banho turco.»

Wash gemeu.

«Tenho a certeza de que o meu pai orquestrou isso.»

«Sim, claro», concordou. «Nunca me teria passado pela cabeça tal ideia, mas foi interessante. No início, senti-me desconfortável ao andar por aí enrolada numa toalha, sabendo que havia homens nus sentados ao pé. No entanto, o vapor e o suor fizeram-me mesmo bem. Ao bebé também, acho. Estamos cansados e frescos ao mesmo tempo.»

Wash virou-lhe as costas e olhou fixamente para o teto.

«Não quero que voltes a fazer isso.»

Emily apoiou-se num cotovelo.

«Porque não? Não tem nada de mal.»

«Não é essa a questão.»

«Então do que se trata?»

Não olhou para ela.

«O que é então, Wash?», Emily empurrou-o.

«O meu pai é louco por tratamentos hidroterápicos. Pelo menos desde Prießnitz.»

«Vivia lá?»

«Onde?»

«Em Prießnitz.»

Wash riu-se.

«Vincenz Prießnitz era um naturopata. Água fria, compressas frias, tratamentos para beber, para suar, enemas...»

«Poupa-me...», disse Emily. Não era preciso tentar tudo.

«Quando estávamos doentes em criança», continuou Wash, «não íamos ao médico. Tivemos de suportar horas de banhos. Não importava se era escarlatina ou uma tosse. Por vezes, a mãe mandava chamar um médico em segredo se tivesse a certeza de que o pai não iria descobrir e

se ainda tivesse algum do seu próprio dinheiro».

Wash voltou-se para ela e olhou-a com urgência nos olhos.

«Ele é louco. Eu sei que te ama, Emmie, e estou tão contente por isso. Mas é louco. Nem sequer me deixou impedi-lo quando a minha mãe estava claramente numa fase terminal. Sem tratamento, sem medicamentos analgésicos... Não, duchas frias.»

Imediatamente veio-lhe outra vez à cabeça a imagem da mulher esqueleticamente fina na banheira a deitar água sobre a cabeça.

A cara dela quando tinha visto Emily na entrada da porta. A fuga de volta para a cama onde se enrolou a tremer entre as cobertas.

«É horrível», sussurrou.

«E não quero que te envolvas nisso, Emmie. És saudável, forte, estás limpa. Não é preciso uma cura para o suor. A água...», hesitou. «A água pode ser uma compulsão.»

Wash semi-cerrou os olhos.

Então, Emily compreendeu.

«É isso para ti?»

Torceu a boca e permaneceu em silêncio.

«É isso que sentes quando lavas as mãos?»

«Por vezes, acalma-me. Quando estou tenso e nervoso. Fico mais tranquilo.»

«Como?»

Encolheu os ombros.

«Tudo. O som. Os movimentos. O calor.»

«Mas estás a queimar as mãos.»

«Quase.»

«E se experimentares com água mais fria?»

Puxou-a contra ele.

«Não sei. Não vamos falar mais sobre isso, pode ser?»

Já pensava naquilo há algum tempo. Claro que não havia nada de

errado Com ele lavar as mãos Como um louco de vez em quando Se isso o ajudava a relaxar. De qualquer forma, ficaria de olho nele.

«O meu guaxinim», murmurou. «*Washinim...*»

A rua principal de Saxonburg estava ladeada por casas de um andar com jardins da frente descuidados. Fora ali que o pequeno Washy tinha andado a espiar os vizinhos através da mata, quando o pai conseguira uma encomenda de cabos.

Os homens tinham ficado contentes por ver aquele rapaz descalço, pois o trabalho significava dinheiro e estômago cheio. John A. Roebing, no começo dos seus 30 anos, tinha aberto uma oficina de cabos num campo logo atrás da casa, lançando as bases para a sua fortuna futura.

– O teu pai já era engenheiro quando veio para os Estados Unidos, certo? – perguntou Emily.

– Sim, estudou em Berlim e não tinha qualquer desejo de permanecer numa Prússia poeirenta, onde ninguém se atrevia a fazer nada. A vida do meu pai sempre consistiu em ir mais além, em aventurar-se.

– Como fazer uma ponte sobre o East River.

– Ou criar aquela colônia utópica na Pensilvânia.

– Fê-lo tudo sozinho? Que ousadia!

– Com o irmão e alguns outros homens da Turíngia.

John – nessa altura ainda Johann – e o irmão, Karl Friedrich, tinham recebido uma herança pequena por parte do pai. John falava francês fluente e um pouco de inglês. Os irmãos tinham-se juntado a um grupo de quase duzentos alemães porque a emigração teria sido difícil em separado, mas, mesmo antes de chegarem ao Novo Mundo, entraram todos em desacordo. John devia ter tirado do sério a tripulação com as perguntas constantes sobre o nome deste ou daquele mastro, para que é que fora pendurado um gancho e quando é que fora rizado. Ele próprio viajou como passageiro de cabina, mas certificou-se de que as pessoas com os bilhetes mais baratos tivessem ar fresco na entrecoberta e uma casa de banho adequada. Afinal, teria agido, com certeza, mais como um capitão do que o próprio capitão. Nos Estados Unidos, cinco deles

tinham partido juntos, incluindo o fiel Karl Friedrich. No início, tinham considerado ir para sul, mas a noção da miséria da escravidão impediu-os de o fazer.

Acabaram por escolher a Pensilvânia, chamando à terra recém-adquirida *Germania*, que mais tarde viria a ser Saxonburg. Demoraram algum tempo a fazer crescer alguma coisa do solo duramente argiloso, mas nem este resistiu à diligência e à teimosia de John. Um a um, tinha convencido por carta a outros habitantes de Mühlhausen a deixarem para trás as próprias casas, sufocentes e austeras, incluindo a família Herting e a filha Johanna, que se iria tornar a sua esposa em Saxonburg. No ano do nascimento do primeiro filho, Washington, John tinha recebido o certificado de nacionalidade, enquanto Karl Friederich tinha morrido de insolação num campo de trigo.

Wash contava a história com uma certa ironia. O pai devia tê-la contado de forma diferente, mais heroica, mais orgulhosa.

Assim que John alcançara os primeiros sucessos, as batatas e outras plantas crescerem como queria, ficou aborrecido. Quando leu que os engenheiros queriam construir canais e pontes, partiu, deixando Johanna sozinha com os pequenos durante os meses de verão.

– Foram os melhores dos tempos – disse Wash pensativo, esticando-se e andando pelo terreno. Emily seguiu-o.

– Este era o local onde a mata começava. Tudo está muito mais selvagem, o lugar estava mais cuidado. Aparentemente, os alemães perdem a compulsão à ordem a dada altura.

– Ou mudaram-se para longe. Já não tens qualquer contacto com as pessoas daqui, pois não?

– De modo algum.

– Mas tinham muito espaço em casa.

– O meu pai acolheu sempre vagabundos, compatriotas que não conseguiam organizar a nova vida. Tínhamos de limpar e deixar-lhes os nossos quartos. – Levantou a cabeça e olhou para as janelas do andar superior. – Com todos os outros sempre foi benevolente e até fundou

uma associação Contra a pobreza.

Porque fora então tão duro e brutal com a própria família? Emily pensou com horror no primeiro jantar, quando tinha silenciado todos com um único olhar severo. Ninguém tremia de medo nem explodiu em lágrimas, mas mantiveram-se em silêncio e baixaram a cabeça, como se fazer qualquer outra coisa fosse demasiado perigoso.

– Tinha um chicote de couro – comentou Wash. – Estava pendurado no relógio de pêndulo.

Em Trenton, tinham um velho relógio no corredor, mais alto do que os homens da família, e Emily questionava-se se era esse o significado do relógio.

– Sempre desejávamos que fosse a nossa vez. Era muito pior ver os outros a serem espancados. Por vezes, só com os punhos. Especialmente as raparigas e a mãe. Era como um predador... Assim que via sangue, ficava mais selvagem. Imaginei-me a matá-lo tantas vezes.

Emily pestanejou. O próprio pai nunca lhe tinha sequer levantado a mão. Contraiu-se-lhe o coração com pena de Wash e dos irmãos.

Wash apontou para o relvado que se estendia até à borda da mata. O cão regressara, correndo à frente deles entre a folhagem.

– Ali, no limite da propriedade, a minha mãe converteu uma antiga carruagem num galinheiro e pintou-a de azul – contou-lhe Wash.

– Odeio galinhas – confessou Emily.

O rosto iluminou-se-lhe.

– Este lugar está como sempre. Mais acima está o reservatório onde todos aprendemos a nadar. Pelo caminho, havia bagas selvagens, nozes e muitas cerejeiras e ameixoeiras ao longo da estrada. Se não houvesse mais nada em casa, pelo menos no verão podíamos encher a barriga lá fora.

– Não tinham o que comer? – perguntou Emily, horrorizada.

– Mesmo nessa altura, o pai tinha algumas ideias loucas sobre alimentação saudável. Uma vez, durante uma semana inteira, comemos



três colheres de farinha de trigo ao almoço, que mastigávamos durante um minuto. Isto Com figos SeCos, tâmaras e ameixas SeCas.

– Deixa-me doente só de pensar...

– Depois de algum tempo, quase começámos a lutar por causa dos vermes na farinha porque estávamos mesmo cheios de fome. Quando todos desmaiámos, uns atrás dos outros, felizmente desistiu da experiência. Depois, sempre tinha os meus avós.

– Os pais da tua mãe?

– Sim, eram o meu oásis. O meu avô contava muitas piadas e ditos sobre os mineiros das Montanhas Harz, que, para ser honesto, nunca entendi muito bem.

– Falavam todos em alemão?

– Sim, até aos meus oito anos não sabia uma única palavra em inglês. O meu avô tinha sempre um gato sentado no ombro... Ou na corcunda, era mais isso. Infelizmente, a casa já não existe, senão poderíamos vê-la daqui. Oh, não, e depois ainda houve a vaca!

– A vaca? – Emily teve de sorrir ao ver os olhos dele brilharem de diversão. Que bom que não guardava somente más memórias da infância.

– Os meus avós tinham uma vaca branca como a neve chamada *Rolla*, uma vaca muito, mas mesmo muito mansa. Um dia, entrou no corredor para comer panquecas e não viu o alçapão da cave no chão... Afundou-se e demorámos horas a tirá-la de lá. Todos os vizinhos vieram ajudar. Sim, desde que o meu pai não estivesse por perto, estava-se muito bem por aqui.

– Porque mudaram de casa?

– Porque ele queria construir canais, barragens e pontes e vender cabos de aço. Aqui o acesso é demasiado mau, precisávamos de um rio e do caminho de ferro para o transportar. Não se importou em abandonar os vizinhos que dependiam dele.

– E tinha oito anos?

Wash olhou para ela, interrogante, depois compreendeu.

– Oh, não, já tinha doze anos, mas tive de partir antes disso. Enviou-me para Pittsburgh Com um tutor.

Emily engasgou-Se.

– Sozinho?

– Sim. Sempre sozinho. Tive tantas saudades da mãe, nem imaginas... Mas ele dizia que não estava *apta* para me Criar. *Apta*. A minha própria mãe. Bem, não me podia ensinar grande coisa, não tinha aprendido nada, tinha Casado aos dezoito ou dezanove e não sabia inglês. Mas a *educação* é muito mais do que apenas Conhecimento...

Wash soltou um profundo gemido e voltou a pouSAr a cabeça no ombro de Emily, tal Como tinha feito após o funeral da mãe. Ela própria tinha um nó na garganta e afagava-lhe o cabelo lentamente.

– A tua família sempre viveu em Cold Spring, não é? – perguntou ele, endireitando-Se outra vez. Era óbvio que não queria falar mais da sua própria infância. Emily fez-lhe esse favor de bom grado.

– Não, nem sempre. Não te disse que sou parente de Guilherme I, *o Conquistador*? – questionou de forma exageradamente alegre.

– Aquele que Conquistou a Inglaterra?

– Ano de 1066, Batalha de Hastings.

Wash parecia bastante cético.

– Estou a falar a sério! O meu antepassado é Ricardo I, *o Sem Medo*, o primeiro Duque da Normandia e bisavô de Guilherme I, *o Conquistador*.

– Que loucura.

– E outro dos seus descendentes, Richard Warren, veio para a América no *Mayflower*, o navio, em 1620, e foi o décimo segundo a assinar o Tratado de Mayflower.

– CaSei Com uma família aSSim... – Comentou Wash, impressionado. – Eu sou só o filho de um imigrante. SaXonburg em vez de Plymouth Rock.

– Bem, lembras-te de quantas vezes te perguntei se queríamos esperar para nos casarmos quando nos conhecêssemos melhor?

Naquele momento, estava a brincar, mas tinha tido sérias reservas mesmo enquanto estavam noivos. Estivera apaixonada – e ainda estava, a julgar pelo ritmo das batidas do coração que sentia quando Wash olhava para ela –, mas não se tinham conhecido bem, apesar de todas as cartas. Quantas vezes tinha galopado pelos campos durante horas, interrogando-se se o seu amor iria durar. E se, em breve, se irritassem um com o outro? Contudo, não tinha sido capaz de o rejeitar e ele estava convencido por completo.

– Foi só o meu avô – continuou – que se mudou para Cold Spring.

– Ainda o conhecesse?

Voltaram para a carruagem. Ainda faltavam duas horas até à cidade seguinte, onde iam passar a noite.

– Não, morreu alguns anos antes de eu nascer. Um agricultor simples e prático. Mas deve ter sido um homem maravilhoso. Todo o lugar ainda delira com ele, um homem de grande coração que só fazia o bem aos vizinhos.

– Do Duque da Normandia a um simples agricultor?

– Bem, não foi exatamente assim. Tinha mais de trezentos acres de terra a leste, uma forja e um moinho de farinha. Mas a riqueza foi distribuída entre sete crianças e o meu pai já não ficou tão rico.

– Mas a vocês, os Warren, ainda vos veneram e admiram. Eu vi no casamento.

Emily agarrou-se a ele e sorriu. Estava orgulhosa da família que tinha. O pai tinha nascido no século anterior, mas tinha sido um homem moderno e amoroso que, embora Emily tivesse apenas 16 anos quando morrera, já a tinha tratado como adulta.

GK tinha estudado em West Point e tinha sido enviado para sul com a segunda melhor média daquele ano, onde tinha pesquisado por condados inteiros no Louisiana e desenhado a cavalo mapas pormenorizados para o exército. De seguida, tinha seguido os oficiais para oeste, onde, nos anos 50, os povos indígenas ainda lutavam pelas terras. Em cartas, tinha-lhe descrito como, quando uma tribo não se

rendia, os soldados disparavam não só contra os homens mas também contra mulheres e crianças. O pior de tudo, escreveu GK, é que, numa inspeção mais atenta, aquelas pessoas eram parecidas com os americanos ou os europeus. Emily tinha imaginado o irmão lá fora, no deserto, a cuidar dos feridos. Noutras cartas, falava da escravidão no Sul, cuja crueldade o tinha horrorizado. Emily tinha falado repetidamente sobre as cartas com o pai, que abominava a matança dos índios tanto quanto abominava a escravidão. A mãe tinha ficado apreensiva ao deixar Emily ler tudo aquilo, mas o pai queria que ela soubesse de tudo, especialmente como descendente dos Peregrinos do Mayflower.

Tinham chegado à carruagem e Pagdon partiu quando entraram. Emily bocejou.

– Obrigada por me mostrares todas estas coisas, mas agora sinto-me bastante cansada.

Enquanto as árvores passavam como grandes manchas verdes e anoitecia, Emily acariciou a barriga. Esperava que tudo corresse bem. A mãe tinha perdido seis filhos – incluindo dois rapazes que tinham morrido de febre tifoide quando tinham quatro anos. Uma rapariga só tinha vivido dois anos e não tinha acordado de manhã. Uma segunda irmã tinha morrido de escarlatina aos sete, tal como mais da metade das crianças em Cold Spring naquele inverno. Tantas pequenas sepulturas...

Emily sempre perguntara à mãe sobre os irmãos falecidos. Teriam sido engraçados? Com que brincavam? Teriam adorado que a mãe lhes cantasse canções de embalar? Tinha chorado quando morreram?

«Oh, sim», dissera a mãe, «chorei e chorei... Nunca fica mais fácil, nunca, Emmie. Mas todo o amor que já não lhes posso dar recebem-no vocês, tu e os teus irmãos e irmãs que ficaram comigo».

Paris, agosto de 1867

Emily entregou os atilhos do vestido à mão de Washington e virou-lhe as costas.

– De olhos fechados? – perguntou o marido. – Não consigo.

– Só me podes ver quando estiver pronta.

Wash começou a puxar os fios para fechar o corpete, e Emily olhou para fora, por entre os cortinados. Estavam mesmo em Paris. Tinha acontecido tão depressa.

Quando regressaram a Trenton, John chamara-os ao escritório. Tinha-se sentado como um rei atrás da escura e pesada secretária, com os braços nos largos encostos da cadeira, rodeado pelas imagens das pontes que tinha concebido penduradas pelas paredes. Emily reconheceu o Aqueduto de Delaware em Lackawaxen, o Aqueduto de Roundout Creek em High Falls e a Ponte das Cataratas do Niágara.

«Vais para a Europa», ordenou John. «Já comprei os bilhetes de barco.»

Enigmática, Emily levantou as sobrancelhas e olhou do sogro para o marido e vice-versa. Não era todos os dias que se ouvia algo do género. Quando John percebeu a surpresa deles, teve de se rir, mas fê-lo com um som rude, como pedra e metal em colisão, que fez Wash encolher-se.

«Quero que Washington se informe sobre o estado da construção de pontes na Europa. Especialmente em Inglaterra e em França. Existem novas abordagens e projetos interessantes que me podem ajudar com a Ponte do East River e, conhecendo-a, Emily, sei que querará ir com ele.»

«Claro!»

Há dois anos, John tinha ficado surpreendido ao vê-la ir com todo o gosto para Cincinnati, tendo em conta que poderia ter vivido com todo o conforto em Trenton e esperado lá pelo marido.

«Como ainda não tiveram uma verdadeira lua de mel, cobrirei as despesas», acrescentou satisfeito. «Será uma mistura de trabalho e

prazer, faz-se bem.»

Europa! Emily quis abraçá-lo, mas preferiu não o fazer ao vê-lo tão sério e majestoso sentado na poltrona. Havia a probabilidade de que nunca tivesse sido abraçado de alegria.

«Obrigada», agradeceu ela e permaneceu quieta, com dignidade, enquanto ele acenava graciosamente com a cabeça.

Fora assim que tinham ido parar a um minúsculo quarto de hotel em Paris, e Wash estava a puxar os atilhos do vestido novo de forma tão bruta que a deixava sem fôlego.

– Cuidado, o bebé – sussurrou-lhe, assustada.

Washington beijou-a na nuca, onde ainda se desenhavam os caracóis indomáveis por prender.

– Feito. Espero não ter atado mal.

– Espera. – Com rapidez, Emily puxou o casaco curto por cima. – Agora sim.

Wash abriu os olhos, por fim, e a esposa rodopiou à frente dele algumas vezes.

– Exclusivo da Worth & Bobergh. Onde os Astor fazem as compras. Como é que ainda gostas de mim?

Pôs ambas as mãos no coração e sorriu.

– Se não soubesse quanto custou, gostaria ainda mais.

Emily admirou o vestido de seda vermelho-escuro cintilante no espelho. Fitas com contas penduradas na parte da frente da saia agitavam-se suavemente quando se mexia. O feitiço escondia-lhe a cintura e a barriga cada vez maiores. Nunca tinha sido magra, sempre fora uma rapariga do campo perfeitamente saudável e forte e, desde o início da gravidez, estava sempre com fome. Além disso, em Paris, tudo era tão delicioso que acabava por comer em demasia.

Acariciou o tecido liso.

– Não foi assim tão caro...

Não tinha comprado um único vestido novo desde o casamento.

Antes disso, tinha sido autorizada a montar um guarda-roupa à custa de GK: além de um casaco branco de pelo de lama, que adorava acima de tudo, comprava vestidos de linho para pequenos-almoços ou tardes no jardim, camisas de noite e roupões, vestidos mais desportivos para jogar cróquete e para passeios, além de rolos infindáveis de fitas de renda com as quais podia sempre renovar os vestidos com umas pontadas. No entanto, nunca tinha tido um vestido de noite tão bonito.

Washington segurou-a pelo braço.

– Terás todos os vestidos de seda do mundo, Emmie. A minha mãe desejou um vestido lindo por tantos anos... e nunca o recebeu. Esperou durante tanto tempo... Mas sê honesta, já há muito que perdemos a noção de quanto é que gastámos.

Wash puxou a casaca preta e esticou a camisa por baixo. Iriam encontrar-se com GK e Lily no restaurante do hotel. Emily, com o vestido novo e o marido atraente, queria aparecer tão deslumbrante como os parisienses que tanto admirava.

Os dois homens curvaram-se, rijos, quando os quatro se encontraram à frente do restaurante. Eram mais casuais uns com os outros nos Estados Unidos, mas naquela noite jogariam àquele jogo. Lily estava deslumbrante no seu vestido roxo, que também era novo e um pouco caro. Deixaram-se conduzir até à mesa e sentaram-se distintos e eretos na sua alta-costura enquanto o elegante escanção recomendava um vinho.

Quando Lily soube que Emily ia viajar para a Europa, persuadiu GK a deixar o projeto ferroviário em que estava a trabalhar e a atravessar o oceano até França. Tinham chegado dois dias antes e parecia que GK ainda não estava bem lá. De modo geral, tinha envelhecido muito nos últimos anos. Aquele mal-entendido em Five Forks ainda estava a consumi-lo no processo.

Desde que entrara para o exército, GK tinha sido sempre elogiado pelos superiores pela sua abordagem táctica. Durante a guerra, tinha ganhado a Batalha de Five Forks em Virgínia, mas o major-general Sheridan afirmara que tinha obedecido demasiado tarde a uma ordem de

destacamento. Isso só aconteceu porque tivera de procurar outra divisão que se tinha perdido na floresta. Embora os oficiais subordinados estivessem do lado de GK, Sheridan havia-o dispensado do comando sem piedade. Claro que aquilo supôs uma vergonha para ele, e doía-lhe saber que o irmão ainda sofria com o acontecido. Desde então, tinha servido como major no Corpo de Engenheiros e geria vários projetos de construção como engenheiro do exército, mas estava desesperado por restaurar o seu bom nome, até àquele momento sem sucesso.

– Porque não nos contas como foi Inglaterra? – pediu Lily. – Devem ter tido uma agenda ocupada nas três semanas, certo?

– Sim, e pelo menos assim superei as sequelas dos enjooos – suspirou Emily. – Concluímos que não nasci para o mar, mesmo que goste tanto dele.

– Tu gostas é da praia – corrigiu Wash.

– Exatamente. Em Long Island, por exemplo. Já estou a temer a viagem de regresso. O Canal da Mancha também não foi muito simpático. Primeiro, fomos a Londres e vimos a Catedral de Saint Paul, depois Westminster, o Palácio de Buckingham e o Jardim Zoológico. Já alguma vez viste um elefante a sério, Lily?

O empregado trouxe o vinho e serviu-o com elegância. Pediram uma sopa de ostras, depois peixe, borrego e carne de vaca. Os franceses cozinhavam o feijão-verde especialmente bem.

– Diz-me, Wash, visitaram a Ponte Blackfriars em Londres? – perguntou GK. – Como é que levam a construção?

– Ficámos no Royal Hotel e podíamos ver a Blackfriars da janela – relatou Wash. – Mas também fui falar com o engenheiro-chefe, Joseph Cubitt. Um homem simpático, competente. A ponte em si não me entusiasmou muito.

– Não? – perguntou GK, intrigado.

– Ah, o meu foco agora não são as pontes de arco. Contudo, depois da nossa estada em Londres, fizemos outra viagem ao País de Gales.



GK soube de imediato ao que se estava a referir.

– A Ponte de Menai de Thomas Telford?

Os homens pouparam os copos de vinho ao mesmo tempo, SoleneS. Lily olhou para Emily e revirou os olhos, mas, daquela, vez Emily conseguia compreender o entusiasmo de Washington. O País de Gales era uma região encantadora, verdejante e tinha aquela língua que as pessoas autóctones usavam para conjurar os rebanhos de ovelhas e talvez um ou outro gigante das colinas.

A ilha de Anglesey, no extremo norte, estava separada do continente pelo Estreito de Menai. Tinham sido construídas duas pontes para o atravessar: a Ponte Britannia, que Emily não achava particularmente especial, e a Ponte Suspensa de Menai, em Bangor. Esta última não se assemelhava à figura etérea da Ponte Arco-Íris de Thomas Pope, da qual tinham falado com Fanny e George em Long Island, mas balançava tão elegantemente como o faria uma ponte de correntes sobre o Estreito de Menai. Emily permaneceu silenciosa ao lado de Wash durante algum tempo, maravilhada com a estrutura. A entrada era feita de arcos de pedra castanha-acinzentada que paravam assim que começava o rio. Depois, a 30 metros de altura, suspendia-se uma estrada comprida e esbelta, segura por feixes de cabos esguios. A catenária perfeita. Era bastante diferente ver uma ponte acabada à sua frente e não só alguns desenhos e planos. Além da Ponte de Menai, as árvores, de um verde profundo, estendiam-se até às montanhas da Snowdonia e a acolhedora cidade de Bangor lembrava Cold Spring a Emily, mesmo que o rio Hudson e a estrada de Menai estivessem a milhares de quilómetros de distância.

Wash descreveu os pormenores da engenharia ao cunhado e desenhou um pouco das torres da Ponte Britannia, das quais também não tinha gostado muito. Emily ficava sempre surpreendida com a quantidade de pormenores de que Wash conseguia recordar-se. Há pouco estava a explicar a GK a natureza dos feixes de cabos que compunham as correntes e que o teto de madeira teria de ser substituído em breve, de preferência por uma estrutura de ferro. Emily nem sequer tinha reparado

que a madeira tinha alguma coisa.

Lily tinha deixado de forma óbvia de ouvir há muito tempo e olhou curiosa para os outros convidados.

– Já viste coisas mais excitantes, Emmie? – sussurrou ela.

– Refereste a coisas como a fábrica de aço de Richard Johnson & Nephew em Manchester?

– Meu Deus! É uma lua de mel *mesmo* romântica.

– A fábrica forneceu os cabos para a ponte sobre o Ohio.

– Claro, velhos conhecidos. Têm de ir vê-los um dia destes... – comentou Lily com alguma ironia.

– Tinham uma corrente de suspensão para testarmos.

– Uma quê?

– É uma peça de ligação metálica com uma abertura em cada extremidade para que um parafuso possa... Oh, não te preocupes, minha querida. Amanhã iremos à Feira Mundial e ficaremos longe de todo o material técnico. Embora seja suposto haver um elevador hidráulico...

– Como...?

– Tudo bem, vamos ver coisas como a Casa de Chá Chinesa e o Parque Egípcio, certo? – Emily levantou o copo.

– Boa. Ouvi dizer que o Czar russo já lá esteve.

– Vamos gastar muito mais dinheiro. Receio que Washington queira partir logo a seguir. A mulher está-lhe a sair cara aqui.

Essen, setembro de 1867

**E**mily estava deitada na cama e espreguiçou-se. Tinha-se sentido muito cansada nos últimos dias, o bebê andava a dar pontapés na barriga e a dançar a meio da noite e, por mais que gostasse de dormir, era tão bom senti-lo a mexer. Seria menino ou menina?

Wash já tinha saído sozinho três vezes para averiguar se era possível visitar a fábrica Krupp em Essen e o seu processamento de ferro e aço. Três vezes tinha voltado de mãos vazias. Várias pessoas tinham-lhe dito que, como forasteiro e estrangeiro, não tinha qualquer hipótese de alguma vez ver o interior. No dia anterior, à noite, tinha comprado um copo de vinho atrás de outro a um jovem engenheiro que lá trabalhava, mas também não tinha conseguido a ajuda dele. Naquele dia, depois de ter superado a ressaca e ter convocado toda a coragem restante, propôs-se a ir diretamente à fábrica. Daquela vez, queria perguntar no portão se podia entrar, apesar do aspeto sombrio e tempestuoso do tempo.

Emily folheou os cadernos de apontamentos que o marido tinha deixado espalhados pela cama. A escrita dele era minúscula, mas, ainda assim, fácil de ler. Sorriu quando viu um desenho que consistia apenas em alguns traços, mas que mostrava claramente a Ponte de Menai, com uma figura feminina em primeiro plano. Passou-lhe o dedo por cima. Até tinha desenhado o grande capuz do casaco de pele de lama.

Em Le Havre, França, visitaram um estaleiro de construção de pontes com GK e Lily, onde as torres tinham sido construídas sobre caixões. Eram caixas de madeira tão altas como uma casa sem chão, construídas num estaleiro, como os navios, e esperava-as o fundo do rio, funcionando de forma semelhante aos sinos de mergulho, ou seja, com o aumento da pressão de ar no interior. Os trabalhadores desciam e escavavam no lodo à medida que os caixões desciam cada vez mais. Uma vez atingida a profundidade adequada, enchiam-se de betão ou outro material e serviam de fundações para os pilares da ponte.

Antes de GK e Lily terem voltado de carro de Bremerhaven para casa,

Emily tinha tido a oportunidade de caminhar com o irmão ao longo do WeSer, que cheirava a esgoto.

«Não tinha percebido como falavas bem alemão», observou GK.

Emily acenou.

«Há tantos imigrantes em Covington e Cincinnati que se ouve mais alemão do que inglês e até o Wash fala na língua dos pais quando ouve outra pessoa a falar alemão sem dar por isso. Por vezes, esquece-se de mudar para o inglês. Além disso, sou provavelmente a única mulher no mundo que conhece todos os termos técnicos importantes para a construção de pontes em alemão, mas não sabe como encomendar a quantidade certa de carne.»

«Desde que isso te faça feliz... Como te estás a dar, Emmie, honestamente? Wash não tem muito dinheiro, pois não?»

«O pai pagou-lhe um ordenado bastante modesto pela última ponte e está a financiar o nosso tempo aqui... Não sabemos o que vai acontecer depois, mas provavelmente Wash irá trabalhar para a empresa em Trenton.»

«É isso que ele quer? E quanto à ponte em Nova Iorque?»

Uma jangada carregada com grandes barris passou por eles com um homem na parte de trás que mal tinha espaço e só conseguia espreitar por cima da carga. Levantou o chapéu quando reparou no olhar de Emily.

«O John construirá ele mesmo a ponte», disse Emily. «Pode querer o Wash como assistente... Não sabemos. Neste momento, ninguém vai a lado nenhum. Brooklyn está toda entusiasmada com a ponte, mas Manhattan está a enrolar.»

GK sorriu.

«Há muito regateio em segundo plano e dinheiro a ir de trás para a frente. É inacreditável que este tipo de esquemas seja suposto estar a acontecer.»

«O John também mencionou isso, mas tenho dificuldade em acreditar que tantas pessoas saibam disso sem que se faça alguma coisa.»

«Tens de ser alguém sem escrúpulos.» GK ficou sério. «Caso contrário, não irás longe na política. É lamentável.»

«A propósito, como estás?», perguntou Emily. «Entretanto, já pensaste em pedir uma investigação à Comissão por causa de Five Forks?»

Imediatamente, a expressão dele escureceu.

«Escrevi um pedido mesmo antes de partirmos, mas não espero nada. Nada de nada.»

«Devem reconhecer que não te enganaste...»

«O Sheridan fala mais alto do que eu, e o presidente Grant, claro, está do lado dele.»

GK pôs um braço à volta da irmã.

«Veremos. Agora tenho de voltar para casa. O caminho de ferro em Mississippi não se constrói sozinho.»

Dois dias depois, Wash e Emily a cenavam para o navio que levava GK e Lily de volta para o outro lado do Atlântico, cheios de lembranças para o pequeno Sydney. Emily a cenava com um lenço branco, a olhar para os muitos rostos da amurada. Fora a partir dali que John começara a aventura dele em 1833, na qual o Novo Mundo, uma colónia alemã e uma carreira de sucesso como engenheiro e arquiteto o esperavam. Em breve, uma das suas construções faria parte de Nova Iorque e talvez as pessoas que naquele dia partiam viessem a atravessar a ponte.

Para isso, no entanto, Wash devia conseguir alguns conhecimentos importantes.

Era por isso que estavam naquele momento em Essen, no Ruhr. Se o rio Weser já lhe tinha parecido sujo, o Ruhr era um monstro – feio, sujo, verde, castanho ou mesmo preto. Tudo parecia muito mais pequeno do que nos Estados Unidos, mesmo as pessoas.

Emily continuou a folhear os cadernos de Washington. Num, descobriu anotados numa lista todos os lugares onde as pontes tinham caído no início do século: «1. *Queda de neve pesada, depois de um único conjunto de*

*cabalos a atravessar – a construção cedeu. 2. Na cerimónia de abertura, um navio com uma orquestra navegava por baixo, todas as pessoas na ponte correram para o outro lado ao mesmo tempo – caíram para a água. 3. Vento forte, começou a vibrar – partiu-se.»*

AS pessoas tinham-se lesionado com alguma frequência e não era de admirar que os americanos se tivessem afastado das pontes suspensas nos anos 20. Eram demasiado perigosas. Porém, na Europa, e especialmente em França, ao que tudo indicava, tinham descoberto como construir tais pontes de forma mais segura. Wash levaria consigo o conhecimento que tinha reunido e servi-lo-ia a John numa bandeja de prata.

De um dos cadernos, retirou um daguerreótipo que Washington tinha recebido do engenheiro da Ponte Blackfriars. Infelizmente, era difícil perceber o que mostrava. Emily virou-o e leu: *«1847. Peru. Ponte de suspensão dos nativos, feita de vinhas.»* Estreitou o olhar para ver mais de perto o quadro escuro. De facto, um homem com uma carga sobre os ombros caminhava através de uma ponte em forma de V feita de videiras tecidas. Com uma mão, agarrava o cabo direito que lhe chegava pelo ombro. Fascinante. Não foram de todo os engenheiros europeus que inventaram tais construções.

As janelas de madeira rangiam perante o vento no exterior. Onde estava Washington? Durante as tempestades, aquela ponte primitiva no Peru era sem dúvida mais perigosa do que as estruturas modernas, porque o cabo sobre o qual o homem andava também parecia ser só um tipo de cabo a curvar-se sob o seu peso, de modo que a ponte como um todo permanecia instável. Wash, John e os homólogos europeus, por outro lado, tinham desenhado as pontes de modo que o convés pendurado dos cabos de aço ficasse imóvel.

Voltou a colocar a fotografia no lugar e pegou numa carta de John. Enquanto Wash ainda estava a pesquisar, tinha-lhe escrito que precisava dele na empresa. Wash tinha então desenhado um macaco saltitante com uma cara triste e começado uma conta em anexo sobre como poderia utilizar melhor o equipamento de rebobinagem na fábrica para trabalhar de forma mais eficiente, mas tinha deixado aquilo a meio. Emily pegou no

lápis, pensou por um momento e escreveu a Solução Com movimentos rápidos.

Depois, puxou a almofada de Washington para debaixo da cabeça e adormeceu.

Quando acordou, já era de noite. Ouviu-se o barulho da porta e Wash entrou, trazendo o ar fresco da rua com ele e descalçando as botas.

– Tinham estado à minha espera – contou-lhe o marido. – Imagina!

– Quem? – Emily esfregou os olhos.

– A direção. Acabei de estar no escritório. – Tirou o casaco e sentou-se na cama com impulso, enquanto ela se sentava devagar e se encostava à cabeceira. – Houve dois cavalheiros que ficaram bastante emocionados por me verem. *Senhor Roebling, diziam eles, é uma grande honra recebê-lo. Ouvimos tudo sobre a ponte sobre o East River e que estava na Europa.* – Riu-se como um rapazinho.

– É de loucos!

– Não tenho a certeza se me confundiram com o meu pai, mas vê. – Saltou novamente e pegou num grande objeto de aço que obviamente tinha trazido consigo.

– Uma corrente de suspensão! – Aturdida, esticou os braços para a receber.

– Já tinham feito uma para mim e, claro, deram-me de imediato. Além disso, fui autorizado a ver todo o trabalho. Andámos por lá durante horas... – Colocou com cuidado o pesado pedaço de aço sobre a cama.

Emily tocou no material fresco.

– É melhor do que a de Manchester?

Em resposta, o marido abriu a boca e parou para pensar antes de responder.

– Engraxei-os um pouco porque também me elogiaram muito, mas honestamente...

– Nada para a nossa ponte?

– Receio que não.

Quando viu a Confusão que tinha deixado com os cadernos, abanou a cabeça com uma gargalhada e com rapidez escolheu o mais recente.

Depois estava.

– Acabaste as contas?

– Sim, a ideia era boa, mas maior velocidade não iria servir de muito. A resistência torna-se demasiado grande.

– Obrigado, meu pequeno gênio. Nunca me deixas de surpreender.

Deu-lhe um beijo antes de se sentar e anotar tudo o que tinha aprendido na fábrica de Krupp. O estômago dele roncava alto, mas lhe não prestava atenção. Emily sabia que ia contar tudo ao pai. Por mais difícil que fosse para ele suportar a presença e as exigências de John, os dois correspondiam-se constantemente, mandando cartas para trás e para a frente, discutindo as coisas de forma exata e respeitosa. Talvez, afinal de contas, fosse possível trabalhar em conjunto em Nova Iorque.



Turíngia, outubro de 1867

*T*hüringen.

Emily fez um beicinho com os lábios para pronunciar a palavra exatamente como Washington o fazia.

– Thüringen.

– Soa muito bem, biquinho de peixe – gabou-a ele, puxando-a para perto de si para lhe dar um beijo. Tranquila, Emily inclinou-

-se para trás e relaxou os lábios.

Aquela Turíngia outonal era linda de se ver. As folhas das árvores brilhavam e bandos de aves deslocavam-se pelo céu, preparando-se para a viagem rumo ao sul. Passaram por pequenas aldeias com apenas alguns montículos de casas, das quais os habitantes acenavam felizes e satisfeitos, embora John lhes tivesse dito antes de partirem o quão pobre era o solo naquelas latitudes e que ali não se podia viver da agricultura. Numa aldeia chamada Breitenworbis, durante uma paragem rápida, foram convidados para um café e um bolo. Acabaram por falar sobre os Estados Unidos e, no fim, ficaram vistos como se pertencessem à família.

A carruagem andava aos solavancos ao atravessarem até Mühlhausen pela ampla muralha da cidade equipada com torres de vigia de aspeto atarracado. Outra palavra difícil para Emily. *Mühlhausen*. O pequeno ser pontapeou-lhe o umbigo com tanta força que temeu que estivesse prestes a saltar como um botão cujo fio já mal o segurava.

Washington ajudou-a a sair da carruagem e pressionou-a contra ele. Depois, olharam em volta curiosos. Não só a muralha da cidade parecia ser da Idade Média, como as casas de enxaimel eram mais antigas do que as de todos os sítios que tinham visto até à data. Pareciam avós tortas e curvadas pela idade de uma longa vida. Numa das casas, abriu-se a porta cinzenta de madeira da entrada. Uma criança pôs a cabeça de fora e Emily teve a sen-

sação de ver Washington em menino. Seria um Roebbing?

Acenou-lhe, mas a cabeça da criança desapareceu precipitadamente.

– Oh, sim, vão adorar-me... – murmurou.

Depois, a porta voltou a abrir-se e apareceu uma mulher redonda num fato colorido, ainda a ajustar o avental. Tinha de ser a prima de Washington por afinidade, Clara, que os tinha convidado. Proferindo uma enxurrada de palavras incompreensíveis, aproximou-se de Emily e Wash, pegou nas mãos de Emily, abanou-as e logo de seguida agarrou a mão de Wash, sacudindo-a também vigorosamente. A ela juntou-se o marido, o primo de Wash, Franz.

Wash parecia sentir-se em casa, estava mais relaxado do que era habitual com estranhos, respondia, ria, acenava com a cabeça, ouvia. Emily pensou ter reconhecido nele a mesma pronúncia suave de Clara e Franz, mas falava muito mais devagar.

Dois vizinhos olharam com curiosidade para os recém-chegados. Emily apertou mais mãos, acariciou um cão branco de pelo brilhante e orelhas dobradas e ainda disse «Boa tarde» a duas raparigas que o rapazinho que espreitara pela porta estava a arrastar atrás dele.

Foram convidados a entrar. Emily levava a mala com os presentes para eles, que tinha mantido no colo durante todo o caminho, e olhou com as sobranças levantadas para as três crianças para lhes dar a entender que havia alguma coisa para elas.

Assim começaram as semanas turbulentas na pequena Mühlhausen. Dormiam numa estalagem uma rua atrás, mas passavam a maior parte dos dias com os familiares de Washington. O presidente da Câmara convidou-os e perguntou pelo bom senhor Johann Roebbing, dizendo-lhes que se tinha zangado com ele na altura porque tinha tentado persuadir metade da cidade a ir para os Estados Unidos com ele, o que, por sinal, tinha sido proibido por ser um incitamento à emigração. Mesmo sendo jovem, não quis ir, tinha-se afeiçoado tanto à Prússia... «Mas bem, vamos esquecer esse assunto.»

O pastor luterano mostrou-lhes a Igreja Divi Blasii, em cujas janelas góticas Emily reconheceu as formas da Ponte de Cincinnati e das torres da Grande Ponte, que até à data só existiam em papel. Fora então dali que John tirara a inspiração. O pastor também os levou em excursões pela área circundante para lhes mostrar algumas das chamadas *igrejas normais* de Karl Friedrich Schinkel.

As Crianças Roebling tinham muitas, muitas perguntas. Como era a América? Era verdade que havia um enorme circo que nunca saía do sítio, com pessoas brancas como a neve e mulheres barbudas e gigantes e anões, magos e animais selvagens? Emily deu o seu melhor para se lembrar do Museu Americano de P. T. Barnum, que tinha visitado quando era criança. Tinha visto um chefe tribal canibal, um circo de pulgas, sim, e um albino. A irmã Eliza tinha caminhado pelas salas, rindo e chorando de horror de forma alternada, enquanto Emily tinha sido cética mesmo com dez anos. «Um fantoche não pode falar», tinha dito em voz alta, «é um truque qualquer». Com certeza, o ventríloquo tinha ficado contente quando GK a afastou.

Franz sentou-se e perguntou a Wash e Emily se tinham tido alguma vez a oportunidade de conhecer o famoso Abraham Lincoln em pessoa. No entanto, ele próprio se corrigiu na frase seguinte.

– Que pergunta estúpida! Afinal, nem eu me cruzei alguma vez com Bismarck.

– Vi Lincoln uma vez em Washington, D. C. – comentou Wash – e mais tarde estive com ele.

Os olhos de Emily alargaram-se.

– Foi? Nunca me contaste.

– Fez um pequeno discurso à frente da casa branca para nos receber como novos soldados. Três anos mais tarde, veio ter conosco antes de uma batalha e quis cavalgar um pouco conosco. O teu irmão também lá estava, Emmie. Nunca te falou sobre isso?

– Não, terei de lhe perguntar um dia destes.

– Lincoln era... bem, digamos que não era o melhor cavaleiro do

mundo, e o Cavalo não era o mais Calmo. ASSim que partimos, a Cartola caiu-lhe da cabeça. Infelizmente, as Calças não estavam bem presas às botas, por isso Continuaram a deslizar... e as Ceroulas brancas, que a senhora Lincoln tinha cosido ela mesma, ficaram expostas...

Franz mal Conseguia Conter o riso.

– Vimos-lhe aquelas pernas brancas e peludas...

– Oh, não. – Emily pôs as duas mãos sobre a boca. – Pobre homem.

– Não foi realmente muito digno e nós sentimos o mesmo que tu. Rimo-nos e sentimos pena dele ao mesmo tempo. Parou, voltou a endireitar a roupa e só então continuámos.

Durante as semanas seguintes, a barriga de Emily cresceu à medida que as temperaturas desciam no exterior e se cozinhavam estufados quentes no interior. Parecia-lhe cada vez mais fácil não só compreender alemão, como também falá-lo. Clara teve infinita paciência com ela e, quando tinham dúvidas, gesticulavam com as mãos, com os pés ou faziam pequenos desenhos dos quais ambas acabavam por se rir. Só em emergências extremas chamavam por Washington para fazer de intérprete.

A incerteza que lhe tinha confessado na viagem parecia ter desaparecido. «Claro que quero saber mais sobre a minha família», tinha dito Wash, «aqui é de onde venho, mas...»

Emily sabia exatamente o que ele não queria dizer: «O que pensarão de mim as pessoas que conheceram o meu pai? Que sou também um homem tão rabugento e convencido como ele? Que me passou o mau feitio? Que sou o miúdo que foi espancado quando pequeno?» No entanto, Wash era o homem mais gentil que alguém podia imaginar e era isso que aquela sua família alargada parecia notar, escondidos naquela pequena cidade onde tinham vivido durante tanto tempo. Aceitaram Washington como um dos seus e mal falavam do pai.

Numa tarde amena de domingo, o ar quente tentou-a a dar um passeio. As nuvens faziam de véu, cobrindo o Sol, mas estava um dia claro e agradável. No caminho, pelos campos, Clara e Franz disseram-lhes que

os Roebeling podiam ser rastreados até 1610. O clã era originário de Tennstedt, não muito longe dali.

O primeiro Roebeling tinha sido Rebeling e tinha cultivado vinho e, desde então, a maioria dos Roebeling tinha sido artesã, mecânica ou agricultora.

– Conheceram os pais de John? – perguntou Emily.

– Oh, sim – Clara riu-se. – Um casal fantástico. Eram mesmo diferentes, mas um só coração e uma só alma. Johann. O John parece-se com o pai, mas herdou a determinação da mãe.

A Friederike era trabalhadora, ambiciosa e arrumada. Tomava conta do lar e da família e até dirigia parcialmente o negócio do marido. Tinham terras para cultivar... O Johann e os irmãos ajudavam em tudo.

– O meu pai disse-me uma vez que a mãe o obrigou a estudar primeiro – acrescentou Wash.

– E foi mesmo. Poupança dinheiro em segredo, porque pensava que o Johann poderia ser alguém um dia. Infelizmente, só chegou a saber que ele e o Karl Friedrich tinham emigrado. Morreu um ano depois.

– Com cólera – murmurou Franz. – Varreu Mühlhausen.

Quando se fez de noite, voltaram e sentaram-se à frente do fogo com um copo de vinho. No entanto, Emily queria ir para a cama. O passeio tinha-a esgotado e o fumo da lareira estava a provocar-lhe dor de cabeça. Enfiar-se-ia por debaixo do edredão e dormiria satisfeita, pelo menos até Wash entrar na cama e ter a garantia de que não saía outra vez. Assim, desejou boa noite a Clara e Franz e assegurou ao marido que podia ficar, podia subir as escadas por conta própria.

A escuridão no corredor fez-lhe bem à cabeça, por isso, apagou a vela e foi apalpando o caminho pela parede áspera até às escadas. Passo a passo, subiu, mas pouco antes de chegar ao topo, o pé esquerdo escorregou-lhe e, mesmo tentando em vão segurar-se à parede, cambaleou através da escadaria escura até que as costas atingiram uma saliência afiada e caiu dos degraus restantes com um grito.

Turíngia, novembro de 1867

**T**rês quilos – suSSurrou WaSh. – Olha quantos pelinhos tem na cabeça. Emily tinha caído num Sono leve após o parto e não tinha reparado que o marido entrara na pequena Sala após horas de espera. Estava perante ela, Washington Roebling, pai de um menino com a típica penugem Warren na cabeCinha. Cairia dentro de algumas semanas, deixando-o primeiro com uma coroa de cabelo como um avô e depois ficaria careca. A mãe tinha-lhe dito isso meSmo por eScrito, semanas antes do naScimento do pequeno, e estava Certa.

A pequena Criaturinha ContorCeu o rosto e ecoou um grito de protesto. Washington olhou inCrédulo para o filho.

A parteira andava há dias à proCura de uma ama de leite. Emily preferiu amamentar ela meSma e fiCou contente por não haver ninguém em toda a Mühlhausen que o pudesse fazer, pelo que não teve de lutar. Uma rapariga muito nova tinha-se oferecido, quase uma Criança, tão doente que até a parteira tinha reCuSado.

Washington fiCou faScinado enquanto Emily tentava levar o filho ao peito. O bebé estrebuchou e ela meXeU-se sem saber exatamente o que fazer. O Coração bateu-lhe mais depressa. Que estava a fazer mal?

Felizmente, nesse momento, a parteira voltou e expulsou Wash de imediato.

– Na *América* – a Senhora pronunciou a palavra de forma bastante depreciativa –, pode ser comum os homens verem tais coisas, mas aqui na Prússia não é.

Quando o rapaz compreendeu como mamar, Emily soltou um suspiro de alívio. Como era minúsculo! E que lábios suaves tinha! Como podia ser tão pequeno e ao meSmo tempo já ser um verdadeiro ser humano, com lábios e dedos e unhas compridas? E joelhos! Que esquisitos eram os joelhos! Quando a parteira se foi embora outra vez, Wash voltou para ver como Emily cuidava do pequenote. E a enfermeira não tinha razão, na

América era igualmente impróprio que os homens estivessem presentes, mas será que era importante? Emily queria que Washington visse o filho a mamar. Não havia nada de indecente nisso.

Tinha desmaiado após a queda e só acordara com Wash a carregá-la escadas acima. Ouviu o estrondo e correu ao encontro dela. Chamaram o médico que diagnosticou apenas uma entorse no tornozelo e deixou instruções a Clara e Franz para que ficasse em repouso. Na manhã seguinte, Emily queixou-se de dores de estômago e Clara foi, de imediato, buscar a parteira, em quem disse confiar mais do que no médico, que bebia com demasiada frequência.

Uma e outra vez, Emily sangrou com dores ligeiras e, por isso, a parteira ficara de olho nela, dando-lhe uma mistura para beber, como uma bruxa e as suas ervas na Idade Média. Mas tinha ajudado: o pequeno aguentou mais três semanas e não veio ao mundo muito mais cedo do que o esperado.

«Tem febre», ouviu o murmúrio da parteira, logo depois do parto. Emily estava a suar e, ao mesmo tempo, questionava-se quem é que estaria a tagarelar tão alto. Era o bebé? O filho? Ainda não tinha dentes. Quando se virou, sentiu-se molhada entre as pernas. «E está outra vez a sangrar.»

«Emily? » Clara limpava-lhe a testa com um pano fresco e húmido enquanto falava com calma.

«Onde está o meu bebé?» Emily tentou sentar-se.

«Está na sala ao lado até que a tua temperatura baixe, mas está bem.»

«Podem trazê-lo? Por favor, Clara.» Clara acenou com a cabeça.

«Emmie...» Wash estava de joelhos ao lado dela. «Minha amada Emmie.»

Emily pôs-lhe a mão para que se inclinasse e se deitasse ao lado dela. Clara trouxe-lhes o rapaz e saiu silenciosamente da sala.

Emily ouviu a respiração tripla da pequena família. Estava tão feliz, como se estivesse sobre uma nuvem.

«Vais melhorar em breve?» , sussurrou Wash.

«Estou bem», reiterou e falava a sério. Beijou a cabeça do filho. Ao menos que fosse saudável para o resto da sua vida. «Temos de lhe dar o nome do teu pai. É indestrutível e cheio de energia.

O nosso pequeno também precisa disso. John Augustus, *o Segundo*.»

Wash ficou em silêncio. Mal tinha pensado antes de o ter dito e, apesar do seu estado febril, percebeu que estava a pedir muito dele, mas talvez até o ajudasse a ver com outros olhos o pai.

«Que seja», concordou suavemente. «Pelo nosso clã inabalável. A próxima geração da família Roebbling.»

Depois do Natal, Emily levantou-se pela primeira vez. A hemorragia tinha diminuído e a parteira permitiu que se sentasse à mesa com a família e que participasse na tradição de derramar chumbo derretido numa tigela de água fria pelo Ano Novo. As formas que o chumbo viesse a adquirir seriam previsões do novo ano. A cada dia que passava, ficava mais forte. As grandes tigelas de caldo de galinha de Clara ajudavam-na, assim como os ovos que o vizinho trouxera e um bolo de frutas de um amigo da família. Todos murmuraram palavras suaves da Turíngia para o pequeno berço onde repousava John Augustus.

Emily convidou-os a todos para o batizado, que teve lugar alguns dias mais tarde. Olhou demoradamente para o vestido vermelho parisiense.

– Porque não o vestes? – desafiou-a Wash. – Ou tens medo de que o povo de Mühlhausen fique chateado com a tua elegância?

– Nada disso... São todos tão simpáticos conosco. Mas acho que já é quase como se não me fosse ficar bem.

Wash resmungou.

– Já te olhaste ao espelho? Perdeste tanto peso que aposto que te serve melhor do que nunca.

– A sério? – Só se tinha olhado por uns segundos ao espelho uma vez para notar sombras profundas e escuras sob os olhos e tinha desviado o olhar. Pegou no tecido pesado. – Dá-me uma ajuda.



Em silêncio, o marido tirou-lhe o vestido de andar por casa e beijou-lhe gentilmente os ombros nus. Emily encostou-se a ele.

– Temos de esperar um pouco mais – sussurrou.

– Eu sei... já sou bastante bom nisso...

Os olhos dele, no entanto, diziam outra coisa ao ajudá-la a vestir o vestido vermelho-escuro. Afinal, Wash tinha razão, servia-lhe bastante bem. No entanto, sentia-se deslocada entre as casas brancas cobertas pela neve, pelo que o tirou. Quando regressassem a Nova Iorque, usá-lo-ia para ir ao teatro.

A tremer de frio, o grupo ficou então à frente da igreja Divi Blasii para o batizado, a mesma onde John sénior fora batizado no início do século. Os rapazes Roebling saltavam para cima e para baixo para se manterem quentes, coçando as pernas no meio. O mais alto viu o olhar nos rostos dos adultos e franziu a testa.

– Assim que começar a trabalhar no circo – disse –, nunca mais usarei *collants* de lã.

Emily abanou a cabeça.

– Quando estiveres no alojamento, no inverno, e as carroças tiverem arrefecido por completo, talvez voltes a pensar no assunto.

– Não, volto para casa no inverno e trago o tigre comigo.

Quando os sinos começaram a tocar no topo da torre, entraram na igreja. Mesmo lá dentro, as nuvens que a respiração gerava eram tão visíveis como no exterior. Johnny, adormecido, estava enrolado numa mantinha de tal forma que só se lhe via o narizinho vermelho.

Havia dois batizados agendados para aquele dia, o dele seria o segundo. Emily sentou-se no extremo do banco frio com o filho nos braços e olhou em volta. Parecia-lhe uma igreja simples, especialmente em comparação com a capela católica que conhecia dos seus dias de escola.

– Batizo-vos com o nome de Johann Augustus Roebling – ouviu o padre dizer.

EnColheram-Se ambos, Sentados no banco.

– Pare! – gritou Emily e tentou levantar-Se, o que não era tão fácil Com as muitas Camadas de roupa e um bebê nos braços. – Esperem, parem!

Wash levou-a pelo cotovelo e apressaram-Se a avançar até à pia batismal ao lado da qual estava a primeira família, mãe, pai, um irmão mais velho de cerca de dez anos e dois padrinhos masculinos.

– John Augustus é o nosso filho – disse Emily. – Batizou o rapaz errado.

Todos olharam para ela Com espanto.

Emily mostrou o Seu Johnny.

– Este aqui é o John Augustus Roebing.

– Bem, nós também somos Roebing – declarou o pai da outra Criança, desviando uma gola de peles e deixando a cabeça ao ar. – O nosso filho será chamado Johann Augustus. Depois de mim, Johann, e do meu pai, Augustus, sentado ali.

Ali estavam todos de pé, de olhos postos uns nos outros. A mãe parecia tão cansada Como Emily e o padre obviamente ainda não sabia o que fazer Com a estranha coincidência. Wash Coçou a cabeça.

Emily Começou a rir-Se de repente, contagiando primeiro a outra mãe e depois Wash. Por fim, até Johann e o padre se riram. Os fiéis sentados nos bancos frios da igreja olharam para eles, intrigados.

E foi assim que o padre batizou dois pequenos Roebing, um depois do outro. Na verdade, Emily tinha prometido à prima Fanny que um dia seria madrinha, mas esperava que os perdoasse por terem escolhido Clara, que a tinha ajudado de forma tão abnegada durante as últimas semanas. De qualquer forma, não esperava que Johnny fosse filho único.

– Por favor, juntem-Se a nós – ofereceu Johann ao saírem juntos da igreja. – Temos café e bolo para todos.

Clara também tinha cozinhado e, Com os seus dois rapazes, levou bolo para os outros Roebing que viviam um pouco longe. A Casa deles tinha uma porta baixa e era, em geral, uma Casa escura e de tetos fundos.

Notava-se que Susanne, a mãe da primeira criança batizada, gostava de tricotar, pois havia cobertores de lã por todo o lado. Cheirava a fogo, a menta seca e, em pouco tempo, a café fresco. Alguns minutos depois, Wash estava sentado no chão com os três rapazes a jogar às cartas. Clara, Franz, Susanne e Johann perceberam que, embora espalhados por todos os cantos, eram, de facto, parentes uns dos outros.

– Precisamos do vosso endereço na América – pediu Susanne a Emily.  
– Depois, podemos falar sobre os rapazes. Ah, e não se esqueça de dizer ao seu sogro que há aqui outro da mesma espécie!

Emily fez-lo naquela mesma noite. Wash tinha contado à família durante as últimas semanas sobre a partida adiada e depois, claro, sobre a sua recém-nascida prole, mas perante a neve profunda da última quinzena não tinha chegado nenhuma resposta, pois, enquanto o leiteiro com o seu carrinho barulhento insistia em enfiar as garrafas na neve ao pé das portas, o carteiro tinha desistido. Era demasiado velho e as botas eram demasiado más, por isso, assim que alguém lhe desse umas novas, voltaria a entregar cartas.

*«O nome John A. Roebling estará sempre associado a si e às suas obras», escreveu ao sogro. «Mas com o orgulho de uma mãe e grandes esperanças para o meu primogénito, confio que manterá a honra de ter esse nome.»*

O inverno continuou em março e, com os primeiros ventos da primavera, Emily sentiu-se suficientemente forte para empreenderem a viagem de regresso. Johnny cresceu rechonchudo e o cabelo desenvolveu-se tal como a mãe de Emily tinha previsto. A cabeceira estava praticamente careca.

Nos últimos dias, uma torrente de cartas tinha chegado por parte dos Roebling e dos Warren nos Estados Unidos, felicitando-os pelo rapaz. John sénior ficou encantado com o nome do primeiro neto e Emily pensou ter notado uma certa satisfação tranquila no rosto de Washington enquanto lia a carta do pai. John também relatou que tinha estado em Nova Iorque para falar mais uma vez sobre a ponte e sobre a criação de uma empresa que poderia financiá-la.

«O inverno mais profundo de Nova Iorque durante semanas», escrevia no habitual estilo sucinto. «O East River está congelado por completo. Acabaram-se os ferries. No seu lugar, andarilhos e patins no gelo. No início, grande entusiasmo, depois só problemas. Já ninguém trabalha a tempo e horas. O tempo está propício para a ponte! P. S.: É impossível ir aos banhos públicos! Tweed tentou arrastar-me para o seu círculo corrupto. Levou com a minha opinião!»

Trenton, Nova Jérсия,

fevereiro de 1869

Enquanto Emily e Washington tinham estado pela Europa, John tinha completado os planos da Grande Ponte. Os desenhos artísticos tinham-se tornado em plantas utilizáveis, tinha localizado o sítio, feito as sondagens iniciais, anotado os resultados do levantamento e calculado o custo estimado pela terceira vez, rondando ainda cerca de 7,25 milhões de dólares.

Depois de Emily ter entregado toda a roupa suja à lavadeira que vinha uma vez por semana, dos grandes lençóis até à roupinha de Johnny, que já tinha celebrado o primeiro aniversário, juntou-se a John e Wash no escritório. O filho estava a dormir nos seus braços e ainda não parecia interessado em qualquer formação técnica básica. Emily, por outro lado, absorveu tudo o que discutiam. A dada altura, surgiu o assunto de William Tweed.

Emily lembrou-se de imediato da carta que tinham recebido em Mühlhausen.

– O senhor mencionou este Tweed na carta, John. Escreveu que lhe tinha feito uma proposta estranha, não foi?

De imediato a cara do sogro ficou vermelha de raiva.

– Inacreditável. Apareceu nos banhos com a barriga ao léu, a parecer um hipopótamo peludo e, depois, mais do que uma vez, disse que juntos poderíamos fazer grandes coisas com a ponte.

– O que quis dizer com isso? – Em si mesma, a oferta não soava nada mal.

– Fraude, batota! – O sogro levantou um livro da mesa, só para o deixar cair outra vez com estrondo. Johnny contorceu a cara, mas Emily abanou-o para o sossegar. – Sabe-se como é. Contas altas, alguns dígitos se transferem para cá, outros para lá...

William M. Tweed era um político e homem de negócios. De acordo

com John, pelo menos os democratas de Nova Iorque, se não toda a cidade, dependiam da sua boa vontade e dinheiro. Entre outras coisas, fora presidente da Tammany Hall – uma organização partidária que se preocupava principalmente com os pobres, os imigrantes e os seus próprios cofres – e fizera parte do Conselho de administração de várias empresas. O sogro de Emily odiava-o não só pela presunção de que podia ser comprado mas também pela opinião que tinha. Que aconteceria ao Novo Mundo? Estava atolado em esquemas e corrupção. Já não se podia falar em homens honrados.

– Sou republicano, já o devia saber – trovejou. – Além disso, não quero ter nada que ver com política de qualquer espécie. Estou a construir uma ponte. Vou deixar o resto para os outros.

– Mas esses outros não terão dúvidas quanto a aceitar o dinheiro – objetou Wash. – Kingsley, por exemplo.

– Então que o faça. Kingsley, esse filho da mãe... Desde que não me meta, Washington. Os Roebling não estão em jogo.

Wash assentiu gravemente com a cabeça. Os dois concordavam: a política não devia desempenhar qualquer papel na construção de pontes.

Numa segunda-feira sombria, foram juntos para Nova Iorque. Wash nem sequer tinha perguntado a Emily se queria ficar em casa, pois estava ansiosa por ir à Grande Cidade, onde iria comprar brinquedos e roupa nova para Johnny.

A reunião de um grupo de profissionais iria ter lugar na Brooklyn Gas Light Company na Fulton Street. John tinha convidado 11 empreiteiros e engenheiros dos quais admitiu abertamente não querer nem conselhos nem recomendações, apenas a aprovação. Com aquele apoio, iria, então, em busca de financiadores.

Um representante da Sociedade Americana de Engenheiros e um perito em hidráulica estariam presentes para discutir os caixões com Wash. O coronel Julius Adams tinha trabalhado com John há 12 anos e tinha os seus próprios planos para uma ponte sobre o East River. No

entanto, parecia estar a deixar John ganhar o contrato porque, de qualquer modo, tinha passado a construir sistemas de esgotos. Depois, estava o construtor do Capitólio de Washington e várias pontes, embora não pontes suspensas, que eram a área de especialização de outro engenheiro. Também tinha vindo um engenheiro-chefe de caminho de ferro. O presidente de tudo isto era Horatio Allen da Novelty Iron Works e do Aqueduto de Croton.

– O meu pai deu-me a honrosa tarefa de redigir a ata – referiu Wash secamente após a primeira reunião, mas não havia ninguém melhor para o fazer. Wash tinha estado a observar os participantes tão de perto que podia imitar todos os seus tiques e caras, e Emily não conseguia parar de rir. O pequeno Johnny, entretanto, sentara-se ao colo de Washington e tagarelava, embora não tivesse compreendido nada do que o pai dizia. Emitiu um som estridente quando Wash mexeu o nariz, como Adams tinha feito o tempo todo, e bateu com a mão no rosto. O pequenote gostara da pensão privada em Nova Iorque: a senhoria trouxera-lhe a papa doce à mesa e ficara rendido.

O Coronel Adams tinha-se instalado na mesma casa, por isso, Emily não demorou muito a conhecer a esposa, Elizabeth. Era uma novaiorquina de quarta geração, em meados dos quarenta anos, embora parecesse muito mais nova. O filho mais velho tinha estudado em West Point, tal como GK, mas tinha morrido devido a um ferimento de guerra.

Após a terceira reunião, John tinha finalmente convencido os profissionais de que, apesar de tudo, lhe tinham feito perguntas e dado conselhos. Uma vez que obteve o apoio deles, pensou em dar mais um passo em frente. Era necessário criar a Bridge Company, uma empresa privada que suportaria os custos de construção. Quando a ponte fosse mais tarde utilizada por peões e veículos, a portagem cobrada teria o objetivo de recuperar os custos e tornar a ponte rentável após alguns anos. Da mesma forma, precisavam de atrair o interesse da imprensa.

No entanto, John teve de regressar a Trenton primeiro.

– Os trabalhadores querem voltar a fazer greve – disse-lhes ao jantar.

– Tenho uma ideia. – Emily pôs os talheres de prata. – Por que não mostrar as pontes a alguns jornalistas e aos investidores que já manifestaram interesse?

– Já o fiz. – John trincou os vegetais crus.

– Só no papel, mas não no local. Podíamos ir de comboio. Alugávamos uma carruagem inteira, isso teria classe.

John fez uma pausa e Wash acenou-lhe com um sorriso. *Boa ideia.*

– Seriam mais de mil quilómetros.

Emily acenou com a cabeça.

– Bem – aceitou antes de meter um pedaço de couve-rábano na boca –, deixa a organização a seu cargo.

Emily fechou os punhos debaixo da mesa com deleite. Há muito que estava farta de deambular constantemente pela cidade com Johnny e pediu a Wash parar assumir a reserva da viagem de comboio. A senhora Adams acompanhou-a.

Além das poucas ruas que Emily tinha explorado com Johnny nos últimos dias, Nova Iorque era repugnante.

O fedor de um cavalo morto numa esquina da rua espalhava-se por todo o cruzamento e três porcos lutavam por uma pilha de lixo, guinchando ruidosos. Um tipo de calças esfarrapadas ficou a olhar fixamente para Emily e para a senhora Adams, como os homens sempre faziam quando viam uma mulher sair sem companhia masculina.

A senhora Adams, no entanto, parecia alheia a tudo aquilo e olhava com uma certa melancolia para o futuro.

– Nunca estive nas Cataratas do Niágara – confessou com toda a clareza. – A nossa lua de mel foi no Sul porque o Julius tem lá parentes.

– Senhora, quer o *New York Times*? – Um rapaz meteu-se no caminho delas e atrasou a conversa. A senhora Adams tentou evitá-lo, mas Emily, por outro lado, sentiu pena dele, que tinha de ganhar a vida a vender jornais e que, com certeza, teria vários irmãos e irmãs para alimentar. Deu-lhe os quatro cêntimos e recebeu o jornal que já tinha em casa.



– Obrigado, minha senhora. Tenha um bom dia. – Depois, dirigiu-se de imediato ao próximo transeunte.

Emily apressou-se atrás da senhora Adams e retomou o fio condutor da conversa.

– Nunca estive no Sul, embora o meu irmão delire sobre os seus tempos em Nova Orleães. Antes da guerra, porém. Mas tenho uma ideia, senhora Adams. Como seria se fôssemos com os cavalheiros na excursão pela ponte?

A senhora Adams olhou-a, assustada, como se tivesse sugerido que andassem pela rua despidas.

– Isso não é para as mulheres.

– Estive bastante tempo no local de construção em Cincinnati – revidou Emily.

– Porquê? – perguntou espantada.

– É mesmo emocionante. Especialmente o trabalho com os cabos. Já alguma vez viu como se esticam os cabos de aço?

– Não.

– Terá tempo suficiente para passar com o seu Julius uma ou duas horas românticas nas Cataratas do Niágara... Um passeio ao luar no *Maid of the Mist* debaixo de um grande guarda-chuva...

Cataratas do Niágara,

Nova Iorque, abril de 1869

O navio a vapor *Maid of the Mist* parecia pequeno e vulnerável ao lado das massas de água que caíam mesmo ao lado dele. A Senhora Adams gritou qualquer coisa que Emily não conseguiu compreender. Tinham apanhado o último passeio do dia, pouco antes do pôr do Sol, enquanto os cavalheiros se tinham retirado para conversas importantes com charutos grossos. A névoa fina tinha-lhe encharcado o rosto. Johnny ter-se-ia divertido ali. Sentia falta de o segurar entre os braços e de ver as pequenas mãos agarradas a qualquer coisa que se aproximasse o suficiente delas. Aí! Aí! Pronto!

Contudo, tinham-no deixado aos cuidados da mãe de Emily para liderarem a recém-formada Bridge Company que daria vida à ponte de John A. Roebling. Há alguns dias, os 21 homens tinham-se encontrado na estação de comboios de Jersey City e embarcado na carruagem *Pullman* reservada para o efeito. O teto fora revestido de madeira, os assentos eram largos e, por isso, qualquer um se afundava neles. Emily tentava fazer corresponder os rostos aos nomes que Wash lhe tinha dado.

William C. Kingsley, magro e alto, de caracóis vermelhos, abriu a janela e acendeu um charuto.

– As senhoras não se importam, pois não? – Sentou-se e esticou as pernas.

A Senhora Adams olhou ofendida noutra direção, mas Emily não ia ficar aborrecida só porque alguém tinha decidido desde o início não se importar com as duas mulheres que os acompanhavam. Sabia que era uma peça importante: sendo o empreiteiro oficial e o maior acionista da nova empresa, era ele quem financiava a viagem. Wash também não gostava dele, mas percebia que tinha de aturar aquele tipo de políticos.

– Senhora Roebling, que bom vê-la outra vez.

Emily virou-se. Por um momento, ficou a olhar para o homem alto até

Se lembrar de onde o Conhecia.

O homem adiantou-se.

– Thomas Kinsella do *Brooklyn Eagle*.

– Certo. O *ferry* que ficou preso no gelo. Recomendou-nos a pensão. – Iluminou-se-lhe o rosto e ele sorriu de volta. – Está a escrever sobre a viagem?

– Sim, há anos que queria ver esta ponte e o meu chefe pediu-me que os acompanhasse.

John tinha dado a Washington uma lista de jornalistas que queria para o empreendimento e quatro deles tinham vindo a convite dele.

– Fico contente – afirmou Emily, e não era só uma frase. Thomas Kinsella piscou-lhe o olho e, enquanto ainda se interrogava como reagir, o comboio começou a andar. Contou-os outra vez. Todos estavam lá, exceto John, que embarcaria em Trenton para fazer uma aparição especial.

Havia sanduíches e champanhe. Os homens conversavam bem-humorados, enquanto Emily e a senhora Adams tentavam fazer de anfitriãs, o que não era assim tão fácil numa carruagem de comboio, por isso, acabaram por se sentar e beber um copo.

– A propósito, o meu marido quer mudar-se para Brooklyn – disse a senhora Adams calmamente.

– Brooklyn é uma decisão maravilhosa, senhora Adams – interveio Thomas Kinsella.

– Oh, porque é que não me surpreende que diga isso, senhor Kinsella? – revidou Emily, a olhar para ele. Sentiu uma sensação suspeita e logo a seguir percebeu porquê: achava-o atraente. Por amor de Deus! Desviou o olhar com rapidez para o senhor Adams e o interlocutor, um homem de bochechas rosadas, C. C. Martin, um engenheiro que John achava promissor.

– E vocês, senhora Roebling? – perguntou Thomas Kinsella. – Não querem vir para os nossos lados também?

Confusa, olhou para ele.

– Oh, para Brooklyn, quer dizer – percebeu, rindo como uma rapariga.

*Recompõe-te, Emily!*

– Virá para a cidade, não é? – perguntou a Senhora Adams. – Com certeza, não vai ficar em Trenton.

– Não me parece. O meu sogro gosta de levar as coisas à distância, mas o meu marido esteve no terreno o tempo todo em Covington e Cincinnati e vai querer fazer o mesmo desta vez.

Ainda nem sequer tinham falado sobre isso, de tão rápido que se tinham desenrolado os acontecimentos após meses de atrasos. Brooklyn... De lá poderia ir muitas mais vezes ver Fanny e George, que ainda estavam em Long Island.

Thomas Kinsella continuou a sorrir-lhe mesmo depois de a Senhora Adams já se ter levantado há muito tempo.

Chegaram a Trenton depois do pôr do Sol. John foi recebido com grandes palavras e paladinhas nas costas. O homem do momento. O engenheiro-Chefe. O grande visionário.

Mais tarde, nessa noite, quando todos se retiraram para os compartimentos-cama, Wash colocou-lhe os braços à volta e quis tirá-lhe a camisa pela cabeça, mas Emily afastou-o de forma precipitada. Estavam demasiado apertados ali dentro, conseguia ouvir-se tudo ao lado, de certeza, e, além disso, tinham de estar prontos para sair às seis e meia da manhã.

Em Pittsburgh, os homens viram primeiro a Ponte do Rio Monongahela, que John já tinha terminado em 1846, e depois a Ponte do Rio Allegheny de 1859. Na manhã seguinte, foram diretos para Cincinnati – o ar em Pittsburgh era demasiado mau para o sentimento festivo da viagem. Kingsley gostava de se ouvir a si próprio a falar e continuou a fazer monólogos durante horas.

Emily viu o jornalista preencher página após página no bloco de notas.

– Que está a escrever, Senhor Kinsella?

Ele saltou sobressaltado. Era óbvio que o tinha arrancado dos seus pensamentos.

– «*Se alguma vez vier a Pittsburgh*» – leu então – «*e quiser ficar no melhor hotel da cidade... não o faça*».

Emily riu-se em voz alta. De facto, o hotel não estava muito limpo, apesar do bom nome.

Após a estada em Cincinnati e muitas palavras de elogio sobre a ponte, voltou a perguntar-lhe sobre o que estava a escrever.

– Oh, estou só a descrever a água potável.

– A água potável?

– Água para comer e beber numa só.

Emily torceu a cara, mas tinha razão. Covington e Cincinnati estavam ainda mais sujas desde que estivera lá e a água tinha um cheiro estranho. Felizmente, não a tinha experimentado.

A ponte de Washington tinha-se erguido elegante sobre o rio imundo. Emily ficava satisfeita por John não ter ficado com todo o crédito, mas sim colocado o trabalho de Washington no centro das atenções. Sem ele, aquela ponte nunca teria sido terminada, referira o sogro, e mesmo ela tinha mencionado o marido de forma repetida em conversas com os homens. Esperava que Thomas Kinsella tivesse tomado nota.

Piscou-lhe outra vez o olho.

No entanto, estava a olhar para ele, por isso, desviou o olhar e encolheu-se sob o olhar de Washington. O marido tinha estado a observá-la de perto com um sorriso malicioso. Sentiu a cabeça a aquecer.

Quando chegaram às Cataratas do Niágara, de noite, já tinham feito de comboio mais de mil quilómetros. Os homens haviam forjado novas alianças e reacendido velhas amizades. Emily ficou impressionada com o respeito com que de modo geral se relacionavam, confinados na pequena carruagem. Só entre Kingsley e John é que, por vezes, se fazia ouvir algum barulho.

– Ainda bem que apareceste, Emmie – disse Wash naquela noite. – O

Senhor e a Senhora Adams Certificam-Se de que nos Comportamos Como Cavalheiros.

– Vocês *são* Cavalheiros – Corrigiu ela.

Wash bufou.

– Gostaria de esbofetear Kingsley pelo menos três vezes por dia.

– Gosta de falar muito...

– É uma forma muito educada de ver as Coisas.

– Sou uma dama.

Wash debruçou-se e mordeu-lhe o pescoço suavemente.

– Uma dama, Com Certeza, Sem as paixões mais básicas... Vamos lá ver se Conseguimos fazer um bebê tão perto da Cascata mais poderosa da América do Norte...

Na manhã seguinte, todos queriam ver as impressionantes Cataratas, mas John não lhes deu tempo. Conduziu-os ao longo da margem do rio na outra direção. A água do desfiladeiro rugia durante o dia como à noite, comendo pedaço a pedaço a pedra por baixo, lenta e pacientemente, século a século. John marchou para a frente até terem o que ele achava ser a melhor vista para a ponte suspensa.

– A sua obra-prima, Senhor Roebling – disse Julius Adams, apertando a mão de John. – Tão clara e refinada ao mesmo tempo.

– Penso o mesmo. – John não conseguia tirar os olhos da ponte, da qual sempre se tinha orgulhado. Era mais velha e mais curta do que as outras, o vão era de apenas 21 metros e, quando as locomotivas pesadas circulavam sobre ela, vibrava visivelmente, o que veio a confirmar toda a empresa pouco tempo depois.

Wash tinha de responder pelo menos a tantas perguntas como o pai. O pai, mais velho, com mão de ferro, e o filho, mais novo, magro e ágil, estavam lado a lado. Tinham as mesmas características faciais, até os bigodes se assemelhavam um ao outro. Wash era apenas alguns centímetros mais alto. Para os outros homens, os dois pareciam a solução perfeita para a ponte do East River.

A Senhora Adams tocou nas Costas de Emily.

– Deve estar orgulhosa do Seu marido, Senhora Roebling.

– Oh, estou sim. – Emily sentia-se leve. Talvez tivessem mesmo feito um segundo filho no dia anterior à noite. Saiu da vista de Washington e virou-se para o Corrimão. A vista sobre as quedas era extremamente impressionante. As Cataratas Horseshoe, do lado Canadano, eram consideradas as mais belas das duas, pois projetava-se à frente delas uma neblina de água, dia e noite, e o Sol estava sempre numa posição que permitia que se formassem um arco-íris, ao passo que a água, de uma tonalidade turquesa, brilhava.

Enquanto a Senhora Adams se dirigia ao marido, Emily baixou a cabeça para ver melhor. Logo abaixo dela, recomeçavam uma série de cataratas que uma e outra vez chiboteavam a água, tornando-a branca após a queda.

– Gosta disto, senhora Roebling? – Kingsley pôs-se ao seu lado, batendo no chão com a bengala.

– A água é tão incrivelmente selvagem... – observou, distraída. – Como se nunca ninguém fosse capaz de a conquistar.

– Ora, não tenho tanta certeza quanto a isso. – Riu-se com estralho. – Cada água selvagem é conquistada mais tarde ou mais cedo, tal como qualquer mulher selvagem, não acha?

A bengala fez uma pausa e moveu-se na direção de Emily até lhe tocar na bainha do vestido. Emily sentiu-se congelar. Depois, por cima do seu estrondoso batimento cardíaco e do rugido constante da água, ergueu-se uma segunda voz masculina.

– Sabia que há não muitos anos o *Maid of the Mist* navegou até lá?

Emily olhou para cima. Thomas Kinsella. O seu anjo salvador. Agarrou-se ao corrimão com ambas as mãos para parecer mais calma do que estava.

– Não, não sabia – confessou ela. Normalmente, o barco de excursão só permanecia na parte da água tranquila, logo abaixo da queda. O rio era demasiado selvagem. – Foi por acidente? Alguém se magoou?

– Foi intencional. O proprietário tinha grandes dívidas, embora seja difícil de imaginar Com as multidões de visitantes.

Kingsley perdeu o interesse e foi-se embora.

– Mas não estava a sair-se bem – continuou Thomas Kinsella, não impressionado –, e o Xerife já estava a Caminho para lhe Confiscar o navio. Então o homem pensou, *que se lixe*, e partiu.

– Pelas Cataratas?

– Pelas Cataratas, por debaixo da ponte. Como acha que foi? As pessoas gritavam! O navio levou mesmo Com pedras e Com a força da água, até ficar completamente debaixo de água num determinado ponto. As pessoas deviam estar a contar os segundos, mas conseguiu resolver o problema e desapareceu por detrás da curva.

– Que loucura. Esteve lá?

– Infelizmente, não. Li sobre o assunto no jornal. A esposa disse que o marido parecia vinte anos mais velho depois.

– consigo imaginar. A pobre mulher deve ter ficado em terra a olhar para o navio, Sem Saber Se voltaria a ver o marido.

– Alguma vez esteve aqui no inverno? – inquiriu Thomas Kinsella de forma abrupta.

– Não, esta é a primeira vez que venho.

– É lindo no inverno. – Não olhava para cima, para as quedas, mas tinha os olhos fixos em Emily.

– Obrigada – sussurrou.

O jornalista compreendeu e curvou a cabeça.

Wash veio e ficou ao seu lado.

– É mesmo bonito isto no inverno. Fica tudo congelado. As paredes do desfiladeiro ficam cobertas de gelo, as grades acima estão geladas, as luzes da rua, cada árvore, cada fio de relva...

Emily estremeceu. Tinha de ser bonito, mas ao mesmo tempo parecia rígido e solitário. Depois, Wash sorriu para ela e sentiu-se a descongelar outra vez.



– Sabia, senhor Kinsella, que o meu pai foi a segunda pessoa a construir uma ponte sobre este sítio? – perguntou Wash enquanto iam atrás dos outros sem pressa.

– Sim, assumiu a Construção a partir de outra pessoa, não foi? Não me lembro bem.

– De Charles Ellet.

– Um francês?

– Era americano, apesar de ter estudado em Paris. Para fazer a primeira ligação daqui até lá, inventou um método de publicidade muito eficaz. Organizou um concurso: o primeiro que conseguisse fazer voar um papagaio de papel para o outro lado, receberia cinco dólares.

– Funcionou? – perguntou Emily.

– Sim, e até foi um rapaz de quinze anos quem o fez.

Thomas Kinsella bateu palmas com entusiasmo.

– Não podia haver melhor vencedor do que um rapaz de quinze anos. Tenho a certeza de que ainda hoje fala disso.

– Mas como é que isso o ajudou? – insistiu Emily.

– O fio do papagaio foi o início do revestimento dos fios de aço que se tornaram em cabos, cada vez mais pesados, até que se pudesse fazer uma primeira ponte.

– O seu pai não se equilibrou mais tarde sobre um cabo para ir para o outro lado? – perguntou Thomas Kinsella.

– Não é bem assim. Cavalgou sobre a ponte pedonal acabada com cavalo e carroça, embora a ponte pedonal fosse demasiado estreita. Até se levantou e estalou o chicote. Supostamente, as mulheres desmaiaram da emoção... ou de medo.

– Ótimo – disse Thomas Kinsella. – É assim que deveria estrear-se cada ponte.

Dois dias mais tarde, estavam de volta a Nova Iorque e Emily abraçou o filho. Uma semana inteira era o máximo que tinham estado separados até ao momento. Contudo, a mãe tinha tomado bem conta dele. Johnny

era brincalhão e bem-comportado.

– Sabias – Comentou Wash ao darem um passeio pelo crepúsculo depois do jantar – que o Senhor Kinsella tem dez filhos?

– Não. Dez?

– E supostamente tem um caso com uma mulher casada.

– Oh!

Emily olhou para ele. Que vergonha! O marido sorriu e riram-se juntos. Wash puxou-a para perto.

Brooklyn, junho de 1869

Chegou o início do verão. Emily, Washington e Johnny deixaram para trás as floridas e perfumadas árvores de tília de Trenton, pois John tinha pedido ao filho para ser o assistente dele e até lhe prometera um pouco mais de dinheiro do que em Cincinnati.

Sem dizer a Wash, Emily tinha aparecido no escritório de John uma manhã, suspirando e dizendo-lhe como queria estabelecer-se em Brooklyn.

– Quero que a minha família se sinta confortável. Nós, mulheres, somos assim, só queremos o melhor para os maridos...

Na verdade, estava a ser um pouco exagerada e John tinha sorrido de forma zombeteira, mas bem-humorada. Emily piscou-lhe o olho até que ele suspirou:

– Não vou começar a negociar consigo outra vez. Que tem em mente?

E foi assim que se mudaram para uma casa em Brooklyn de arenito avermelhado na Hicks Street, não muito longe do porto e com vista para o movimentado rio, por onde circulavam barcas cheias de areia ou feno, escunas e iates, *ferries* brancos e grandes navios a vapor, que gradualmente aprenderam a distinguir com binóculos. Quando o navio *SS City of Brooklyn*, com as suas majestosas velas, chegou direto de Liverpool, a empregada inglesa, a menina Fraser, também ficou à janela.

– Tem saudades de casa? – perguntou-lhe Emily um dia.

– Oh, não, não são bem saudades de casa, mas sim do meu irmão. Há tanto tempo que quer vir visitar-me. Mas não temos o dinheiro.

Emily pôs-lhe a mão no ombro e decidiu dar-lhe um pequeno bônus com o próximo ordenado. Tinha gastado tanto em mobiliário e lâmpadas que quase se sentia culpada. Uma criada feliz era, no mínimo, importante.

A menina Fraser estava em meados dos seus 30 anos, era magra e minúscula e tinha com covinhas na cara onde Johnny gostava de cavar

com os dedos.

– Olhe, um arco-íris. – A menina Fraser apontou para o exterior.

Para lá, cruzando Manhattan, do outro lado do rio, e mais além dele, mal visíveis à vista desarmada, estendiam-se Nova Jérsey, mais a sul da baía, de cores cambiantes, e Staten Island. Estava tão contente por ter o oceano praticamente à porta, mesmo que ali não se parecesse com o de Montauk.

Quando não estavam a olhar pela janela, toda aquela azáfama parecia distante, era um sítio tranquilo no topo duma colina. Era ali que vivia a boa sociedade de Brooklyn, passeando nos dias de bom tempo pelo Cemitério Greenwood cuja entrada se dava pelo pomposo portão gótico ou deambulando pelo Prospect Park, assistindo a atuações na Academia de Música de Brooklyn e fazendo compras em *boutiques* finas ao longo da Fulton Street. As senhoras deixavam os cartões de visita aos Roebing: William Vandyk, George Baldwin, Frank Schenck e Horatio Allen seguiam regras de visita um pouco mais informais do que em Manhattan, mas, ainda assim, estritamente ritualizadas.

Aos domingos, assistiam à missa em casa de Henry Ward Beecher. O pregador era um irmão de Harriet Beecher Stowe, a famosa autora de *A Cabana do Pai Tomás*, que se tinha manifestado veementemente contra a escravatura e tinha sido desde então considerado como uma autoridade moral para as mais de duas mil ovelhas do seu rebanho espiritual. A Igreja Congregacional de Plymouth, na Orange Street, era apenas uma das muitas igrejas em Brooklyn e estava cheia todas as semanas. As pessoas vinham de tão longe como Manhattan.

Wash não desfrutava muito da casa nova e bonita. Estava sempre a falar com fornecedores e a escolher homens com quem construir a ponte. Também tinham encontrado um escritório no Union Building, na Rua Fulton, onde Emily pendurou os planos da ponte para que qualquer pessoa que quisesse saber mais sobre o assunto os pudesse ver.

Lily veio de visita com Sydney durante alguns dias, enquanto GK estava outra vez num estaleiro de construção no Mississippi, desta vez

em Rock Island, no Illinois. Há mais de dez anos, um navio a vapor tinha atingido um pilar da ponte ali, provocando o incêndio de ambos, barco e ponte. O evento tinha resultado num enorme processo judicial, com o qual GK, Como engenheiro de uma nova ponte, não deveria ter tido nada que ver, mas as alegações que o martelavam de todos os lados, de acordo com Lily, faziam-no dormir mal. Por isso, a mulher depressa se deslocara para o apoiar no terreno.

Alguns dias mais tarde, Fanny e George estavam à porta com os dois filhos. A pequena Charlotte tinha agora quatro anos, estava forte e saudável, e Sammy, com sete, quase lhe parecia um jovem.

– Tia Emily, porque ainda não começaram a ponte? – perguntou o rapaz de imediato.

Fanny despendeu-lhe o cabelo:

– Não falou de mais nada durante todo o caminho.

– Ainda se consegue lembrar de tudo!

– O tio Wash disse que ia construir torres muito altas.

– Bem, tudo demorou muito mais tempo do que se pensava, mas temos finalmente a licença e o dinheiro – disse Emily. – Posso levar-te amanhã e mostrar-te onde irá ser a ponte. Quando voltares no próximo ano, tenho a certeza de que já verás o início da construção.

Furtivamente, Fanny olhou de relance para a barriga da prima. Emily abanou a cabeça, pois, mesmo que lamentasse, não havia nada para ver.

– Vamos continuar a tentar – confessou à prima ao dia seguinte depois de Sammy, George e Wash terem ido juntos até ao porto. – Demorou algum tempo com Johnny. Aqui, podes ajudar-me?

Juntaram e arrumaram um velho conjunto de chá que Emily tinha recebido da mãe, mas que, afinal, não queria usar. Era demasiado antiquado para ela, com aqueles padrões de rosas, e iria para o sótão.

– A tua mãe não vai ficar desiludida se não o usares?

– Oh, herdou o conjunto de uma tia velha e creio que só queria ver-se livre dele.

Emily pegou no *Demorest* e arranCou-lhe uma página. Tinha pedido ao vizinho papel antigo, uma vez que a recente jovem família ainda não tinha tido tempo de acumular pilhas de jornais e revistas. Quando passou pelos cortes e penteados das mulheres fotografadas, percebeu que aquela edição da revista teria cinco ou seis anos. Felizmente, já ninguém usava Saiotes tão largos.

Fanny riu-se e estendeu-lhe o jornal em que tinha estado prestes a embrulhar uma chávena.

– Dá uma vista de olhos a esta fotografia.

A Caricatura no *Harper's Weekly* mostrava um homem enorme com uma cabeça grande e nariz bulboso, destacando-se a barriga redonda constituída por um saco de dinheiro com um grande sinal de dólar. Emily sorriu.

– Thomas Nast é um grande caricaturista, é incrível quão mordaz consegue ser. John ama-o porque muitas vezes desenha coisas sobre o suborno. – O saco de dinheiro na fotografia seria a barriga de Tweed.

Ouviram-se gritos na entrada. Emily reconheceu a voz de Washington e correu de imediato ao encontro dele. Em frente dela estava o sogro, apoiado em Wash e no engenheiro C. C. Martin. Tudo indicava que John não conseguia colocar uma perna no chão. Atrás deles, vinha George, segurando Sammy nos braços. Estavam todos tão brancos como cal.

– Que aconteceu? – perguntou Emily.

– Vamos levá-lo lá para cima num instante – disse Wash. – Emmie, podes chamar o médico? O pai ficou com o pé preso.

Fanny correu em direção a George e Sammy.

– Estão feridos?

– Só assustados – disse George, entregando-lhe Sammy, que soltou o aperto fechado por uma fração de segundo somente para mudar do colo do pai para o colo da mãe.

George caiu no sofá com o rosto contorcido pela dor.

Emily correu para a cozinha.

– Menina FraSer, Sabe onde há um médico por aqui?

A empregada SeCou as mãos num pano.

– Em Orange Street, não muito longe da igreja.

– Pode ir buscá-lo, por favor? Já?

Emily apressou-se a voltar para George, e Fanny já se tinha sentado ao lado dele.

– Está-te a doer? Que aconteceu?

– Oh, eu só magoei a perna doente ao Carregar o Sammy, mas o Senhor Roebling teve um acidente. Estávamos de pé no cais da Fulton Street a observar as medições. Um dos engenheiros estava a sinalizar do outro lado da água. O nome dele era Coronel Paine, penso eu. O Senhor Roebling quis ir até à frente do cais do *ferry* e subiu por uma pilha de estacas que se encontravam à volta. Depois apareceu um *ferry* e tentou recuar...

George limpou a testa, que estava a brilhar de suor. Fanny embalou Sammy, que tinha enterrado a cabeça no peito dela.

O pé direito de John tinha ficado preso num pedaço de corda, continuou George. Não tinha conseguido escapar a tempo e, quando o *ferry* bateu no atracadouro, como esperado, a bota e, portanto, o pé ficaram presos.

– Ao início, fingiu que nada tinha acontecido para deixarem os sinais arranjados, o Coronel Paine em Manhattan e ele em Brooklyn, mas antes de terem acabado, desmaiou. Durante alguns segundos, esteve inconsciente e, quando recuperou a consciência, começou a gritar.

– Oh, John – suspirou Emily.

– O Sammy apanhou um grande susto. O Senhor Roebling só parou de rugir quando desmaiou outra vez a meio caminho daqui. Não conseguimos um carro, claro, tivemos de vir a pé.

A porta abriu-se e a empregada entrou com um homem de bigode.

– O médico, senhora Roebling.

– Obrigada, menina FraSer. Por favor, venha cá acima se o médico

precisar de alguma coisa de nós.

O médico apertou-lhe a mão brevemente.

– Warren.

– O Seu nome é Warren?

– Sim.

– Esse é o meu apelido de Solteira. Venha Comigo. O meu Sogro ficou com o pé preso.

Washington encontrou-se com eles no cimo das escadas.

– Devo adverti-lo, doutor...

– Oh, vá lá. Ficarei bem com o paciente. – O doutor Warren sorriu.

John estava sentado numa poltrona. É claro que se tinha recusado a deitar na cama. As mandíbulas maltratadas e o rosto pálido e esguio estavam tensos. Tinha a perna a descansar num banco e o pé pendurado no ar.

– Não quisemos tirar-lhe a bota – disse C. C. Martin.

O médico abriu a mala preta que trazia consigo e agachou-se.

– Vamos cortar. A bota, não o doente.

Com cuidado, lutou contra o couro. Quanto mais se aproximava do pé, mais força fazia John ao respirar. De seguida, quando o médico lhe tocou nos dedos dos pés, os gemidos encheram a sala.

A menina Fraser tinha-se retirado. Emily nem sequer quis olhar para o pé exposto, mas percebeu pela expressão horrorizada de Washington que a visão era terrível.

– Senhor Roebbling, receio que não tenhamos muita escolha senão amputar – explicou o doutor Warren. – Os dedos dos pés estão partidos em vários sítios. Os cinco. Não consigo corrigir isso. Nunca mais seria capaz de andar sem dor.

– Amputamos – a voz de John era dura –, mas sem anestesia.

– Desculpe? – O médico olhou para ele, intrigado.

– Sem anestesia.



– É uma dor insuportável.

– Encontrarei outro médico.

Perplexo, o doutor Warren levantou-se e olhou para Emily, que levantou as mãos em rendição.

– Faria isso, doutor?

– Se realmente assim o quiserem, posso executar a amputação no meu consultório. Alguém me pode chamar uma carruagem?

Só à noite regressaram a casa. Emily tinha deixado o quarto de hóspedes preparado e tinha levado para lá os poucos pertences de John que estavam no quarto que tinha arrendado acima do banho turco.

A pedido de John, o doutor Warren tinha chamado um colega, o doutor Kissam, que também recomendou a amputação. Wash e C. C. Martin ajudaram-no a subir as escadas.

– Não deixou escapar um som – sussurrou George. – Esteve consciente o tempo todo e deve ter estado em agonia, mas não gritou. Nem lhe tremiam as mãos. Foi assustador. Depois, estava desesperado para se enfiar a si mesmo.

– Deixaram-no?

– Alguém alguma vez não o deixou fazer as coisas à maneira dele?

Emily torceu a cara.

– Talvez a mãe dele?

George grunhiu.

– Duvido.

Emily foi atrás dos homens e ajudou John a encontrar uma posição confortável, sentado na cama. Cheirava mal, a suor e esforço.

– Precisa de mais alguma coisa? – perguntou-lhe depois de os outros se terem retirado. – Deram-lhe um analgésico?

– O meu chá de erva, mais nada.

Emily foi em busca de Wash e, por fim, encontrou-o na casa de banho. Brooklyn tinha o sistema de esgotos a funcionar há mais de dez

anos, por isso, tinham água corrente e tubos de cobre modernos a percorrer as paredes. No entanto, Wash tinha pegado numa jarra da cozinha e posto a rolha na pia. Sentou-se à beira da banheira e viu-o deitar a água quente sobre as mãos uma e outra vez, pousava a jarra e tateava à procura do sabonete. Era quase hipnótico vê-lo e, a dada altura, também ela se esqueceu de o parar. Passado algum tempo, Emily respirou fundo e Wash assustou-se.

– Nem sequer reparei em ti – observou e puxou pela rolha. A água desapareceu com um gorgolejo.

– Não tens de parar por mim.

Wash secou as mãos e sentou-se ao lado dela.

– Sim, sinto-me desconfortável.

Emily acariciou-lhe as costas e reparou que o cabelo lhe tinha crescido bastante e estava a começar a encara-colar na nuca.

– Como estás?

Levantou-se, pendurou a toalha no lugar e voltou a sentar-se ao lado dela. As mãos dele estavam vermelho-vivas.

– Chamei por ele, sabes? Vi o *ferry* a chegar e quis avisá-lo. Se ele não tivesse dado aquele passo atrás... Se não o tivesse chamado, nada teria acontecido.

– Não podias saber.

Wash ficou em silêncio.

– Anda, vamos dormir um pouco. Amanhã tudo terá melhor aspeto.

Contudo, muito antes do nascer do Sol, despertou-os um grito alto. Emily tinha deixado as portas abertas no caso de John precisar de alguma coisa durante a noite. Vestiu com rapidez o roupão e foi ao encontro do sogro.

– Como está? – Quis pôr-lhe uma mão na testa para perceber se tinha febre, mas ele virou a cabeça para longe.

– Não estou assim tão mal.

– Deveríamos ir ao hospital, John? Podia ser visto pelos médicos lá...

John interrompeu-a.

– Disparates. O médico vai voltar mais tarde. Não me deixou dissuadi-lo. Chame o Washington, tem de me levar à casa de banho.

– Posso arranjar-lhe um penico.

– Tenho de ir à casa de banho.

Percebeu claramente a razão.

– Isto é uma loucura – sussurrou Wash, mas fez o que o pai lhe disse para fazer e Emily ajudou-o. Era uma completa loucura. Com cada toque, percebeu que o sogro estava a arder em febre.

John quis sentar-se numa cadeira baixa na banheira. Tirou a ligadura e o que ficou ao ar não resultou numa visão bonita: só se viam fios pretos, verdes, azuis e grossos encravados na extremidade abrupta e inchada do pé.

– Abre a água.

John segurou o pé maltratado debaixo da água.

– John, não pode estar a falar a sério – disse Emily.

– A água é o melhor remédio. Só é preciso usá-la bem. No mês passado, calcei sapatos maus e depois pus água a ferver sobre o calcanhar. Sem bolhas, nada. No dia a seguir, já podia calçar meias e sapatos como se nada tivesse acontecido.

– Os dedos dos pés amputados não são a mesma coisa que uma bolha, pois não? – Enrugou a boca, estava tão enjoada.

– Então, vá. Washington, traz-me uma caneta e papel e outra almofada para as costas.

– John... – Emily não desistiria.

– Cale-se.

Era a primeira vez que o sogro a tratava daquela maneira. Emily apertou os lábios e abandonou a casa de banho. Não ajudou que os dois médicos voltassem e profetizassem que seria morte certa se assim continuasse. Wash foi à procura do doutor Sheppard, encarregado dos tratamentos do pai no banho turco que desfrutava da confiança de John,

mas o doutor nem sequer olhou para o homem doente.

Wash deixou-se cair no sofá e despenteou o cabelo.

– Já não sei o que fazer.

– Vamos escrever aos rapazes e à Elvira e pedir-lhes que venham cá – sugeriu Emily.

Provavelmente, não seriam capazes de fazer nada, mas sentia a necessidade urgente de espalhar a responsabilidade pelo maior número de ombros possível. A família deveria estar presente.

– Mencionou uma vez um médico em Filadélfia, especialista em terapia de água – lembrou-se Wash.

– Escreve-lhe.

Wash levantou-se num salto e juntos compuseram os telegramas.

Entretanto, John mandou chamar C. C. Martin e o Coronel Paine para que os preparativos para a ponte não ficassem parados.

Dois dias depois, Thomas Kinsella tocou à campainha.

– Senhora Roebling, como está? – Olhou para ela com gentileza. *Dez crianças e uma amante...* e a atração que sentia por ele não tinha desaparecido no ar. – E o seu sogro?

– Estou bem e o senhor Roebling também, tendo em conta as circunstâncias. – Repetiria o que John lhe tinha dito. – Continua a trabalhar e estará novamente de pé na próxima semana.

– Posso ter uma palavrinha com ele?

– Por enquanto, não. Porque não regressa dentro de alguns dias?

Outros jornalistas poderiam ter escrito alguma coisa desagradável por desilusão, mas Emily tinha a certeza de que Thomas Kinsella só queria o bem deles, da família e da ponte. De facto, no dia seguinte, escreveu um breve artigo sobre a rápida recuperação de John A. Roebling.

Nesse dia, mais tarde, Emily levou ao sogro uma tigela de caldo de galinha para o almoço. Claro que John não tinha pedido desculpa pelas duras palavras e continuava ofendida, mas também não ia deixar que Wash o alimentasse. Não iria acabar bem.

John abanou a cabeça enquanto ela lhe segurava o caldo. O Coronel Paine, que estava naquele momento sentado numa cadeira ao seu lado, com as longas pernas cruzadas, um bloco de notas nos joelhos, olhando para Emily com preocupação, tinha-o ajudado a erguer-se na cama.

– Deve estar com fome – insistiu Emily. – Pelo menos beba o caldo.

Mais uma vez, John abanou a cabeça.

– Tem dores – observou o Coronel Paine com alguma relutância. Com certeza, John tê-lo-ia proibido de dizer o que quer que fosse. – Não consegue engolir bem ou abrir a boca.

– A boca? – Emily estudou o rosto de John. Que se passava com a boca do sogro?

– Bem, é mais o maxilar – soltou com hesitação o Coronel.

– O maxilar... – Emily só teve de parar para pensar por um momento, depois compreendeu.

Apressou-se a subir a rua até à casa de doutor Warren, que lhe abriu a porta. Tinha entalado um guardanapo branco no colarinho e olhava para ela com surpresa.

– Desculpe, estou a interromper-lhe o jantar. Penso que o meu sogro tem tétano. Por favor, venha comigo.

– Não me surpreende – referiu o doutor Warren. – O tétano é comum por estes lados. Suspeito que tenha alguma coisa que ver com o ar húmido e salgado.

– Por favor, venha, doutor Warren.

O doutor entregou o guardanapo à esposa, que tinha aparecido à porta atrás dele e pegou na sua mala.

– Não posso fazer nada, senhora Roebling. Não existe uma cura.

Emily deteve-se.

– Que quer dizer?

Ficou em silêncio e olhou para ela com pesar.

Não podia ser! John A. Roebling não morreria. Com certeza permaneceria vivo só com aquela sua vontade de ferro. Não deixaria que

alguns germes o derrubassem...

– Por favor, pode ir à frente, doutor? Tenho de ir buscar o meu marido.

Um pouco depois, chegou a casa com Wash. C. C. Martin tinha vindo e os homens, com dificuldade, tinham conseguido impedir John de se tentar curar outra vez com água. Deitou-se na cama, ofegando furioso. O doutor Warren injetou-lhe um sedativo e prometeu voltar de seis em seis horas.

– Fechar as cortinas e evitar ruídos fortes – aconselhou-lhes. – Em breve, tornar-se-á muito sensível aos estímulos externos, que podem causar convulsões. Gostaria de vos dizer outra coisa, mas avizinham-se dias difíceis para todos vós. Lamento.

Provou-se que tinha razão. Fanny e George decidiram regressar a Montauk. Ferdinand veio de Trenton e Charles viajou de Troy, onde estava a estudar no Instituto Rensselaer. Elvira estava doente e queria juntar-se a eles assim que estivesse melhor.

John, no entanto, não queria ver os filhos. Com um sinal de mão, indicou a Emily que precisava de um bloco de notas e de um lápis. Depois, começou a escrever. Tudo o que se conseguia lembrar sobre a ponte e o que Washington ainda tinha de fazer antes de estar terminada: como tinham recheado, a estrada era demasiado estreita para as carroças, pelo que teriam de tirar do passeio para os peões. Emily devia determinar se podiam acrescentar dois pés de cada lado para fazer uma via dupla. No intervalo, lembrou-se de alguma coisa sobre as finanças dele e anotou o que deveria acontecer à casa e à empresa. Emily ordenou-lhe os papéis, tentou lavá-lo, fazê-lo beber algum líquido, mas John afastou-a como quem afasta uma mosca irritante.

Só uma vez, quando estava a descansar, pegou na mão de Emily e olhou-a nos olhos. A mandíbula inferior dele estava torta para a direita, fazendo-o parecer zangado como um ogre.

– Obrigado – murmurou ou, pelo menos, foi isso que Emily pensou ter compreendido. – Cuide de... – Em vão, tentou formular a palavra

Seguinte.

– De Washington?

Ele fechou os olhos em Confirmação.

– Claro – respondeu ela. – Sabe que casei com ele porque o amo. Um casamento sem amor não é melhor do que o suicídio.

John reconheceu as suas próprias palavras e apertou-lhe a mão. Ela apertou de volta e, de repente, todo o corpo do sogro começou a sofrer espasmos. Os braços ergueram-se no ar e a mão que a segurava, até há pouco quente e seca, deformara-se numa garra.

Emily deu um salto.

*Ajuda, e agora?*

O doutor Warren não lhe tinha dito o que fazer quando as convulsões comesçassem.

John soltou um longo gemido. Tinha a cabeça dobrada de tal forma para trás que a garganta estava exposta, mostrando os tendões nela esticados à beira da rutura.

– Por favor, que passe, por favor, que passe – sussurrou Emily.

Lentamente, voltou a relaxar. A mente forte de John estava completamente à mercê. Tinha puxado o lábio superior para cima como se estivesse a arreganhar os dentes e fechara os olhos. Parecia um desgraçado. Nunca tinha sentido tanta pena dele. Sentiu-se a tremer de medo e ouviu os seus próprios dentes a ranger.

Naquele momento, Ferdinand entrou na sala a fazer barulho com as pesadas botas nos degraus. Quantas vezes lhe tinham dito para fazer menos barulho! Fez-lhe sinal para que não fizesse barulho, mas era demasiado tarde. Pela segunda vez, a cabeça de John esticou-se, os braços e pernas tensionaram-se e os músculos do rosto contorceram-se num esgar horrorizado.

– Diabo – sussurrou Ferdinand.

Era uma maldição descuidada, mas também podia ter sido uma saudação, pois a visão era, na verdade, diabólica. Emily não sabia do que

os músculos humanos eram capazes.

O rosto de John nunca mais relaxou, continuava a contorcer-se dia e noite. «Não façás caretas», tinha-lhe dito a mãe muitas vezes no passado, «ou vais ficar com essa cara quando fores velha».

Wash passava muito tempo na casa de banho todas as noites. Emily esperava sempre algum tempo e depois acabava por entrar para o distrair. Tinha as mãos vermelhas e a pele gretada. Ficava com John metade da noite e depois deixava que Ferdinand o substituísse.

Já nem conseguiam respirar porque cada sopro provocava um novo espasmo. Durante algum tempo, consideraram pendurar uma cortina à frente da cama, mas o sogro não sobreviveria ao martelar dos pregos. A lâmpada de parafina sugava todo o oxigénio e a cintilação parecia tão perigosa a dada altura que decidiram deixar só a porta do corredor aberta para que alguma luz pudesse entrar. Evitavam todo o andar superior, passando sorrateiros pelo quarto do doente para ir para a cama.

Wash já quase não ia ao escritório e tinha adiado todas as marcações. Uma noite, quando Emily estava à frente da casa a respirar o ar suave, veio por trás e envolveu-a nos seus braços.

– Que vamos fazer se morrer, Emmie?

Emily virou-se para o enfrentar.

– Vamos construir a ponte.

Ficaram assim durante algum tempo até ouvirem passos e darem meia-volta. Era C. C. Martin, inquirindo sobre o estado de John.

– Venha comigo, Senhor Martin, se quiser voltar a visitar o meu pai – disse Washington.

Acabou mais cedo do que pensavam. O calvário de John A. Roebling durou 24 dias. Na última noite, sentaram-se com ele, Washington e Emily, Ferdinand, Charles e o fiel C. C. Martin. As convulsões ocorriam cada vez com mais frequência. Uma vez ouviram qualquer coisa rachar – talvez uma costela. John estava encharcado de suor e febre, a camisa e os lençóis estavam molhados. No entanto, não lhe tocaram mais, não o moveriam.



Quando Emily se inclinou sobre ele, viu naqueles seus olhos azuis brilhantes que estava totalmente consciente. O sorriso diabólico parecia-lhe gravado no rosto para toda a eternidade.

– Acabará em breve, John – sussurrou-lhe, embora não soubesse quanto tempo teria de suportar, querendo dar-lhe algum tipo de esperança.

Por volta das três da madrugada, o corpo tensionou-se uma última vez, de forma tão violenta que o atirou para fora da cama. Caiu no chão e lá ficou. Wash e C. C. Martin levantaram-no de volta para a cama. De repente, ficou relaxado.

– Conseguiu – percebeu Ferdinand, baixinho.

Ficaram em frente da cama, em silêncio durante algum tempo. Depois, decidiram lavá-lo e escrever cartas. Ferdinand abriu a janela e permaneceu ali durante algum tempo.

Algumas horas mais tarde, quando já era de manhã lá fora, o especialista em hidroterapia chegou de Filadélfia e só pôde emitir a certidão de óbito.

Trenton, Nova Jérсия,

julho de 1869

Os serviços fúnebres começaram em Trenton mesmo antes de o homem mais famoso da cidade ter sido transportado para casa. Os discursos realizaram-se numa reunião da cidade e, no dia do funeral, os vizinhos, as pessoas que trabalhavam para ele e alguns curiosos reuniram-se no relvado à frente da casa. Apesar de provavelmente não terem gostado de John A. Roebling, Emily ainda conseguiu perceber uma espécie de respeito nos gestos.

Emily desceu as escadas. Ainda não eram 11 da manhã quando os outros membros da família se reuniram no átrio onde John repousava. Elvira tinha insistido num arranjo de lírios e rosas, cujo cheiro opressivo se misturava com o cheiro da morte e do calor, o que provocava dores de cabeça. Às 11 em ponto, a porta da frente, decorada com grinaldas pretas de papel de crepe, abriu-se para permitir a entrada dos que esperavam no exterior. Rodeavam John e saíam pela porta das traseiras, alguns olhando em redor com curiosidade.

– Parece em paz – sussurrou um e, de facto, não restava nada da anterior expressão agonizante. O agente funerário em Brooklyn tinha feito um bom trabalho antes de colocar John no caixão e de o transportar para Trenton. Tinham escolhido madeira de jacarandá decorada com grandes pegadas de prata.

Depois, à tarde, chegou de comboio uma delegação de Nova Iorque: entre eles estavam não só C. C. Martin, Julius e Elizabeth Adams, Thomas Kinsella, William Kingsley e o coronel Paine mas também Henry Murphy, proprietário do *Brooklyn Eagle* e deputado de Nova Iorque, que não tinha podido participar na visita às pontes por causa da gripe. Kingsley e Murphy odiavam-se de coração. Mais: Kingsley, alegadamente, tinha espancado Murphy, que era mais de 20 anos mais velho, com as próprias mãos, enquanto estava embriagado. Só por essa razão, Emily nutria simpatia por Murphy sem nunca ter trocado uma

palavra Com ele.

Após o Curto velório em CaSa, Começou a longa proCissão fúnebre por Trenton. John foi enterrado no Cemitério de MerCer ao lado de Johanna e dos dois filhos já falecidos. Emily segurou a mão de Washington todo o tempo e quando teve de o largar porque lhe eSCorregou o véu negro, Wash voltou a agarrá-la.

No dia anterior, à noite, o marido tinha Chorado durante muito tempo e ela tinha-o abraçado.

«Nem Sei porque estou a Chorar por ele», tinha dito. «Não foi nem um bom pai nem um bom homem e não aCredito em glorificar os mortos.»

No entanto, Emily Compreendia-o. A relação Com o pai tinha melhorado um pouco nos últimos anos, apesar do passado difícil – John já não mandava vir Com ele Como Se fosse um rapaz tolo, via-o Como um engenheiro quase igual. Mais alguns anos poderiam ter reforçado ainda mais a relação.

Após o funeral, os visitantes de Nova Iorque apertaram as mãos de Wash e dos irmãos e, um a um, voltaram a embarCar no Comboio às 4 horas e 23 minutos Certos. Charles, Ferdinand, Wash e Emily estavam na plataforma a olhar para o Comboio a partir.

– Sabem o que os homens vão a discutir na viagem de regresso? – perguntou Ferdinand.

Washington levantou as SobranCelhas.

– PenSo que Sim.

– Há muito tempo que ficou claro que Washy tomará conta da ponte – interveio Charles. – O pai já disse há dois anos que preferia dar-lhe imediatamente toda a responsabilidade.

– A sério? – Wash e Emily olharam para ele, intrigados.

– Sim, e Henry Murphy quis de imediato, Kingsley é que disse *não, precisamos do famoso John A. Roebling, não do filho.*

Aquele Kingsley detestável. Emily cerrou os punhos. Mesmo no funeral tinha ConSeguido Caminhar perto dela e perCorrer-lhe Com a

bengala a bainha da saia.

– Mas também sabe – continuou Charles – que não há ninguém mais adequado. Mais ninguém conhece tão bem os cabos de aço e, acima de tudo, ninguém além de ti sabe como construir duas torres sobre caixões pneumáticos.

– Mal sei eu próprio – murmurou Wash.

Charles ignorou o comentário.

– Em qualquer caso, Kingsley deixará de se opor a ti como sucessor. Podemos voltar para trás? Estou a derreter ao sol.

## Segunda Parte

Brooklyn, fevereiro de 1870

**T**inha acontecido tão rápido. Washington tinha assumido oficialmente a construção da ponte e já estava concluída. O passeio para peões estava vazio diante deles, a madeira fresca brilhava à luz do Sol. De mãos dadas, Emily e Washington quiseram caminhar sobre ele e, atrás deles, ouviam o murmúrio da multidão que mal conseguia esperar para ir de Brooklyn a Manhattan atravessando por cima do rio.

Enquanto davam o primeiro passo juntos, as pessoas aplaudiam. Wash estava radiante. Andavam cada vez mais depressa, começaram a correr. A madeira agitava-se sob as solas dos sapatos. Num ápice, tinham chegado a meio da ponte. Detiveram-se para olhar para baixo para o East River. Uma rajada de vento repentina arrancou o chapéu da cabeça de Emily, que soltou a mão de Washington para recuperar o fugitivo. Uma segunda rajada uivou à volta deles e o cabelo veio-lhe para a cara.

– Emmie!

Ouviu a voz de Washington, mas não o viu. O céu tinha escurecido. Uma tempestade estava a chegar. Onde estava o chapéu?

– Emmie, onde estás?

Virou-se, parecia estar a ficar sem chão. A ponte estava a mexer-se! Não tinha Wash calculado que nenhum furacão e nenhum nevão a poderiam abalar? Não tinham feito os cabos seis vezes mais fortes do que o necessário? Um tremor atravessou a estrutura como que fazendo-a acordar e inspirar pela primeira vez, instável, mas poderosa. As rajadas provocavam um assobio tão alto nos ouvidos de Emily que mal conseguia ouvir. Esticou os braços para manter o equilíbrio e olhou para a esquerda onde nuvens escuras rodeavam a torre. Imitando uma onda, a estrada enrolou-se, chegando até ela, afastando-se e percorrendo inexoravelmente o solo. Um cavalo teimoso. Um navio entre ondas altas.

– Wash! – gritou-lhe. – Segura-te!

Mais uma vez ouviu a voz dele ao longe.

– Onde estás?

Tudo aconteceu ao mesmo tempo: flutuou no ar durante o que lhe pareceu uma eternidade e quando sentiu outra vez algo sólido debaixo dela, estava deitada de costas, deslizando em direção ao rio que tinha aberto a sua boca larga mesmo por baixo dela. No último momento, agarrou-se a um dos cabos, ficando pendurada por cima das profundezas do abismo. Doíam-lhe os braços. A qualquer momento, escorregaria.

– Washington!

O marido tocou-a suavemente.

– A corda, Emmie.

Com um soluço, Emily sentou-se. Estava no seu quarto na Rua Hicks. Estava tudo bem. Gemeu e descansou a cabeça sobre o peito quente de Washington.

– Sonhei que a ponte tinha caído.

– Estava já terminada? – perguntou-lhe ele.

– Sim.

– E era bonita?

Emily teve de se rir.

– Muito.

– Não cairá – murmurou-lhe contra o cabelo antes de ela adormecer outra vez, tranquilizada.

Na manhã seguinte, as cócegas da barba dele acordaram-na.

– Vou até à Webb & Bell – sussurrou-lhe ao ouvido. – O caixão está quase pronto.

Durante várias semanas, tinham estado a construir o caixão para a primeira torre no estaleiro do lado de Brooklyn. Wash ia, com regularidade, verificar como estava a correr a construção e estava muito satisfeito com o progresso. A perfuração tinha revelado que os esperavam, perto da costa, rochas de texturas muito diferentes e ainda não sabiam exatamente qual iria ser a profundidade do caixão.

Entretanto, a área correspondente na costa fora desobstruída para poder criar uma espécie de tanque. Tiveram de retirar um cais de *ferries* inteiro com a ajuda de uma grua movida a vapor, a que chamaram «o Boi», para remover as partes maiores. As velhas vigas de madeira que tiraram do rio estavam repletas de um sem-fim de vermes minúsculos. Preocupada, Emily queria saber se a mesma coisa poderia acontecer à ponte e Wash tinha-lhe explicado que era precisamente por isso que não deixariam a estrutura de madeira na água, mas sim com suficiente profundidade no fundo do rio.

Naquela noite, já tarde, na Sala, Emily ouviu novamente a explosão do estaleiro de construção. Tinham encontrado dificuldades na escavação do tanque. Removeram com facilidade a camada superior de lama e lodo, mas depois sucedera-lhe o granito e, para fazerem o que pretendiam, tinham de o retirar com explosivos. Emily olhou para a janela escura e pensou em Wash, que estava a supervisionar o local. Johnny não se incomodava com o barulho em intervalos irregulares que se ouvia há várias noites, mas Emily não conseguia dormir.

Levantou-se. A ama acordaria se Johnny chorasse. Emily e Wash tinham escolhido deliberadamente uma alemã que ensinaria ao pequeno a língua dos antepassados. Tinham também escolhido propositadamente uma jovem rapariga, Agnes, com 16 anos, que não invocasse regras sociais há muito estabelecidas nem suposta experiência de vida. De modo algum queriam deixar Johnny chorar durante horas para lhe ensinar quem é que mandava, pelo contrário, era importante para eles que fosse confortado com rapidez. Da mesma forma, não o envolveram em faixas apertadas quando era bebé, tinham escolhido roupas com as quais pudesse gatinhar e não lhe davam xaropes calmantes para adormecer. Este ponto era importante para Wash porque suspeitava que o irmão mais novo, Willie, tinha morrido de overdose quando tinha cinco anos. Só o farmacêutico sabia quanta morfina ou láudano lhe misturava nos sumos.

Emily seguiu a Hicks Street para norte. Andava muito por Brooklyn porque gostava de conhecer os vizinhos. No verão, depois de se terem



visitado uns aos outros, tinham ficado muitas vezes nos degraus em frente da casa dela durante algum tempo a conversar. Contudo, no inverno, isso estava longe de se repetir, especialmente à noite, quando soprava um vento forte e salgado.

No cruzamento, dois guarda-noturnos com bastões aproximaram-se dela e cumprimentaram-na com um aceno de cabeça. Cuidavam dela. As ruas ali atrás eram menos tranquilas, havia *pubs* e até um bar, a alguns quarteirões de distância, para os trabalhadores que investiam o dinheiro ganho de forma árdua em mulheres e cerveja – e para os desempregados que não tinham dinheiro para cerveja ou mulheres, mas que não queriam sentar-se entorpecidos nos pequenos alojamentos e tentavam a sorte nas cartas.

Mais uma vez, ouviu-se uma explosão. Emily atravessou a rua e olhou para o estaleiro à distância. Há já cinco noites que tinham começado a rebentar pedra às sete da tarde, quando os *ferries* já tinham trazido a maioria das pessoas para casa, e só paravam quando o sol nascia e as primeiras pessoas se juntavam novamente no cais para atravessar para Manhattan.

A Bridge Company tinha doado um cais novo à companhia de *ferries* – bem como um lugar no Conselho Superior a um dos diretores. Só então tinham autorizado Wash a construir daquele lado. Do outro lado do rio, estavam em processo de negociação com a companhia, cujo proprietário especulava sobre um novo cais e 250 mil dólares em dinheiro, o que muito provavelmente iria obter, porque os preços das terras ao longo do East River eram gigantescos.

Naquele momento, estavam a destruir alguma daquela terra preciosa, embora debaixo de água. Estavam a gerir por noite 35 explosões. As três escavadoras iam até ao tanque e escavavam os detritos soltos, enquanto os mergulhadores esperavam pacientemente até poderem fixar o próximo explosivo. Como era mergulhar no rio, no escuro, sabendo que podiam explodir com a pólvora negra a qualquer altura? Mesmo que as muitas lâmpadas a gás fizessem o seu melhor, era difícil iluminar a costa o suficiente, e dentro da água provavelmente não se conseguiria ver uma

mão à frente dos olhos.

Washington estava na Costa ao lado dos mergulhadores, a falar Com um estranho. O Coração de Emily derreteu ao ver o marido assim. Wash tinha uma visão geral de todo o estaleiro de Construção, podia mandar vir Com os trabalhadores e entusiasamá-los Com qualquer Coisa, mas Se alguém que não Conhecesse Se aproximasse dele, queria fugir. A linguagem Corporal traía-o.

Naquele momento, virou-Se Como Se Sentisse o olhar dela nas Costas. Emily acenou e aproximou-Se.

– Está tudo bem? – perguntou Wash alarmado.

– Claro que Sim. Não Conseguia dormir. – Em resposta, Sorriu-lhe Com tranquilidade, depois, olhou para o homem ao lado. Tinha uma barba branca Cheia e a Careca brilhava à luz Cintilante.

– Este é o Senhor Eads – explicou Wash –, o engenheiro que está a Construir a ponte em Saint Louis neste momento Com o mesmo método dos caixões.

– Oh! – Emily pensava que Wash era o único nos Estados Unidos a utilizar aquela técnica. – Do outro lado do Mississippi?

O Cavalheiro Curvou-Se.

– É uma honra, Senhora Roebling.

– Ficará para o lançamento do nosso Caixão?

– ReCeio estar apenas de passagem. Tenha Cuidado, Senhor Roebling, no Caso de terem de escavar fundo – disse o Cavalheiro, apontando Com o queixo para o rio. – A dada altura, a doença é demais.

– De que forma? – Emily perguntou.

Embora Emily lhe tivesse feito a pergunta a ele, Eads recorreu a Wash para obter a resposta.

– Alguns homens não suportam trabalhar debaixo de água. É a pressão. Têm náuseas, dores de cabeça e ficam Com os membros doridos.

– Já ouvimos falar disso na Europa – disse Emily. – Dizem que ajuda

esfregar óleo para as dores.

– Nas articulações, Sim – ConCORDou Eads. – AlFaZema, inCenSo, príMula da noite. OS meus homens uSam faixAs de zinCo e prata nos pulSos e tornozelos e, além disso, não os deixo muito tempo debaixo de água, divido-os em vários turnos.

Wash parecia pensativo.

– ACreditem em mim, os homens agradeCer-vos-ão por isso. CaSo contráRio, desapareCerão num piSCar de olhos. Embora tenha a Certeza de que o que não faltaria em Nova Iorque seria novos trabalhadores. – Eads despediu-se e Seguiu o Seu Caminho.

Wash beijou Emily.

– Tenho de voltar a tomar conta dos mergulhadores, Emmie. Dorme um pouCo, está bem? Estarei em CaSa daqui a duas horas.

Emily suspeitava de que não seria CaPaZ de CumPrir a promeSSa. Relembrando-se de como tinha sido com a ponte em Cincinnati, podia aSSumir que não iria ver muito o marido nos prÓXimos meses.

Quando o CaiXão teve de Ser lanÇado, o tanque estava longe de estar pronto. No entanto, a direção do estaleiro Webb & Bell não quis adiar a data porque o espaço era neCessário e os políticos de Brooklyn já tinham eSCrito os diSCursos. ASSim, ColoCaram o CaiXão em depósito temporário, na borda do estaleiro, onde não inComodava ninguém.

O estaleiro ficava em Greenpoint e tinha visto ConStruir e deslizar para as águas do East River muitos grandes navios.

«Uma estranha CoiSa gigante», murmuravam os espectadores que se reuniam pouCo depois das dez horas daquele sábado de março. O CaiXão, grande e plano, não tinha muito que ver com um navio. Parecia uma CoiSa da guerra, uma bateria para defender o porto, um monstro marinho. Será que ConSeguia flutuar Sequer?

Emily ouvia as ConversAs e olhou para a multidão. Estavam reunidas cerca de três mil pessoas e estava no meio delas. Johnny não estava bem, estava de cama, e Emily só tinha saído para o porto no último momento. Ficara com Agnes, que lhe cantava canções alemãs. Naquele momento,

Emily já não conseguia passar para chegar até Wash, que estava à frente com o Coronel Paine. Era uma pena, teria gostado de ver a cena de perto. Estavam todos presentes, C. C. Martin, Julius Adams, Horatio Allen, Kingsley, Henry Murphy do *Eagle* e também o recém-nomeado engenheiro principal de Washington, Frank Farrington. Estava no início dos 50 anos e tinha traços finos, nariz estreito e cabelo acinzentado. Era uma pessoa muito reservada, Emily gostara imediatamente dele.

William H. Webb, um dos proprietários do estaleiro que tinha supervisionado o extraordinário projeto, permitiu-se ser importunado com perguntas uma última vez.

Vestindo um casaco elegante e um chapéu acabado de limpar, Thomas Kinsella pôs-se ao lado de Emily. Quase impercetivelmente, tocou-lhe no cotovelo.

– Tenho a certeza de que a maioria deles está aqui porque especulam que esta coisa vai cair.

– Esperemos que não.

– Pode explicar-me o que estou a ver?

Coquete, olhou para ele.

– Por esta altura já me deveria conhecer suficientemente bem para saber que vou responder a esta pergunta com seriedade em vez de tentar sair dela com modéstia feminina.

Thomas Kinsella sorriu.

– Estou a pedi-las.

– O que vai ver não é muito diferente do que acontece com um navio, o caixão desliza sobre as guias para a água.

– Para que servem as coisas de madeira?

– No rosto? Para o pôr em movimento.

– Pensei que era para isso que servia o navio.

– Não, é só uma precaução para o caso de alguma coisa correr mal. Dentro do caixão, existe uma câmara hermética que garante que a parte da frente não fica submersa quando chega ao rio. Mas ainda ninguém a

experimentou. O navio pode então Contrariar o movimento, Se neCESSário.

– Para que Servem todos os dispositivos do topo?

– Para mais tarde, quando o trabalho Começar. OS guinChos, os Sarilhos e por aí em diante.

– Estou a ver. – Tinha tomado notas Com entusiasmo e agradecido, olhando-a no fundo dos olhos. O que seria dele Com os dez filhos e a amante?

– Senhora Roebling, boa tarde! – A Senhora Adams abriu Caminho através de um grupo de pessoas e aproximou-Se dela. – Está quase na hora?

– É Suposto Começar às dez e meia em ponto.

Soltaram os últimos bloCos de retenção e a Colossal estrutura de madeira de 51 por 31 metros deslizou no rio tão Silenciosamente que a água nem sequer Salpicou o Convés. AS pessoas aplaudiram e os homens apertaram as mãos.

– Parabéns, senhora Roebling – Thomas Kinsella sussurrou ao ouvido dela, como se fosse a responsável pelo lançamento. Sentiu-se a arrepiar. O comportamento dele Começava a ser demasiado óbvio, tinha definitivamente de pô-lo no Seu lugar.

Wash já estava a subir para o Convés, seguido de C. C. Martin. Ligaram uma bomba de ar para bombear mais água para fora das câmaras na parte de baixo. Não se Conseguia ver nada do exterior, por isso, Thomas Kinsella teve de confiar, mais uma vez, nas explicações de Emily. Explicou-lhe que o marido queria descobrir Se a Construção estava bem apertada e se o ar não escapava pelos lados ou pelo topo. Os trabalhadores tinham de poder contar Com um ambiente Seguro. Haveria muitos outros perigos, Como as dores, por exemplo, de que Eads tinha falado.

Um a um, os espectadores foram-se embora. Pareciam um pouco desapontados Com o quão pouco espetacular o evento tinha sido. No entanto, era bom sinal que estivessem tão interessados na ponte, que se

estava a tornar uma realidade após anos de espera.

Thomas Kinsella dirigiu-se aos Senhores Webb & Bell para obter uma citação para o artigo. Emily e a Senhora Adams Caminharam mais perto para ver se os homens estavam satisfeitos. Quando deixaram, outra vez, sair o ar, o Caixão desceu e Emily viu no rosto de Washington que estava tudo bem. De acordo com os cálculos, deveria haver exatamente 43 centímetros entre o topo da câmara e a superfície da água. Emily achava que conseguia ler nos lábios dele que estava a dizer precisamente isso. «Quarenta e três centímetros». Perfeito.

Nessa mesma noite, Wash soube que um trabalhador tinha morrido em Saint Louis, no local de construção de James Eads, devido aos efeitos da misteriosa doença dos caixões.

Estava distraído a pisar as batatas debaixo do garfo, embora devesse ter passado fome após o longo dia. Johnny tinha comido uma torrada e Agnes estava a prepará-lo para dormir. Emily esteve tentada a aproximar-se de Wash e enfiar-lhe a comida na boca, tal como tinha feito anteriormente com o filho.

– O homem só esteve lá em baixo durante duas horas. Depois, voltou a subir, estava bem e, quinze minutos depois, arfou e caiu.

– E morreu logo? – Wash assentiu. – Assustador. Quão baixo desceu?

– Pouco mais de vinte metros. Há uma pressão de ar de quinze quilos.

– O ar normal é menos de metade disso. Precisam de um médico no local.

– Agora têm um – disse Wash. – Mas ninguém sabe o que se passa. Alguns médicos pensam que acontece quando se regressa à superfície demasiado depressa, mas Eads tem pessoas que estão nas câmaras de ar durante todo o turno e não adoecem. Outros dizem que depende de quanto tempo se passa lá em baixo e se se está habituado às condições.

– O que pensa Eads sobre isso?

– De qualquer modo, o senhor era um veterano e só ficou lá duas horas... Aparentemente, é completamente arbitrário quem adoce e quem não. Acho que lhe vou escrever e perguntar se posso passar por lá.

AS escavações aqui estão a correr bem, não precisam de mim. Estarei de volta do Missouri quando estiverem prontas. – O rosto brilhou-lhe. – Gostarias de vir comigo?

Emily sorriu-lhe. No início, achava que só a levava para todo o lado porque ela insistia veementemente, mas, por aquela altura, já sabia que gostava tanto como ela. Viajar juntos, ver coisas novas juntos... Contudo, por causa de Johnny, preferiu ficar em Brooklyn daquela vez.

A cada dia, o tempo custava mais a passar. Talvez devesse ter ido, afinal de contas. Não era obrigada a sentar-se em casa e esperar pelo marido. Queria fazer alguma coisa, queria exercitar a mente, queria discutir e tomar decisões para a ponte – que interiormente chamava «Roebbing Bridge». No entanto, ali era muito mais difícil conseguir ir ao local do que fora em Cincinnati. Nova Iorque era muito menos amigável e muito menos tolerante. Um pesado e escuro manto de nuvens descera sobre a cidade e ficara estagnado no céu durante dias. A primavera parecia distante outra vez. Recolheram-se para dentro de casa e já nem se conseguia ver até ao rio da janela a meio da escada.

No entanto, a empregada ficou parada a puxar um fio do avental entre os dedos.

– Está preocupada, menina Fraser?

Ela virou-se.

– O meu irmão vem por fim de Liverpool para me visitar, sabe...

Emily colocou-lhe uma mão no ombro.

– Que notícia maravilhosa.

Como seria bom que o irmão GK os visitasse... Não se viam há tanto tempo. Ele conseguiria levantar-lhe o ânimo.

– Mas olhe para este tempo – continuou a menina Fraser. – Vem aí qualquer coisa e o navio está previsto para hoje.

Emily olhou para o relógio. Eram apenas duas e meia e, no entanto, o céu estava escuríssimo.

– Gostaria de ir até ao porto e esperar lá?

A menina FraSer hesitou.

– A minha amiga Baba vai acolhê-lo e ele sabe onde ela vive. Nada vai acontecer.

– Sabe que, por vezes, até nos ajeitamos sozinhos, pelo menos durante algum tempo – disse Emily. A menina FraSer gostava de afirmar que ninguém na Casa Roebling sobreviveria muito tempo sem ela, e Emily não queria tirar-lhe essa crença. Afinal de contas, tinha razão.

A menina FraSer lançou-lhe um olhar cheio de gratidão.

– Tem a certeza?

– Claro que sim. Vá.

Quinze minutos depois de a menina FraSer ter saído de casa, a nevasca começou. Não se anunciou com alguns flocos de neve leves e delicados, mas deixou-se antes cair sobre a cidade como quem diz «Não foram as nuvens escuras um aviso suficientemente claro?».

Johnny e a mãe, Agnes, pararam à janela e olharam para fora. Emily corria pelas escadas, acima e abaixo e, com cada olhar para a rua, a neve parecia ter subido mais um metro. O vento uivava pelos cantos e derrubou um poste de telégrafo como se fosse um fósforo.

– Fora – gritou Johnny com as bochechas vermelhas.

– Mais tarde – respondeu-lhe Agnes em alemão. – Se parar de nevar, construiremos um boneco de neve lá fora, sim?

– Agora!

– Vem, vamos pintar qualquer coisa, está bem?

– Não! Agora!

Emily andava inquieta e, por fim, pegou no casaco.

– Senhora Roebling, não pode ir lá fora – chamou-a Agnes.

– Vou até ao porto ver como está a menina FraSer.

– Sair – gritou Johnny.

– Tu ficas aqui. É muito perigoso.

Johnny começou a chorar.



– Sair!

– John Augustus Roebeling Júnior. Não!

Amarrou um lenço grosso à volta da cabeça, calçou as botas e abriu a porta principal. Com raiva, a tempestade uivou na direção dela. Percebeu que era uma loucura sair. Contudo, não se tratava apenas de preocupação com a menina Fraser. Havia nela uma exuberância selvagem que queria atrapalhar a força da natureza. Se o marido não a levava na viagem, teria ali uma aventura. Teria adorado correr pela neve a cavalo. Embora, desde o nascimento de Johnny, a equitação não fosse tão divertida como costumava ser.

Com a cabeça baixa, esforçou-se para chegar à estrada, sempre contra a tempestade. A neve conseguia cair tão suave e delicadamente sobre a pele... Mas, naquele momento, era como se inúmeras agulhas a picassem. Teve de semi-cerrar os olhos e ainda assim não via nada. Mas, ali em frente! Uma figura estava a aproximar-se. O vento assobiava-lhe nos ouvidos. Após cinco ou seis passos, com os quais não tinha conseguido avançar um metro, a figura tornou-se um ser humano.

Aliviada, reconheceu a empregada. As duas mulheres pararam, agarraram-se pelo braço e foram derrubadas pela tempestade logo a seguir. Deitadas na neve fresca, Emily e a empregada lutaram para se levantarem.

– Não consegui atravessar – gritou a menina Fraser. – Mas vi o navio, atracado em segurança no porto.

– Então deve estar com a Baba.

A menina Fraser acenou com a cabeça e limpou a neve do rosto. Juntas, lutaram para regressar à casa através da nevasca, sem saberem se era mesmo a casa certa, mas era, a porta principal era a sua. Agnes abriu-a, carregando o pequeno nos braços.

– Fora – gritou Johnny. – Agora!

Emily levantou-o e rodou-o.

– Se te deixas sair, voarás para longe. Para o outro lado do rio, sobre Manhattan e até Trenton. – Johnny gorgolejou alegre enquanto lhe tirava a

neve do cabelo.

Brooklyn, maio de 1870

Wash atou o lenço já pela terceira vez. Emily levantou-se, puxou-o para si e sentiu o cheiro fresco que emanava do pescoço macio e quente dele. Era tão bom tê-lo de novo em casa. Durante os últimos dias, tinha-se agarrado literalmente a ele e tinham tentado todas as noites conceber um bebê.

Wash deixou de olhar para o espelho e olhou-a nos olhos, sorrindo.

– Obrigado. Estás pronta?

– Pareço pronta? – Rodopiou uma vez sobre si própria. O vestido de seda rodou com ela.

– Estás maravilhosa.

– Vamos, então.

Naquele dia, o caixão faria a viagem final do estaleiro, seis quilômetros a sul, até à antiga doca dos *ferries*, onde o tanque escavado o aguardava. Nas próximas semanas, era lá que o fariam descer até ao fundo. Wash contou-lhe que o processo levaria cerca de três meses.

Mais uma vez, as pessoas tinham-se reunido no cais ao início da tarde, outras esperavam ao longo do rio. Será que eram as mesmas que tinham estado lá há dois meses?

– Ah, Senhora Roebing. – Horatio Allen estendeu-lhe a mão enquanto ela subia para o caixão. – Estávamos todos a perguntar onde estava quando mexemos no caixão pela primeira vez.

Kingsley também fez uma vénia. Os dois sorriram ironicamente. Pareciam dizer: «Não levaria a minha mulher para o trabalho.» Emily teria preferido ripostar com uma observação perspicaz, mas, na presença de Kingsley, não conseguia pensar em nada. Por isso, apenas sorriu de forma agradável e manteve-se em silêncio.

O caixão tinha sido «reinsoflado», como Wash tinha dito, e várias bombas estavam em funcionamento para o manter a flutuar o mais alto possível. Emily olhara para os mapas com Wash e calcularam que o rio

estava muito raso num ponto, onde tinha apenas trinta centímetros entre o fundo e o bordo inferior do caixão.

«Será que vai funcionar?», tinha murmurado Wash.

Emily tinha-lhe sorrido.

«Claro.»

O caixão estava seguro por cordas a seis barcos e, após alguns testes finais, puseram-no em marcha. A um ritmo cauteloso, puxaram-no para fora do pátio, para o East River.

Emily sentiu as pernas bambas quando o caixão balançou ligeiramente. O convés era longo e plano, a maquinaria estava à espera de ser utilizada, tudo era engenharia e artesanato e, no entanto, Emily sentia-se como que a viajar sobre um ser vivo, um monstro marinho reconhecidamente pacífico. O sol brilhava e os navios passavam por eles, buzinando-lhes. As pessoas ao longo de ambas as margens aplaudiram e o casal acenou, como rei e rainha.

William H. Bell, com aquele rosto jovial de marinheiro, ficou ao lado de Wash, de braços cruzados, mais contente depois de terem passado a parte rasa sem quaisquer problemas.

– Vamos atracar então – disse ele.

– Aqui já? – perguntou Emily.

– Vamos fazer uma paragem – disse Wash. – Temos de vigiar a maré e assim as pessoas terão toda a noite para subir e dar uma vista de olhos ao caixão antes de o afundarmos. – Depois dirigiu o olhar dela no sentido da costa. – Além disso, há alguém à tua espera.

Emily deixou os olhos deslizar pelas pessoas em pé no cais desviado.

– Quem?

Depois, viu uma mão branca e esguia esticada no ar.

– Fanny! – A prima tinha vindo com George, que segurava Charlotte nos braços. Emily acenou de volta com entusiasmo.

– Como sabias que queriam vir?

– Fanny queria surpreender-te. Queria contar-te tudo. – Wash sorriu-

lhe antes de a empurrar através da multidão para a visita. Quando ficou à frente de Fanny, percebeu de imediato o que Wash queria dizer. Fanny estava grávida. Emily sentiu uma pontada algures no coração.

– Que bom que estás aqui! – Abraçou a prima com gentileza e não a quis deixar ir.

– Será a surpresa um sucesso? – George ofereceu-lhe a mão, mas Emily também o pôs para um abraço.

– E tanto! Também querem ver o estranho Caião?

– Sammy está mortinho.

Só naquele momento é que viu o rapazinho de pé ao lado do pai. Tinha ficado mais calmo e mais sério, mas o olhar mostrava mais curiosidade do que nunca.

Bell e Washington só permitiam um número limitado de pessoas no Caião de cada vez, mas Wash acenou-lhes logo que os viu aproximarem-se. Sammy e George fingiram ser peritos, pisando a madeira com os calcanhares para se certificarem de que tinha ficado robusto. Fanny desfrutou da vista sobre o rio e pôs uma mão sobre o estômago. Depois, dirigiu-se a Emily.

– Como estás, priminha?

– Muito bem. – Emily sorriu-lhe.

– Mas...

– Nenhum irmão à vista para John. Mas diz-me, tu não devias evitar engravidar outra vez?

Fanny acenou com a mão.

– O médico disse que estava tudo bem. Estou bem e tu ficarás bem. Sabes que mais? Quando chegar a altura, podes dizer-me logo. Só preciso de atravessar o rio uma vez.

– Porquê?

Fanny riu-se.

– Washington não te disse mesmo nada, pois não? Que grande guardião de segredos, o teu marido... Ofereceu a George um emprego

Como assistente no escritório e a partir de agora vamos viver em Nova Iorque.

Em pouco tempo realizaram-se todos os preparativos para a escavação do East River. O Caixão subia com cada maré e descia com o refluxo, sendo este o único momento em que podiam trabalhar. No topo, retiraram tudo para poder reforçar o Caixão com algumas camadas de madeira, cada uma delas escalonada em ângulos retos. Despejaram betão no meio para tornar toda a engenhoca mais pesada e proteger a madeira. Apenas os sítios da água, do abastecimento e as câmaras de ar foram deixados a descoberto.

Emily ia muitas vezes pela estrada com Johnny e assistia ao trabalho. Por vezes, Agnes também aparecia. Sentavam-se, então, a alguma distância, num pequeno parque que era, na verdade, apenas um terreno baldio cheio de dentes-de-leão, de onde se tinha uma boa vista para o porto. Johnny colocava os soldadinhos de chumbo num muro baixo e enviava-os para a batalha. À tarde, o sol brilhava-lhes nos rostos e, pela primeira vez, Emily percebeu que o filho herdara as sardas do seu próprio pai.

Wash, os assistentes, C. C. Martin, o Coronel Paine e numerosos trabalhadores desciam para o Caixão e subiam uma e outra vez sem sentir náuseas ou dores, mas a pressão lá em baixo pouco era ainda superior à do exterior. A temperatura, sim, era superior, chegando aos 37 graus e Wash teve de arranjar alguma coisa para a contrariar. Emily sugeriu a mudança das lâmpadas a gás que produziam demasiado calor.

Num dia bonito, ao olhar preguiçosamente pelo East River, Emily viu, ao início só pelo canto do olho, como o grande e brilhante Caixão se inclinava para um lado e, ao mesmo tempo, jorrava água como se fosse uma enorme fonte. O rio explodiu, originando aquela enorme fonte à sua frente, com 100 ou 150 metros de altura, como um vulcão em erupção. Água amarela, lama e pedras lançadas ao ar.

Emily saltou e atirou-se sobre Johnny. Segundos depois, ouviu o rugido que se seguia sempre à detonação. Quando parou, olhou para cima e sentiu o filho debaixo dela.

– Dói alguma coisa? Ainda tens tudo no sítio?

– Ai, a minha perna – queixou-se Johnny.

– A perna? Que tem a tua perna?

– Está a ajoelhar-se nela – disse Agnes.

– Oh, Deus. – Levantou-se. – Desculpa-me, meu amor!

– Boom! – gritou Johnny.

Emily Começou a Correr.

– Agnes, leve o Johnny para casa – disse à ama por cima do ombro. Após alguns metros, ficou sem fôlego por causa do espartilho, mas continuou a Correr, ofegante. Que tinha acontecido?

Ao aproximar-se, viu um homem de pé no caixão a puxar pela roupa. Outros dois estavam a dobrar-se para apanhar objetos pequenos e atirá-los para a água.

Não pareciam particularmente entusiasmados.

– Que aconteceu? – perguntou ao Coronel Paine.

– Senhora Roebbing, não se preocupe. – Estendeu-lhe as mãos tranquilamente.

– Onde está o meu marido?

– Está lá em baixo, mas estão todos bem.

– Tenho... – Emily vacilou ao perceber que não eram objetos o que os trabalhadores estavam a atirar para a água, mas sim peixes.

– Vi o repuxo de água.

O Coronel Paine olhou para a estrada.

– Estou a ver. Mas não tem de se preocupar. Já nos aconteceu várias vezes nos últimos dias. Um furo.

– Que significa isso?

– Não tem mesmo nada com que se preocupar.

– Coronel Paine. – Emily olhou-o de relance.

Tremeram-lhe os cantos da boca, mas não se atreveu a rir. *Ainda bem,* pensou zangada.

– O Centro de gravidade do Caixão mudou desde que aCresCentámos mais massa no topo – explicou Com aquela voz Sonora dele. – Isso significa que o sistema está instável. Quando a maré chega, uma extremidade levanta mais depressa do que a outra.

– E isso faz Com que o ar lá dentro se precipite subitamente para fora – disse Washington atrás dela.

Emily rodopiou e agarrou-o pelas mãos. Nada tinha aConteCido. No entanto, perguntou-lhe.

– Estás bem?

– Sim. PareCe sempre perigoso e é horrivelmente barulhento, mas temos ar suficiente lá em baixo.

EnCostou-lhe a cabeça ao peito e respirou fundo.

– Então é melhor eu ir – suSSurrou e endireitou-se. – Obrigada pela explicação, Coronel Paine.

Fez o caminho de regresso a CaSa. Ao fazê-lo, sentia o rosto a arder. Tinha sido demasiado emotiva. O Coronel Paine sempre tinha tido um comportamento impecável e educado até àquele momento, mas, mesmo naquele CaSo, claro, Emily não sabia o que o homem estaria mesmo a pensar. Se Kingsley e os dele gozavam Com ela, não se importava. Se o fizessem os mais próximos de Washington, isso aborrecê-la-ia muito.

Nos dias seguintes, Emily reCuSou quando Johnny quis ir ao pequeno parque de dentes-de-leão. Em vez disso, visitaram Fanny e George no novo apartamento e o filho, incansável, brincou Com Sammy, que guardava o primo mais novo no coração. Fanny podia notar que Emily estava a pensar em qualquer coisa, mas não perguntou.

Washington, por outro lado, levou Com a ira de Emily, embora ela soubesse que era injusto vingar-se nele. De alguma forma, culpou-o pelo mau humor e não podia sequer explicar porquê. Uma noite, Wash puxou-a para o colo. Ao início, permaneceu rígida e de braços cruzados, mas ficaram durante algum tempo junto à janela aberta, ouvindo os pássaros e um vizinho a tocar piano, até que finalmente Emily se enCostou nele.



– E tu? – perguntou, por fim, Wash com gentileza.

Ficou em silêncio durante algum tempo, a acariciar-lhe o braço e a brincar com os dedos dele. Estranho que há apenas algumas horas tivesse estado de pé no meio do East River com aquelas mãos e aqueles braços completamente secos.

– Tens vergonha de mim? – estourou Emily.

– Desculpa?

– Os teus colegas riem-se de mim?

– Porque perguntas isso? – Wash afastou-a um pouco e virou-a para ele, confrontando-a.

– Bem, porque... – Hesitou. – Será que se riem de ti porque a tua mulher continua a ir ver se estás bem?

Washington sorriu, mas ficou sério outra vez quando ela tentou fugir furiosa. Segurou-a com força e puxou-a até ele.

– Eles que se atrevam... Também não me podia importar menos. – Beijou-a na orelha esquerda, fazendo-lhe cócegas.

Emily puxou os ombros para cima, endireitando-se.

– Tens a certeza?

– Cem por cento. Não te deverias importar. Tens tanto conhecimento na matéria como eles. Adoraria vestir-te umas calças e levar-te comigo todos os dias.

– Achas que ficaria bem de calças?

Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha.

– Tenho a certeza que sim – murmurou. A respiração dela acelerou e ele empurrou-a novamente para se levantar, embora notasse que Wash não parecia querer ir para o quarto.

– Vem – disse-lhe. – Vamos para o estáleiro de construção.

Que iam fazer? Em silêncio, caminharam pela escuridão. Brooklyn já estava a dormir, e mesmo o sempre agitado porto estava quase deserto. Wash ajudou-a a entrar no caixão, que flutuava naquela calma.

– Olha – disse Wash, apontando para um pedaço de rocha no meio da superfície. – Colocámos hoje a primeira pedra.

– Sem Cerimónia?

– Por agora, chega de Cerimónias. Aí está ela. Uma pedra angular.

A palavra «pedra» era um eufemismo para aquele gigante que parecia um glaciador primitivo a nadar contra a corrente.

– Calcário – concretizou Wash. – Por enquanto, parece preta, mas durante o dia tem um brilho azulado.

Wash puxou por um canivete e entregou-lho com um olhar terno.

– Quero gravar as nossas iniciais.

Emily abriu o canivete, com o coração a saltar-lhe do peito. Ficou na ponta dos pés para beijar o marido, depois agachou-se e riscou com todo o cuidado um W e um E na primeira pedra que em breve faria parte da Grande Ponte.

Brooklyn, julho de 1870

**E**SCURO Como breu. Trevas infernais. Um rugido, tão alto que não conseguia ouvir a própria voz enquanto gritava. Estava a flutuar no nada. Onde estava a mão de Washington? À pressa, esticou os braços na direção de onde Wash deveria estar e encontrou-lhe outra vez os dedos. Quando ele começou a mover-se e o seguiu, perdeu o pé na estreita tábua de madeira e tropeçou na lama. Sentiu a água tocar-lhe nos joelhos, submergindo-lhe de imediato o tecido do vestido e as botas, e ela tentou segurar-se, mas Wash continuou a puxá-la. Não podia deixá-lo ir, não podia perdê-lo. Abanou a perna e libertou o pé, a bota ficou para trás. A água estava gelada enquanto o ar só parecia ficar mais quente na escuridão. Wash liderava o caminho, parecendo por vezes contorcer-se, como se estivesse a considerar deixá-la ir. *Não, Wash, não!* Nunca se tinha agarrado tão firmemente a nada ou a ninguém antes. Que tinha acontecido? O caixão tinha-se partido? O rio tinha-o partido? Se sim, a água continuaria a subir e eles afogar-se-iam.

Com grande curiosidade, Emily subiu ao caixão. Há semanas que andava a implorar a Wash para a levar até ao interior escuro e profundo.

– Não permitiria a qualquer outra mulher que descesse, sabes disso, Emmie. Se não estiveres bem, se sentires alguma coisa ou se te assustares, avisa-me, prometes?

A primeira aba da câmara de ar por cima deles tinha orifícios redondos feitos de vidro, por isso, Emily sentiu-se como se estivesse num caixão transparente. Assim que se fechou por cima deles, um guincho inundou-lhe os ouvidos como o de um habitante atormentado vindo do Inferno onde tinha estado a expiar os pecados durante milénios sem qualquer réstia de humanidade. Não faltava muito para que lhe rebentassem os tímpanos e nunca mais voltasse a ouvir.

O som acalmou, entretanto, mas a pressão sobre a cabeça aumentou. Quando a pressão do ar chegou ao equilíbrio, a porta da câmara de ar inferior abriu-se sozinha. A escuridão esperava por eles. Tinha a cabeça a

latejar, engoliu e tentou bocejar para se livrar da pressão, mas não servia de nada.

Wash apontou para a escada de ferro que conduzia para baixo.

– Pronta? Ou queres voltar para cima? Não tens de ter vergonha.

Emily acenou a cabeça lentamente como se estivesse debaixo de água.

– Está bem, vou primeiro, tu segues-me. Cuidado com a saia.

Tinha escolhido a saia de corte mais estreito que tinha e conseguiu descer bem, em certa medida, os degraus. Depois, estava de pé dentro do caixão. No fundo do East River. O Inferno de Dante não parecia, de repente, muito distante. *Ó vós que entraís, abandonai toda a esperança.* Wash segurava-a pela mão.

– Fica aqui – disse-lhe.

A voz dele soava mais leve e pressionada do que o habitual. Ao olhar em volta, a pressão diminuiu um pouco e os olhos adaptaram-se à escuridão.

Nunca tinha visto nada parecido. Não conseguia ver através de todo o caixão, pois estava dividido em seis câmaras ligadas umas às outras por portas. O teto estava a uma altura de quase três metros. As sombras movimentavam-se, lembrando-a apenas remotamente dos homens. Pareciam insetos que viviam na clandestinidade e que se dedicavam aos negócios deles, como os anões ou os gigantes. Era-lhe difícil compreender as proporções das coisas ali dentro.

Tudo estava coberto de lama. Os homens usavam galoças e andavam por cima de tábuas forradas para evitarem ficar presos no lodo. No fundo do rio, ao longo dos passadiços, tinham enfiado varas com velas e chegava alguma luz adicional das lâmpadas de cal que tinham instalado, formando parte da solução de Washington para reduzir o calor: o gás gerava demasiado calor, a parafina era demasiado perigosa. Naqueles raios azuis de luz, conseguia-se ver a fuligem e o vapor a esvoaçar. Ainda assim, Emily tentava inspirar o mais profundamente que podia para se certificar de que ainda estava viva e a funcionar como se estivesse na superfície da terra.

– Como te sentes? – perguntou Wash, ainda com aquela voz estranha.

– SobreCarregada. – Mal reconheceu a sua própria voz. Pressionou o tecido áspero da roupa contra ela e sentiu o calor do corpo por baixo. – Estes homens...

– Sei que não se consegue ver grande coisa – sussurrou-lhe. – Por vezes, até se intitulam orgulhosamente «*Sandhogs*», porcos de areia.

– Não era isso que queria dizer. Quando é que alguma vez se vê tantos homens seminus e musculados?

Indignado, Wash agarrou-a pelo cotovelo.

– Vamos voltar lá para cima agora mesmo.

Emily riu-se, mas o som perdeu-se no ar espesso.

– O que queria dizer era que os admiro por aguentarem este ambiente. Deve ser precisa muita energia para se adaptarem a um turno aqui em baixo.

– São bons homens – simplificou Wash.

– E tão fortes... – sussurrou Emily.

– Já chega, senhora Roebeling. – Wash puxou-a para perto. – Quer continuar a olhar à volta ou não?

– Claro que sim.

Sentia o suor a correr-lhe pelas costas.

– Quantos graus estão aqui?

– Vinte e seis, vinte e sete graus. – Washington apontou para baixo. – Olha bem para o chão. Está constituído por grandes pedras, com barro e cascalho no meio. É relativamente fácil escavar aqui. Mas ali, a montante, o solo parece borraça, lodo azulado. É o que mais nos preocupa. Tem pelo menos quarenta metros, o que significa que também temos de levar o caixão a essa profundidade.

No outro extremo da câmara, dois homens estavam a martelar alguma coisa. Emily aproximou-se um pouco mais e esticou a cabeça: era um grande rochedo mesmo por baixo da borda do caixão. Wash seguiu-a.

– Temos de tirar isso sem que o caixão se mexa e afunde.

– Senão, fica torto?

– Exato e porque poderia quebrar outras pedras no processo. As mais perigosas são as pedras nos poços de água, podem bloquear tudo. Perdemos muito tempo porque temos de ter cuidado com as barras de aço e as marretas. Já aconteceu algumas vezes termos de mergulhar porque nada funcionou.

Não podia começar a preocupar-se com ele porque assim não seria capaz de dormir à noite. Tinha de confiar que sabia o que estava a fazer, mesmo que isso significasse entrar num poço de água.

– Quando se sai do ar comprimido, assim, pode-se ficar mais tempo debaixo de água, três a quatro minutos não é um problema.

Emily não demonstrou qualquer emoção e continuou a observar os dois homens a baterem na rocha, a martelar e a parar para verificarem o que tinham conseguido. Um jogo de paciência que se repetiria muitas vezes, tendo em conta a escala do caixão. Tentou calcular: guiando-se pelas medidas que Wash lhe tinha dado...

– Cento e sessenta e quatro metros – murmurou.

Washington soube imediatamente ao que se estava a referir.

– Mais as paredes da câmara. No total, estamos a trezentos e vinte metros.

Estava ali muito trabalho. Sentiu imediatamente as massas de madeira e betão por cima dela, as primeiras pedras para a torre, a água rápida, pesada e fria. Arrepiou-se apesar do calor.

– Queres sair?

– Sim, por favor.

Washington pegou-lhe na mão, mas quando estavam prestes a chegar à escada, um trabalhador aproximou-se deles.

– Chefe? – Tirou o boné e limpou o suor da testa. Só naquele momento é que pareceu reparar em Emily, olhando fixamente para ela. Já tinham estado ali pessoas, repórteres, políticos, editores de revistas de comércio, mas não mulheres.

– O que é, Mac?

– Precisamos da sua ajuda – explicou o trabalhador com um sotaque escocês.

– Vou só levar a minha mulher para cima e volto.

De repente, tudo ficou escuro. Escuro como breu. Como o Inferno. O barulho era ensurdecedor e Emily sentia como se tivesse os tímpanos prestes a rebentar. De mãos dadas, lutaram para andar para a frente. Se Wash tropeçava, puxava-o para cima. Se Emily tropeçava, ele segurava-a. Para onde iam? Emily tinha perdido toda a orientação.

Depois, uma mão estranha tocou-lhe no antebraço e ela gritou. O homem agarrou-se-lhe aos ombros, agarrou-lhe o peito e recuou. Emily esperava que não a encontrasse outra vez, mas em vão. Lá estava novamente a mão, alcançando-lhe a parte superior do braço. Segurou-a com tanta força que a magoou. No escuro, não conseguia perceber quem era. A mão de Washington ainda segurava a dela. Sentiu o marido apalpar-lhe a cabeça e depois sentiu-lhe os lábios contra a orelha e ouviu a sua voz.

– Sei o que temos de fazer – disse Wash.

Emily conseguiu encontrar-lhe a orelha para lhe responder.

– Espere um minuto.

Apalpou a cabeça do outro homem, sentiu uma barba rija. Era Mac? Ao puxá-lo para ela, sentiu-lhe o cheiro do pêniço.

– Sabemos onde fica a saída. Venha conosco – gritou-lhe ao ouvido.

Depois, apertou a mão de Washington e finalmente conseguiram seguir em frente. Uma e outra vez tropeçaram e quase caíram. O coração de Emily batia acelerado, mas até isso ficava asfixiado pelo barulho. Era-lhe ainda mais difícil recuperar o fôlego e questionava-se se não estaria já debaixo de água e a nadar.

Wash procurou outra vez a orelha dela.

– Estamos no poço de abastecimento. Está bloqueado. Temos rochas para desalojar!

No poço de abastecimento? Não tinham ido para a saída? Queria sair, para o filho, para o sol e para o ar fresco. O corpo dissolveu-se-lhe na escuridão.

Teve de respirar um pouco mais devagar para evitar o pânico. Depois, uma luz ténue. Caminhou naquela direção e sentiu mais dois ou três homens à sua volta. O tipo soltou-lhe o antebraço. Juntos, ajoelharam-se em frente ao eixo e empurraram pedras e pedras maiores para o lado. Emily rachou os nós dos dedos e a lama infiltrou-se nas feridas ardentes. Soluçou de exaustão e medo. *Não podemos deixar Johnny sozinho, temos de sair daqui.*

Os olhos ajustaram-se ao vislumbre da luz. Viu Wash fazer um último movimento – e tudo ao mesmo tempo ficou silencioso, tão silencioso que a princípio não tinha a certeza se era real ou estava a imaginá-lo. Tinha os ouvidos a zumbir, mas uma voz calma chegou até ela.

– Bom trabalho – disse Wash.

– Para si, chefe – respondeu um dos homens com a voz trémula.

Cinco minutos depois, Emily ficou na câmara de ar com apenas uma bota. Os homens esperavam apinhados, todos queriam chegar lá acima o mais depressa possível. Subir a escada, luz do dia e depois ar fresco. Sentia as pernas a tremer. Tudo nela tremia. Olhou Wash com aqueles seus olhos azuis e segurou-lhe as mãos com firmeza. Ambos estavam cobertos de lama por completo, mas ainda estavam vivos. Tinha aprendido uma coisa: no Inferno, nunca se podia esquecer a esperança. Não se tivesse um filho jovem e quisesse sair.

Havia duas cabanas para os homens descansarem, trocarem de roupa e se lavarem um pouco depois da subida, mas Emily recusou quando Wash lhe pediu para se sentar.

Não num espaço tão apertado. Sentir a chuva miúda de Brooklyn na pele era melhor.

– É melhor ir para casa agora.

– Levo-te – disse ele.

– É preciso descobrir primeiro o que aconteceu.



MeSmo que tivesse querido, não podia Contradizer aquele argumento.

– Então... – Olhou à volta. – MaC, levaria a minha mulher até CaSa?

O escocês também estava coberto de cima a baixo pela lama. Os olhos verdes brilhavam-lhe na cara, mas fechou-os.

– Eu fico bem – insistiu Emily.

– Não discutas – revidou Wash.

Estava demasiado cansada para protestar.

– Claro – resmungou MaC. Subiram juntos do Caixão, ele ofereceu-lhe o braço, mas ela não o aceitou. A meio caminho da Colina, respirou fundo, como que para dizer alguma coisa, e teve um ataque de tosse. Pararam até que o trabalhador conseguisse respirar.

– Venha – disse Emily –, vou fazer-lhe um chá e pode lavar-se.

Arfou, descansando as mãos sobre as coxas.

– Não, senhora Roebing, muito obrigado, mas não posso aceitar. Devo pedir desculpa, sinto-me terrivelmente desconfortável.

– Ficou assustado.

– Possuiu-me o pânico – soluçou. – Pensei que ia morrer.

Emily continuou a andar e ele seguiu-a.

– Se eu mesma não tivesse visto onde estava o meu marido e em que direção estávamos a ir, também teria enlouquecido – acalmou-o.

Ainda podia sentir o tremor nos membros. Tinha ficado escuro e ameaçador. Irreal. Se estivesse naquele momento sozinha a sentir a chuva fininha no rosto sem outras pessoas à volta, não teria acreditado que aquilo tivesse realmente acontecido.

Os transeuntes olhavam para eles e pareciam interrogar-se se as duas figuras enlameadas tinham saído de um conto de terror.

– E depois vi-a... – confessou MaC. – Estou tão envergonhado.

Tinha-a tocado indecentemente e ainda se agarrara a ela, magoando-a. Pensava que ainda conseguia sentir os dedos dele na parte superior do braço. Com o medo, poderia tê-la posto em perigo. Contudo, o jovem

parecia tão desconfortável que não podia tratar-se de uma má pessoa. Além disso, Emily estava a falar a sério: Como se teria ela comportado se não soubesse que Wash estava por perto?

– Está tudo bem, Mac. É o seu primeiro nome?

Tinham chegado a casa. Emily subiu as escadas, levantando a saia molhada três vezes mais pesada do que o habitual. Doíam-lhe os braços e a meia no pé descalço estava gasta. Abriu a porta.

– É uma alcunha – esclareceu apressadamente e parou lá em baixo. – O meu nome é David McCullough.

– Vá, ande lá, Mac – repetiu Emily. – Um monstro de lama ou dois a entrar em casa... vai dar ao mesmo. Vamos assustar o meu filho?

– O seu filho...

– Johnny – gritou. – Olha, a mamã é um monstro!

A princípio, a menina Fraser olhou de relance para a esquina, atraída pela estranha saudação, de seguida levou as mãos à boca. Depois, o rosto de Johnny apareceu no topo do corrimão. Abriu os olhos e Emily estendeu os braços na direção dele.

– Vim para te comer!

Guinchou com entusiasmo e desceu as escadas a correr. Agnes apressou-se a persegui-lo. Tropeçou nos últimos passos e Emily teve de o apanhar, ficando de imediato sujo.

– Até trouxe comigo um segundo monstro. – Apontou para Mac. – Este é o MacMonster.

Mac hesitou, mas depois apareceu-lhe um sorriso por baixo da barba lamacenta e cheia. Johnny, contudo, preferiu ficar nos braços da mãe.

Mandou a empregada ir buscar algumas roupas velhas de Washington para Mac, que, entretanto, se lavava na cozinha, enquanto Emily fora à casa de banho e mudava de vestido. Teria de tratar do cabelo mais tarde, apesar de começar a cheirar mal.

– Agora precisamos não só de um chá mas também de um brande, não é verdade? – perguntou-lhe Emily ao entrar na cozinha.

– Não posso dizer que não a isso, Senhora Roebling – respondeu Mac Com o cabelo semelhante a arame vermelho a brilhar ao Sol. Era um homem atraente, nos seus 40 anos, e Agnes não era a única a olhar para ele com interesse. A mão da menina Fraser até tremeu um pouco enquanto lhe preparava uma chávena de chá fumegante e depois o copo de brande. Sorriu para ela de uma forma amigável, mas reservada. Emily podia imaginá-lo mais animado quando não estava sentado com as calças do patrão, na casa dele, tendo-se agarrado pouco tempo antes ao peito da mulher.

– Já tem essa tosse há muito tempo? – perguntou-lhe Emily.

– Vem e vai. Trabalhar no caixão também não ajuda. Mas – acrescentou rapidamente – estou muito contente por ter este trabalho e um patrão tão simpático e justo.

Wash exigia muito dos homens, era muito parecido com o pai, mas era, com certeza, mais simpático.

– Tem família? – Emily segurou a chávena de chá com ambas as mãos para se aquecer. Era tão agradavelmente normal estar ali de pé na cozinha enquanto Johnny se sentava à mesa, balançando as pernas e pintando o MacMonster.

A menina Fraser pôs na mesa um prato de bolachas para eles.

– Tenho três rapazes. – Mac endireitou-se orgulhoso. – O mais velho terá em breve dezoito anos e quer começar também no estaleiro.

– Oh, que bom. O que diz a mãe?

Mac bebeu o licor antes de responder.

– Morreu há cinco anos.

Emily conteve a respiração e reparou que a menina Fraser tinha parado de secar os pratos.

– Lamento ouvir isso, Senhor McCullough.

– Mac, por favor. Obrigado. Vamos conseguir, os rapazes e eu. – Bebeu um último gole. – Mas agora tenho de voltar ao trabalho, Senhora Roebling. Obrigado pela comida. Não sei se posso... – Olhou para si

próprio.

– Guarde a roupa. O meu marido não vai notar, de qualquer maneira, nunca sabe o que tem no armário. Lavaremos as suas roupas e a menina Fraser irá entregá-las para a semana.

Adorava fazer de casamenteira e divertia-se ao fazê-lo. A mãe gostava de fazer o mesmo em Cold Spring e ficaria orgulhosa dela, tinha a certeza. Mac olhou para ela, depois para a empregada, hesitante.

– Não posso aceitar... Tem a certeza?

– Completamente.

A menina Fraser conseguiu abanar a cabeça, acenar com a cabeça e encolher os ombros ao mesmo tempo.

– Completamente.

– Adeus, MacMonster – cantou Johnny enquanto Mac se afastava, o que o fez ganhar alguma coragem no último segundo: Mac sorriu e fez-lhe uma careta de monstro.

Emily viu a menina Fraser sorrir para ele enquanto caminhava pela rua com as covinhas à mostra. Será que eles se poderiam tornar nalguma coisa? De repente, desejava estar com a mãe. Não podiam ir embora por causa da construção, mas o que era mais agradável do que julho em Cold Spring? Conseguiria deixar Wash sozinho em Brooklyn durante algum tempo? Pensando bem, foi buscar alguns artigos de papelaria para escrever à mãe, mas alguns minutos depois o marido chegou a casa com os olhos vermelhos e inchados.

– Encontrei o Mac no caminho – disse. – Estava a usar as minhas calças e camiça?

– Espero que não lhe tenha chamado à atenção. Ficou muito embaraçado. Como estás?

Emily seguiu Wash até à casa de banho onde despiu as roupas lamacentas, que tinham secado e ficado rígidas como a armadura de um cavaleiro. Tinha as mãos feridas, hematomas e arranhões nas pernas e um longo arranhão no pescoço.

Enquanto se limpava, Emily permanecia sentada na beira da banheira e ouvia o relatório dele: os homens à superfície tinham querido transportar uma carga de tijolos para baixo através do poço de abastecimento, como faziam com frequência. Por vezes, os tijolos ficavam presos e, até ao momento, a solução mais fácil era enviar uma segunda carga depois. Daquela vez, porém, aterrara com todo o peso na válvula inferior de tal forma que a aba se abrisse e o ar de dentro saísse, o que tinha causado o barulho. Nada além de ar. Os homens na superfície tinham levado com rochas e escombros a voar à volta das orelhas pelo que fugiram para se abrigarem.

– Em vez de voltarem a fechar a aba. – Wash bateu com o punho na parede. – Deviam ter fechado a maldita aba.

Emily estendeu-lhe uma toalha, mas em vez de a aceitar, Wash puxou-a para os seus braços e desatou-lhe o vestido.

– Preciso de ti agora – disse-lhe sem fôlego e Emily trançou a porta por dentro.

Depois, acariciou-lhe o braço, onde a pele estava vermelha e roxa por causa dos dedos de Mac. Passaram creme um no outro. A água quente formava gotículas nas paredes e espelhos, e sentiram a necessidade de abrir a janela. Já chegava de nevoeiro impenetrável por aquele dia.

Washington quis regressar logo para o porto, mas antes bebeu outro chá e um brande.

– Alguns homens ficaram feridos, mas felizmente nada de grave.

– Quanto tempo estivemos lá em baixo no escuro? Pareceu-me uma eternidade...

– A mim também, mas acho que foram só uns três ou quatro minutos.

– Só? – A jovem riu-se incrédula. – Será que a água teria subido mais?

– Também pensei nisso. Podia ter entrado muito mais depressa, mas penso que o poço de abastecimento ter-nos-ia poupado.

– Não é esse o responsável por todo o caos?

– Sim, mas está mais alto, cerca de sessenta centímetros mais perto

do teto.

– É verdade. Se a água tivesse chegado ao poço por baixo, teria subido por dentro, mas teria garantido aqueles sessenta centímetros de ar na câmara.

– Exato. Então, podíamos nadar até alguém nos resgatar. De qualquer modo, agora sei uma coisa com certeza. Não, duas coisas. Primeiro, é tão bom sentir-te depois de um susto como esse. Dois: nunca mais te vou levar lá abaixo, espero que te entendas disso.

Emily bufou.

– Veremos.

Contudo, chegava-lhe por enquanto e não o invejava por voltar direto para o trabalho.

– Cuida de ti – sussurrou-lhe ela quando saiu.

Brooklyn, dezembro de 1870

Uma semana em Cold Spring foi como uma viagem no tempo. Emily tinha andado a cavalo, visto amigos antigos e passado tempo de qualidade com a irmã Eliza. Antes da partida, que Emily teria preferido adiar por algum tempo, a mãe deu-lhe um quadro que tinha amado desde a infância. Era de Thomas Rossiter, pintara-o dois anos antes do casamento dela – *Picnic on the Hudson*. Emily ainda se lembrava do homem esbelto com os olhos escuros e o cabelo emaranhado, o epítome de um artista que tinha vivido em Paris durante muito tempo. Todas as raparigas de Cold Spring tinham sonhado com ele, incluindo ela. Rossiter viveu com a mulher e os filhos numa velha casa com vista para o Hudson. No verão de 1863, tinha pedido aos Warren e a várias outras famílias amigas de Cold Spring que posassem para a pintura.

O irmão mais novo, Bobby, tinha acabado por ficar sem paciência, preferindo ir caçar borboletas, mas Emily podia agora ficar em frente do quadro tantas vezes quantas quisesse e admirar-se na tela. A mãe tinha comprado o quadro ao pintor.

Na parte de trás, à esquerda, estava ela entre o irmão Edgar e o futuro marido. O velho senhor Hook, em primeiro plano à direita, um tio do marido de Eliza, que tinha morrido entretanto. Que estava realmente a segurar na mão? Uma caixa de fósforos? GK era o centro das atenções do quadro, sentado no centro, em primeiro plano no relvado, com o braço direito apoiado num cesto de piquenique de vime que, no fim, acabou por cair sob o seu peso. Tinha as pernas esticadas e soltas e usava umas calças vermelhas. De aspeto elegante, na altura, o cabelo começava-lhe mais à frente na testa, e embelezara o casaco com uma insígnia militar. Não admirava que o senhor Rossiter tivesse ficado tão entusiasmado com ele.

À medida que o outono avançava, escavaram cada vez mais fundo no East River. Treze, catorze metros de profundidade. Durante semanas, não houvera nenhuma explosão, e o *Eagle* lamentou que o espetáculo com

o de Corrente arco-íris de curta duração tivesse chegado ao fim. Cada vez mais homens estavam a adoecer com «a doença do caixão», como a chamavam, por falta de um nome melhor. Alguns ficavam bem após meia hora, outros tiveram de desistir. No entanto, havia trabalhadores suficientes, apesar dos perigos que já se advertiam nos jornais. Houvera mais mortes em Saint Louis, com James Eads.

Wash tinha muitas vezes dores de cabeça agudas. Não deixava transparecer nada no local da construção, mas, quando chegava a casa, punha panos frescos na testa até melhorar. Não tinha tempo para estar doente. Em outubro, o segundo caixão, para a margem de Nova Iorque, foi encomendado à Webb & Bell, com algumas mudanças e melhorias. Emily tinha sugerido branquear as paredes interiores para que ficassem mais brilhantes.

A Bridge Company voltou a reunir-se mais vezes após uma longa pausa de verão e exigia relatórios regulares. Wash não gostava nada dessa parte do trabalho. Tinha de discutir coisas com Kingsley e dar informações à imprensa, que não estava necessariamente entusiasmada com ele e fazia-lhe perguntas do género: «O trabalho tem estado a decorrer há muito mais tempo do que o previsto, como é que vai continuar?», «Foram efetuados mais pagamentos que o público não conheça?», «Não é demasiado perigoso para os homens e não deveriam os acidentes ser investigados mais de perto?», «Pode um tal desastre acontecer outra vez a qualquer momento?», «Na verdade, seria melhor manter os *ferries*, não são tão maus como todos dizem, pois não?»

O *Harper's Weekly* tinha incluído naquela edição uma fotografia de duas páginas de Manhattan a partir de uma vista aérea, na qual a ponte já estava de pé: completa, elegante e uma ligação a Brooklyn que, daquela forma, já não parecia tão insignificante mesmo para os nova-iorquinos. O *Eagle* também permaneceu convencido de que a ponte teria apenas vantagens para Manhattan e Brooklyn. Dificuldades, se houvesse, eram para serem ultrapassadas. Por vezes, encontrava-se com Thomas Kinsella na rua. Enquanto conversavam brevemente, tentava não reagir ao sorriso e ao olhar atento e, no entanto, corava de cada vez, o que lhe dava um



prazer reconhecível. Emily não sabia se devia ou não sentir-se incomodada. Com ele? Ou consigo mesma?

Emily deixou o olhar deambular pela janela. O céu cinzento refletia-se em tons prateados na madeira brilhante da mesa. O outono tinha passado demasiado depressa, fazia frio, estava escuro lá fora e no domingo iriam celebrar o primeiro Advento. Tinha prometido a Johnny, que tinha acabado de fazer três anos, decorar a casa para o Natal. Fanny apareceu com Sammy, Charlotte e a pequena Hilda para os ajudar.

Wash apareceu para jantar e saiu para falar mais uma vez, como ele mesmo disse, com o turno da noite, mas depois não voltou.

Emily atirou-se para a cama e virou-se e revirou-se nela, escutando a porta. Às cinco, levantou-se, embrulhou-se num cobertor de lã quente, desceu as escadas e fez uma chávena de chá forte. Enquanto se inclinava, cantarolava uma melodia suavemente e olhava para o reflexo na janela dos seus cabelos emaranhados.

Ouviu-se então uma pancada forte. Ficou assustada.

Três homens estavam à frente da porta, carregando um quarto homem entre eles, que à primeira vista parecia sem vida.

– Washington!

Washington levantou a cabeça e olhou para ela. Entre as sobrancelhas, tinha umas rugas íngremes que nunca lhe tinha visto antes.

– Afaste-se, por favor, Senhora Roebing – disse um dos homens. Era Mac. – Podemos levá-lo até à cama?

Emily deu um passo atrás. As imagens do sogro e os seus últimos dias, as convulsões e o sofrimento silencioso vieram-lhe à cabeça. Os homens passaram por ela e subiram as escadas com passos pesados.

Chamou a menina Fraser, sem saber o que ia pedir à criada para fazer quando entrasse no átrio, de olhos arregalados e vestindo um roupão demasiado comprido. Por fim, Emily pediu-lhe só para manter Johnny com ela na cozinha no caso de acordar porque Agnes estava de visita a familiares naquela semana.

Subiu as escadas a correr. Os homens tinham posto Wash na cama.

– Esteve a trabalhar toda a noite – disse Mac. – Houve um incêndio no caixão e fizemos tudo o que pudemos para o apagar. No final, o chefe estava totalmente exausto e tivemos de o forçar a subir à superfície. Ajudamo-lo a atravessar a câmara de ar. O ar fresco fez-lhe bem, mas, de repente, já não conseguia aguentar mais. Não conseguia sentir nada... Não consegue... não consegue mexer-se, Senhora Roebbling.

– Não se consegue mexer? De forma alguma? – Emily empurrou os homens para chegar à cama. – Wash, consegue ouvir-me?

– Alto e bom som. – A voz dele estava rouca.

– Estás com dores?

– E o Charlie Young? – perguntou.

– Quem é?

– O capataz, minha Senhora – disse um dos homens. – Também o levaram para casa, Senhor.

– Hunter – ordenou Wash –, certifica-te de que está a ser tratado, está bem? Arranjem-lhe um médico.

– Claro, mas...

– Pode ficar só o Mac aqui. Vão em frente.

Os dois homens hesitaram, mas seguiram as instruções do chefe.

Emily estava grata a Mac por ter ficado, mas precisava de falar a sós com Wash. Nunca diria a verdade à frente dos trabalhadores.

– Pode ir pedir um uísque à menina Fraser, Mac? E sal? E água quente e fria? – Mac apressou-se a sair.

– Estás com dores, Wash? – perguntou Emily outra vez.

– Queima, como quando se tem as mãos ou os pés gelados e voltam a aquecer. Por todo o corpo, mas não dói muito.

– Vou ligar ao doutor Warren.

– E que vai ele fazer?

– Washington! – Fechou os punhos. – Raios partam! Dentro de um

minuto vais dizer-me para te Colocar na banheira e paSSar-te água por cima.

Apertou os lábios e fechou os olhos.

– Tens razão.

Mac bateu gentilmente à porta e trouxe o que pedira, depois Emily enviou-o à procura do doutor Warren. Enquanto esperavam por ele, despiu com cuidado o marido, olhando para cada centímetro de pele. Não estava ferido, não estava queimado, tudo era-lhe familiar. Despejou quase toda a garrafa de uísque numa tigela, pegou num pano macio e esfregou a roupa com uma mistura de álcool e sal. Pelo meio, deu-lhe alguns goles de uísque, que tinha misturado com água quente. A mãe dela tinha feito isto com a velha avó de Emily quando esta ficou acamada. Colocou-lhe um pano quente e húmido na testa e sobre os olhos, que o marido se recusava a fechar. Wash gemeu baixinho.

Quando o médico chegou, acenou com a cabeça em concordância com o tratamento de Emily, ouviu os batimentos cardíacos de Washington e pediu a Emily para massajar as mãos e os pés do marido. Assim o fez. Os movimentos constantes faziam-lhe bem.

Wash respirou alto. De repente, fechou os dedos à volta dos dela.

– A sensação está a voltar.

– Não encontro nada de errado, Senhor Roebeling. O coração pulsa forte, os pulmões soam bem... – O doutor Warren voltou a colocar o estetoscópio na mala, sentou-se ao lado de Washington à cabeceira da cama e permaneceu lá durante as horas seguintes.

Emily vestiu um pijama ao marido e foi buscar café à cozinha. Lá, a menina Fraser e Mac estavam sentados à mesa a tentar manter Johnny ocupado. O rapaz, é claro, tinha percebido que algo estava errado quando acordou. Por aquela altura, já eram sete e meia. Emily pegou-lhe pela mão e levou-o para que pudesse ver – por breves instantes – que o pai estava bem.

A paralisia continuou a diminuir e, a dada altura, o médico pediu-lhe que se sentasse e depois para se levantar.

– Estou a sair-me bem – disse Wash. – Sinto-me só um pouco fraco de pé.

– Deve Comer qualquer Coisa.

Assim, tomou o pequeno-almoço na cama, ovos e pão, que manteve com ele sem dificuldade. Depois disso, andou para trás e para a frente mais algumas vezes. O médico continuou a vigiá-lo.

– Ainda sem dor?

– Não.

Por volta das nove, tocaram à campainha. Mais tarde, Mac subiu as escadas. Cada degrau parecia ser difícil para ele.

– Chefe, peço desculpa – disse.

Wash respirou fundo a temer o pior.

– O fogo ainda não apagou – continuou Mac. – Ainda está a arder no telhado.

Wash gemeu.

– Vou já.

– Não! – Emily empurrou-o de volta para a cama.

Puxou-a para ele e Emily sentou-se ao seu lado.

– Tenho de ver, Emmie. O fogo pode arruinar tudo. A ponte inteira está em perigo.

– O Mac pode fazer isso.

– Bem, sabes... – disse ele.

– Não pode. Desculpe-me, Mac.

O escocês abanou a cabeça em alívio. Não queria assumir essa responsabilidade.

– Terei de ver com os meus próprios olhos, Emmie.

Tinha lágrimas nos olhos. Obviamente, não tinha grande escolha, mas podiam tentar o destino assim?

– Então, vou contigo – revidou ela.

– Nem pensar. Já te disse que nunca mais te levava.

– Pelo menos até ao estaleiro de Construção, Wash, vou até ao estaleiro. Caso contrário, vou amarrar-te aqui. Doutor Warren, ajude-me! Venha também, por favor.

O médico levantou-se e vestiu o Casaco.

– Não se preocupe, não vai a lado nenhum sem nós.

A Cabeleira loura-escura de Washington desapareceu na câmara de ar. Somente Mac estava com ele. Emily e o doutor Warren tiveram de permanecer na superfície.

– Agora o Inferno está realmente a comê-lo – sussurrou ela. A escuridão do Inferno.

– É mais perigoso voltar a subir – corrigiu o médico.

– Isso é suposto tranquilizar-me? – repreendeu-o.

O doutor levantou as suas mãos na defensiva.

– Desculpe, doutor, estou tão assustada.

Tinha-se tornado uma manhã clara, o sol de dezembro estava a mostrar-se pela primeira vez numa quinzena. Naquele dia, pensava, Brooklyn poderia usá-lo. Até Emily poderia servir-se dele, estava gelada até aos ossos. Um bando de gaivotas circulava sobre o East River, enchendo-o de grasnidos contra um corvo que tinha voado demasiado perto delas.

C. C. Martin apressou-se a passar por eles.

– Bom dia, Senhora Roebeling.

Um operário segurou o chapéu.

– Bom dia!

Outro olhou-a de cima a baixo e depois olhou para ela de forma ambígua. Não... de forma bem clara. Emily olhou para trás chateada até que ele continuou o seu caminho a sorrir.

O Coronel Paine apoiou-a brevemente, mas percebeu que não podia iniciar uma conversa. Emily só queria saber se ele tinha estado lá em baixo esta manhã, o que ele negou.

O assobio familiar fez-se ouvir e a aba abriu-se outra vez. Tinham passado só alguns minutos. Teria Wash voltado a subir? Teria voltado a cair? Mas não, ficou de pé, embora não tão confiante como de costume, a parecer-se mais com um velhote desgastado. Tinha a cara chupada e rangia os dentes. Farrington e o fiel Mac ficaram atrás dele, prontos a apoiá-lo ou a apanhá-lo. Emily quis aproximar-se, mas o doutor Warren segurou-a pelas costas do braço. A alguma distância, ouviram.

– Temos de o encher de água – disse Wash a Farrington.

– Tem a certeza, chefe?

– Devia ter tido a certeza muito mais cedo. Mac, vai chamar o Serviço de bombeiros.

De repente, tudo aconteceu. Acionaram um alarme para tirar os restantes trabalhadores do caixão para a superfície. Contaram--nos três vezes para garantir que ninguém ficava lá em baixo. Brooklyn acordou com as sirenes de incêndio, os trabalhadores dos cais e dos *ferries* paravam para ver, espantados, alguns até tinham corrido ao local.

– Estão todos mortos – gritava-se, e Emily quase conseguia ver a notícia a espalhar-se.

– Não, presos no caixão – gritou um segundo. – Sabotagem, talvez alguém dos *ferries*...

– Saiam do caminho! Os bombeiros! – gritou um terceiro que, por fim, tinha razão.

Todos os carros que Brooklyn podia reunir pareciam estar a chegar e, no rio, um barco de bombeiros serpenteava pelo tráfego matinal com buzínadas repetidas. Enrolaram e desceram as mangueiras através da câmara de ar, enquanto os curiosos se separavam e voltavam a juntar, como bandos de aves, para não perderem nada. Apareceram também polícias, tentando empurrar as pessoas para trás.

– Bom dia, Senhora Roebling.

Thomas Kinsella, é claro. Cumprimentou-o, ausente.

– Presumo que nem todos estão mortos, nem a companhia de *ferries* é

responsável por uma sabotagem?

O doutor Warren olhou para ele, estupefacto.

– É o que se ouve dizer – esclareceu Thomas Kinsella. Emily sentiu-o a olhar para ela, mas naquele momento não podia. Não conseguia tirar os olhos de Wash.

Kingsley apareceu, mesmo que fosse conhecido por nunca sair de casa antes das três da tarde. As olheiras dele eram tão grossas que faziam parecer os olhos minúsculos. O presidente da Câmara de Brooklyn abria caminho através da multidão.

– Nem se consegue ver um incêndio nisto – disse o doutor Warren, incrédulo.

– Dececionante, não é? – Thomas Kinsella bateu com a caneta no bloco de notas. – O que é suposto escrever? Ninguém vai acreditar em mim.

– É semelhante a um acidente de mineração – murmurou o doutor Warren e Thomas Kinsella tomou nota de imediato.

Uma mangueira rebentou e apareceu um arco-íris cintilante. Wash ia e vinha, comandando e questionando, instruindo e proibindo. Depois de falar com Kingsley, ficou ainda mais pálido. Emily observava cheia de nervos o que estava a acontecer. Iria ao encontro do marido assim que mostrasse qualquer sinal de fraqueza, independentemente do que as pessoas pudessem dizer e levá-lo-ia para casa. A certa altura, Wash andava tão perto dela que Emily lhe tocou na manga. Pareceu demorar um momento ou dois a reconhecê-la... Depois, sorriu e deteve-se.

– Não te preocupes – disse-lhe. – Temos trinta e oito mangueiras lá dentro. São trinta mil litros por minuto... o que significa que a água está a subir mais de quarenta e cinco centímetros por hora. Ainda falta um pouco, mas estamos no bom caminho.

Washington sabia que os números a tranquilizavam.

– Mas o fogo continua a arder durante tanto tempo, Coronel? – perguntou Thomas Kinsella.

Wash assentiu, feroz.

– Está no telhado do CaiXão e isso é a última CoiSa que a água alcança, claro.

– Quando é que se vai poder voltar ao trabalho?

– Faz as melhores perguntas, senhor KinSella. Demorará algum tempo.

O CaiXão absorveu mais de cinco milhões de litros de água, que se iriam manter lá dentro durante os dois dias seguintes. Levou mais de 24 horas até Wash voltar a casa. Emily despiu-o e ele estava de tal modo abatido que adormeceu inquieto, mas dormiu. Observou-o, ao lado dele, puxou-lhe as mantas para o tapar quando se virava, abriu-lhe com gentileza as mãos quando o viu cerrar os punhos e afagou-as. Quando acordou, o marido deixou-a esfregá-lo outra vez com uísque, mas garantiu-lhe que não estava a sofrer.

– Conta-me o que aconteceu. – Emily massajava o corpo de Wash com vigor e regularidade. – Tomaste todas as precauções contra o fogo, não foi?

De facto, tinham ocorrido alguns pequenos incêndios no CaiXão durante o verão. Eles próprios tinham sido capazes de os extinguir, ninguém tinha sofrido qualquer dano, nem tinham tido de chamar os bombeiros. Depois disso, Wash tinha mandado instalar tubos de vapor e adquirido mangueiras e extintores que podiam funcionar com alguma pressão. Havia também sempre dois homens a vigiar as lâmpadas.

– Mais uma vez, algo a que outros chamariam acidente – disse Wash amargamente. – Mais uma vez, um erro humano.

Um trabalhador tinha colocado uma pequena Caixa na segunda câmara do CaiXão, num sítio relativamente fresco e seco, ao nível dos olhos, onde guardavam as suas refeições. Muitos homens comiam lá durante o intervalo, para não terem de fazer a subida e descida extras. No final do turno, o senhor quis levar a Caixa vazia e a garrafa de bebida para casa com ele e, para ver melhor, levantou a vela. Naquele mesmo local – mais uma vez, não era um acidente, mas sim um erro –, uma das juntas do telhado de madeira não estava preenchida com argamassa de



cimento, como todas as outras, em vez disso, a estopa ficara pendurada.

– Que é isso? – perguntou Emily.

– A estopa? É um recheio feito de fibras de cânhamo ou linho. Também lhe enfiamos algumas redes de pesca antigas. Torna tudo ainda mais denso.

– Soa inflamável.

– Só se não estiver coberto com argamassa. – Wash suspirou. – De qualquer modo, ninguém reparou no início e, depois, quando o fizeram, entraram imediatamente em pânico e fugiram. Cerca de oitenta pessoas estavam lá em baixo naquela altura e pelo menos metade delas não tinha ficado lá muito tempo.

Primeiro, tentaram atirar água e lama para o buraco em chamas, que não era maior do que um punho, mas que já era profundo. Depois, tentaram com o vapor e os extintores, mas nem sequer o dióxido de carbono altamente concentrado conseguia conter o fogo. Assim que desligaram os aparelhos, as chamas reacenderam-se. Além disso, o ar comprimido estava a escapar para cima. Farrington ficou com a tarefa de fazer buracos no teto, por mais absurdo que parecesse, porque tinham de descobrir a que altura o fogo chegava. Não se via nada a uma altura de cerca de um metro.

– Era tão surreal – descreveu Wash. – Continuámos a deitar água para o telhado e nada. Não se conseguia cheirar o fogo porque as lâmpadas já soltavam fumo e cheiravam mal. A dada altura, não se podia ver chamas, nem se podia ter a certeza se ainda estava a arder e a devorar a madeira mais em cima.

Washington tinha mantido alguns dos homens com ele e mandado os outros de volta ao trabalho habitual. Farrington tinha sido o primeiro a sugerir que enchessem de água todo o caixão, mas Wash não o quis admitir na altura.

– Devia tê-lo ouvido, mas só conseguia pensar no tempo que nos custaria e que seria perigoso, porque não sabíamos se conseguíamos equilibrar a pressão do ar e da água. Às três horas da tarde, a água tinha

Começado a sair pelo teto – continuou a contar –, o que significava que estava completamente cheio de água e que o fogo estava apagado.

Emily limpou-lhe com cuidado o líquido salgado do corpo.

– Depois, houve a questão das pedras debaixo do poço de água. Se...

– Pai! – Johnny entrou a correr na sala. Depois, deteve-se abruptamente e enrugou o nariz. – Cheira mal aqui dentro.

– Vem cá. – Wash sentou-se um pouco e Johnny saltou sobre ele.

Emily deixou os dois sozinhos, levou as toalhas para a casa de banho para lavar mais tarde e foi para a cozinha onde Agnes se tinha juntado a Mac e à menina Fraser. O que havia entre eles era inconfundível, a familiaridade era palpável, mesmo que tentassem arduamente não a demonstrar, não com o Senhor Roebling lá em cima...

– Como está o chefe? – perguntou Mac.

– Muito bem, mas tem de repousar uma semana.

– Mac também, Senhora Roebling – acrescentou a empregada.

Assustada, Emily olhou para o escocês, mas ele negou de imediato.

– Dormi maravilhosamente bem ontem à noite.

– Como correram as coisas lá em baixo, Mac?

Pôs as mãos sobre a mesa e esfregou-as para trás e para a frente na superfície. Depois levantou os olhos.

– O seu marido fez um trabalho sobre-humano, Senhora Roebling. Penso que vai demorar algum tempo até ele próprio perceber isso.

Brooklyn, dezembro de 1870

Duas Semanas mais tarde, o caixão tinha chegado à profundidade final. O trabalho nas torres fora interrompido porque ficara demasiado frio e caíra uma camada grossa de neve. Tinham colocado 11 filas de pedras umas sobre as outras, protegidas da água do rio por uma ensecadeira. Os trabalhadores relataram um cheiro forte de terebintina que parecia sair do caixão e apareceram bolhas castanhas enferrujadas entre as vigas de madeira. Ácido pirolenhoso. Ambas as ocorrências levaram ao receio de que a operação de combate ao fogo, afinal, não tivesse sido bem-sucedida. Farrington foi instruído a fazer outra vez furos, duzentos em várias áreas, e descobriu que o fogo tinha transformado grandes secções da madeira de pinheiro no telhado de carvão vegetal. Em altura, os danos foram limitados, mas na horizontal, o fogo tinha-se alastrado vigorosamente.

A melhor solução, decidiu Wash, era argamassa de cimento nos buracos, que logo se espalharia. Cada vez que Wash chegava a casa, estava quase congelado e a suar ao mesmo tempo. Emily pegava no uísque e no sal e, por vezes, num óleo e massageava-o até adormecer.

Muitas vezes, a mãe tinha dificuldade em manter uma expressão calma perante Johnny. Foi um alívio quando o irmão e Lily se mudaram para Brooklyn, pois GK tinha acabado de trabalhar numa das pontes sobre o Mississippi e fora transferido. Lily gostava de ficar com Johnny durante algumas horas e, depois de algum tempo, até ele gostava de passar a noite com ela. Emily sentia falta do pequeno, mas as coisas iriam melhorar em breve. Tinham de melhorar.

Mesmo as visitas regulares das senhoras de Brooklyn lhe resultavam bastante cansativas naqueles meses. Emily contentava-se só com a fiel senhora Elizabeth Adams. Recebia-a às terças-feiras. Daquela vez, a senhora Adams trouxe uma jovem senhora com ela que se apresentou como Alva Erskine Smith de Manhattan.

– A senhora Smith regressou de Paris no início deste ano – disse a

Senhora Adams em francês. O sotaque nova-iorquino era inconfundível, mesmo numa língua estrangeira.

Alva Smith pegou na mão de Emily e iluminou-se-lhe o rosto.

– A Senhora Adams tem estado a delirar comigo sobre si e as pontes do seu marido. Tive de ir ver os desenhos no escritório da Fulton Street. Adoro arquitetura.

Emily conduziu-as para a sala de visitas.

– Que bom ver alguém do outro lado do rio tão entusiasmado com o que estamos a fazer.

Alva juntou as palmas das mãos, enfatizando cada sílaba.

– Ab-so-lu-ta-mente. Tem alguma dúvida? Nós em Manhattan estamos felizes de que o caminho para Brooklyn se vá tornar mais fácil!

– Acha? – No entanto, quase nunca ninguém se tinha perdido por ali.

Alva olhou para elas, ingénua.

– Se as pessoas atravessarem mais depressa, teremos mais espaço em Manhattan outra vez.

Emily teve de se rir em voz alta e sentiu como isso lhe fazia bem. Alva, pelo menos, estava a ser honesta.

– O seu marido é um génio – exclamou Alva. – Terei a honra de o conhecer pessoalmente um dia?

– Wash não pensa assim. Que seja um génio – acrescentou Emily rapidamente, porque, com certeza, gostaria de conhecer aquela jovem entusiasta. Alva não era nada diferente dela mesma, de cabelo escuro, com sobrançelas elegantes e uma expressão viva. Contudo, dez anos mais nova. – Irá dizer que não é o pai e que, portanto, não é um génio, só um trabalhador empenhado e com uma boa cabeça para os números.

– Insisto – disse Alva. – É um génio.

A Senhora Adams bebeu um gole de chá.

– A Senhora Smith e eu conhecemo-nos num evento da ANSM.

Emily conhecia a sigla: Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres.

– Está interessada no movimento Sufragista? – perguntou-lhe Emily, surpresa.

A Senhora Adams inclinou-se tão rapidamente para a frente que os ossos de baleia do espartilho rangeram.

– A propósito, ainda não lhe agradeço.

– Pelo quê?

– Por me mostrar como é importante que nós mulheres possamos votar.

– Não podia estar mais de acordo – disse Emily. – Mas...

– A Senhora Adams adorou a viagem – disse Alva. – Ver todas aquelas pontes maravilhosas.

– Abri-me os olhos, minha querida – concordou a Senhora Adams. – O meu marido revira os olhos quando menciono o direito de voto, mas todos os homens o fazem, não é verdade? Está na hora de nos envolvermos todas.

– É claro – afirmou Emily.

Tinha ficado maravilhada com o facto de uma viagem de comboio poder ter tal impacto, mesmo que a ligação entre as duas questões lhe fosse desconhecida.

– Então, venha à próxima reunião. – A Senhora Adams olhou para ela com entusiasmo.

Emily imaginou como iria contar a Wash que a esposa se tinha tornado uma sufragista. Iria rir-se e gozar um pouco com ela. Tinha saudades do humor dele, daquele seu tom gentil, porém gozão.

Wash regressou tarde naquela noite. Johnny estava com Lily, por isso arrastou Emily com ele para a cama. Ficaram ali deitados, vestidos, ela com a cabeça no peito dele, enquanto Wash olhava para o teto. A jovem conseguia ouvir-lhe o coração a bater. Quando o marido deixou de lhe acariciar as costas, olhou para cima. Tinha adormecido. O vinco entre os olhos dele tinha-se aprofundado ainda mais, lembrando-lhe o sogro. Tinha-o visto dormir tantas vezes quando tinha o rosto descansado e os

lábios tão macios que ela nem ousava beijá-lo... mas naquele dia, mesmo durante o sono, permanecia tenso, rijó.

Só na manhã seguinte é que ele lhe disse que a argamassa no telhado não tinha ajudado. Grandes partes da madeira teriam de ser substituídas e isso levaria dois a três meses.

O Natal estava a aproximar-se. Emily fez um grande esforço para organizar uma bela celebração a Johnny. Comprou uma árvore de Natal algum tempo antes da festa. Em Cold Spring, os Warren costumavam colocar a árvore no canto da sala rodeado de janelas por todo o lado e de frente para a rua. Qualquer pessoa que não pudesse pagar pela própria árvore de Natal ou que nem sequer conhecesse a tradição passava à janela e admirava as luzes do exterior, alguns eram convidados a entrar para uma bebida ou chocolate quente. O pai dela sempre tinha gostado de ter muitas pessoas à volta. Emily lembrava-se exatamente como era sentar-se no sofá, embrulhada num cobertor, a olhar para a árvore.

Emily bateu à porta do escritório de Washington e entrou. O marido tinha a cabeça inclinada sobre longos cálculos, foi até ele e beijou-lhe a parte de trás do pescoço, que cheirava a rio.

– WasHy?

– Hm?

– Preferes passar as férias sozinho, comigo e com o Johnny? Ou deveríamos convidar a Fanny, o George e as crianças? E o GK e a família?

Endireitou-se e encolheu os ombros.

– Como preferes.

Essa era a resposta para tudo naquela altura: «Como preferes.» Não se preocupava com nada que não tivesse que ver com argamassa de cimento e madeira de pinho. Por isso, era melhor ter o maior número possível de pessoas em casa, para que não se notasse demasiado. Escreveu para Trenton e convidou os dois irmãos, assim como Elvira e o marido. Charles estava prestes a terminar os estudos e Ferdinand queria começar com o lado técnico da fábrica de cabos logo após a festa. Os dois solteiros estavam ansiosos por ter uma boa refeição e ver a família.

Emily tinha pedido à menina Fraser para Convidar o irmão e Mac, Claro. Lily e o Cada vez mais gago GK só chegaram ao Segundo dia, no dia do Natal, trazendo Sydney, que se integrou de imediato no bando de Crianças Selvagens. Cheirava a abeto e a Canela.

Emily encheu o prato do irmão com bolo de frutas e natas e ficou Surpreendida ao ver a mulher desviar-lhe o prato com um olhar de lado para Emily.

– Sou diabético – sussurrou GK num momento de silêncio – e a Lily cuida de mim. Eu próprio tento pensar no assunto, mas esqueço-me.

– E é perigoso? – perguntou-lhe ela.

– Seria se não fosse a Lily.

Emily apertou-lhe suavemente o braço.

– Sabe-se alguma coisa sobre Five Forks?

– Não quero falar sobre isso. Vamos antes jogar às cartas.

– Oh, tens de falar com o Wash então, adora jogar às cartas e faz batota como um profissional, por isso, tem cuidado.

– Lembro-me muito bem disso na guerra. Não te preocupes, vingarme-ei.

Emily esteve ocupada durante as férias não só a entreter os convidados – Elvira quase não comeu nada por causa de uma doença de estômago de longa data e estava a sentir-se mal – mas também a manter um olho em Wash. Tinha-o proibido de ir ao estaleiro e ele tinha-a escutado. Ao segundo dia, mostrou os primeiros sinais de relaxamento. Primeiro, deixou-se persuadir a jogar uma rodada de canastra, depois até se sentou ao piano. Emily adorava vê-lo assim, com as costas direitas e a cabeça inclinada. Especialmente quando estava a tocar Wagner, como naquele momento. Ergueu a cabeça e olhou para ela com um sorriso. Podia quase sentir todos os pensamentos dele sobre a ponte e o Caixão a desvanecerem enquanto deixava fluir as notas.

No entanto, mesmo antes do início do novo ano, a paz acabou. Depois, em meados de janeiro, chegou uma carta de Charles, escrita com o papel

timbrado da companhia. Emily abriu o envelope.

*«Caro Washington, cara Emily, é muito difícil para mim dizer-vos que Elvira morreu ontem à noite.»*

Emily afundou-se no sofá do átrio. A úlcera de Elvira tinha rebentado, escrevera Charles, assegurando-lhes que não tinha sofrido durante muito tempo. Outro funeral. Elvira, a calma e amável Elvira, tão parecida com a mãe, que tinha apreciado tanto o seu casamento tranquilo após uma infância conturbada. Outro cemitério, outra sepultura. Wash chorou no ombro de Emily e depois envolveu-se mais uma vez e mais profundamente na reparação do caixão para a ponte.

No início de março, pediu a Emily que revisse o relatório dele para a Bridge Company. O olhar dele demonstrava exaustão e, enquanto Emily se sentava à secretária a ler, adormeceu na poltrona. Foi só com aquele relatório que ela percebeu pela primeira vez em muito tempo o que se estava a passar lá em baixo com exatidão. Quando tinham removido toda a argamassa, ficara claro que o fogo tinha chegado muito mais fundo. Algumas vigas permaneceram intactas, outras queimadas parcialmente.

Devia estar relacionado com as correntes de ar que zigzagavam pela madeira, descrevia Wash. Tudo o que estava danificado fora serrado e limado e substituído por madeira nova. A argamassa de cimento selara tudo, daquela vez, da forma adequada. Com aquelas obras, o interior do caixão tinha ficado mais quente outra vez, 32 graus em média. Em tais condições, os homens desbravavam buracos e túneis pouco mais largos do que eles próprios, raspando carvão vegetal, e não se preocupavam muito com as massas de madeira e água que encontravam. Com demasiada frequência, Washington tinha de intervir por alguém que não se tinha entregado ao trabalho pesado. Tinham utilizado parafusos longos e mais pesados para juntar madeira velha e nova e tinham-nos aparafusado com ângulos de ferro. No final do relatório, Wash salientava que tinham passado a existir 11 camadas completas de madeira não danificada sobre as camadas reparadas e que as áreas reparadas estavam mais seguras do que nunca. Além disso, não tinha havido feridos graves e nenhuma morte, ao contrário do que acontecera com Eads. Ele próprio



continuava a ter plena Confiança nos Seus trabalhadores.

Emily só encontrou alguns erros, fruto do descuido, e, se não fosse por isso, o relatório estaria perfeito. Conciso, mas compreensível. Se ele dizia que acreditava que tudo estava seguro, sabia que estava convencido disso. Wash não era o tipo de pessoa que queria só tranquilizar e acalmar os ânimos, não quando se tratava da ponte. Tinham perdido muito tempo, mas o problema estava resolvido.

Poucos dias depois, limparam o caixão. Mac falou-lhe sobre isso. Todas as ferramentas e equipamento tinham sido transportados para a superfície e todos os cantos e recantos foram inspecionados. Depois, encheram as seis câmaras vazias do caixão de Brooklyn com betão, de modo que o espaço de trabalho oco, por fim, se tornou a fundação da ponte. Ninguém ficaria desapontado, disse Mac, se conseguissem poupar tempo do outro lado. Todos eles eram leais ao Coronel Roebling.

Manhattan, Nova Iorque,

maio de 1871

Os jornais celebraram a conclusão da fase de construção, que tinha demorado dez meses, em vez de três, como previsto, e elogiaram o relatório de Washington, impresso na totalidade pelo *Eagle*. Num longo artigo, Thomas Kinsella delirava sobre o heroísmo de Washington. Por experiência própria, o jornalista sabia muito bem que «*a candeia acesa não se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos os que estão na casa*», isto é, devia passar a mensagem. Dizia que as aventuras do Coronel Roebbling e dos seus dois mil e cinco homens sob as águas do East River eram tão legíveis como a emocionante história vinda da caneta de um romancista. Referia-se, com certeza, ao livro das *Vinte Mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne, que tinha apaixonado os Estados Unidos no ano anterior.

Nas cartas à redação, as pessoas expressavam o desejo de ver por fim algum progresso à medida que a torre crescia. Superavam-se com os sonhos de como um edifício quase sagrado subiria acima do rio, como Nova Iorque se tornaria finalmente a maior e mais importante cidade do mundo e como Manhattan já não seria conhecida apenas pela sua ganância e pelos políticos corruptos, famosos em vez de infames.

A 8 de maio, lançaram o Caixão de Nova Iorque. Da última vez, tudo tinha corrido tão bem que a Bridge Company quis fazer do lançamento uma celebração oficial, com champanhe e discursos.

— Só faltou a banda — murmurou-lhe Wash ao ouvido enquanto ainda estavam no Caixão e retiravam os últimos blocos sobre ele. Kingsley tinha trazido a esposa. O governante, que gostava de gozar com Emily, com alguma certeza não tinha conseguido contrariar os apelos da esposa para poder estar presente no memorável evento. Tinha as ancas e o sorriso largos e, na verdade, parecia muito agradável.

Emily puxou pelo braço de Washington para que se inclinasse para ela. BaiXinho, imitou a música de uma marcha ao ouvido dele. Aí estava a banda! Wash riu-se e a mulher deu-lhe um beijo na bochecha de barba

apara-da.

Contudo, aquele Caixão não opôs resistência quando Caiu na água Como o anterior. Originou uma onda tão grande quando atingiu o rio que encharcou os homens no Convés dos rebocadores que aguardavam pela imobilização. Um pequeno barco a remos, no qual uma família observava o lançamento, virou-se e os seis tripulantes tiveram de ser resgatados.

A Bridge Company e algumas celebridades políticas locais reuniram-se depois na Casa de Contagem do estaleiro e juntaram-se à Webb & Bell num brinde ao lançamento desafiadoramente bem-sucedido.

– Aos pioneiros da Construção da ponte – gritou Henry.

– Coronel Roebling, um discurso! Um discurso – gritou Kingsley.

– Um discurso – gritou a Senhora Adams.

No entanto, nenhum conseguiu persuadir Wash, que só acenou. Nem as ameaças nem o encorajamento o fizeram pronunciar-se.

Embora Emily estivesse atenta, Kingsley apanhou-a uma vez sozinha.

– Suponho que devíamos ter-lhe pedido para fazer um discurso, não é? À Senhora Roebling e ao pequeno Washy, que fica por baixo todas as noites?

Emily olhou à volta em frenesim. Onde estava a esposa dele? A Senhora Kingsley estava a olhar – intencionalmente ou não – numa direção completamente diferente, enquanto falava com C. C. Martin.

– Com licença – disse Emily à pressa e tentou passar sem lhe tocar.

– Mas é claro – respondeu-lhe, dando, no entanto, mais um passo na direção dela. – Oh, desculpe-me.

Kingsley sorriu-lhe ambíguo, com prazer no olhar.

Ficou aliviada quando voltou para o lado de Wash e sentiu o coração pouco a pouco a acalmar.

Tal como a Senhora Adams se envolveu com a questão das mulheres, Fanny começou a dedicar-se aos desfavorecidos, juntando-se a comissões e trabalhando em sopas dos pobres. Emily continuou a prometer envolver-se e estava a falar a sério, mas depois Wash precisava

outra vez de ajuda ou só de atenção. Por muito que o amasse, a vida dela estava a tornar-se cada vez mais uma vida que não queria: sentada em casa à espera de um homem que nunca sabia quando vinha. Não ridicularizava nenhuma mulher só por estar lá pela sua família, mas para a própria Emily ter essa vida não era tão simples. Se não tivesse sido capaz de apoiar Wash no trabalho desde o início, teria procurado outro emprego, quer fosse um movimento de mulheres, um orfanato, alimentar os pobres ou qualquer outra coisa onde a ajuda das mulheres fosse bem-vinda.

Um dia, seguindo o impulso do momento, participou numa reunião da Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres com a Senhora Adams e Alva Erskine Smith.

– Não vamos estar reunidas oficialmente no Gabinete da Mulher esta semana – explicou Alva pelo caminho – e também não estarão presentes as duas fundadoras, Susan B. Anthony e Elizabeth Cady Stanton, que estão na capital como tantas outras vezes.

– Que estão a fazer lá? – perguntou Emily.

– A discutir. A formar Comissões do Congresso. A avançar com a causa.

– Vai falar conosco – continuou a Senhora Adams – uma tal Victoria Woodhull, apesar de não fazer parte da associação. É por isso que fomos convidadas a ir até à casa dela.

O local de encontro era um escritório perto de Wall Street, que tinha um ar muito desorganizado com um estilo interior antiquado e poeirento, pinturas a óleo, estátuas e mobiliário de veludo. Emily esperava mais modernidade, pois todas elas eram mulheres modernas.

– Esta é a agência imobiliária da Senhora Woodhull – sussurrou Alva.

– Ela e a irmã trabalham na bolsa de valores.

Enigmática, Emily olhou à volta.

– Isso é permitido?

Alva sacudiu a cabeça e riu-se.

- Também quer ser presidente.
- Que tipo de presidente?
- Dos Estados Unidos, é claro.
- InCrível.
- Porquê? – perguntou Alva de volta.

Antes de que Emily pudesse responder ou mesmo pensar, foi reconhecida por duas outras mulheres do círculo de Brooklyn, sentadas de forma confortável e com chávenas de chá e bolachas, acenando-lhe para se juntar a elas.

A sensação de acolhimento desapareceu rapidamente quando Victoria Woodhull começou a discursar. No início, Emily só conseguia olhar para o penteado curto dela. Que bem lhe assentava! Será que ficaria bem nela?

A Senhora Woodhull expôs com aquela sua voz agradável, mas ao mesmo tempo determinada, sobre todas as pessoas serem iguais, fossem pobres ou ricas, filhas de empresários ou prostitutas.

– Mais, as prostitutas, em particular, têm frequentemente mais espírito empreendedor do que o filho mimado de um barão ferroviário – sublinhou.

Os abortos deveriam ser legais, a fim de aumentar as hipóteses de as mulheres terem uma vida autodeterminada. Isso aplicava-se não só às prostitutas mas também às senhoras presentes, para que todas aquelas que assim o quisessem pudessem procurar um emprego. Além disso, teria de ser estabelecido um sistema de bem-estar social para pôr fim ao capitalismo. Os negros, fossem mulheres ou homens, deveriam ter direito ao voto. Primeiro, houve sussurros, depois, uma mulher interrompeu-a.

– Isto está a ir longe demais. Esta não é a nossa linha. Não conseguiremos nada aqui com os seus *slogans* comunistas, pelo contrário, estabeleceremos boas relações com parisienses muito rapidamente.

Emily não sabia o que tirar de tudo aquilo. É claro que as mulheres precisavam de direitos – os mesmos que os homens. Mas as prostitutas? Abortos? Nunca tinha realmente pensado nisso antes. Meia frase, porém,

permaneceu na Sua mente: *para todas as mulheres que assim o quisessem pudessem procurar um emprego...*

A Senhora Adams, por outro lado, que falou repetidas vezes, acabou por ser quase tão radical como a oradora. Há apenas alguns anos, tivera medo de estar no caminho dos homens na viagem às Cataratas do Niágara.

O fundo do rio no lado de Nova Iorque era muito diferente do de Brooklyn. Muita areia, muito lodo, mais fácil de limpar, mas também os fazia temer que tivessem de ir muito mais fundo. O que aconteceria então aos homens? Não havia volta a dar. Em junho, um *ferry* de Staten Island explodiu e mais de uma centena de passageiros morreu. O presidente da companhia dos *ferries* foi acusado de homicídio involuntário. Quem se teria então oposto a uma ponte?

Emily folheava cada edição do *Times* todas as manhãs.

– Vai haver uma Comissão de inquérito sobre Tweed e os seus negócios – contou Emily, um dia, à menina Fraser. – Encontraram finalmente provas de que ele e os amigos democratas são corruptos.

A Bolsa de Valores, dizia o jornal, estava a ficar com receio de que os europeus retirassem o dinheiro. Nova Iorque, embora há muito considerada lucrativa, estava também submersa na corrupção. Assim, a cidade iria à falência de vez.

– Pode apostar que não vai dar em nada – disse a menina Fraser.

Emily olhou para ela com espanto.

– Como?

– Vão dizer que Tweed e a empresa não têm nada que ver com isso. – A menina Fraser pousou o pão torrado. – E vai de férias de verão e já está. Sem comentários.

A imprensa não parava. Arrancavam das mãos dos jornalistas caricaturas, amargas e perversas, da autoria de Thomas Nast em particular. Em setembro, realizou-se uma reunião dos estados em que a maioria rugiu, exigindo uma segunda volta, pois a menina Fraser tinha razão e tinha ganhado a aposta: o primeiro inquérito não tinha

encontrado culpável Tweed & Co. Foi então convocada uma nova comissão e o *Times* informou que a ponte do East River também seria investigada. Junto com o tribunal e a Northern Pacific Railroad, a ponte era uma das chamadas «Sete maravilhas fraudulentas do Novo Mundo», dizia outro jornal.

Kingsley, como presidente da Bridge Company, foi apanhado no fogo cruzado. Alguém tinha mencionado alguma coisa sobre 125 mil dólares para a avaliação e temia-se que não fosse todo o dinheiro que tinha fluído.

Impaciente, Emily entrou na sala de reuniões onde o consórcio se tinha reunido uma noite. Tinham sido convidados para o aniversário de Fanny e George, e Wash não estava a voltar para casa. Por isso, tinha decidido ir buscá-lo pelo caminho.

– Só posso dizer pela quarta ou quinta vez que os meus assuntos privados não lhe dizem respeito – trovejava Kingsley, batendo no chão com a bengala. Sentou-se apoiando as costas na cadeira e esticando as pernas compridas e ficou a parecer uma alforreca do mar profundo, inchada, sem qualquer tensão corporal. Os olhos dele

recaíram sobre Emily, que se estava a esgueirar através da porta semiaberta. – Além disso, temos coisas mais importantes a discutir. Por exemplo, que não devemos pôr ninguém em perigo. Num estaleiro de construção, o sexo oposto está exposto a demasiados perigos. – Os outros, que estavam de costas para Emily, olharam para ele, questionando-o. Kingsley levantou a bengala e apontou-a na direção de Emily. – Senhora Roebling, só estou preocupado consigo e com o seu filho.

Ao vê-la, todos os presentes se levantaram, à exceção de Kingsley. Emily viu Thomas Kinsella, que tinha estado sentado no canto com uma caneta e um bloco de notas. Os membros da imprensa eram frequentemente admitidos nas reuniões, pelo que não era nada de anormal.

Wash tinha cerrado os punhos ao comentário de Kingsley, mas não

disse nada. Em vez disso, Thomas Kinsella tomou a palavra.

– Muito bem, Senhor Kingsley, em breve voltaremos a ver-nos pessoalmente devido aos Cento e vinte e Cinco...

Mas Kingsley não se calou.

– Nós, homens, Senhora Roebeling, vamos construir-lhe uma bonita ponte sobre a qual poderá passear com um bonito vestido novo e ser admirada pelos seus pares e cavalheiros de Nova Iorque. Até lá...

– Se o Senhor fosse mesmo um cavalheiro, Senhor Kingsley – disse Emily com voz firme –, pelo menos levantar-se-ia quando uma senhora entra na sala.

As gargalhadas de Kingsley ecoaram pela sala.

– Bem, se uma senhora tivesse entrado na sala...

– Senhor Kingsley! – gritou Thomas Kinsella indignado. Os outros também murmuraram.

– Oh, Senhor Kinsella... – disse Kingsley condescendente –, desejo-lhe a si e à senhora Roebeling uma boa noite. Eu tenho realmente problemas maiores.

– Terá, sim – concordou Thomas Kinsella –, quando eu descobrir quem recebeu os Cento e vinte e Cinco mil dólares.

O riso de Kingsley cresceu ainda mais, mas não parecia genuíno. Emily deixou a sala e sentou-se na carruagem lá fora à espera. A mente dela ficou em branco. Porque não a defendera Washington, mas sim Thomas Kinsella? *Se uma senhora tivesse entrado na sala... Desejo-lhe a si e à senhora Roebeling uma boa noite.* Ficou aborrecida com a insinuação descarada.

Ouviu-se bater à porta da carruagem e Emily abriu-a.

– Está tudo bem, senhora Roebeling? – perguntou Thomas Kinsella.

– Claro que sim.

– Kingsley é um grande chato, uma aberração da nossa amada e odiada Gotham... Não o deixe abatê-la. A senhora e o seu marido são ambos da velha raça, cavalheiros da velha guarda deslocados nesta era dourada a construir-nos-ão uma grande ponte.



– Oh! – Endireitou as costas. Era um belo elogio. O facto de lhes ter chamado Cavalheiros resultava-lhe estranhamente agradável.

– Prometo-lhe que nunca lhe porei obstáculos no caminho.

– Obrigada, senhor Kinsella.

– Boa noite. – Fechou a porta.

Uma onda de calor percorreu-a. Thomas Kinsella era um bom homem.

Passou-se algum tempo antes de Wash entrar na carruagem, cansado e pálido. Deveria censurá-lo? Washington tinha de fazer malabarismos e recorrer a táticas para não perder o apoio dos outros homens, mas deveria ter dito alguma coisa.

– Estás preocupado? – perguntou-lhe Emily. – Que acontece se descobrirem que Kingsley ou alguém subornou as pessoas?

– Depois, alguém mancha outra pessoa outra vez e tudo continua como antes. Não penses nisso.

Instalou-se um longo silêncio. Amanhã tratariam do segundo caixão e Wash teria preferido, muito provavelmente, passar a noite no escritório ou no estaleiro à companhia de Fanny e George.

– A propósito, vou entrar para a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres – comentou casualmente. – As mulheres deveriam poder votar e estudar. Deveriam poder comer sozinhas no Delmonico's e ser presidentes.

– Que tipo de presidente? – perguntou Wash, surpreendido.

– Dos Estados Unidos, é claro. Votaria contra Ulysses Grant e colocaria no seu lugar uma mulher.

– Tu, por exemplo?

Emily encolheu os ombros.

– Por exemplo.

Manhattan, Nova Iorque,

janeiro de 1872

O Caiçã de Nova Iorque estava acabado, tinha nove metros de altura e era um metro mais comprido do que o de Brooklyn. O interior estava forrado com placas de ferro finas para o tornar mais resistente ao fogo e ao ar. Por cima, por recomendação de Emily, pintaram-no com tinta branca para o fazer parecer mais brilhante. Os poços de água eram redondos em vez de quadrados, e o Coronel Paine tinha desenvolvido um engenhoso sistema de sinalização depois de não ter havido maneira nenhuma em Brooklyn de transportar mensagens de baixo para cima ou de cima para baixo. O novo sistema funcionava com cordas, tubos e ponteiros, o que Wash descreveu a Emily, porque manteve a promessa de não a levar até ao interior do Caiçã. De qualquer modo, era mais difícil para ela passar pelo estaleiro naquela fase, porque tinha de apanhar o *ferry* primeiro.

Por vezes, Emily e Wash arranjavam tempo para Johnny ficar no cais em Brooklyn e o pai em Manhattan. Depois, Wash a cenava com um grande pano vermelho e Johnny a cenava de volta: via-se um rapazinho de calças curtas e boné, agitando freneticamente outro pano vermelho no ar. Já tinha quatro anos e era um prazer falar com ele e ver o quanto entendia.

– Vou ser engenheiro quando crescer – dizia muitas vezes, embora ainda não conseguisse pronunciar bem a palavra «engenheiro», ainda era muito difícil.

William Tweed já não se conseguia esconder. Até ao momento, tinha respondido a todas as acusações de forma arrogante: «Que vai fazer a esse respeito?» No entanto, tinham conseguido prendê-lo. A desilusão foi grande quando, apesar de uma fiança de vários milhões de dólares, foi libertado com brevidade... Onde tinha conseguido o dinheiro já todos sabiam. Ainda iria celebrar o aniversário com os seus entes queridos, gabava-se contente.

Washington e os trabalhadores, entretanto, removeram o chão temporário onde tinham assentado o Caixão e encontraram montes de terra e lixo no Chão do East River: carrinhos de mão partidos, uma boneca em tamanho real e sem olhos, sapatos e mais sapatos, um anel de ouro, cadáveres de animais meio podres e ainda cadáveres de animais completamente podres. Também havia alguns ossos humanos entre eles. Cheirava mal e o fedor chegou à superfície, pelo que não houve espectadores no local durante algum tempo. Os trabalhadores arranjaram máscaras para evitarem ficar doentes devido aos gases e miasmas no espaço fechado. Wash, durante esses dias, não queria comer nada, exceto cebola seca cozida.

Contudo, faziam descer o Caixão a uma velocidade impressionante e todos os dias viam progressos. Em contrapartida, os casos da doença do Caixão aumentavam a um ritmo alarmante. Wash tinha construído duas cabanas onde os trabalhadores podiam trocar de roupa. Pouco depois, alguns deles fizeram sofás com tábuas de madeira e pediram cobertores para poderem descansar durante algum tempo após o turno.

– Posso arranjar cobertores – disse Emily quando Wash lhe contou. – Também se podia preparar café e chá para eles ou chocolate quente.

– Não estamos a brincar às casinhas, Emmie. São bem pagos pelo trabalho. – Wash quase parecia o pai, mas nem reparou no tom com que falava, absorvido pelos planos. Além do trabalho no Caixão, a torre estava a crescer do lado de Brooklyn e isso mantinha-o ocupado.

Emily apertou os dentes. Cada vez mais o marido se ria dela daquela forma e não conseguia esquecer o seu retraimento na reunião quando Kingsley a tinha humilhado.

Os homens mereciam cobertores quentes e alguns *muffins* ingleses. Agnes e Johnny ajudaram na preparação, que demorou toda a manhã. Depois, Emily e a menina Fraser carregaram-nos numa carruagem e transportaram-nos de barco para Manhattan, a tempo da mudança do turno da tarde.

Washington não devia querer que os trabalhadores fugissem a dada

altura, deitados no frio gelado, cheios de dor ou com paralisias momentâneas, amaldiçoando o patrão. Em Cincinnati, os trabalhadores tinham recebido de bom grado a fada madrinha, a *chefa*. Era assim que a tinham chamado.

– Há muito tempo que não tínhamos tanta atenção feminina – comentou com desprezo um dos operários que as ajudou a carregar os cobertores, o café e os cestos de *muffins* para fora da carruagem.

– Nem sequer recebo tanta atenção da minha própria mulher – disse um segundo.

– E ainda há o médico – respondeu o primeiro.

– Qual médico? – perguntou Emily.

– O chefe chamou um médico porque muitos de nós estamos a cair. Ninguém quer ser examinado.

A menina Fraser hesitou quando chegaram à cabana.

– Mac é um tipo decente – sussurrou ela a Emily –, mas e os outros? Valem alguma coisa ou vão troçar de nós?

– Haverá com certeza uma ou duas insinuações estranhas – advertiu Emily. Nem sequer tinha reparado no facto de que estava muito mais habituada a tais ambientes do que a empregada, mas era provável que se fossem comportar perante a mulher do patrão e a sua escolta. – A maioria deles não tem mais de vinte anos. Não se preocupe, menina Fraser.

O espanto delas foi ainda maior quando foram ignoradas. Cerca de 50 homens apinhavam-se contra as paredes. Os dois acompanhantes passaram por eles para deixarem as mulheres entrar no espaço quente, depositaram a carga num canto e cruzaram os braços. Estava tudo calmo, todos pareciam estar à espera. Através de uma fissa, Emily viu o marido no meio da sala sombria, de pé, com as mãos nos bolsos, observando o cavalheiro ao lado a fazer um curativo no dedo de um trabalhador. Baixou-se rapidamente ficando escondida por trás dos ombros largos dos trabalhadores reunidos.

Wash limpou a garganta.

– Ótimo, o doutor Smith já cá está. Estamos a pouco menos de catorze metros de profundidade e suportamos vinte e quatro quilos de pressão até agora. A maioria de nós está a notar os mesmos sintomas de Brooklyn e, como vamos descer um pouco mais fundo antes de chegarmos à rocha sólida, decidi chamar o doutor Smith.

O médico ficou ao lado de Washington e olhou à volta.

– Gostaria de se apresentar, doutor?

O médico limpou a garganta.

– Sou o doutor Andrew H. Smith, nova-iorquino, antigo médico militar, cirurgião e especialista em doenças da garganta no Manhattan Eye, Ear and Throat Hospital. – A voz dele soava alta e segura. Talvez tivesse a idade de Washington, meados dos trinta, e inclinou a cabeça como se estivesse a ouvir alguma coisa. – Tive uma troca de ideias com o médico que trabalha para James Eads em Saint Louis e elaborámos algumas regras que o Coronel Roebling irá ler. Também serão afixadas.

Wash nem sequer teve de ler as novas regras, tinha-as na cabeça.

– Comer sempre antes, de preferência muita carne vermelha. Beber muito café. Vestir-se bem quando subimos e sair rapidamente do ar frio. Vamos montar fogueiras e mais algumas camas de tábuas. Depois de subir, descansar primeiro, de preferência deitado. Beber pouco álcool. – Nesse momento, os homens gemeram, a sério ou como uma piada não era claro para Emily. – Dormir pelo menos oito horas. Ir à casa de banho todos os dias, se possível.

– Além disso – acrescentou o doutor Smith –, nunca devem entrar no caixão se estiverem doentes, ou seja, constipados ou algo do género. Se notarem quaisquer sintomas da doença do caixão, avisem-me imediatamente, mesmo que apareçam quando já estiverem em casa.

– Vamos também encurtar os turnos a partir de agora, para sete horas e meia cada um. Quando chegarmos aos quinze metros, provavelmente passaremos para sete horas.

– James Eads mandou instalar um elevador no poço superior em Saint Louis – disse o doutor Smith. – Vamos considerar isso, para que não

tenham de subir as escadas.

– Têm alguma pergunta? – Washington olhou à volta e Emily baixou-se ainda mais. OS homens à volta dela já olhavam curiosos à procura dos *muffins* perfumados.

Ninguém respondeu. Alguns abanaram a cabeça e bocejaram.

– Se se lembrarem de mais alguma coisa, por favor, digam-me – pediu Wash. – Não podemos construir esta ponte sem vocês. São importantes para nós.

– Obrigado, chefe – murmurou um deles.

Gradualmente, cada vez mais homens se voltavam para Emily e a menina Fraser.

– Que cheira tão bem aqui dentro? – perguntou curioso um trabalhador mais novo.

– Olá, Senhora Roebing – cumprimentou Mac, sorrindo para a empregada. Mesmo na semiescuridão, o rosto vermelho dela era inconfundível.

Emily endireitou-se.

– Trouxemos-lhes alguns cobertores. Talvez os possam guardar nalgum lugar. – OS homens levaram os cobertores e ajudaram a distribuir a pastelaria dos cestos.

Emily olhou para Wash e viu-o sorrir antes de se virar para o médico. Afinal de contas, tinha criado um pouco de atmosfera na *casinha* deles. Só faltava o chocolate quente.

OS homens falavam calmamente sobre as novas regras.

– Não somos cobaias – disse um deles. O médico de Eads em Saint Louis tinha na realidade utilizado animais, pombos e um cão, para ser mais preciso, para estudar como a pressão afetava os órgãos.

– Devia deixar-nos fazer o nosso trabalho – resmungou outro.

– O chefe só quer o melhor para nós – interveio Mac.

– Claro que sim, mas podia poupar o médico. Tudo isto por umas poucas vertigens.

Emily pôs as mãos nas ancas.

– É casado? – perguntou ela a um dos homens mais velhos. – Senhor...?

– Gross, Senhora, Gerhard Gross. – O sotaque dele lembrou-a a família alemã de Washington.

– É da Turíngia?

O rosto dele iluminou-se.

– Erfurt.

– Oh, uma cidade tão bonita. Passámos por ela na nossa viagem pela Europa. Gostei particularmente da catedral.

– Bem, minha Senhora, há vinte anos que vivo em Nova Iorque, mas às vezes tenho saudades de casa. – Vários dos homens que estavam por perto murmuram de acordo. Todos eles ou os pais tinham imigrado não há muito tempo e tiveram de encontrar um novo lar.

– Então, é casado, Senhor Gross?

– Claro que sim. Com uma mulher alemã de Erfurt, genuína.

Emily inclinou a cabeça.

– Ficaria feliz se me apresentasse porque assim podia dizer-lhe que o marido tem medo do médico e não quer ser examinado.

– Bem... então... – gaguejou.

Os outros riram-se.

– E você, Mac? – perguntou Emily por cima de várias cabeças. – Vai fazer um *check-up* para que a nossa menina Fraser possa continuar à espera das suas visitas?

As vozes dos homens cresceram, gozando. Emily tentou não notar a cara corada da jovem. Era um pouco malinha, afinal de contas.

– Absolutamente – revidou Mac, olhando com carinho para ela.

Os homens aplaudiram.

– Doutor – exclamou Gerhard Gross –, serei a primeira cobaia. Quer começar já?

Construíram uma terceira cabana para o médico ao lado das duas existentes, dando-lhe um consultório e aos trabalhadores um quarto extra para descansar após os turnos. Todos foram convocados, incluindo os novos candidatos que se apresentavam ao trabalho. Se alguém tinha problemas cardíacos ou pulmonares, era demasiado velho ou bebia demais, enviavam-no para casa. Aos que foram autorizados a ficar, foi-lhes dado um formulário para entregar a Wash para assinar. Emily estava com frequência pelo estaleiro, à disposição para ajudar o médico, cumprimentar os homens e oferecer-lhes café. Era como em Cincinnati. Conhecia os trabalhadores e brincava com eles quando chegavam cansados do turno. Só alguns aproveitavam a oportunidade para se deitarem, porque tinham de ir para casa tomar conta das famílias e entregar o dinheiro para que a prole pudesse ter alguma coisa para comer. Algumas crianças estavam doentes: a difteria, a tosse convulsa e o sarampo andavam pelos bairros onde viviam os mais pobres e desfavorecidos. Muitos dos homens tinham um segundo emprego, outros eram atraídos para os *pubs*. Uma ou duas doses de bagaço ajudavam tanto contra aquele mal-estar tolo ou os sintomas de paralisia que nem o médico conseguia explicar, quanto mais curar... A bebida animava o espírito.

Só uma vez, Emily conseguiu persuadir Washington a ir fazer um *check-up*. Como chefe, era suposto dar o bom exemplo. Continuava pálido quando vinha à superfície e, uma vez, quando lhe pegou na mão, tinha os dedos quentes e enrugados, como se tivesse estado demasiado tempo no banho.

– Alguém alguma vez lhe contou – disse ao doutor Smith enquanto este o auscultava – que não se consegue assobiar lá em baixo?

– Assobiar? – O médico deu-lhe uma palmadinha nas costas. – Interessante, mas não me surpreende. É preciso respirar com mais força e mais depressa e não se pode acumular tanta pressão.

– Já alguma vez esteve lá abaixo, de facto? – perguntou Emily, entregando-lhe um pano.

O doutor Smith acenou com a cabeça.



– Duas vezes. Descobri que o peito se expande o dobro do que aqui em cima.

Não fazia experiências com animais, mas consigo próprio. Contudo, as semanas passavam e ele não podia fazer mais nada senão tratar os homens quando estavam indispostos e tomar notas pormenorizadas. Quanto mais fundo escavavam, mais casos se amontoavam. Muitos disseram que queriam voltar diretamente para baixo quando ficavam mal. Não era heroísmo, mas uma solução simples: afinal de contas, no caixão, as queixas desapareciam. Só que, infelizmente, não podiam passar a noite lá em baixo até que a ponte fosse construída. Wash encurtou os turnos para cinco horas.

Ele próprio dormia ainda pior do que o habitual, virando-se e remexendo-se na cama. Conseguia ver pelo vinco profundo entre os olhos dele que estava a sofrer. Dores de cabeça, dores nas articulações, problemas respiratórios. Wash subia mais vezes do que os homens porque tinha sempre de verificar alguma coisa ou de estar numa reunião. Emily levantava-se à noite para ir buscar o uísque à cozinha e esfregá-lo no marido enquanto dormia. Ela própria não podia evitar beber um grande gole.

– Tenho saudades tuas – sussurrou-lhe Emily enquanto lhe acariciava o corpo nu. As mãos tremeram-lhe quando tentou tocá-lo no lugar mais íntimo, mas Wash virou-se sem acordar.

Mesmo no domingo de folga, Washington retirou-se para o escritório. Embora Emily estivesse mais vezes no local da construção ou no escritório da Fulton Street, a ajudar o médico, mal via o marido e, quando o fazia, estava ocupado com outras coisas. Por vezes, ansiava tanto pelos braços dele que queria esconder a cabeça entre os cobertores até meio do dia. Johnny depressa se cansou dos constantes amassos e beijos da mãe e recorria a Agnes quando via a mãe chegar.

Em abril, o primeiro trabalhador, um dos imigrantes alemães, morreu. O doutor Smith tinha-lhe dado o passe apenas alguns dias antes e o jovem tinha ido para casa de bom humor, onde tinha caído na escadaria. Na autópsia, o doutor verificou que tinha os pulmões extremamente

congestionados e também que o homem tinha tido uma doença renal não diagnosticada, afetando a saúde dele em geral. Uma semana mais tarde, porém, mais um trabalhador, um irlandês que anteriormente tinha estado perfeitamente saudável, morreu. A doença não fazia distinção entre os dois povos que com tanta frequência se desdenhavam um ao outro.

A imprensa relatou em breve as primeiras mortes. Em maio, os trabalhadores entraram em greve e exigiram mais dinheiro: três dólares por turno. A Bridge Company ofereceu-lhes dois dólares e setenta e cinco. Depois de vários dias de negociações e de luta, Kingsley ameaçou despedi-los a todos se não regressassem imediatamente ao trabalho. A maioria deles cumpriu. Não pelos idiotas da empresa, disseram, mas pelo chefe.

Depois, Mac morreu.

Emily tinha acabado de ir às cabanas dos trabalhadores para ver se estavam quentes o suficiente e depois foi lá fora para se encontrar com o marido da prima Fanny, que não se sentia à vontade em Nova Iorque e ansiava pelo mar e pela antiga vida como pescador. Estava, no entanto, a fazer o seu melhor como ajudante de escritório. Naquele momento, estava a enfiar o chapéu em frente ao espelho na cabina do médico. Emily queria ir para casa, estava na hora do jantar de Johnny. Mac cumprimentou-a antes de se deitar na sala ao lado para descansar. À medida que a jovem rodava a maçaneta da porta, ouvia-o vomitar na porta ao lado, tornando-se cada vez mais violento. O doutor Smith apressou-se. Emily voltou a pôr a mala no chão.

O médico apoiou Mac enquanto este vomitava num balde.

– Tenho de... – gemeu Mac – tenho de mijar.

O doutor Smith tentou ajudá-lo a levantar-se, mas as pernas não o apoiaram. Gritou de dor. Os outros homens, nos sofás, observavam horrorizados como a urina se espalhava pelas calças do colega. Alguns saíram da sala, sentindo-se de repente muito melhor. Após duas ou três horas, o doutor Smith decidiu que Mac precisava de ir ao Hospital Center

Street.

– Posso ir à casa dele – prontou-se Emily. – Afinal, tem três filhos.

– Não, vou enviar alguém – disse o doutor Smith. – Vá para casa, senhora Roebeling, tem o seu próprio filho. E a menina Fraser.

Emily ficou de pé durante algum tempo com a cabeça curvada perante a porta de entrada da sua própria casa. O Mac com o cabelo de arame vermelho que a cumprimentara e logo a seguir se tinha agarrado ao seu peito no escuro durante aquela aventura infernal no CaiXão. O mesmo que depois morrera de vergonha. Não queria dar a notícia à empregada até que percebeu que poderia estar a fazê-la perder tempo valioso.

A menina Fraser foi direta para o hospital e regressou de lá na manhã seguinte, sonolenta.

– Está morto – comentou sem voz. – Gostaria de tirar alguns dias de folga, se me permite.

Emily puxou-a brevemente para os seus braços e depois deixou-a ir.

Alguma coisa tinha de ser feita. Emily ficou em segundo plano enquanto Wash, Farrington, Coronel Paine e C. C. Martin debatiam o assunto.

– Se as nossas sondagens estiverem corretas – disse o Coronel Paine –, em breve teremos atingido a base, mas é extremamente irregular. São cinco metros de diferença de altura, como vamos colocar o CaiXão?

– Ainda temos de rebentar muito – acrescentou C. C. Martin –, mas se voltarmos a descer mais, os nossos homens morrerão como moscas.

– De qualquer forma, não podemos deixar o CaiXão na areia – observou Farrington.

Wash esfregou os olhos.

– Não tenho tanta certeza disso.

– Que quer dizer, chefe? É por isso que estamos a cavar e a cavar.

– Mas, por esta altura, a areia já está tão comprimida que poderia suportar o peso. Não encontramos restos fósseis há pelo menos três

metros. O esqueleto de ovelha da semana passada foi o último sinal. Vamos fazer alguns testes. – Wash levantou-se.

Os homens seguiram-no para fora.

– De que tipo?

– Por exemplo, se ainda conseguimos pregar uma barra de ferro no chão.

Difícilmente o poderiam fazer sem a dobrar, pelo que Wash decidiu, alguns dias mais tarde, que tinham terminado a escavação a uma profundidade de 23,9 metros. O caixão, que ainda seria preenchido com betão, permaneceu seguro sobre uma rocha de areia e cascalho que não tinha sido perturbada durante milhões de anos. Seguraria a ponte.

Brooklyn, junho de 1872

**A**lguém bateu à porta. Emily ficou assustada e soube de imediato que alguma coisa tinha acontecido outra vez.

Tinha passado um ano e meio desde que tinham trazido Washington para casa quase sem vida. Daquela vez, era de tarde. Em vez de Mac e dois trabalhadores, vinham C. C. Martin e Farrington, dando apoio a Wash de ambos os lados. Mais uma vez, parecia permanecer consciente pela pura força de vontade.

– Queria que o menor número possível de pessoas o visse – segredou Farrington. – Foi por isso que atravessámos a cidade numa carruagem de vidros escuros. Temos de voltar, a menos que precisem de nós aqui.

– Obrigada. Se puder informar o doutor Warren, no número oito, no cimo da rua.

Os homens partiram e Emily ficou sozinha com Wash, que se deitou na cama, respirando intermitentemente. De repente, as pernas tremeram-lhe, levantou-se e enroscou-se em si próprio. Acabou por deitar-se de lado.

– Washy... – sussurrou e inclinou-se para o acariciar, para o massajar, apesar de saber no coração que isso já não era suficiente.

– Não – pediu rouco. – Não me toques. – Emily puxou os cortinados. Será que isso o ajudava?

O doutor Warren chegou. Wash respondeu às perguntas com monossílabos, gemendo. O médico injetou-o. Morfina. O engenheiro respirou fundo e relaxou.

O doutor Warren ocupou o posto de observação junto à cama de Washington. À noite, a dor agravou-se e foi-lhe dada uma segunda injeção.

– Da próxima vez, procederemos à administração oral – explicou o médico. – Também o pode fazer, Senhora Roebbling.

– Eu até lhe dava as injeções... – respondeu a esposa com raiva.

Levantou-se e andou pelo espaço. Queria esmurrar alguma coisa, qualquer coisa. Queria esmagar os malditos caixões, cortá-los, estilhá-los num milhão de pedaços. Queria esmurrar Washington.

O doutor Warren sugeriu-lhe, então, que fosse apanhar ar fresco e relaxar um pouco. Olhando para ele, esperava desprezo por não se recompor e sorrir, mas não, o doutor parecia carinhoso, benevolente. A raiva desvaneceu-se.

– Desculpe, doutor.

– Não peça desculpa. Vá lá fora. Eu fico com ele.

Hesitou durante um momento e acenou com a cabeça cheia de caracóis.

A noite de junho estava cheia dos cânticos dos pássaros e de risos infantis, de nuvens cor-de-rosa espalhadas pelo céu e do cheiro de *waffles* frescos. A vista sobre a baía era mais bela do que nunca e em casa estava o marido sem saúde por causa de uma ponte – uma ponte, pelo amor de Deus! Porquê? Porque não conseguia parar de trabalhar, porque não conseguia desistir das tarefas e das responsabilidades. Porque tinha algo a provar. Que terrível disparate!

E porque não lhe fazia ela mesma nenhuma exigência? Porque suportava a sua ausência, a sua falta de interesse pela família? Ela e Johnny eram seres vivos, não madeira, nem betão, nem aço, nem pedra.

Continuou a andar até chegar à água. Inúmeros navios e barcos regressavam a casa das suas aventuras pelo vasto mar, carregados de peixe, passageiros e carga. Ninguém estava interessado numa ponte.

Ninguém. Emily suspirou. Depois, voltou para trás e não parou até chegar a casa, onde, por essa altura, a menina Fraser estava sentada à cabeceira da cama em vez do doutor. A empregada sobressaltou-se quando viu Emily.

– O médico teve de ir socorrer um parto. Deixou instruções.

Emily nunca se sentiu tão sozinha como nas horas seguintes. Assim que a morfina deixou de fazer efeito, Washington gemeu, tentou deitar-

se de forma diferente, mas nada ajudava, por isso, pôs-lhe algumas gotas na língua. O olhar dele esCorregou dela até se fixar no teto.

As lágrimaS chegaram-lhe aos olhos e tremia tanto que teve de se agarrar.

– Preciso que escrevas uma coisa por mim – Começou Wash a meio da noite com a voz rouca.

– FÁ-lo-ás tu amanhã – murmurou a esposa e tapou-o. Não conseguia escrever nada para ele ao ver no seu olhar que estava a pensar se viveria para ver a manhã seguinte. Tinha a pele pegajosa e Emily percebeu que, pela primeira vez desde que o conhecia, não o queria tocar. Seria medo? Nojo?

– Emmie, eu não sei se...

– Eu sei! – O tom de voz alto ecoou no silêncio da noite. A vela tremeu do susto e acalmou-se pouco depois.

Sobreviveria. Tinha de o fazer! Caso contrário, ela própria atearia fogo aos caixões e a toda a Nova Iorque.

Emily pegou-lhe na mão e não a largou. Não, não tinha medo da morte, mas afugentava-a com unhas e dentes.

Quando o sol nasceu, assustou-se. Aparentemente, tinha adormecido na poltrona. Doía-lhe o pescoço e mal conseguia levantar a cabeça. O doutor Warren ficara ao lado da cama de Washington e controlava-lhe a pulsação.

– Vamos ter de esperar para ver – disse com uma expressão séria.

Durante os dias seguintes, aquela cena repetiu-se várias vezes. O médico sugeriu chamar o doutor Smith, cujo contrato com a Bridge Company tinha sido rescindido há algum tempo. Contudo, a mensagem enviada para o Manhattan Eye, Ear, and Throat Hospital obteve resposta pouco depois dizendo que o doutor estava no Louisiana.

A menina Fraser e Agnes não puderam recusar os pedidos de Wash com tanta facilidade como Emily e, por isso, sentavam-se a escrever à vez: instruções para Farrington, instruções para C. C. Martin. Os homens

vinham Com regularidade para verificar a Saúde dele e levar instruções.

Emily teve de voltar a Correr rua aCima e Confrontar novamente a água. Nem Sequer ali Se Conseguia aCalmar. Porque tinha WaShington de ultrapassar Sempre os Seus limites? Porque nem ela meSma Conseguia fazer nada a esse respeito? Sendo honesta ConSigo meSma, agiria da meSma forma que ele. Como é que se supunha abdicar da responsabilidade quando havia incidentes complicados a toda a hora? EXCeto que, Como mulher, ninguém lhe daria responsabilidades tão grandes.

Quando regressou, WaSh tinha-se sentado. Ainda estava tão branco Como a almofada, mas tinha o olhar mais Claro.

– Quando o pai Construiu a Ponte do Niágara – Começou WaSh, Como se estivesse a Contar uma história a Johnny –, a Cólera Começou lá em Cima.

– Ninguém tem Culpa Se apanharem Cólera – SoSSegou Emily.

– Mas o pai disse a si próprio que não ia ficar doente. Não aceitou isso. Em vez disso, passou a noite para Cima e para baixo, lutando Contra a doença e aCabou por Se manter Saudável.

Emily Sentou-se à beira da cama. Conseguia imaginar Como o marido andava para trás e para a frente na Cabeça dele durante os últimos três dias, porque o Corpo não Conseguia.

– Odeias-me? – perguntou, então, WaSh.

Surpreendida, Emily olhou para ele.

– O que te faz pensar isso?

– PareCe que Sim.

– NunCa te poderia odiar, WaSh, mas estou Zangada.

MeXeu a mão, mas ainda parecia demasiado fraCo para levantar todo o braço para a toCar. Ela meSma estendeu a mão, mas só lhe desviou um cabelo da testa antes de pousá-la outra vez. Houve Silêncio durante algum tempo. Da rua, ouviram bater as portas de uma Carruagem pesada.

– Sabias que, durante as medições iniciais, o pai descobriu que todos



os mapas existentes de Manhattan e Brooklyn estavam errados? Toda a Brooklyn fora Cartografada três metros a norte. Não é de loucos?

Ouviu a respiração de ambos tornar-se cada vez mais parecida, sintonizando-se.

– Não posso evitá-lo, Emmie – Confessou ele.

– Estás a fazer isto por ti próprio? – perguntou-lhe ela. – Ou pelo teu pai?

Wash pensou nisso durante algum tempo.

– Ambos.

«Tem mesmo de vir à reunião da ANSM esta tarde, Cara Emily», pediu Alva Erskine Smith. «Desta vez não é a senhora Woodhull, deveria conhecer o nosso lado moderado.»

Emily deixou-se balançar para a frente e para trás na cadeira. Alva e a senhora Adams tinham ido visitá-la e olhavam para ela com exigência. Que devia dizer? Wash tinha-lhe pedido para manter em segredo o estado dele para proteger a ponte. Se a senhora Adams descobrisse, contaria logo ao marido e, então, todo o Conselho saberia. Assim, concordou em assistir, uma pequena distração até lhe faria bem e foi por essa razão que estava de pé no átrio à tarde com o chapéu e o guarda-chuva quando a menina Fraser, ainda pálida e de aspeto miserável após a morte de Mac, anunciou uma visita.

Emily reconheceu imediatamente o homem esguio: era Henry Murphy, o deputado e proprietário do *Eagle*, onde Thomas Kinsella trabalhava, mas também antigo membro do Conselho Superior da Bridge Company.

– Senhor Murphy, entre, gostaria de beber um café?

O que o trazia ali que não podia ser discutido no escritório?

– Não, obrigado, senhora Roebling, desculpe incomodá-la. O seu marido está? Já estive no escritório e na obra, mas não o encontro em lado nenhum.

– Posso entregar-lhe a mensagem?

– Oh, não... – Puxou de um lenço e limpou a testa. De repente, parecia

velho e cansado.

– Vá. Se não quer Café, talvez um refresco?

Na sala de visitas, mandou-o sentar numa poltrona e avisou o cozinheiro. Depois sentou-se em frente dele.

Quando o deputado tinha tomado um gole da limonada, deixou escapar um suspiro profundo.

– Foi uma boa ideia, Senhora Roebbling.

– De que se trata? Posso ajudar?

Pestanejou e coçou as longas patilhas como se estivesse a ponderar se seria correto sobrecarregar uma mulher com assuntos de negócios.

– Se pudesse, então, entregar uma mensagem ao seu marido...

– Mas é claro. – Sorriu-lhe.

– Gostaria de escrever?

Ainda sorridente, Emily pegou num papel e num lápis.

– Estou aqui hoje como representante do Conselho Superior... Se pudesse dizer-lhe... Então...

Alva e a Senhora Adams teriam provavelmente de esperar por ela um bom bocado.

– Força. – Emily olhava para ele e encorajá-lo.

– Um certo Senhor Kingsley... – Literalmente cuspiu o nome e esperou até que ela acesse com a cabeça.

– Não gostaria de anotar isso?

– Oh, claro.

*Kingsley.*

Só então é que o deputado continuou.

– Encomendou uma avaliação para os cabos de aço da ponte.

Anotou: *Avaliação. Cabos.*

Nada que não se conseguisse lembrar, mas parecia tranquilizá-lo o facto de ela estar a escrever.

– A avaliação deveria ter custado Cento e vinte e Cinco mil dólares.

– Uns Cento e vinte e Cinco mil dólares pela opinião do especialista?

O deputado acenou com a cabeça.

Incrível. Anotou o montante. Era tão espantoso que precisava mesmo dele por escrito.

– Pode imaginar-se que o montante total não chegará ao avaliador, mas não quero incomodá-la de modo algum com tais pensamentos. Se contar ao Coronel Roebeling, já sabe do que se trata.

Emily olhou de relance para o grande sinal de dólar na anotação. O sogro já tinha temido aquilo. Fraude! Fraude! Não quis ter nada que ver com o assunto, mas a situação passara para Wash, que teria de lidar com isso.

– Estamos todos bastante zangados. Quando os jornais descobrirem, não dará uma boa imagem sobre nós. De qualquer maneira, já dizem que toda a empresa é um monte de ladrões. Acho que vou pagar a um advogado com o meu próprio dinheiro para resolver isto. De qualquer modo... Seria bom que se o Coronel Roebeling... Se a imprensa entrasse em contacto com ele, jogasse com a sua boa reputação. Acreditam em tudo o que diz. É nele que confiam.

– Passarei a mensagem.

– É muito amável da sua parte. Muito obrigado pela limonada. Não me esquecerei de contar à senhora Murphy.

Final, a tarde na ANSM não fora uma boa ideia. Emily escreveu várias cartas para Washington, que queria partilhar aquela informação só com determinadas pessoas.

Nas semanas que se seguiram, Emily viu-se regularmente naquelas situações. Farrington, C. C. Martin ou o Coronel Paine eram os únicos que sabiam que Wash não estava bem, mas, mesmo com eles, Wash não queria falar sozinho, muitas das vezes porque estava a sofrer. Por isso, recolhia a informação, contava-lha mais tarde ou enviava mensagens para o escritório se não fosse lá ela mesma. A dada altura, também deixou de tomar notas por causa das aparências. Além de Henry Murphy, ninguém

lhe tinha pedido que o fizesse de qualquer forma. Cada vez mais e com mais frequência, respondia a perguntas sem falar com Wash.

Após duas semanas, conseguiu levantar-se. Vestiu-se e foi para o escritório. À noite, deitou-se outra vez enrolado na cama, a dor tinha voltado. Emily pôs-lhe umas gotas de morfina na língua. Uma semana depois, tentou novamente. Não podia nem queria deixar os trabalhadores em paz, dizia. Tinha começado com aquela conversa. Tinha de estar presente. Naquela noite, teve uma febre tão alta que alucinou. Gritava que tinha os joelhos a arder.

Foi assim que passou o mês de junho. Às vezes, Wash era sensato, outras vezes, não. Às vezes, a sua vontade ganhava, outras, a dor. Via-se o medo nos olhos de Johnny. Emily tentava mantê-lo afastado do pai nas piores horas, mas o pequeno voltava a esgueirar-se com obstinação até ao progenitor.

Wash pediu-lhe que o ajudasse com o relatório final sobre os caixões, que tinha de submeter em breve à Bridge Company, e ditou, enquanto Emily anotava e ia fazendo perguntas. A certa altura, até lhe apontou uma questão que Farrington tinha sublinhado no dia anterior que poderia levar a uma conclusão diferente.

– Oh, estou a ver – percebeu o engenheiro, mudando o que estava a dizer. Emily continuou a escrever com um sorriso. Já se sentia orgulhosa por homens como Farrington, C. C. Martin e o Coronel Paine confiarem nela, mas deixava-a ainda mais orgulhosa que Wash também a estivesse a ouvir. Há dois anos, teria tomado isso como garantido, nunca a tinha tido em baixa estima, mas, nos últimos tempos, tinha tido a impressão de que o marido se estava a afastar cada vez mais. Por vezes, não sabia no que estava a pensar nem por onde andava.

Emily entregou o relatório a Farrington, que o leu na reunião. Teria adorado lá ter estado. Farrington detestava falar em público, mas só ler não lhe parecia ser assim tão mau.

No dia seguinte, passou pela casa deles e relatou-lhes que todos tinham levado bem o relatório e que estavam satisfeitos com o trabalho

de Washington. Mais do que satisfeitos: queriam avançar de imediato. Wash, porém, que se tinha levantado nesse dia e tinha dado, pelo menos, quatro ou cinco passos até à cadeira, bocejou e olhou para Emily, que lhe pôs uma mão no ombro.

– Penso que ganhámos umas férias, por agora. Saratoga Springs parece bonita.

– Maravilhosa – Concedeu Farrington. – Fui lá no ano passado com a minha mulher.

Emily ficou sem palavras. Não só porque havia uma senhora Farrington, embora o Farrington magro que conhecia parecesse ser o epítome de um solteiro, mas especialmente porque Wash tinha falado em férias. Saratoga ficava no norte, não muito longe do lago com o mesmo nome, rodeada por quilómetros de natureza intocada.

Sentia-se o cheiro de árvores resinosas. Estavam lá sozinhos, só ela, Washington e Johnny. Sem ama, cozinheiro nem família. Wash continuava a ter dores de intensidade variável e o doutor Warren tinha-lhes dado morfina e um aviso severo sobre as overdoses. No entanto, Wash preferia ranger os dentes até já não poder mais a medicar-se.

Pescaram e grelharam o peixe por cima duma fogueira. Emily ficou enjoada com tantas espinhas, Wash cortou-o em pequenos pedaços e deu-lhos. Remaram pelo lago, Johnny e Wash descalços a usar chapéus de palha, Emily levava um guarda-sol. Saltaram para a água quente de verão, naquele que seria o primeiro mergulho do ano, Johnny saltou de rabo para a água. Lentamente, voltaram a aproximar-se. A raiva de Emily desapareceu, tal como o olhar assustado de Johnny em relação ao pai.

Em meados de agosto, no entanto, Wash estava a ficar inquieto e regressaram à cidade, já não pálidos, mas bronzeados, coisa que não tardaria a mudar.

Uma e outra vez, Wash tentou estar presente no escritório e no local da construção. A torre do lado de Brooklyn estava a crescer. O *ferry* ia e vinha. Por vezes, Emily apanhava-o no cais, e depois, quando lhe pegava na mão, sentia os cortes profundos que ele mesmo tinha feito ao apertar

as unhas contra a palma da mão porque as câibras o tinham atacado durante o dia.

O doutor Smith enviou-lhes um longo artigo de uma revista médica: *«Um colega meu de França tirou conclusões da sua própria investigação. Não estou convencido, mas não quero privá-lo dos resultados.»*

Emily teve de familiarizar-se primeiro com a terminologia, mas depois compreendeu o seguinte: o professor francês estava convencido de que o azoto no sangue era a causa da doença.

– Azoto? – Wash enterrou-se debaixo dos lençóis. Estava com febre e arrepios e Emily tinha-o mandado para a cama, afastado de qualquer leitura e escrita. – O doutor Smith dizia que a alta pressão de ar vinda do exterior força o sangue a entrar pelo corpo. Daí, não chega aos membros suficientemente rápido quando se volta à superfície demasiado depressa. Que tem isso que ver com o azoto?

– Este professor Bert escreve que se formam bolhas de azoto no sangue, obstruindo os vasos e fazendo com que não seja transportado oxigénio suficiente. Chama-se isquemia e é semelhante a um ataque cardíaco, mas afeta os membros e as articulações. Também diz que depende de quão saudáveis são os homens e quanto pesam. Muito tecido adiposo aumenta o fenómeno.

– Ora, não sou gordo – resmungou Wash.

Emily teve de se rir perante o rosto ofendido e vermelho-febril dele.

– Não, não és. O professor diz que são apenas observações gerais, pois, afinal, alguns homens sofrem muito e outros nada. Não foi isso que o doutor Smith disse?

– E quais são as conclusões deste professor?

– Manter os turnos tão curtos quanto possível e forçar os homens a subir ainda mais devagar.

Nada que não tivessem tentado. Era reconfortante, por um lado, e dececionante, por outro. Os homens ainda tinham dores. Mac e dois dos trabalhadores estavam mortos. Esperavam que as investigações do professor Bert e do doutor Smith pudessem, pelo menos, ajudar outros

engenheiros no futuro.

Manhattan, Nova Iorque,

setembro de 1872

A ponte do East River continuou a crescer em direção ao céu. Em novembro, na pausa do inverno, já se conseguia adivinhar o início das curvas dos arcos que suportariam a passagem das carruagens. O filho de Fanny, Sammy, que passava muitas vezes pelo cais de Nova Iorque e observava os avanços, ficou satisfeito pelo facto de o tio Wash estar a cumprir a promessa. Em dezembro, o lado de Manhattan também entrou em hibernação.

Emily tivera a esperança de voltar a engravidar durante as férias. Por isso, depois do doutor Warren examinar Wash, numa das suas visitas regulares, pediu-lhe que a visse. Descreveu-lhe os acontecimentos relativos ao nascimento de Johnny em Mühlhausen e a hemorragia duradoura. Tinham passado quase cinco anos e só se lembrava de forma vaga dessas semanas.

– Examinou-me e murmurou para si mesmo – disse Emily à prima, enquanto caminhavam para o Lower East Side naquela tarde. – Depois, deixou-me vestir, e adivinha, nesse tempo tinha descido e explicado a Wash sobre o meu estado, em vez de me dizer a mim uma única palavra.

– É igual ao meu médico – corroborou Fanny. – Querem poupar-nos, as doces almas femininas, das crueldades da vida.

– Não te irrita?

– Sim, claro que sim. Mas como estás? O que disse?

– Terás de perguntar ao meu marido.

– Vá lá, Emmie.

– O meu corpo sabe muito bem que outra gravidez seria demasiado perigosa... para a criança e para mim. Por isso é melhor que não tentemos ter mais filhos.

Fanny parou e olhou para ela, assustada.



– Oh, Emmie... Lamento muito.

Emily Continuou a Caminhar, puxando pela prima.

– Não estás triste? – perguntou Fanny, surpresa, virando-se para ela.

– Claro que estou triste. Triste e desiludida. É por isso que queria mesmo sair de casa hoje.

– Que disse Wash? – Fanny tinha pegado na mão de Emily e estava a tentar chamar-lhe a atenção.

– Não falámos sobre isso em pormenor. Depois da partida do doutor Warren, Wash falou-me da recomendação do médico de forma breve até que chegou Alva, que veio visitar-nos e ficou bastante contente por conhecer, por fim, o famoso Washington.

– Não querias impedi-lo?

Emily tentou rir, mas não foi bem-sucedida.

– Tive medo de que namorasse com o Wash e que ele se derretesse com tantas atenções... Ou mesmo de que gostasse dela, o que seria ainda pior.

– Mas?

– Surpreendeu-me. Alva só queria mesmo falar com ele sobre a ponte, que lhe mostrasse alguns planos a que o público em geral não tem acesso, saber de onde John tirou a inspiração e coisas parecidas...

Fanny queria mostrar a Emily o orfanato onde ajudava duas vezes por semana. O Lower East Side era tão diferente do abastado Brooklyn Heights... Tantas pessoas em tão pouco espaço. Linhas de roupa pendurada como nuvens baixas sobre a rua, linhas de camisas e lençóis brancos-sujos. Moças jovens com fardos debaixo dos braços ou na cabeça. Uma mulher velha dobrada com penas de pombo presas ao chapéu. Os comerciantes estavam ao lado dos carrinhos de mão vendendo fruta e vegetais que teriam sido e parecido mais frescos de manhã... ou há três dias. Muitas crianças andavam descalças, algumas saltavam atentas para trás e para a frente, num jogo que consistia em chegar aos lugares limpos da estrada, outras não se importavam nem

Com o excremento dos Cavalos entre os dedos dos pés e deviam ferir-se com regularidade. OS homens agrupavam-se, olhando com desconfiança para as duas mulheres.

Muitos alemães viviam ali, razão pela qual alguns chamavam ao bairro Pequena Alemanha. Nos últimos anos, italianos e judeus da Europa de Leste começaram a juntar-se a eles, pelo que foi mudando, como o resto de Manhattan. Só a pobreza parecia ser sempre a mesma.

No orfanato, as raparigas, de tranças, sentavam-se e curvavam as cabeças sobre o trabalho de costura ou de bordado. Duas mulheres, ainda meio crianças, guiaram-nas. A instituição era financiada pela igreja, mas não havia freiras como acontecia na escola de Emily. Tudo ali era mais velho, mais pequeno e até mesmo mais fraco do que no convento onde tinha estado. Enquanto o estômago de Emily rosnava baixinho, questionou-se se as raparigas que ali viviam passariam fome.

Todas elas correram até Fanny e algumas abraçaram-na. Emily sentiu-se desajeitada ao falar com as duas jovens. Tudo parecia deslocado: o vestido exuberante dela, o lenço de renda que entregou a uma rapariga, a forma como o dava a Johnny quando espirrava. Até a pena que sentia estava fora de lugar. Parecia ser melhor a lidar com os homens de Washington no local de construção e políticos como Henry Murphy do que com aquelas raparigas.

– Ali – explicou Fanny – são os dormitórios e... – vacilou.

– E?

– Os bebés.

– Oh! Podemos espreitar?

Fanny olhou para ela de forma inquisitiva.

– Tens a certeza?

– Porque não?

Só quando estavam à frente das cerca de 20 pequenas camas onde estavam deitados 20 anõezinhos é que Emily compreendeu o porquê da pergunta da prima.

– Posso pegar num? – implorou Emily à enfermeira, que Cantarolava qualquer Coisa Calmamente enquanto dobrava uma pilha de maCações de bebé.

A enfermeira torCeU a boCa, maS ConCordou. Se Fanny não tivesse lá estado, o mais Certo Seria que a tivesse mandado embora. Emily estava aborrecida Consigo meSma. Porque Se Sentia tão inSegura ali?

Rebentaram-lhe então as lágrimas e Começou a Soluçar alto, Sem Conseguir Conter-Se, fazendo barulho na Sala pequena e eSCura e inquietando as Crianças nos berços.

– Emmie... – Fanny ColoCou-lhe as mãos sobre os ombros.

A enfermeira tirou-lhe a Criança.

– Agora, Se faZ favor, Saíam...

Emily engoliu. Não tinha noção de como estava triste. Fanny aCariCiou-lhe as CoStas e enCoStou-se à parede para deixar passar uma segunda enfermeira que ia Com pressa. Emily respirou fundo.

– Lamento imenSo. Fanny, da próxima vez que vieres aqui, podes dizer-lhe que lamento?

– Claro que Sim.

Fanny levou-a para o exterior onde o ar Cheirava a Comida, liXo, Carvão e vômito. Em silêncio, deSCeram a rua, tendo Emily de Se ConCentrar tanto em não Ser esbarrada ou derrubada que até agradeCeU a distração. Um homem velho parou à frente delas e gritou-lhes obscenidades até que uma jovem mulher o agarrou pelo braço e o conduZiu para outro sítio. A mulher idosa Com as penas de pombo no chapéu pediu-lhes um Centavo.

– Para pés novos – disse ela.

ASSim que a mulher já não as Conseguia ouvir, Fanny deSatou-se a rir.

– Porque te ris? – Emily olhou à volta. – Pobre mulher.

– Eu Sei. DeSCulpa, não tem graça. – Bufou e Continuou ao lado dela. – Coitada é daquela pobre irmã do orfanato. Tenho a certeza de que os bebés choram de vez em quando, mas acho que os aCordaste a todos de

uma SÓ vez.

Emily sorriu. No passado, tinha sido ela a arrastar Fanny e Eliza para as gargalhadas, mas já não era uma menina.

Um comité dentro da Bridge Company tinha aproveitado o escândalo de William Tweed como uma oportunidade para examinar as finanças da companhia. Fora marcada uma reunião, mas Washington estava com enxaquecas, de modo que não conseguia ver bem desde o dia anterior e mal se conseguia sentar. A doença continuava a germinar novas flores e parecia estar a evoluir para uma condição nervosa.

Uma vez que Emily já tinha escrito o relatório, Wash pediu-lhe que fosse por ele.

– E se alguém disser alguma estupidez, podes apontar-lhe com educação que tens toda a confiança do engenheiro-chefe.

O estômago doeu-lhe ao entrar nas salas da Bridge Company. Estava Kingsley, inalterado perante o sorriso de repugnância dela.

– Cara senhora Roebling, que pena não ter tempo para ouvir a sua delicada voz hoje... Uma emergência, nada que ver com a ponte.

Emily não o dignificou com um olhar ou palavra e, em vez disso, aproximou-se de Henry Murphy.

– Senhor Murphy, daria ao meu marido a honra de ler o relatório? Vindo de si tem o dobro da autoridade.

O idoso acariciou as patilhas, lisongeado. Era tão simples quanto isso. Kingsley riu-se, mais parecendo que ladrava, e desapareceu. Henry Murphy leu em voz alta, fazendo algumas perguntas que anotou para depois consultar o Coronel Roebling. A certa altura, Emily pigarreou.

– Se me permite... Posso responder a essa pergunta.

– Com certeza, diga, senhora Roebling – respondeu Henry Murphy antes de alguém poder objetar. Emily levantou-se e considerou a possibilidade de fingir olhar para as notas, mas então iriam pensar que Wash não tinha incluído tudo o que era importante no relatório. Assim, deixou-se falar, respondendo à pergunta e sentando-se no fim. Os

homens continuaram a falar como se uma mulher não estivesse a interferir nos processos de construção de uma ponte. O estômago de Emily formigava de excitação. Tinha sido muito divertido.

Depois disso, o presidente do comitê especial, o senhor Demas Barnes, confirmou que estava tudo em ordem, exceto os 125 mil dólares para o inquérito.

– Para uma empresa privada, é até notável – acrescentou. – Da forma como está organizado, seria um milagre que não tenha sido roubado, na verdade.

– Roubado, pois – murmurou alguém.

– Sou da opinião – continuou Barnes – de que devemos dissolver a empresa e deixar que as duas cidades, Nova Iorque e Brooklyn, assumam a supervisão conjunta da construção. Afinal de contas, investidores privados como vós e como eu, cavalheiros, normalmente temos os nossos próprios interesses que não correspondem necessariamente aos da população em geral.

Notava-se que aquilo não era do agrado dele, mas Emily admirava a honestidade.

– Gostaria ainda de abordar um assunto que ninguém parece atrever-se a mencionar. O nosso engenheiro-chefe.

Os homens começaram a deslizar para trás e para a frente nas cadeiras e Emily, que na realidade se tinha retirado para um canto para chamar o mínimo de atenção possível, saltou em alarme. Julius Adams também se levantou, embora com um pouco mais de calma.

– Bem, senhor Barnes, uma discussão muito interessante, tenho a certeza, mas receio que teremos de a adiar. Tenho... tenho um compromisso importante.

– Também eu.

– Eu também.

Cadeiras arrastavam-se pelo chão, os homens limpavam a garganta e acomodavam chapéus e bengalas. Fascinada, Emily observava. Barnes

parecia ofendido.

Enquanto os primeiros se despediam e outros ficavam a conversar em grupo, Emily empurrava pessoas pelo caminho até Henry Murphy.

– Senhor Murphy?

Este, por sua vez, segurava os papéis ao alto.

– Posso guardar este relatório?

– Esta é a cópia para o secretário. Posso fazer outra cópia e enviá-la para si. Mas diga-me o que o Senhor Barnes acabou de...

Henry Murphy levantou a mão livre.

– Não se preocupe com isso.

– Tem a certeza?

– Absolutamente. – Baixou então a voz. – Não viu como todos estes cavalheiros tiveram de repente algo muito urgente a fazer e agora estão de pé a conversar? Queremos manter o nosso engenheiro-chefe. Não há ninguém mais adequado.

– É isso mesmo.

– Contudo, nada pode correr mal, senhora Roebling. Temos de trabalhar juntos para garantir que nada corra mal. Dir-nos-á... dirá isso ao seu marido?

– Claro.

Wash reagiu à notícia não com alívio, nem com raiva, mas com impulso, apesar da dor de cabeça. Reuniu os seus próprios registos e os do pai sobre a construção das pontes, bem como todos os inquéritos, encomendas e outros documentos. Depois, explicou-lhe o trabalho com os cabos de aço e Emily foi tomando notas, página após página. A mão dela voava pelas páginas desenhando letras até não aguentar mais.

– Emmie – murmurou Wash enquanto se deitava –, não devemos deixá-los afugentar-nos. É a nossa ponte.

Durante o sono, deslizou as mãos sobre a colcha como se ainda estivesse a organizar folhas. Com cada relatório que lhe lia, cada documento que lhe escrevia, ela própria aprofundava aquilo que sabia

sobre os pormenores técnicos. *É a nossa ponte.* Sim, Emily estava a Começar a sentir-se cada vez mais Como uma espécie de engenheiro-Chefe adjunto. A Construção das torres não era muito difícil e só precisava de ser completada. Os cabos, por outro lado, eram a próxima grande aposta, apesar da experiência prévia na construção de pontes em Cincinnati. Esperava, contudo, que aquela fase não fosse tão penosa Como a dos CaiXões.

Brooklyn, dezembro de 1874

**E**ra Sempre a única mulher na sala de reuniões e as pessoas passavam muitas vezes por cima dela: «Com todo o respeito, Senhora Roebbling, sem ofensa...» E, claro, Emily responder-lhes-ia: «Vamos falar de factos.» Tentava continuar a falar até conseguir convencê-los do seu ponto de vista ou do de Washington. Na maioria das vezes, os homens acabavam por desistir, exasperados, e curvavam-se perante os números.

– Bem, Senhora Roebbling – Começou Kingsley depois de uma reunião, conduzindo-a pelo cotovelo para fora do escritório –, é sempre uma surpresa que, como mulher, nos possa convencer, aos homens, com factos e números. Acho que demasiadas vezes deixamos as nossas emoções... bem... levar a melhor sobre nós.

– Afinal, não são os meus factos e números, mas sim os do meu marido.

– Claro que sim. – Riu-se. – Como adoraria ser uma mosca na parede de sua casa. Também falam sobre a ponte na cama? Deixa-o ter uma palavra a dizer?

Emily olhou-o com repugnância e Kingsley sorriu.

– Apenas um pensamento.

Desembaraçou-se dele e foi-se embora sem se despedir.

Tinham passado dois anos e Johnny tinha feito sete anos.

– Quero um corte de cabelo a sério – disse o rapaz. – Não quero mais cortar o cabelo à bebé. Agora sou grande.

Emily cortou-lhe o cabelo sozinho. De repente, o seu rapazinho parecia demasiado grande e já não queria ser chamado Johnny, mas sim John. Já não era tão certo que viria a ser um engenheiro como o pai, pois não se viam melhorias nele. As dores iam e vinham, mas ficavam mais tempo e tornavam-se insuportáveis.

Emily teria adorado levá-los, a ele e a John, num passeio de Natal por Manhattan, tal como tinha imaginado há quase dez anos, quando estavam



a Caminho de ver a prima doente. Tinham olhado pela janela da carruagem e falado sobre os novos edifícios da cidade, que estavam em constante mudança. Entretanto, tinham aberto armazéns muito maiores. Passaram a formar parte da cidade movimentada de forma natural e as decorações transformaram-se numa espécie de competição.

De braços dados, caminhou pelas ruas com Alva Smith e a cunhada, Lily, com toda a dignidade e de forma tão natural como as mulheres que tinha visto da carruagem naqueles tempos. No entanto, o trânsito tinha ficado ainda mais denso.

– Em todos estes anos, nunca consegui estar em Manhattan para o Natal – lamentou-se Emily.

– Penso que é perfeitamente compreensível – respondeu Alva. – É uma esposa e mãe trabalhadora que não tem tempo para estas coisas.

Emily apertou-lhe o braço. Alva encontrou um conhecido e Emily e Lily foram caminhando por conta própria.

– Como está o GK? – perguntou Emily.

– Não tão bem... Mas está muito contente por me ter a tomar conta dele.

– Claro que sim. És uma esposa maravilhosa.

Lily forçou-se a sorrir e virou a cara. Um pouco mais tarde, pararam em frente às janelas da B. Altman. Emily sentiu-se como se estivesse perdida num conto de fadas. Animais de peluche sentavam-se numa floresta de pequenas coníferas polvilhadas com neve. Os coelhos ressonavam nas tocas, um urso gordo encostava-se confortavelmente num tronco e parecia sorrir-lhe. Um guaxinim feito de bolachas de gengibre estava em cima de um carrinho de mão, em cujas rodas se via um pintarroxo.

Alva voltou a juntar-se a elas.

– Oh, Emily, tens as bochechas todas vermelhas da emoção.

– O guaxinim seria para... – Devia mentir e dizer-lhes o nome do filho? Oh, vá lá! – Seria para o meu marido.

– Então, vem Comigo.

Alva puxou-a para dentro da loja. Dentro, estava quente e abafado. Nas escadas para o primeiro andar, via-se um Coro a Cantar Canções de Natal. Subiram num elevador até ao terceiro andar. Alva mexia-se como se estivesse em casa e, de repente, Emily já tinha o querido guaxinim nas mãos. Um empregado do andar de baixo tinha ido buscá-lo à montra da loja com diligência, mas Emily verificou o preço e devolveu-o à pressa. Wash ficaria contente, mas depois repensaria se podiam pagar tais coisas.

– Mas é mesmo giro – insistiu Lily.

– Sim, mas prefiro procurar um comboio para o Johnny. O Wash é mais capaz de lidar com a decepção de não receber um brinquedo.

Lily esboçou um sorriso fino.

– E tu? – perguntou Emily.

– Nada.

Em silêncio, caminharam até às locomotivas, vagões de carvão, carruagens de passageiros, vagões-restaurante que atravessavam uma paisagem montanhosa com túneis e pequenas aldeias. À volta do mundo modelo que tinham criado, os pais estavam com os filhos, absorvidos de tal forma que pareciam ter-se esquecido completamente do mundo que os rodeava. Emily olhou para Lily com um sorriso, mas a cunhada teimou em olhar em frente, pelo que desviou a cunhada para o lado.

– Disse alguma coisa de errado?

– Não. – Mas acabou por explodir. – Só disseste com tanto desprezo que sou uma boa esposa para o GK.

– Não o quis dizer de uma forma depreciativa, mas sim séria.

– Oh, sim? – Lily levantou as sobrançelas. – Parece-me a mim que para ti e para Alva todos devêssemos estar a construir casas e pontes, como se fosse a única forma de viver uma vida plena. Mas sabes que mais? O nosso trabalho é estar lá para os nossos homens. Tomar conta deles. O GK está doente, precisa de mim.

– Com certeza.

– E talvez o Washington também apreciasse se estivesse mais em casa. Talvez se sentisse melhor.

– O GK também não fica bem, mesmo que esteja sempre a mimá-lo. Sem palavra, Lily olhou para ela.

– Desculpa – disse Emily –, não era bem isso que queria dizer. Só estou surpreendida por me estares a apunhalar desta maneira.

– Estou preocupada com o Washington e o rapaz – revidou Lily. – O Washington passa tanto tempo sozinho e o John vem comer conosco todas as semanas.

– Vocês convidaram-no! – Emily estava a começar a ficar furiosa. – Pensei que ficaria feliz em ficar com ele.

– Convidei-o para que não ficasse sozinho.

– Não fica sozinho, Lily! O Wash está lá, eu estou, a Agnes também.

– Não, estás na obra.

Emily respirou fundo. Já não queria discutir mais com a cunhada nos grandes armazéns. Mesmo que falassem baixinho, os outros já estavam a olhar para elas de lado.

Claro que a preocupava estar pouco em casa com a família. Por outro lado, Wash e ela tinham os momentos mais românticos quando falavam de trabalho ou trabalhavam juntos na ponte. No entanto, não diria isso à cunhada, porque lhe parecia esquisito.

Deixaram os armazéns em silêncio e nem mesmo quando Alva lhe confessou que afinal ela mesma tinha comprado e enviado para a casa deles, em Brooklyn, o guaxinim, ficou feliz.

Quando os trabalhos da ponte recomeçaram, na primavera de 1875, Washington não conseguia chegar ao escritório. Alguns dos outros administradores tinham começado a exigir que o Coronel Roebling delegasse, pelo menos, mais autoridade a outra pessoa. Farrington, o Coronel Paine e C. C. Martin relatavam a Emily todos os dias o que acontecia, passando por casa dela várias vezes durante o dia. Tinham de

fazer alguma coisa sobre isso e Emily já tinha uma ideia.

– Senhor Martin – chamou-o Emily quando veio reunir-se com ela novamente –, consegue imaginar-se a assumir a posição de Washington durante algum tempo?

– Nunca contestaria a posição do seu marido, Senhora Roebeling. Não sou competente para fazer isso. Pergunte ao Senhor Farrington, é melhor.

– O Senhor Farrington não se consegue fazer ouvir perante os comités, sabe disso. Além do mais, o Washington confia em si – explicou Emily – e eu também.

Teve de falar com ele durante algum tempo antes de o fazer concordar, pelo menos em teoria, porque ainda não tinham decidido nada.

Naquela noite, Emily sentou-se à cabeceira da cama de Wash. Já estava a dormir noutro quarto há dois meses, porque não conseguiam dormir quando um ou outro se mexia na cama. No início, tinham brincado com isso, mas quando Emily passou a levantar-se todas as manhãs sem dormir, Wash tinha feito pessoalmente a cama do quarto de hóspedes e colocado um pequeno ramo de flores na mesinha de cabeceira. Emily tinha chorado de exaustão e de emoção.

– Podias tirar algum tempo de folga, Wash – começou Emily. – Oficialmente, o C. C. Martin substituíla-te. Terias de lhe dar autoridade para assinar faturas e fazer encomendas... Não posso falsificar a tua assinatura para sempre.

Piscou-lhe o olho. Fazia-o com frequência quando o olhar dele a incomodava demasiado.

– Mas não iria querer.

– Sim, já disse que sim.

Wash sentou-se.

– Aceitou?

– Relutante. Expliquei-lhe porque pensamos que é a melhor pessoa para tal posição.

– Nós?

– Wash...

– Não lhe podes dizer isso sem me perguntar primeiro!

– Precisas de descanso antes de começar o trabalho com os cabos.

– Não preciso de férias – gritou. – Preciso de melhorar!

– Mas é exatamente isso que quero dizer.

O sulco entre os olhos dele nunca tinha estado tão profundo.

– Não. Não quero ouvir falar mais nisso. Ninguém me vai representar.

Emily recuou, derrotada. Tentaria outra vez amanhã e depois de amanhã. A meio da noite, ouviu o pequeno sininho que tinham posto na mesa de cabeceira de Washington, no caso de precisar de ajuda ou ter fome. Tropeçou quando entrou no quarto. Estava escuro como breu.

– Que aconteceu? – perguntou Emily com calma, apalpando o caminho até ele.

Wash não disse nada, ela nem sequer o ouvia respirar. Com dedos trémulos, acendeu a lâmpada.

– Wash?

Estava deitado de barriga para cima a olhar para ela com a campainha na mão direita.

– Toaste o sino?

– Sonhei que não conseguia voltar a mexer-me.

– E consegue?

– Aparentemente, posso. Toquei na campainha. Mas não me atrevo a mexer-me. – Tinha os olhos muito abertos e o suor corria-lhe pela testa.

– Por favor, Wash, experimenta. – Uma sensação amarga na garganta indicava-lhe que estava prestes a chorar. Não ia permitir que acontecesse. Pegou numa das almofadas da poltrona e atirou-a para Washington. Involuntariamente, este levantou as mãos. Depois, exalou com um gemido e pôs a almofada de lado.

– Anda cá.

Emily rastejou para o lado dele. Como tinha saudades!

– Tens razão – murmurou-lhe Contra o Cabelo. – Precísamos de umas férias.

Após esta decisão, começaram a discutir. Wash não queria voltar para Saratoga Springs, mas sim para a Alemanha para uma cura da água. Logo naquele momento. Contudo, o doutor Warren ficou entusiasmado com a ideia e recomendou as águas curativas em Wiesbaden, onde os romanos já tinham dado testemunho de recuperarem e Wash revigorou visivelmente perante a ideia.

– Vamos escrever à Clara e ao Franz em Mühlhausen. Talvez se queiram encontrar conosco.

Emily entregou-lhe um copo de água para tomar os novos medicamentos que o doutor Warren queria que experimentasse. O coração dela estava acelerado, mas tinha de dizê-lo.

– Eu não vou – observou Emily.

– Para onde? – perguntou Wash, estupefacto.

– Para Wiesbaden. Tenho de ficar aqui, Wash. Podemos ter nomeado oficialmente o senhor Martin como representante durante o verão, mas não posso deixar a ponte sozinha.

Surpreendido, olhou para ela.

– Não vou para a Europa sozinha.

– Sim, vais. Precisás de descanso e, na realidade, estamos a escrever aos teus primos em Mühlhausen para que não fiques sozinha.

A discussão ia e vinha. Gritavam um com o outro pela primeira vez na vida de casados. Contudo, Emily era mais teimosa e acima de tudo mais forte do que Wash e, após cinco dias inteiros de discussão, cedeu. Emily levou-o para o navio. Ficou aterrorizada quando o deixou sozinho na cabina e já sentia a falta dele no caminho de regresso a Brooklyn, mas ambos tinham feito o que era certo. Clara e Franz tomariam conta do primo e Wash ia escrever-lhe todos os dias, como quando estavam noivos.

Emily continuava a ir todos os dias ao estaleiro de construção, que parecia estar a fervilhar sob o calor do verão, falando com os engenheiros, levando as entregas de materiais e verificando-as. Sempre acompanhada por C. C. Martin ou Farrington, claro, que subiam escadas por ela e entravam em poços onde não lhe era permitido aventurar-se como mulher.

– Bom dia, Colega – cumprimentava-a C. C. Martin todas as manhãs.

– Bom dia, chefe – diziam os trabalhadores.

GK e Lily tinham ido a Newport durante o verão. Emily lembrou-se de os encontrar na sua própria viagem à Europa. Nas suas mensagens vindas da Costa, GK não escreveu nada sobre a querela entre ela e Lily. Parecia ter-lhe escondido isso.

Entretanto, de Wash chegaram primeiro cartas ofendidas, depois cartas mais calmas e depois cartas cada vez mais desesperadas. Os tratamentos não o ajudavam. Tomar banho, beber água, dormir, mentir. Tomar banho, beber água, dormir, mentir. Em Setembro, abandonou a última esperança, regressou aos Estados Unidos e chegou lá ao mesmo tempo que começava o colapso económico. Emily foi buscá-lo ao porto e atirou-se para os braços dele de tal forma que quase tropeçaram e caíram.

– Tive tantas saudades tuas – sussurrou-lhe ao ouvido.

Não parecia melhor nem pior do que antes da viagem.

Algumas semanas após o regresso de Wash, Jay Cooke & Co., um banco que tinha financiado o Exército da União e investido na construção ferroviária, foi à falência. Como resultado, os preços das ações desceram e as pessoas correram todas para o banco para ir buscar as poupanças.

Wash assegurou a Emily que o dinheiro que tinham estava seguro. No entanto, tomaram a precaução de desistir da grande casa na Hicks Street. A nova era mais pequena, mas mais uma vez revestida de pedras castanhas, geminada e estreita, no lado oeste de Columbia Heights. Havia um pardieiro para a carruagem e um estábulo para cavalos e, dos degraus da frente, via-se o banho turco que o pai dele tinha frequentado com

tanto Carinho e Cujo médico o tinha tão vergonhosamente abandonado. A menina Fraser plantou um pequeno jardim nas traseiras da casa e Emily deu-lhe rédea solta. No que dizia respeito à jardinagem, a experiência agrícola de Covington tinha-lhe sido suficiente para o resto da vida.

O inverno pôs Nova Iorque à prova várias vezes. O *crash* financeiro transformou-se numa verdadeira crise. As antigas famílias, outrora como os Astor, consideradas a nobreza de Manhattan durante muitas décadas, já não tinham mais nada a dizer. Mesmo os Vanderbilt, com a sua fortuna ferroviária, tinham sido relegados para um segundo plano. Wall Street era o novo rei. Tinha ocorrido a Sexta-feira Negra, quando dois vigaristas tinham levado o preço do ouro a alturas inimagináveis, até que, de uma só vez, o governo despejou tanto ouro que toda a Wall Street entrou em pânico. Era uma aposta temerária e isso resultava excitante para tais homens. Emily interrogou-se como a Corretora de Bolsa, a senhora Woodhull, se estaria a sair.

Além disso, Fanny tinha contraído tuberculose no orfanato, ou assim o temia o médico dela. Mudou-se de novo para Montauk com a família, na esperança de recuperar com o ar mais fresco do mar. Quando deu notícias, soou-lhe confiante. A perna de George tinha melhorado em Nova Iorque, em parte graças a um bom médico, e um amigo queria levá-lo à pesca outra vez. Johnny, que já lia e escrevia muito bem, sentava-se uma vez por semana e escrevia cartas ao querido primo Sammy: *Quando regressas?*

Em dezembro, William Tweed, o corrupto cheio de dinheiro da *Harper's Weekly*, foi condenado a 12 anos de prisão e, daquela vez, ninguém esteve disposto a pagar-lhe a fiança. A maioria daqueles que tinha chamado de amigos há um ano tinha-se afastado. O juiz mandou-o para Blackwell's Island, uma ilha no East River onde ficavam uma prisão, um manicómio e um hospital para doenças infecciosas.

A Bridge Company ainda alegou que sempre poderiam encontrar trabalhadores suficientes se alguém discordasse do ordenado, mas Emily ainda foi algumas vezes até à Fulton Street para pressionar, em nome de Washington, e conseguir um aumento de 25 cêntimos por hora no



ordenado. Do mesmo modo, sugeriu que os turnos deveriam ser encurtados, mas acabaram por permanecer as dez horas, com descanso ao domingo.

Emily não sabia para onde lhe fugia todo o tempo. Todos os dias surgiam problemas novos. No mês anterior, os proprietários de várias empresas e armazéns no rio tinham-se agrupado para, de repente, afirmar que a ponte iria interferir com os navios deles e que não deveria ser construída como estava planeado. As torres estavam quase prontas e a imprensa e o público já não se queixavam de não se ver nada. Compilou documentos que demonstravam as vantagens financeiras de uma ponte com portagem para ambos os lados do rio.

Um dos trabalhadores caiu num vazio entre dois poços do lado de Brooklyn a quase 60 metros de profundidade. Os colegas estavam prestes a ir recuperar o corpo quando o ouviram, alegre, a pedir por uma corda: tinha aterrado num barril vazio flutuando sobre águas pluviais acumuladas. Quando o voltaram a subir, disse que a sorte favorecia os tolos. Tinha sofrido apenas alguns arranhões e voltou a trabalhar alguns dias depois. Emily aguardava para beijar-lhe a pata de Coelho, ao que ele respondeu «Se me fizer essa honra, Chefa.»

Outros não tinham talismãs e não tiveram tanta sorte. Um homem morreu devido a uma rocha de granito. Outro, devido a uma súbita rajada de vento que o fez perder o equilíbrio, a ele e ao carrinho de mão, e caíram de forma infeliz de uma tábua.

Um terceiro escorregou e caiu da torre. Da mesma forma, outro foi atingido por um saco de cimento um dia depois e caiu.

– Todos tínhamos que isto acontecesse – referiu Emily numa reunião do Conselho Superior, onde o presidente da Câmara de Brooklyn estava presente pela primeira vez. – Especialmente, quando está ventoso, é fácil escorregar dos degraus lá em cima. Além disso, o nosso sistema de sinalização não funciona. Os sinos continuam a partir-se e é preciso olhar para baixo se se quer saber qualquer coisa.

– Assim que alguém reparar que tem vertigens, tem de voltar, senhor

Farrington, é uma ordem – sentenciou Henry Murphy. Farrington, Como chefe de obras, permanecia praticamente dia e noite na torre, que estava a chegar cada vez mais alto.

O mestre-engenheiro acenou com a cabeça.

– Haverá melhor forma de proteger os homens, Senhor Farrington? – perguntou Emily.

O presidente da Câmara olhou para ela, chocado ao ponto da repugnância, ao vê-la falar tão abertamente.

– Pensámos num gradaamento – disse Farrington –, mas teríamos de o mover tantas vezes que não faríamos qualquer progresso.

– Uma Zona de Construção é sempre uma Zona de perigo, Senhora Roebling – resmungou o presidente da Câmara. – Diga isso ao Seu marido.

Kingsley esboçou um sorriso largo por entre a barba.

Em abril de 1876, nasceu a filha de GK e Lily, uma irmãzinha para Sidney. O contacto com os Warren continuava difícil. Emily amava o irmão e teria gostado de o ver todos os dias, mas Lily sabia como soltar regularmente espigões contra ela quando se viam. Se Wash quisesse outro pedaço de carne, parecia que podia servir-se sozinho. Emily devia ter comprado um tecido mais resistente para o novo vestido... Emily saía tanto... Era como sentar-se num prado cheio de cardos e, cada vez que mudava de lugar, era picada. John já raramente os ia ver. Emily tinha-lhe explicado que não queriam colocar muita tensão sobre o tio e a tia por causa da doença de GK.

Com a chegada de uma nova criança, no entanto, tinham com certeza de ir visitá-los. Convidou o irmão e a família e GK levou com orgulho a pequena Christina Warren para a casa dos Roebling. A bebé tinha a pele rosada e era magrinha e Emily mal se atreveu a abraçá-la no início. Depois da experiência no orfanato, começava a chorar quando via pela primeira vez o bebé de um vizinho ou amigo. No dia a dia, não tinha tempo para pensar num segundo filho e já tinha Johnny, mas uma menina tão pequena, a quem poderia ter dado o nome da mãe? Phoebe

Roebbing, soava tão bem... Deveriam tentar mais uma vez? Tinha os melhores médicos de Nova Iorque, não precisava de chamar pelo doutor Warren para pedir ajuda. Afinal de contas, tinha funcionado com Fanny.

À noite, foi ter com Wash à cama, beijaram-se longa e terna-mente, com as mãos a vaguear por lugares onde não estavam há muito tempo. Parecia-lhe tudo familiar. Contudo, rapidamente os braços de Washington fizeram sinal e o marido puxou a cabeça dela para o peito, suspirando:

– Sinto muito. Podemos só conversar?

Emily ficou desiludida e engoliu algumas vezes.

– Conta-me coisas – sugeriu ela, então.

– O Ferdinand e o Charles querem recomeçar a empresa – contou. – Querem intitular-se John A. Roebbing's Sons.

– Está bem. O teu pai gostaria desse nome.

– E perguntaram-me se queria ser presidente.

– Presidente da empresa em Trenton?

– Sim, e estou a pensar nisso.

– A sério? – Emily sentou-se e ele também se puxou para cima para se encostar à cabeceira. – Poderíamos ficar em Trenton durante algum tempo. Conseguem construir na mesma as torres sem mim.

Emily sentiu um formigueiro de protesto no fundo do estômago. *Sem ele.* O papel dela não entrava de todo naquele pensamento.

– A casa nova e os médicos são caros. Não quero sobrecarregar-te, mas temos de continuar a controlar o dinheiro... Além disso...

Emily tentou não deixar sair o resmungo.

– Sim?

– Estava a pensar... – Contorceu a cara. – Sabes, os meus irmãos ficaram muito melhor. Praticamente assumiram a empresa do pai e estão a ficar com todos os lucros.

– Trabalham para isso – lembrou-lhe ela.

– Claro que Sim.

– E tu estás a Construir uma ponte porque és engenheiro e és o melhor nisso.

– O Charles também é engenheiro.

– Mas todo o percurso dele girou em torno da fábrica, como o de Ferdinand. Fizeram-no desde sempre. – Emily saiu da cama. Só a lua iluminava o quarto e projetava o seu brilho nos pés dela. – Não te compreendo, Wash, nunca quiseste viver em Trenton. Disseste que odiavas aquilo.

– Também odeio isto – murmurou Washington de volta.

Brooklyn, abril de 1876

O Convite para o casamento de Alva Erskine Smith e William K. Vanderbilt devia ter custado uma fortuna, pois vinha com pequenas pérolas a enfeitá-lo.

– Se lhe tivessem posto uma barra de ouro... – resmungou Wash, atirando o cartão para a mesa do pequeno-almoço – aí sim, comprávamos uma prenda como deve ser.

Emily passou os dedos pela impressão em relevo. Alva tinha conseguido ficar com um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque, um herdeiro de lábios sensuais, com iate próprio e avô rico, por essa ordem.

«Fale-me dele», tinha-lhe pedido Emily com curiosidade quando atendeu a um convite para um chá na casa da Senhora Adams, onde também estava Alva. «Como é?»

Alva bebeu da chávena e pôs-a no pires cheio de filigranas sem produzir qualquer som. O serviço de chá da Senhora Adams era uma velha herança da tia-avó e guardava-o com orgulho e alegria.

«É muito simpático e atraente», acrescentou Alva sem se comprometer.

«São um grande par, se me é permitido dizê-lo como casamenteira bem-sucedida.» A amiga de Alva, Consuelo Yznaga, pegou num dos biscoitos de baunilha da Senhora Adams. «E como dama de honor.»

«Arranjou o namoro?», perguntou Emily.

«Os Vanderbilt são uma grande família para casar. A fortuna deles...» A menina Yznaga acenou com a mão. «A Alva não irá, com certeza, ter mais problemas.»

Não teria mais *problemas*? Não sabia que os Smith tinham problemas financeiros. Vinham dos estados do Sul, pelo que sabia, e talvez depois da guerra e sem escravos já não tivessem conseguido produzir algodão de forma rentável, mas eram só especulações suas. Era por isso que Alva

ia CaSar? Perante aquela jovem e ambiCioSa mulher Com um intelecto brilhante, o pensamento não era muito rebuscado. Contudo, as quatroCentas pessoas da alta sociedade que a noiva tanto admirava não iam estar presentes naquele CaSamento de Sonho, pois não davam muita importância à fortuna ferroviária dos Vanderbilt.

Naquele momento, no entanto, Emily virava o Cartão do Convite para trás e para a frente.

– Haverá muitos convidados que lhe poderão dar presentes mais opulentos do que nós, mas vou pensar nalguma CoiSa.

– Queres mesmo ir? – WaSh levantou-Se. Iam ao estaleiro de construção depois de muito tempo e Emily estava feliz. Ia mostrar-lhe tudo o que tinham conseguido fazer.

– A Alva é minha amiga. Além disso, é preciso estar presente para assistir a tal pompa e CircunStância. Andas a sentir-te bem, não é?

– Quando é a festa, então?

– Depois de amanhã.

– EnviaM Convites tão em Cima da hora?

– Não, veio há Semanas. Só que não o tínhamos visto. Que dizes?

Emily olhou para ele Com súplica. O CaSamento era importante para ela, por curiosidade e pelo desejo de pelo menos se abeirar daquela parte famosa da sociedade. Já tinha comprado um vestido novo do qual WaSh gostaria, tinha a Certeza. No entanto, Washington empurrou o Convite.

– É demasiado incómodo para mim, Emmie. Imagina só o que diriam os jornais: já não se importa Com a ponte, mas vai a festas. O nosso lugar não é lá.

– Mas Washy...

ToCou-a levemente na boCheCha.

– Desculpa.

Então, iria SoZinha!

Depois de ter terminado a correspondência privada daquele dia, Começou Com as Cartas relativas à ponte. Algumas delas já estavam

dirigidas a ela, não a Wash.

Teria o marido saído de casa sem se despedir? Foi em busca dele e descobriu-o na cama.

– Não funcionou. – Puxou as mantas para cima. – Podes ir ao escritório por mim? Farrington tem algumas perguntas. – Emily pôs as cartas.

No dia seguinte, o doutor Warren teve de voltar mais uma vez e injetar-lhe morfina. Tinha as pernas tão rígidas e continuava de tal forma a tentar massajá-las, pressionando com os dedos com tanta força, que fazia hematomas. Emily ficou em casa, teria de usar o vestido extravagante do casamento noutra altura. Esmurrou as almofadas do sofá uma e outra vez até sentir os braços paralisarem, mas a desilusão permaneceu.

– Pode esperar até amanhã se quiser, Senhora Roebbling – sugeriu Frank Farrington. – Não faz o melhor tempo hoje.

Tinham concluído a construção da torre de Brooklyn, mas a torre irmã de Manhattan ainda não estava terminada, pelo que tinham um pouco de tempo para recuperar o fôlego daquele lado até que os trabalhos com os cabos pudessem começar.

Naquele dia, a margem oposta estava visível. O nevoeiro era tão espesso que formava gotículas sobre a pele, que ficavam penduradas no bigode escuro de Farrington e nas sobrançelas.

De longe, parecia sempre sombrio e pensativo, mas de perto era a pessoa mais simpática do mundo. Aquele olhar cinzento tinha-lhe transmitido confiança desde o início.

Emily deixou cair a cabeça para trás e olhou para cima ao longo das pedras, pelo menos até onde as nuvens baixas o permitiam. Por causa do tempo, as pedras pareciam cinzentas como os olhos de Farrington, mas sabia que, à luz do sol, iriam brilhar com todas as cores.

– Não – disse a jovem com firmeza. – Tem de ser hoje.

– Então, vamos.

Paternalmente, Farrington deu-lhe uma palmadinha no ombro e pôs-se a subir. Seguiu-o, colada aos calcanhares dele. A escada subia em zigueZague pelo lado Sul da torre. Segurava a saia com uma mão e o frio corrimão com a outra.

– Se precisar de fazer uma pausa, avise-me.

Emily não tinha fôlego para responder. Farrington não era pelo menos 20 anos mais velho do que ela? Contudo, tinha subido aquelas escadas com mais frequência do que qualquer outra pessoa nos últimos meses. As coxas começaram-lhe a tremer, parou por pouco tempo e Farrington também.

– Se tiver em conta a altura de uma casa como a sua – explicou ele, ainda com todo o fôlego –, está a subir trinta andares neste momento.

Era normal estar ofegante!

Estava a ficar mais frio, tinha as orelhas e os músculos a arder. Tentava levantar os pés com calma e regularidade, contou uma centena de degraus. Depois, de repente, ouviu Farrington parar acima dela. Tinham chegado.

O homem estendeu-lhe a mão e puxou-a para a plataforma. O coração batia-lhe freneticamente e, enquanto tentava respirar fundo, olhou à volta. Só via nuvens cinzentas. Era mais estreito do que tinha imaginado. A torre era plana no topo. O sogro tinha pretendido um topo mais pontiagudo, mas há muito que a forma tinha mudado devido ao custo. Além disso, também não seria colocado até que os cabos estivessem no sítio. Já se podiam ver as reentrâncias na construção de pedra, em forma de calhas profundas, embora ainda tivessem de estabilizar as bases de metal. Por fim, via com os seus próprios olhos aquilo em que tinham estado a trabalhar durante os últimos meses.

Farrington estendeu a mão na direção da névoa cor de chumbo.

– Como se pudéssemos caminhar sobre ela.

Avançou um pouco, mais para o meio da plataforma. Estavam demasiado perto da borda. Ficaram assim durante algum tempo. Longe, no ar, e tão afastados de tudo como se estivessem numa cave.



Depois de algum tempo, Emily Começou a notar o Cheiro Salgado do rio e depois os Sons. Nova Iorque estava acordada há muito tempo, apesar de ser de madrugada, Sentia-se o estalar, a pulsação, o buzinar e o zumbido da cidade que podiam Ser ouvidos ali em Cima e a tanta altura como se ainda estivessem no porto. Até Conseguiram ouvir as vozes dos trabalhadores. Riam-se em voz alta. O eco ria-se por trás dela.

Como seria bom estar ali com Washington, segurá-lo nos braços, despreocupada, como antes. Envolveu-se nos seus próprios braços.

– Senhor Farrington – pediu suavemente –, poderia deixar-me sozinha por um minuto?

– Se prometer não saltar... – Assustada, olhou para ele. – Desculpe, foi inapropriado.

– Eu... – Emily hesitou. – Dou a impressão de que consideraria tal coisa?

– Nem um pouco. Foi uma piada estúpida que infelizmente sempre nos escapa aqui em cima. Espero por si na primeira plataforma intermédia.

O corpo dele, a cabeça e depois o chapéu desapareceram.

Emily teria preferido sentar-se na borda e deixar as pernas penduradas, mas não se atreveu e, por isso, só se agachou. Ou será que o iria fazer? Não fazia vento, pelo que, apesar de faltar um corrimão, nada podia acontecer-lhe. Esticou as pernas e escoregou até à borda. Em direção ao noroeste, a neblina tornava-se um pouco mais leve, se não estivesse a imaginar coisas. Era aquela a agulha da torre da Igreja da Trindade?

Permaneceu sentada e deixou que os últimos meses, os últimos anos, lhe passassem pela mente. Que tinha acontecido ao marido? Aos dois? À família? Os dias e semanas repetiam-se, as coisas pareciam melhores com Washington durante algum tempo e logo pioravam outra vez. Era um vaivém inquieto e interminável que a deixava enjoada. O futuro era sombrio e incerto. Por que razão, raio, sentia cada vez com mais frequência que Washington já poderia estar bem se fizesse um pequeno

esforço? E porque só se sentia pior quando pensava assim? Depois estava John, que era o mais importante para ela. Iria passar toda a infância sob aquela nuvem sombria? Olhava para a frente, sem prestar atenção ao tempo que, de qualquer modo, parecia significar nada ali em cima.

Não, a Igreja da Trindade não estava definitivamente à vista. Nem um raio de sol espreitava através do nevoeiro, demasiado denso.

Deslizou um pouco para trás, dobrou as pernas e levantou-se com cuidado. Depois, inspirou fundo e exalou antes de começar a descida.

Algumas horas mais tarde, estava no quarto de John a olhar pela janela. Dali, via-se o porto, o rio e o local de construção. O nevoeiro tinha-se levantado, o sol brilhava como se tivesse de pôr qualquer coisa em dia. Emily acariciou a folha de papel sobre o parapeito da janela à frente dela. Uma carta com a caligrafia dela para Henry Murphy, o novo presidente do Conselho Superior.

*«A minha saúde tornou-se tão instável ultimamente que, cada vez menos, estou em condições de trabalhar. Para minha infelicidade, tive de desistir da esperança de que o tempo e o descanso trouxessem uma mudança e é por isso que, com grande pesar, me ofereço para renunciar ao meu cargo de engenheiro-chefe da Ponte do East River.*

*Washington A. Roebling»*

## Terceira Parte

Filadélfia, maio de 1876

Emily nunca pensou que usaria calças, mas estava naquele momento no meio da Feira Mundial em Filadélfia, vestindo aquelas bombachas novas que se podiam pedir emprestadas ao Pavilhão das Mulheres para experimentar a chamada *penny-farthing*, uma nova bicicleta.

Parecia mesmo interessante, duas rodas, uma roda dianteira de grandes dimensões e uma mais pequena atrás, o selim e os pedais resultavam numa bicicleta adequada para senhoras de todas as idades. Aquelas que tinham reunido toda a coragem que tinham para aventurar-se em tamanho aparelho deixavam transparecer o pânico no olhar enquanto balançavam perigosamente para trás e para a frente, algumas outras tinham as bochechas coradas e tinham de ajeitar os chapéus. A pista de teste só estava aberta às mulheres.

Era a vez dela. Uma das funcionárias ajudou-a a montar no veículo e explicou-lhe a melhor forma de manter o equilíbrio. O sol brilhava em Filadélfia e banhava a Grande Feira Mundial e Emily Warren Roebling, vestida com aquelas calças largas, sentada num veículo de duas rodas, soltou um grito eufórico quando percebeu que podia impulsionar-se e conduzir com facilidade. O vento corria-lhe pelas orelhas ao descer uma pequena colina.

Deu outra volta de honra antes de parar e saltou do aparelho um pouco desajeitada. As bombachas não pareciam ficar bem, nem mesmo nas mulheres esguias que as usavam, mas eram práticas.

Emily vestiu novamente o vestido, despediu-se e sonhou em descer a colina de Brooklyn em cima da dita bicicleta. Como devia ser maravilhoso não depender de cocheiro, cavalo e carroça e ainda ser capaz de ir mais rápido do que a pé e como brincaria com John, de calças, a trepar árvores, como quando ainda era uma miúda... Porque se tinha de desistir dessas coisas quando se era adulto?

Para voltar à área de exposição geral, teve de percorrer outra vez o Pavilhão das Mulheres. Tinham expostos novos aparelhos, alguns dos

quais tinham sido desenvolvidos pelas próprias mulheres para facilitar o trabalho no lar, mas também havia algum vestuário profissional para costureiras e enfermeiras.

Na verdade, GK e Lily queriam vir à exposição, tal como tinham percorrido juntos o terreno em Paris há quase dez anos, Emily com um bebê na barriga e um marido saudável. Esperara voltar a ficar próxima de Lily, mas a diabetes de GK estava fora de controlo, retinha água nas pernas e estava acamado. Emily passara muito tempo com eles nas últimas semanas, pagando-lhe tratamentos com o doutor Warren. Lily tinha ao mesmo tempo de cuidar de Christina, de um ano, que desenvolvera problemas no maxilar e tinha constantemente abscessos supurantes.

Fanny tinha encorajado Emily a ir para Filadélfia e a deixar Johnny com Agnes, e teve de admitir para os seus botões que estava feliz por ter fugido da cidade.

Ali não tinha de cuidar dos doentes. Nada de tomar notas, nada de escrever cartas, nada de verificar contas ou de escolher materiais de construção. Ninguém a chamava ou lhe fazia perguntas cujas respostas teria de ler e recolher. Não era que nunca tivesse gostado disso, até pelo contrário, mas estava a ser muito para ela. Demasiado.

Era a primeira vez que a Feira Mundial se realizava nos Estados Unidos, onde se estava a celebrar o centenário da Declaração da Independência. Os terrenos de Fairmount Park, por onde estavam espalhados mais de 30 mil expositores sobre o tema dos recursos minerais e da mineração divididos em mais de 200 edifícios, ofereciam belas vistas apesar do tempo chuvoso de maio. O presidente Grant tinha estado na inauguração três dias antes, acompanhado pelo imperador do Brasil, D. Pedro II. Emily teria gostado de ver um imperador brasileiro um dia, mas tinha perdido a oportunidade.

A empresa John A. Roebling's Sons estava a apresentar os cabos no Machinery Hall. Charles e Ferdinand tinham-na levado para lá naquela manhã, pelo que não lhe tinham dado a oportunidade de passear pelas outras áreas e cabinas. O átrio era barulhento, não só porque as vozes

dos visitantes se amontoavam sob o teto alto, mas porque estava uma máquina a vapor em funcionamento, sendo tanto uma exposição como um motor para o resto das máquinas naquela sala.

Charles entregou-lhe a brochura oficial da Feira Mundial sem conseguir conter um sorriso.

«Lê.» Tinham inventado um título longo e complicado...

«*International Exhibition of Arts, Manufactures and Products of the Soul and Mind?*» Emily questionou com o olhar o cunhado. «Exposição Internacional de Artes, Manufaturas e Produtos da Alma e do Espírito?»

Charles sorriu ironicamente e empurrou o outro irmão.

«Eu bem te disse que ela não ia chegar lá», resmungou Ferdinand secamente.

Emily olhou mais de perto. Charles tinha mudado as últimas palavras na caligrafia de forma hábil.

«Oh, *of the Soil and Mine*. És um brincalhão.» Claro, do Solo e Minas.

Charles continuava a apreciar a piada, enquanto Emily olhava para a banca que Wash tinha desenhado. John A. Roebling's Sons expunha equipamento para várias configurações de cabos, bem como amostras de cabos cujas superfícies cortadas deveriam ter passado pelos milhares de visitantes da exposição. Os cabos de aço eram tão espessos como braços ou pernas e estavam compostos por numerosos fios. Tinham mesmo posto em exposição uma peça de um aparelho de 38 centímetros ao lado de um modelo em miniatura, feito de madeira, do projeto da ponte do East River.

Emily tinha sugerido que fossem ver as outras inovações. Enfiou a mão esquerda sob o braço de Charles e a direita sob o de Ferdinand e foi assim que passaram pelo corredor. Os dois irmãos eram constantemente reconhecidos e recebidos em todo o lado, a ponto de deixarem de tirar os chapéus cada vez que cumprimentavam alguém, tocando-os só ao de leve.

«Vocês são verdadeiras celebridades», reparou Emily.

«Oh, devias ver o que aconteceu quando o Senhor Bell anda pelos corredores», respondeu Ferdinand.

«Oh, sim, o da máquina falante. Podemos dar-lhe uma vista de olhos?»

«É isso que estamos a tentar fazer.»

Emily esticou o pescoço.

«Estão todos à espera?»

«Receio que sim...»

Após quase meia hora, durante a qual o Cunhado tinha estado a comentar as roupas, os narizes, as barbas dos transeuntes e tudo em que reparava, fazendo Emily rir, um homem parou ao lado deles e Emily já temia que os tivesse ouvido e viesse reclamar, mas era, na verdade, um dos trabalhadores de Alexander Graham Bell, com quem Ferdinand e Charles tinham estado a beber tanta cerveja na noite anterior que os conduziu para a frente da longa fila até à banca.

«O imperador do Brasil estava entusiasmado», contou. «Gritou qualquer coisa como *Ó meu Deus, está a falar!* e largou logo o telefone. Que grande homem!»

Os irmãos Roebling inclinaram-se, ávidos, sobre o novo aparelho. À frente deles estava um dos aparelhos e no outro extremo do salão estava o segundo. Um falou para o funil, atrás do qual estava uma bobina de arame, enquanto seguravam um segundo funil ao ouvido, este com a ponta virada na direção deles. Os fios atravessavam o chão e desapareciam entre as divisórias e as pessoas.

«Olá!», disse Ferdinand para o dispositivo.

«Olá», ouviu dizer, com os olhos postos no teto.

Emily quis experimentar e empurrou-o para o lado. Ferdinand entregou-lhe o aparelho de bom grado e a Cunjhada examinou o funil para a orelha.

«Tem de o colocar mesmo bem no ouvido», explicou o funcionário. «Ouvirá melhor.»

«Olá?», perguntou Emily Com cautela.

«Bip, bip», ouviu vindo do funil. «Bup, hupp.»

Não compreendia nem uma palavra. Para acreditar que havia mesmo alguém do outro lado, teria de espreitar e ver alguém do outro lado do corredor. Caso contrário, poderia muito bem ter sido um fantasma.

«Ah, sim?» , fingiu. «E tem a certeza?»

«Bip, buphupdihup.»

«Interessante. Direi a Charles, muito obrigada.»

Emily agradeceu e devolveu o dispositivo ao funcionário.

Depois, virou-se e continuou a andar seguindo Charles que vinha apressadamente atrás dela.

«Dizer-me? Dizer-me o quê? Com quem estavas a falar?»

«Com Deus, suponho», resmungou Ferdinand. «Não apanhei mesmo nada.»

«Diz-me com quem estavas a falar, Emmie.»

«Com a gráfica, meu caro Charles. Querem a brochura de volta.»

Charles sorriu e Ferdinand soltou uma gargalhada em voz alta. Depois, os dois voltaram à banca e Emily foi explorar.

Depois de ter percorrido minuciosamente o Pavilhão das Mulheres e arredores, vagueou pelo exterior. Um olhar capturou o seu.

– Senhor Kinsella.

O jornalista tirou o elegante chapéu e fez-lhe uma vénia.

– Que coincidência.

Emily corou.

– Está à procura de uma boa história?

– Não vai acreditar, mas estou aqui por conta própria. Já viu a máquina de escrever?

– Não. O que é?

– Venha!



Thomas Kinsella começou a avançar, apressado, e Emily teve a sensação de que gostaria de o puxar para trás. Gostava da forma como o homem se movia, da forma como, por vezes, parecia quase saltar de entusiasmo em vez de andar. Entraram noutra pavilhão e ele levou-a a uma banca de exposições.

– Olhe! Uma máquina de escrever mecânica. Basta introduzir uma folha de papel e carregar nas teclas. Chega de canetas-tinteiro a gotejar. Não é maravilhosa?

– Convinça-me mais do que o aparelho telefónico.

– Também já o vi. Não vai pegar, acho eu. Já alguém lhe passou a perna?

– Desculpe?

– Ou melhor: Comprou gato por lebre?

– Não percebo...

O jornalista sorriu.

– Deixe-me surpreendê-la. Temos de andar um pouco. Está sozinha?

– Os irmãos do Washington estão na exposição.

– Claro, a representar a Companhia.

Kinsella parou e olhou-a nos olhos para obter uma resposta mais clara. Não precisava de dizer nada. Sim, estava basicamente sozinha, o que pareceu agradar bastante ao cavalheiro. Sentiu um formigueiro no estômago.

Depois de terem percorrido uma grande distância, pararam.

– Cá estamos nós!

Em frente deles estava o enorme braço de uma estátua com uma tocha que servia de varanda na mão. A tocha em si assemelhava-se a um gelado. Por cinquenta cêntimos, que Thomas Kinsella pagou, subiram uma escada e olharam para o Fairmount Park. O braço era apenas uma imitação, pois a verdadeira estátua estava à espera em Nova Iorque e seria erguida na Ilha da Liberdade. Era um presente de França e os Estados Unidos só tinham de juntar o dinheiro para o pedestal.

AS mãos deles encontraram-se por uns segundos no Corrimão. Emily recusou. Havia uma energia a rodeá-lo que parecia imprudente, tendo em conta o ambiente tão diferente do habitual e também que Wash ainda não tinha qualquer impulso.

Continuaram a atravessar o terreno juntos, orientando-se pelo rio. Thomas Kinsella fê-la rir com as histórias dele e Emily apreciou-as.

OS últimos meses tinham passado sob o seu olhar interior. Entretanto, Washington tinha considerado aceitar o cargo de presidente da John A. Roebling's Sons, embora não gostasse de Trenton nem do trabalho com os cabos e só soubesse pô-lo em prática na teoria. No entanto, os irmãos tinham-lhe pedido e, além disso, sentia que a família precisava do dinheiro que Ferdinand e Charles iriam pagar.

Emily nunca tinha chegado a enviar o aviso. Claro que não, nunca conseguiria tomar a decisão por Wash, mas ainda se lembrava do momento em que estava à janela de John com a carta à frente. Até àquele dia, a carta permanecia guardada entre os jornais, talvez para outra ocasião. Contudo, por mais que tivesse desejado uma vida diferente e um homem mais saudável, também tinha a noção de que tinham acompanhado tão de perto a construção da ponte que não podiam deixá-la pendurada sem mais.

A ponte era uma coisa, o casamento deles era outra coisa completamente diferente.

Thomas Kinsella trouxe-a de volta ao presente. Falaram sobre o Schuylkill e o Hudson, em Nova Iorque e em Cold Spring, sobre as mães de ambos, sobre como o Salgueiro era a árvore favorita dele e sobre como ambos costumavam passar horas a apanhar grãos de faia e a comer-lhes as sementes peludas, sobre gatos e *Frankenstein*, sobre o Oeste Selvagem e sobre o facto de nenhum deles querer lá ir.

Nuvens atravessavam o céu, a escuridão chegou e o vento levantou-lhe o cabelo, despenteando-a. A voz dele envolveu-a. Tinham deixado o recinto da Feira muito para trás. As rãs coaxavam na margem. Kinsella deteve-se e puxou-a para si.

– Emily...

Emily gostava da aparência dele desde que o tinha visto pela primeira vez, com aqueles olhos inteligentes que, naquele momento, a olhavam com tanta sinceridade como nunca o tinham feito. Cheios de paixão. O jornalista pôs-lhe o cabelo atrás da orelha e continuou com a mão pelos antebraços até chegar às mãos dela. O toque quente excitava-a. Há quanto tempo é que não a acariciavam daquela maneira?

Debruçou-se e inclinou a cabeça. Emily fechou os olhos e permitiu que a beijasse, com suavidade, mas, de alguma forma, com urgência. De seguida, ela afastou-se. Não funcionava.

– Desculpe.

– Está tudo bem. – KinSella não lhe largou as mãos, mas dera um pequeno passo atrás. – Teria sido bom demais para ser verdade.

– Não fique zangado comigo – pediu ela. – Espero que não pense...

– Acho que é uma mulher maravilhosa. Não devia ter tentado. Venha, levo-a ao alojamento.

KinSella soltou-a, o vento colou-se e rodopiou entre eles. Em silêncio, voltaram a caminhar em direção à cidade.

Na manhã seguinte, Emily teve um encontro ao pequeno-almoço com Charles, Ferdinand e Frank Farrington. Farrington não a tinha visto no dia anterior e a jovem ficou contente por o ver já sentado à mesa.

– Bom dia – saudou-o. – Fez boa viagem, Frank?

Depois de subirem juntos à torre de Brooklyn, tinham decidido tratarem-se pelo nome próprio. O engenheiro tinha falado muito de si mesmo, uma vez que passavam muito tempo juntos. Era de Massachusetts e trabalhara numa fiação de lã desde os nove anos. De seguida, foi trabalhar como agricultor e carpinteiro, como marinheiro e ainda como superintendente numa fábrica de gás. Tinha também passado algum tempo em Inglaterra.

– A viagem foi boa – contou, mas estava pálido, quase amarelado. Ela mesma não tinha o melhor aspeto depois de uma noite quase sem

dormir.

– Está doente? – perguntou Emily, ansiosa.

Farrington suspirou e apressou-se a sair.

– Que se passa com ele? – Pegou num pãozinho, pois, de repente, estava terrivelmente esfomeada.

– Medo do palco – explicou Charles.

Barrou o pão com uma camada grossa de manteiga.

– É assim tão mau?

– Disse que odiava falar em público. – Charles contorceu os lábios.

– É a terceira vez que lhe calha – acrescentou Ferdinand, empurrando a pasta de couro que estava na mesa entre o lugar dele e o de Farrington.

– Está na hora de te familiarizares com o discurso, Emmie. Não vá ser que tenhas de lhe ir dar uma ajuda.

Emily sorriu, zombeteira.

– Escrevi-o, caro Ferdinand.

Inclinou-se para trás e cruzou os braços.

– Então, nada se interpõe no caminho do teu desempenho.

– Penso que seria um melhor substituto.

Charles riu-se em voz alta.

– Nem eu nem ele temos a menor ideia do que trata o discurso. Não podes fugir desta, Emmie, e, se honesta, nunca nos perdoarias se fôssemos nós lá para cima.

Emily trincou o pão. Ia fazê-lo? Um discurso no Machinery Hall perante duas mil pessoas? Anunciar que os Roebing iam fornecer os cabos de aço para a ponte?

Ferdinand tirou os óculos para esfregar os olhos.

– Conta-nos coisas de Nova Iorque.

– A Bridge Company foi dissolvida – relatou. Eram notícias antigas, na verdade, mas Ferdinand aguardou atento que continuasse. – A ponte pertence agora a todos.

– A todos?

– As cidades tomam conta da construção. Brooklyn paga dois terços do custo, Nova Iorque um terço. É suposto ser melhor.

– Parece que não acredita nisso.

Emily bebeu um gole de café.

– Demasiadas coisas ficaram na mesma. Os membros da Administração são quase todos os mesmos: Murphy, Kingsley, os outros. Até a equipa de engenharia. Para nós... Para mim, não é mau de todo porque não nos faz explicar tudo outra vez, mas as cidades e os cidadãos beneficiam mesmo?

Pararam duas vezes no caminho até ao local da exposição para que Farrington pudesse respirar. Quando chegaram à banca, teve de se sentar num canto e colocar as pernas para cima porque todo o sangue que pudesse ter lhe tinha fugido da cabeça.

– Não posso deixar isto acontecer... Deixei que os administradores, quando sabem que nem sequer falo nas reuniões...

– Eu sei, Frank. – Emily teve de conter um sorriso. Farrington era um grande profissional, mas falar em público não era mesmo o forte dele. Conseguia perceber o quanto era mau nisso. – Se confia em mim...

– Claro que confio. Só não queria pedir-lhe. Sinto-me tão desconfortável.

– Há aqui alguém da Administração?

– William Kingsley.

Emily gemeu.

– De todas as pessoas...

Ainda era cedo e supostamente o homem nunca marcava presença antes do meio-dia, mas talvez aplicasse normas diferentes em viagem e só conseguisse dormir como era devido na sua própria cama. Contorceu a cara. Nem sequer queria imaginá-lo a dormir.

– Por favor, Emily, por favor – suplicou Frank.

Emily tirou-lhe a pasta das mãos e decidiu que não iria procurar

KingSley na plateia. Não lhe daria a oportunidade de perturbá-la e, além disso, o administrador também não estava mais bem informado do que os cunhados. Ao contrário dela. Ninguém em toda a Filadélfia sabia mais sobre a ponte do que ela.

Charles, Ferdinand e dois empregados da John A. Roebling's Sons acompanharam-na até meio do corredor. No final, onde o ruído da máquina a vapor era menos forte, havia uma plataforma onde os expositores estavam autorizados a apresentar invenções e produtos. Os lugares em pé e sentados já estavam ocupados. A ponte tinha-se tornado realmente famosa e atraía os curiosos. Na cabeça dela, reviu tudo o que tinha escrito na semana passada, em conjunto com Farrington.

Depois de uma breve introdução e saudação de Ferdinand, deu uns poucos passos até ao púlpito. Como mal conseguia espreitar por cima, decidiu parar junto dele. Uma mulher ali era tão invulgar que não importava onde ficasse. Estava contente por ter vestido o vestido azul-escuro.

– Obrigada – agradeceu à plateia, o mais alto que pôde – por darem à Bridge Company, ao engenheiro-chefe, o senhor Washington Roebling, e ao mestre de engenharia mecânica, o senhor Frank Farrington, a oportunidade de vos apresentar o nosso grande projeto.

Por fim, tinha dito *nosso*. Iria praticar uma grande modéstia, tal como tinha praticado durante os últimos anos e meses em Brooklyn. Não eram as ideias dela, mas sim as dos homens. Não eram as respostas dela, mas sim as de Washington. Ninguém deveria ter medo ou fugir a rir quando soubesse que uma mulher estava envolvida. Também trazia azar, como um gato preto? Henry Murphy, por exemplo, cairia da cadeira se ela admitisse quantas vezes já não consultava Washington.

– Quero assegurar-vos que é com grande constrangimento que me apresento e tenho comigo os registos do Coronel Roebling vindos de Nova Iorque.

Como planeado, os dois membros do pessoal foram substituindo as ilustrações que tinham impresso no maior tamanho possível, e usaram-

nas para explicar como deveriam ser os cabos da ponte. Quatro cabos principais de 40 centímetros de diâmetro e pouco mais de um quilômetro de comprimento. Havia 5434 fios em cada um daqueles cabos, o que perfazia um comprimento de cerca de 5656 quilômetros com um peso por cabo de 785 toneladas. Tinham decidido uma exibição de números de fogo de artifício, complementada pelos desenhos que mostrariam a beleza da construção. No final, explicou que os trabalhos começariam no final do verão, assim que a torre do lado de Manhattan estivesse terminada.

– Prevemos – disse ela – que serão necessários aproximadamente dois anos e meio a três anos para completar a ponte e esperamos que, em breve, possam cruzar o East River com os pés secos. Será uma ponte para todos.

As pessoas aplaudiram, Emily agradeceu e respondeu a mais algumas perguntas, primeiro com a audiência reunida, depois individualmente. Ferdinand e Charles ajudaram com mais pormenores sobre os cabos. Nem sequer tinha suado um bocadinho, enquanto Farrington ainda tinha um travo desagradável na boca sem ter pronunciado sequer uma palavra.

Antes de o ver, Kingsley já estava à sua frente. Desta vez não trazia um sorriso sarcástico, mas aproximou-se muito dela.

– Foi longe demais desta vez – rosnou em voz baixa, mas estrondosamente malvada. As olheiras por baixo dos olhos dele estavam mais espessas do que nunca. – O *nosso* projeto? A senhora Roebling está a carregar cartas para trás e para a frente pelo seu venerado marido e engenheiro-chefe, que já devíamos ter despedido há muito tempo. Uma mulher porta-voz da empresa... Vergonhoso. Desonroso. É ridículo! Regresse a Brooklyn e é melhor que não saia de casa até que a ponte esteja acabada.

Emily não lhe mostrou que estava a tremer. Se ao menos pudesse pensar numa resposta boa...

– Não me assusta – pronunciou-se.

– Oh, acho que sim – sussurrou e prontamente voltou a sentir aquela

bengala a perCorrer a lateral do vestido. Porque é que ninguém reparava? Onde estavam Ferdinand e Charles? Havia tanta gente ali! – Acho que a assusto e posso assustá-la ainda mais. Pode ConCordar Comigo, ComPrazer-me, Claro. Não é isso que quer?

Mal Conseguia apanhar ar suficiente. O vestido azul cada vez parecia mais apertado.

– Talvez devesse ir visitá-la... O Seu marido deve estar de Cama todo o dia. Significa que teríamos o resto da Casa só para nós. A sala de visitas, hm? A Cozinha?

A força voltou-lhe aos braços. Com todo o vigor que tinha, empurrou Kingsley para longe dela, que tropeçou e se recompôs num instante.

– Deix-me em paz – revidou ela já em voz alta. Ainda ninguém se tinha virado para eles. Ferdinand e Charles pareciam ter-se desvanecido no ar.

Sorriu-lhe com desprezo e começou a aproximar-se outra vez.

– Deix-me em paz! – Daquela vez gritou, e algumas pessoas pararam para ver.

Com um movimento rápido, agarrou-lhe a bengala. Teria gostado de a partir em dois por cima do joelho, mas tinha medo de que não partisse. Por isso, atirou-a à cara do homemnojento, batendo-lhe no lábio e, de imediato, virou-se e saiu.

*Que não me siga! Que não me siga!*

Sem fôlego, deixou o átrio e apressou-se a atravessar o recinto da exposição. O ar fresco era como um banho, limpando-a da repulsa de Kingsley.

O vento era o mesmo do dia anterior.

Questionava-se qual o maior escândalo: adultério com um jornalista, pai de dez filhos, ou que admitisse quão importante a ponte se tinha tornado para ela e o quanto queria desempenhar um papel maior na construção? Não era modesta, mas sim terrivelmente ambiciosa. Era assim que as coisas eram. Não ia construir a ponte somente por Wash, ia



construí-la por ela mesma. Não deixaria que mais ninguém a tivesse.  
Nunca mais deixaria Kingsley ameaçá-la outra vez.

Brooklyn, maio de 1876

**E**m casa, estava um ramo de rosas vermelhas à espera dela. Era quase tão grande como a mesa da sala de estar.

– Tive saudades tuas – confessou Washington e levantou-se do sofá. Tinha o cabelo cortado e estava a preparar-se para sair. Atrás do vaso largo, estava escondida uma caixa com os chocolates favoritos dela.

Flores e chocolates, além de um homem todo penteadinho, e tinha beijado outra pessoa.

Na verdade, tinha decidido pôr as memórias de Thomas Kinsella numa caixa, como as bolachas-do-mar de Cold Spring, e empurrá-las para debaixo do armário, sem que Washington alguma vez viesse a saber. No entanto, a consciência culpada, com toda a certeza, iria manter viva a lembrança.

Wash aproximou-se dela.

– Como estás? – perguntou-lhe Emily e, quando o marido se inclinou para a beijar, esquivou-se para o lado para tirar as luvas.

– Muito bem. – Wash sentou-se no outro sofá e puxou-a até ela ceder e se sentar no colo dele.

– Tenho de tomar banho primeiro.

– Só se me prometeres que amanhã vamos a Coney Island.

Surpreendida, olhou para ele.

– Que queres de lá?

– Quero passar tempo contigo. Senti a tua falta e tu sentes falta do mar. Não digas ao Johnny, queria que fôssemos sozinhos.

Emily olhou-o nos olhos. Queria sentar-se num carrossel e comer algodão doce? Entre crianças aos gritos para lhe provocar dores de cabeça? Tudo bem. Se assim o pretendia, não seria ela a impedir.

InvoCou o cansaço como desculpa, deitou-se cedo e só lhe falou da Feira Mundial e dos competentes irmãos, que tinham o respeito de toda a

área da mecânica, quando iam na Carruagem na manhã seguinte. Falou-lhe sobre a palestra e não se pronunciou sobre Kingsley.

Quando chegaram, foram passear à beira-mar e, esquivando-se de crianças a correr, Emily ia falando sobre os cabos e da torre de Nova Iorque que admirara durante a travessia do dia anterior. Era mais fácil falar do que ficar calada. Mal notou o som das ondas, que normalmente a acalmava.

Wash deteve-se e Emily ainda deu mais alguns passos até reparar e virar-se para ele.

– Estás exausta? Não sou um bom homem – lamentou o marido.

– Desculpa? – Tinha percebido bem, mas perguntou sem saber como responder.

– Já não sou um bom homem para ti, não é? Já não falas mais comigo.

– Estamos sempre a falar...

– Sobre a ponte. Falamos sobre a ponte, mas não sobre nós. Já não me dizes como é que estão a correr as coisas, o que andas a fazer.

– O que ando a fazer? – Começou a rir e quase se engasgou. – Estou a fazer o teu trabalho, Washington.

– Eu sei. Mas o que aconteceu à associação pelas mulheres, por exemplo? Como é que se está a sair Fanny com o orfanato? E as tuas aspirações para ser presidente dos Estados Unidos da América?

– Não tenho tempo.

De repente, sentiu-se muito triste. Pegou em Wash pela mão e subiu com ele os cinco degraus que davam acesso a um coreto vazio, branco como a neve. Sentaram-se lado a lado na borda e deixaram as pernas balançar. A tinta das cadeiras vazias à frente deles estava a descascar. O mais provável era que não lhes tivesse feito bem levar com a chuva.

– Já não vês através de mim – verbalizou Emily depois de algum tempo de silêncio. – Costumavas sentir o meu estado de espírito e saber o que me ia na cabeça.

Wash ponderou muito antes de responder.

– É a dor, mas já sei que isso não é desculpa... Já não consigo ver essas coisas muito bem... e estás tão desiludida comigo. Afastaste-te e já não *consigo* ver mesmo nada.

Seria mesmo assim? O marido ainda tentou uma piada:

– Além do facto de já não ver bem.

Sempre a dor, a doença. Emily manteve os dentes sempre apertados.

– Ainda me amas? – perguntou Washington suavemente.

Naquele momento, olhou-o e afastou-se um pouco para poder ver melhor a cara do marido. Apenas há dois dias, tinha olhado para Thomas Kinsella tão de perto, para aquele rosto estranho e ao mesmo tempo familiar... Contudo, ali era o marido, com quem tinha passado por muita coisa, quem estava sentado à frente dela. Um casamento, viagens, o nascimento do filho, várias mortes na família. Wash confiava-lhe tudo, confiava nela e apoiava-se nela.

– Sim, amo-te – respondeu.

– Então, quero prometer-te que estarei mais presente para ti. Não só com rosas e chocolates, mas com todo o meu ser.

– Vou tentar aceitar a tua doença em vez de a combater.

– E se reparares que desapareço outra vez num vale de lágrimas, podes dar-me... Não, peço-te mesmo que me dês um pontapé na canela com todas as tuas forças.

Emily gargalhou.

*«Diz-me, querida Emmie, o que é o amor.»*

Em julho, concluíram a torre do lado de Nova Iorque e, mais uma vez, Emily subiu ao topo com Farrington. Daquela vez, o sol brilhava e conseguiu ver toda a Manhattan e Nova Jérсия, mais além do East River até Brooklyn e Staten Island. Os navios por debaixo dela buzinavam, as pessoas faziam a sua habitual confusão e, mesmo assim, pareciam distantes.

O trabalho com os cabos de aço começou de forma oficial em meados de agosto. Wash e ela conferiam-no todos os dias. Emily ainda

apresentava relatórios com regularidade ao novo Comitê, o que, com exceção de alguns representantes da cidade, não tinha nada de novo. Kingsley ignorava-a desde o assunto da Filadélfia, mas suspeitava que ainda a esperava a vingança dele. Mas quando? Felizmente, Farrington, o Coronel Paine e C. C. Martin estavam sempre de volta dela, tanto de forma figurada como na realidade. Tinha aprendido, no sentido técnico, o que significava muito do que tinha visto em Covington durante a construção da ponte.

Primeiro, tinham de instalar um cabo de transporte. Na noite anterior a esse evento, que já estava planejado há muito, chegou uma encomenda de grandes dimensões a casa. Emily e John juntaram forças para a empurrar para a sala de visitas, onde Washington se encontrava à janela com um cigarro.

– É para ti – explicou John.

– Mas não encomendei nada – respondeu o pai.

– Bem, é uma surpresa!

Pai e filho, usando o canivete de Washington, abriram o pacote e puxaram por um grande telescópio.

– Vai lá para cima! – exclamou John entre a serra-dura e fugiu com o aparelho.

– Lá para cima? – Wash olhou para Emily maravilhado.

A esposa sorriu.

– Pensei que nós querias ver esticar o cabo amanhã.

– Que ideia maravilhosa! – Pousou o telescópio no sofá e envolveu-a entre os seus braços. – Obrigado.

– Deixei o Johnny entrar na ideia porque o quarto dele tem a melhor vista. Ele mal pode esperar. Quer colocar uma cadeira para ti, para que te possas sentar e assistir, meu guaxinim.

Washington deu-lhe um longo beijo.

No dia seguinte, no meio do rio, ainda parecia estar a sentir os lábios dele nos dela, mas era mais provável que fosse o efeito do olhar dele

sobre ela. Com certeza, estaria sentado à janela, a observá-los. O próprio John estava de pé, na margem, com Agnes e uma amiga da mesma idade. GK e a família tinham vindo. A pequena Christina era um raio de luz mesmo com os dentes tortos. Alva Vanderbilt deslizava majestosamente pela multidão que parecia separar-se perante a sua presença, seguida da senhora Adams que, da mesma forma, avançava por entre a multidão. Usava uma faixa sobre o vestido a dizer «Direitos Iguais para as Mulheres».

Os preparativos tinham começado cedo. Havia amarrado as cordas auxiliares à torre de Brooklyn há dois dias, indo para o interior, passando sobre os telhados das casas e chegando ao ancoradouro. Esticaram as rodas de transporte entre elas e, ao mesmo ritmo que a barça atravessava o rio, o cabo corria, desenrolando-se do enorme carretel.

Em ambas as torres, Emily tinha hasteado a bandeira americana perante vários milhares de espectadores e centenas de repórteres nas margens. Thomas Kinsella tinha-lhe acenado. Não haviam falado desde a Feira Mundial. O jornalista iria no segundo barco a vapor, enquanto Emily, Farrington e os outros homens iam no primeiro.

– Ainda está a ocorrer o reponto da maré – comentou Farrington.

Emily acenou com a cabeça.

– Reponto da maré? – perguntou Alva Vanderbilt. Tinha pedido a Emily para ir com ela e prometera não fazer perguntas.

C. C. Martin olhou-as e franziu o sobrolho. Não tinha demorado muito a fazer a primeira pergunta.

Alva pôs ambas as mãos na boca.

– Desculpem.

Num tom de voz baixo, Emily explicou à amiga que o reponto da maré permitia calcular quanto faltava entre a maré baixa e a maré alta por ser um curto período em que não havia variação sensível nas águas e a corrente estava particularmente baixa.

Quando chegou a altura, os barcos partiram com a ordem de

Farrington. Tinham concebido um sistema de sinalização com bandeiras que mantinha todos os intervenientes em contacto.

O navio puxou o cabo, que, por sua vez, o seguiu com firmeza e afundou devagar pelo rio. O outro barco estava lá para manter os restantes navios afastados. Só uma vez tiveram de parar para deixar passar um veleiro inglês de três mastros.

– É tão emocionante – sussurrou Alva. Todos os outros aguardavam em silêncio absoluto.

Em dez minutos chegaram a Manhattan, e as pessoas de ambos os lados aplaudiram. Emily saiu do barco e viu como Farrington e C. C. Martin subiam à torre de Nova Iorque para se certificarem uma última vez de que todos os suportes, ilhós e guias estavam alinhados como deveriam estar. Será que Wash estava a ver tudo através do telescópio? Na verdade, até devia ter feito as verificações finais... Ou não: em vez disso, Emily fê-las e, mais uma vez, conteve-se por causa das pessoas. Tinha estado a falar com Farrington no dia anterior durante horas sobre cada pequeno pormenor.

Farrington estava no seu elemento, a dar instruções para a esquerda e para a direita, tranquilo. Quando chegou ao andar de baixo, o cabo de aço ainda estava preso por uma corda de cânhamo. Era altura de esperar outra vez. Alva pigarreou baixinho.

– Emily, do que estamos à espera?

– De que haja menos trânsito.

– Como assim?

– Antes de podermos tensionar o cabo, temos de o levantar pelo rio. Para o fazer, claro, não pode haver navios no caminho.

– Estou a ver.

– O domingo teria sido mais tranquilo – murmurou C. C. Martin.

Emily virou-se para ele.

– Vai correr tudo bem.

O homem sorriu, fazendo sobressair ainda mais as bochechas

reChonChudaS.

– Não Sou o mais paCiente.

Cada vez mais peSSoas se reuniam nas margens à medida que o tempo paSSava. Meia hora. Três quartos de hora. Emily tinha bebido demasiado café e preCiSava urgentemente de ir à CaSa de banho, maS, por fim, aConteCeU a tão esperada pausa no tráFego marítmo. Disparou-se um Canhão por razões de Segurança e, impulsionado por um motor potente, o tambor Começou a girar.

As peSSoas tinham de proteger os olhos da luz do sol para perCeber se o Cabo estava em movimento. O Cabo ergueu-se, saindo da água e formando ao seu passo pequenos remoinhos e bolhas de ar. Parecia subir cada vez mais rápido e alcançou as 150 rotações por minuto, espalhando gotas de água como pequenos e alegres diamantes. Finalmente, formou-se uma Catenária perfeita por cima do East River, achatando-se a cada segundo que paSSava.

Farrington acenou com uma bandeira vermelha e o movimento do Cabo abrandou. Ergueu a bandeira e esperou por C. C. Martin.

– Agora!

Baixou a bandeira e o Cabo parou. DuZentos metros acima da água.

Emily deixou fugir um suspiro de alívio e só naquele momento perCebeu que tinha estado a suster a respiração. O primeiro navio paSSou por debaixo do novo Cabo e o Capitão saudou-o com uma forte buZinadela.

Durante a tarde, realizaram o mesmo procedimento com um segundo Cabo. Após essa fase, ligaram-nos de modo a formarem um laço sem fim, inseparável. No futuro, o chamado Cabo Contínuo seria utilizado para transportar materiais em ambas as direções.

– Vê – disse Emily a Wash à noite, atirando-lhe a edição noturna da *Eagle* e deixando-se cair na cama vestida. Enquanto o marido lhe desapertava o espartilho, leu o artigo.

– Casadas – leu a manchete. Só uma palavra. Nova Iorque e Brooklyn estavam, a partir daquele momento, oficialmente casadas.



– Pelo menos é assim que Brooklyn vê as Coisas. Quero ver os jornais de Manhattan... – Wash arrancou a fita dos ilhosés. – Ah, também escreveram que, a seguir, vamos enviar alguém por cima do cabo. Aposto que não tarda nada está a baraca a abanar.

Antes mesmo de conseguir tirar o vestido, Emily adormeceu.

Washington provou que tinha razão. Mais de uma centena de jovens apresentaram-se para assumir o risco de serem os primeiros a atravessar o East River. Provavelmente imaginavam que seria como no circo, quando o equilibrista fazia truques a uma grande altura com uma longa vara nas mãos.

A nível interno, porém, há muito que tinham claro quem iria receber a tarefa e a honra: Frank Farrington. À sua maneira tranquila de ser, estava ansioso por isso.

– É mesmo mau... – provocou-o Emily. – Quando tem de fazer um discurso nada, mas balançar sobre um rio gelado a uma altura de sessenta metros, não, isso não o preocupa.

Farrington pôs a chávena de café.

– Não, porquê?

– Todos os jornais de Manhattan e Nova Iorque vão querer ter uma entrevista consigo, Frank. As mulheres estarão aos seus pés.

– Oh, vá lá. Estou muito feliz com a senhora Farrington. – Emily já tinha visto os dois juntos várias vezes e eram muito afetuosos um com o outro.

O homem levantou-se e guardou os papéis. Tinha feito muitas anotações durante a reunião.

– Vejo-a amanhã?

– Claro que sim. – Emily acompanhou-o até à porta e voltou a encontrar-se com ele no dia seguinte no topo da torre da Ponte de Brooklyn. De cada vez, parecia-lhe mais fácil subir as escadas. Cerca de 30 espectadores já estavam à espera na plataforma, tornando-a quase lotada. Thomas Kinsella e Alva Vanderbilt tinham subido.

– In... Ina... InaCreditável – ofegou Alva.

– Respira fundo. – Emily pôs-lhe uma mão nas Costas.

Thomas Kinsella observou-a. Havia afeto nos seus olhos acompanhados de uma expressão de pesar. Emily desviou o olhar. Será que Washington tinha o telescópio virado para ela? Virou-se na direção de casa, em Columbia Heights, e acenou com os dois braços.

– Senhora Roebling. – Henry Murphy curvou-se, esboçando uma vénia. Parecia nervoso e confessou que sofria de medo das alturas. Era óbvio que teria preferido dar meia-volta.

– Oh, não – ameaçou Emily. – Não pode perder o espetáculo agora que conseguiu chegar ao topo!

Estava tão contente por ter o velho cavalheiro ao lado dela que teve de se conter para não falar com ele de forma demasiado amigável. Murphy continuava a dar importância à etiqueta. Alva tinha recuperado e escondera-se do sol. Fazia bastante calor ali em cima e não passava qualquer vento.

De repente, ouviu uma gargalhada estridente de Thomas Kinsella. Desviou-se de Frank Farrington. Kinsella estava a segurar um pedaço de papel.

– Veja, Senhora Roebling, a Colega do *Herald* que está ali enviou-nos uma mensagem.

O jornalista gesticulou para a torre de Nova Iorque. Emily tirou-lhe o papel, com cuidado para não lhe tocar. A nota tinha chegado até eles com um clipe pelo cabo de transporte.

«Se demorar mais tempo, entretanto enviem para aqui cerveja gelada e sandes», leu Emily.

– Quer responder? – Thomas Kinsella entregou-lhe a caneta e virou-lhe as costas. Hesitou, mas depois alisou o papel no casaco do fato e usou-o como apoio.

«Primeiro o dinheiro, depois as sandes», escreveu.

Thomas Kinsella sorriu e depois de um aceno de cabeça de C. C.

Martin, mandou a mensagem de volta pelo arame. A nota foi ficando cada vez mais pequena até deixar de ser reconhecível quando estava a um terço do caminho. O *Herald* não devia ter dinheiro, porque não houve resposta.

Chegou a hora da demonstração de Farrington. Hastearam a bandeira americana primeiro em Brooklyn e depois em Manhattan. C. C. Martin acenou com uma bandeira vermelha e obteve uma resposta idêntica do outro lado. Emily olhou para baixo. Muitas pessoas com a cabeça inclinada para trás olhavam na mesma direção e lembravam-na girassóis. Barcos e navios de todas as formas e tamanhos lotaram o rio. O tráfego normal teve de fazer uma pausa e parecia que se podia saltar de convés em convés para chegar à outra margem.

– Cá vamos nós – disse Farrington. Não ia equilibrar-se sobre o cabo como os jornais tinham pensado, mas, ao invés disso, ia deslizar sobre um assento, muito parecido com um baloiço. Uma tábua simples com cordas presas ao cabo. Teve dificuldade em baixar-se sobre o assento e C. C. Martin e outros dois homens seguraram-no. Queriam enrolar-lhe uma corda à volta do tronco por segurança, mas Farrington abanou a cabeça. Não precisava.

Mais uma vez, C. C. Martin acenou com a bandeira. Emily bateu palmas e os outros fizeram o mesmo. A viagem começou, e Farrington iniciou a travessia pelo cabo. Tudo ao mesmo tempo, enquanto toda a Brooklyn aplaudia. Emily ouvia os gritos de alegria da multidão, como se estivesse no meio dela. Da sua posição, não conseguia ver o rosto de Farrington, mas apostava que estava calmo, sério e verificava com atenção que tudo estava bem, que nada abanava ou falhava. Não era por prazer, era uma tarefa importante e técnica.

– Frank! – gritou Emily em voz alta. – Tenha uma boa viagem, Senhor Farrington! – Depois perdeu-o de vista e de uma forma muito pouco feminina pôs dois dedos na boca para assobiar alto enquanto gritava.

Henry Murphy ao lado dela recuou.

– Desculpe, senhor – desculpou-se com uma gargalhada. – Sou uma

rapariga do campo.

Antes de poder responder, Murphy vacilou. Emily seguiu o seu olhar, deixando de olhar para Farrington só por uns segundos e, logo de seguida, também se calou. Farrington tinha-se erguido, levantando-se no assento, com as lapelas do casaco ligeiro a bater com o vento, e acenou com o chapéu na mão. O normalmente sério e tranquilo Farrington estava claramente a divertir-se. Merecia-o. Oh, como ela própria adoraria balançar ali no cabo!

Henry Murphy inspirava e expirava em frenesim.

– Porque não se senta, senhor Murphy? – Alva ajudou-o a sentar-se para o ajudar a ter o coração a bater sob controlo.

– Estou bem, estou bem – agradeceu o deputado.

Emily já só o observava pelo canto do olho, pois não conseguia tirar os olhos do novo artista de circo. Entretanto, teve de puxar pelos binóculos pequenos que trazia pendurados à volta do pescoço. Era uma visão estranha: o cabo era tão fino que parecia estar sobre o ar. Flutuava livremente sobre o East River. Se ao menos Wash estivesse ali...

Quando Farrington estava a meio caminho, dispararam um tiro de canhão de ambos os lados do East River, afogando o barulho das sirenes dos navios e, de seguida, Farrington deslizou.

Na verdade, queria apanhar o *ferry* de volta para Brooklyn depois da viagem e juntar-se a Washington e a ela, mas passaram-se horas antes de voltar à cidade e bater à porta deles. Parecia desganhado e não tão alegre como tinha estado ao ar livre.

– As pessoas não me deixam em paz – relatou com um gemido, tomando não só uma chávena de café como também um *shot* de licor. – Tentaram erguer-me, até.

Emily teve de conter uma gargalhada.

– O senhor Kingsley arranjou-me um refúgio num escritório no porto e depois um barco. Foi assim que atravessei o rio sem ser notado. As pessoas enlouqueceram.

Washington sorriu, mas Emily percebeu dor nos seus olhos: o trabalho da ponte não era só um fardo, pois da mesma forma tinha proporcionado momentos maravilhosos. Um telescópio não passava de um fraco substituto.

Brooklyn, setembro de 1876

Nos dias seguintes, foi instalado um segundo cabo contínuo e depois um mais grosso que iria segurar os cabos mais pesados, aos quais, por sua vez, eram presos cestos onde trabalhavam os homens. Foi construída uma ponte pedonal, completa com cabos de retenção e os chamados cabos de tempestade.

Emily já sonhava com teias de aranha prateadas e tranças de aço e teve de suspender as visitas às senhoras de Brooklyn para poder passar pelo menos algumas horas por dia com John. De qualquer forma, as conversas sobre as últimas tendências nunca a tinham interessado. Contudo, continuava a gostar de passar tempo com Alva Vanderbilt e a senhora Adams.

Alva tinha encontrado uma alma gêmea no arquiteto Richard Morris Hunt, que começou a desenvolver planos para a nova casa do casal, uma obra esplêndida na já por si ostentosa Quinta Avenida. Alva estava determinada a prosperar entre a alta sociedade de Nova Iorque para a liderar.

– Richard construirá o pedestal para a Estátua da Liberdade quando conseguirem reunir o dinheiro – contou Alva a caminho do local onde, em breve, iria ficar o seu palácio-casa neorrenascentista.

– Fiz a minha parte – respondeu Emily. – Pagámos entrada para o ver na Feira Mundial.

Esperava que Alva não tivesse reparado que Emily tinha falado no plural. Ela e Thomas Kinsella...

– Muito louvável – disse Alva, puxando Emily da rua para a propriedade.

O chão estava todo ressequido após o intenso fim do verão das últimas semanas. Havia muito espaço naquele extremo a norte da Quinta Avenida, mas a estrada em si era acidentada. Emily, por um lado, mal conseguia imaginar que os Vanderbilt encontrassem ali o caminho para o

meio da alta sociedade; por outro, estava tão convencida da investigação de Alva que não ousou dizer nada. Olhou à volta. Desde que vira uma ponte ser construída do nada, não tinha dificuldade em imaginar uma casa que até então só existia na mente de um arquiteto e de uma futura dama.

– A propósito, Richard também concebeu a Tribune Tower.

Emily ficou impressionada: era o edifício mais alto de Nova Iorque. Ficava em Newspaper Row, não muito longe da ponte. Washington tinha estado a acompanhar a construção através do telescópio.

– Talvez possamos marcar um encontro com o Senhor Hunt e o meu marido um dia destes – sugeriu. – E o meu irmão GK. Acha que estaria interessado?

– Richard? Com toda a certeza. Vou perguntar-lhe já agora. Dá-me o teu cartão.

Contudo, um motim no Conselho Superior da Bridge Company colocou o encontro em segundo plano.

Quando Emily chegou ao escritório no dia seguinte, os homens estavam a rir com o presidente da Câmara de Manhattan no meio deles. Pelo tom de voz alto, podia depreender-se que gostava de falar em frente de muita gente.

– Esta fuga não poderia ter chegado a um fim de forma mais adequada... – exclamou.

O colega de Brooklyn acenou com a cabeça em concordância:

– *Que vai fazer a esse respeito?*

Todos se riram. Emily lembrou-se: era o que William Tweed tinha dito quando ainda pensava que era invencível. No último Dia de Ação de Graças, tinha recebido autorização das autoridades prisionais para visitar o filho e a família, mas tinha aproveitado o dia de folga para fugir.

– Encontraram-no? – perguntou Emily.

O presidente da Câmara de Brooklyn endireitou o colarinho.

– Primeiro, encontraram-no na Flórida, depois em Cuba, mas

chegavam sempre tarde. Ontem, apanharam-no em Espanha, mesmo no porto, quando estava prestes a desembarcar.

– E sabe qual é a melhor? – O colega soltou uma gargalhada. – Os espanhóis não tinham uma fotografia dele, mas o Consulado deixou uma *Harper's Weekly* para a polícia.

– Não me diga, com uma caricatura?

– Exatamente. Thomas Nast derrotou o maior sacana de Nova Iorque.

As gargalhadas dos homens ecoaram pela divisão, o velho Henry Murphy deu palmadinhas nas coxas enquanto se sentava, mas o bom humor foi interrompido quando Kingsley entrou com passos pesados.

– Cavalheiros, comecemos.

Os cavalheiros, entre os quais Emily se autoincluía, sentaram-se e acalmaram-se.

– Como todos sabem, temos aqui as licitações que ainda estão a decorrer para os cabos de aço. Há quatro empresas. Contudo, gostaria de emitir um aviso. Não, mais do que isso. – Endireitou-se. – Quero que fique registado como vice-presidente do Conselho Superior que ninguém que tenha nada que ver com a ponte conseguirá o contrato para fornecer os cabos.

Os homens ficaram em silêncio. Um a um, todos eles se voltaram para Emily, quem, por sua vez, olhou para Henry Murphy, o presidente. O presidente olhava para a mesa que tinha à frente em silêncio. Todos sabiam o que significava: a melhor oferta seria rejeitada, a mais sensata, porque vinha da John A. Roebling's Sons.

– Cavalheiros... – Emily tentou levantar-se, mas Kingsley estendeu a mão.

– Não se levante, senhora Roebling. Todos sabemos que queremos o que é melhor para a ponte. Para Nova Iorque e Brooklyn. As desavenças dentro do Conselho não nos devem impedir. A qualidade do cabo é a coisa mais importante.

– Mas, mesmo assim, a marca Roebling é a melhor – respondeu Emily.



Se pensasse que não havia mais nada a dizer e que não iria continuar a falar, não o deixaria ficar com a dele. – Sabe perfeitamente bem, senhor Kingsley, que os Roebling têm mais experiência com tais cabos. São os únicos que têm qualquer experiência. Os cabos da ponte em Cincinnati provêm deles e, além disso, sabe que o meu marido não tem nada que ver com a empresa.

– É o presidente da empresa.

– E você, Senhor Kingsley – referiu –, é um empreiteiro, membro deste Conselho e acionista de várias empresas. Por conseguinte, deveria manter os seus interesses separados.

Alguém ofegou alto. Conseguiram-se ouvir risos reprimidos.

Kingsley olhou ferozmente para ela do outro lado da sala. Emily não podia perder o controlo, porque era disso que o empreiteiro estava à espera. Nenhum dos outros vendedores tinha a mínima experiência com cabos deste tipo. Ouviu a discussão durante mais alguns minutos, de pé, com os punhos cerrados.

– Com licença – interveio um jovem cheio de marcas, que Emily nunca tinha visto antes levantar a mão. – Chamo-me John Riley e estou aqui hoje a substituir o Senhor O'Brien. – O auditor do lado de Nova Iorque que se sentava no Comité em representação da cidade.

Kingsley saudou-o prontamente.

– Ouvi dizer que o engenheiro-chefe está doente e que um dactilógrafo o está a ajudar.

Kingsley soltou uma gargalhada sonora e Riley calou-se, irritado.

– Qual é a pergunta? – pediu Henry Murphy com uma nota de impaciência na voz.

– Bem, ouvi... – O jovem estava cada vez mais agitado. – Estava a pensar no que aconteceria se o Coronel Roebling morrer.

Emily sentiu-se tonta e teve de se sentar. Riley não fazia ideia, mas as palavras atingiram-na. *Se morrer...*

– Se o Coronel Roebling morrer, C. C. Martin assume o comando. Já

estabelecemos isto como plano de contingência. O Senhor Collingwood e o Senhor McNulty também são candidatos adequados.

Os dois engenheiros trabalhavam com C. C. Martin e Emily apreciava a perícia deles. Eram bons homens, mas, mesmo assim, tinha a cabeça a zumbir.

– Não vamos falar da morte do Coronel Roebling – pronunciou-se Henry Murphy no silêncio.

– Bem, pensei... – Riley começou de novo.

Emily precisava de um pouco de ar fresco. Saiu da sala, ouvindo as gargalhadas de Kingsley nas suas costas.

Washington não morreria. As pessoas contavam histórias umas às outras, histórias exacerbadass, e era compreensível. O misterioso homem doente que não saía da cama.

Riley não importava, mas sim Kingsley.

Apressou-se em direção a casa, verificou a secretária e depois subiu as escadas a correr. Washington estava na cama, a cantarolar e a olhar para o teto. Deixou-se cair na poltrona ao lado da cama, descalçou as botas e Wash sentou-se.

– Aconteceu alguma coisa?

– Kingsley quer Charles e Ferdinand fora da corrida. O contrato dos cabos não vai para ninguém que tenha alguma coisa que ver com a ponte...

– Disparate – interrompeu-a Wash.

– Eu sei, mas...

– Não, é um mal-entendido. O Lloyd Haigh ainda está na lista?

– Sim. – Emily conhecia todos os fornecedores de cor.

– Então, gostaria de te enviar numa pequena missão, Emmie.

Meia hora depois, entrou nos escritórios do *Eagle* na Rua Fulton. Esperava encontrar Thomas Kinsella, mas em vez disso foi recebida por Henry Murphy, que devia ter abandonado a reunião logo a seguir a ela.

– Foi outra rebelião – disse Henry Murphy. – Vem ver-me? Receio

desta vez não ter tanta certeza de que possamos estar tranquilos.

– Temos todos os cálculos afinados com os cabos deles – retorquiu Emily. – Já apresentámos os planos na Feira Mundial. Temos... Oh, o senhor sabe bem isso, senhor Murphy. Já estava decidido. Preciso de falar com o senhor Kinsella, por favor.

– Conheço essa voz. – Thomas Kinsella enfiou a cabeça para fora, pela porta que conduzia ao escritório dele.

Emily foi direta ao assunto.

– Lloyd Haigh, o que significa para si esse nome?

– Empresa siderúrgica ao Sul – respondeu Thomas Kinsella.

– Ao Sul? – perguntou Henry Murphy.

– Bem, a Sul de Brooklyn. Porque pergunta, senhora Roebbling? Aconteceu alguma coisa?

– Por favor, desculpem a minha excitação. Poderiam descobrir se o Haigh tem alguma coisa que ver com o Kingsley?

Thomas Kinsella passou o olhar entre eles, perplexo.

– Venha comigo – disse, por fim, acenando para Emily.

Emily entrou no escritório, que estava tão cheio de jornais, revistas e documentos de todos os tipos que sentiu que estava na toca de um hamster ou de uma toupeira. Estava contente por ter uma secretária entre eles.

Depois de lhe ter explicado do que se tratava, o jornalista mergulhou diretamente no trabalho. Com aquelas longas pernas, tropeçou entre as pilhas de papéis e livros abertos e, duas horas mais tarde, a acompanhou-a a casa, onde Washington já a esperava.

– Coronel, há muito tempo que não o via. Está com bom aspeto. – Thomas Kinsella não se encontrava com Wash há três anos e Emily sentiu que merecia um encontro cara a cara, que visse de que forma o marido ainda a apoiava. Wash parecia sentir o mesmo e estava acordado e alerta. Mesmo assim, nem sabia do beijo...

Convidou os dois homens para a sala de visitas e a menina Fraser

trouxe-lhes chá e *scones* acabados de fazer. Emily agradeceu-lhe. Estava mesmo cheia de fome!

– O benevolente senhor Kingsley é o dono da propriedade onde o Lloyd Haigh tem a empresa de aço – relatou Thomas Kinsella.

– Lembrei-me bem, então. – A memória nunca lhe falhava.

– E o Haigh tem tido dificuldades em pagar. Há anos que assim é. É claro que o Kingsley, como Senhorio, não acha isso muito engraçado. Penso que o Haigh deve saber outros podres sobre ele, se é que os mexicanos servem de alguma coisa. Isto é tudo o que sei, por enquanto, mas vou descobrir mais.

– Muito obrigada, senhor Kinsella, muito obrigada – agradeceu Emily.

– Ora essa. Sabe que estou do seu lado. Dito isto, gostaria de sugerir-lhe, Coronel, que talvez queira distinguir-se com mais clareza dos seus irmãos. Afinal, o senhor é o presidente da John A. Roebling's Sons.

– E também tenho ações – disse Wash –, mas não perco. Nada disto tem que ver com os cabos.

– Isso sabe o senhor, a sua esposa e eu. Mas, com certeza, imagina que as pessoas nem sempre compreendem tudo ou querem compreender, e se Kingsley ficou com alguma coisa metida na cabeça...

Quando Thomas Kinsella se foi embora, Wash levantou-se e começou a andar de um lado para outro. O tapete engoliu o som dos passos e o olhar de Emily voltou para os *scones*. Pegou noutro, fazendo força com os dedos para partir um pedaço, enfiou-o na boca e mastigou-o com todo o prazer.

– Se fizerem isto, eu afasto-me da construção da ponte – insinuou. – Podes escrever uma carta a Murphy, Emmie?

– Engraçadinho – brincou de boca cheia.

– Estou a falar a sério. É um insulto que Kingsley pense que pode sobrepor os seus próprios interesses e arriscar todo o projeto da ponte. Quero dizer-lhe isso a ele também.

– Mas é suposto ser apenas uma ameaça, certo? Não estás a pensar

em abandonar o projeto...

Wash foi até à porta.

– Sim, estou. Podes escrever a carta por mim?

Emily permaneceu sentada.

– Podes fazê-lo tu mesmo.

Surpreendido, virou-se para ela.

– Os meus olhos, Emmie... tu sabes.

– Sim, eu sei. Mas estás maluco? Não vais desistir. A Administração já está a fazer planos para quando morreres e não seria a primeira vez que alguém se quer ver livre de ti. O Kingsley virar-se-á contra nós no futuro porque... – Nunca lhe tinha contado como Kingsley a tratava desde o início e o facto de se ter rebelado contra ele. – Por causa dos seus princípios. Além disso, Wash... Adoro este trabalho. – O marido sentou-se ao lado dela.

– Porque não me disseste antes? Quais são os planos para a minha morte?

– C. C. Martin.

– Ao menos isso. – Inclinou-se para trás. – Quem me dera poder dizer que ainda adoro este trabalho, mas acabou comigo.

– Mas ainda cá estou eu. É importante para mim. Consegues sequer imaginar outra pessoa a assumir o controlo? Todo o teu trabalho? A herança do teu talentoso pai? Não ficarias à janela sempre com medo de que tudo corresse mal? Já viste o que acontece quando pessoas como o Kingsley pensam que sabem tudo.

Wash sorriu.

– Sabes como colocar o dedo na ferida. Que sugeres em vez disso?

– Em vez disso, vendemos as ações da empresa. – Emily levantou-se e puxou-o para cima. – Vá lá, posso redigir a carta agora mesmo.

– Emmie?

– Sim?

– Isto é o pontapé nas canelas de que tínhamos falado?

– Não, estou a guardar isso para Coisas realmente importantes.

A luta, porém, não tinha terminado. A decisão para o fornecedor ainda estava pendente. Duas semanas mais tarde, outro membro do Conselho insistiu num substituto para Wash, mas Emily não tolerou. Voltou a falar com Henry Murphy e, afinal, atirou a palavra «demissão» para a Sala, o que o fez sobre saltar.

Thomas Kinsella não estava a chegar a lado nenhum na investigação. Suspeitava que Kingsley tinha um acordo com Haigh, o fabricante de aço do sul de Brooklyn: qualquer coisa como uma percentagem das futuras receitas das portagens em troca de permitir que continuasse a dever as rendas da propriedade sem declarar falência. Contudo, não havia provas, pelo que tudo o que podia fazer era deixar uma discreta pista para Henry Murphy. Emily confiava no facto de o presidente se preocupar muito com a confiança e com as palavras de honra.

A pressão parecia estar a afetar a saúde dela. Estava constantemente cansada e com fome, podia comer quatro *scones* de uma assentada e, uma hora mais tarde, voltava para a cozinha. Não tardaria nada em sentir a roupa a apertar.

– Oh, menina Fraser – suspirou para a empregada, mastigando. – Se fosse tão pequena e esbelta como a menina...

– Então a roupa ficaria pendurada em si como fica em mim. Orgulhe-se da sua maravilhosa figura. Tenho a certeza de que a vai recuperar num instante.

– Quando estes apetites acabarem...

– Com a minha amiga Bridget, pararam após os primeiros três meses.

– Depois dos primeiros... – Os olhos de Emily alargaram-se. – Estou grávida?

A menina Fraser levantou os ombros.

– Não está?

Emily notou-lhe um brilho no rosto. Tinha de dizer a Wash de

imediatO. Não, primeiro tinha de se sentar para resolver o caos que se instalara na sua cabeça. Tinha 33 anos, um filho de nove, um marido imprevisivelmente doente e uma ponte para construir.

– Senhora RoebliNg, está bem? – A menina Fraser deu-lhe um empurrão suave no braço.

– Sim, sim. – Emily levantou-se e deixou a cozinha. Que diria o médico? Fanny tinha tido tanta sorte com Hilda, mas e se fosse diferente? Com quem podia falar sobre isso? Fanny, claro, foi a primeira a vir-lhe à cabeça, mas estava em Montauk. A mãe em Cold Spring? Wash? Não.

Emily foi até Manhattan, na esperança de que Alva estivesse em casa. Encontrou-a com a costureira, que lhe estava a tirar as medidas para um vestido novo. Tinha bastantes vestidos à espera de serem experimentados. Só quando ficaram sozinhas é que Emily proferiu a notícia, explodindo logo de seguida.

– Estou grávida.

Alva olhou para ela, vendo-a franzir o sobrolho.

– Posso dar-lhe os parabéns?

Emily suspirou:

– Quis ter um filho todos estes anos. ansiava muito por ele com cada bebé que segurava.

– E agora?

– Agora, quero construir a ponte.

– O seu marido... – Alva não disse mais nada e Emily abanou a cabeça.

– Estou a ver. Bem... Posso dar-lhe o endereço de uma parteira que faz abortos.

Lá estava. A palavra na qual nem sequer queria pensar. Alva pronunciou-a de uma forma tão despreocupada, entre o chá e os vestidos de seda... Era mesmo isso que queria? Era por isso que estava ali?

Alva levantou-se e procurou um papel para escrever. Pouco tempo

depois, estendeu-lhe uma nota com um nome e um endereço. Emily hesitou.

– Leve-a consigo – sugeriu Alva. – Pode sempre pensar no assunto e, de qualquer forma, fica com o nome.



Brooklyn, dezembro de 1876

No fim de novembro, pela primeira vez, um jornal noticiou as disputas sobre a adjudicação dos contratos para o fornecimento dos cabos. Realizaram vários testes e todos tinham uma opinião sobre se o aço Bessemer ou o aço fundido era melhor. John A. Roebling, na altura, tinha argumentado a favor do Bessemer, mas, desde então, tinham ocorrido mudanças tão drásticas nos métodos de fabrico que não deveriam guiar-se por aquele conselho. Emily tentou explicar a Henry Murphy a diferença entre os dois tipos de aço, mas este logo acenou em negação. Teria de confiar na perícia dos outros. Ou na dela...

Quando o Brooklyn Theatre se incendiou no início de dezembro e quase 300 pessoas perderam a vida porque a varanda tinha cedido, construída sob a direção da empresa de Kingsley e, pouco depois, ocorreu um acidente ferroviário em Ohio, no qual 80 passageiros mergulharam para a morte por causa de uma ponte com apenas 11 anos, todo o projeto da ponte foi posto em causa mais uma vez.

Washington ficou aborrecido por o Conselho não se ter conseguido decidir e por não ter confiado nas recomendações dele. Os ataques de dor tornaram-se mais frequentes. Emily estava bastante feliz porque estava sempre atarefada. Assim, não tinha de pensar, não tinha de decidir. Ainda tinha a fome de um urso e, embora Washington tivesse mantido a promessa de ser mais atento com a esposa, conseguiu manter a notícia da gravidez longe dele.

Contudo, Emily encontrou uma manhã o *Eagle* na mesa junto do pequeno-almoço. Na primeira página, Thomas Kinsella pronunciava-se contra a adjudicação do contrato à John A. Roebling's Sons. Dizia que, apesar de os Roebling terem apresentado a proposta mais barata, o aço Bessemer era a escolha mais sensata e o aço Bessemer de Lloyd Haigh tinha obtido uma cotação favorável nos testes. O facto de Haigh produzir aquele aço em Brooklyn era apenas uma agradável questão secundária.

Emily gostaria de ter corrido para o gabinete editorial a gritar: «Enlouqueceu, Kinsella? Não percebeu que o Kingsley e o Haigh não são de confiança? Não disse que nunca me desapontaria?»

Thomas Kinsella dificilmente seria dissuadido por uma fúria rosnante, mesmo que tivesse beijado aquela fúria em Filadélfia, e os danos causados pelo artigo já não podiam ser reparados. Mesmo assim, dar-lhe-ia a opinião dela, com certeza!

Naquele momento, Wash desceu as escadas, pálido. Emily escondeu com rapidez o jornal e envolveu-o calorosamente antes de saírem para visitar GK e Lily. O irmão ainda estava acamado e tinha as pernas tão inchadas e vermelhas como mangueiras de incêndio.

– Anteontem tentou rebentá-las – contou Lily, enquanto punha outra almofada debaixo das pernas de GK.

– Desculpa? – Emily olhou para o irmão, assustada.

– Espetou uma agulha, olha. – Lily empurrou a perna do pijama aos quadrados e mostrou-lhe as marcas de perfuração, pouco visíveis entre os derrames.

– Graças a Deus, não infetou.

Wash inclinou-se na entrada da porta.

– Há alguma forma de o podermos levar até à rua, GK?

– O médico vem até aqui – interveio Lily.

– Estava a pensar mais num banho turco. Os duches frios provavelmente far-lhe-iam bem, GK, e é muito provável que a mim também.

O rosto de GK iluminou-se.

– É uma boa ideia. Podemos tentar.

Tentou sentar-se. Emily retirou-se do quarto do doente quando Sidney e John a chamaram.

– Vem ver o que fizemos, vem comigo, tia Emmie.

No quarto de Sydney, viu que todo o piso estava coberto. Emily deixou os olhos vaguear pelo espaço.

– Uma quinta?

– O Sydney não gosta de Brooklyn – explicou John. – Nem sequer do Dandelion Park.

– Não há animais – acrescentou Sydney. – Nem há árvores. Olha, tia Emmie, aí estás tu.

– Oh! – Agradou-se para ver melhor a cena. Os animais eram feitos de fósforos e pedaços de tecido. GK tinha autorizado que tirassem lenços velhos da gaveta dele.

– E que tipo de animal sou?

– Uma galinha! – Sydney animou-se. A galinha era um cotão miúdo. – Porque a mãe conta-me que costumava caçar galinhas em Covington.

– Como?

– É verdade, mãe? – perguntou John.

– Oh, sim, o *Senhor Galo*! Tinha-me esquecido dele – disse Emily alegre. – O Sydney liderou a perseguição. Sempre a perseguir as criaturas, de preferência o *Senhor Galo*... E nós perseguíamos-lo a ele para que as galinhas não tivessem ataques cardíacos.

– E eu? – perguntou John.

– Não estava pensando nessa altura.

– Mas existo aqui! – John e Sydney perseguiram-se habilmente através da paisagem agrícola.

Emily sentou-se no chão e encostou-se à parede. Tinha outra vez um bebé na barriga. Já tinham passado algumas semanas desde a visita a Alva e ainda não tinha ido ao médico para confirmar a gravidez, porque o atraso na menstruação e o olhar aguçado da menina Fraser eram confirmação suficiente para ela. Já tinha deitado o papel com a morada no lixo várias vezes e, mesmo assim, tinha-o recuperado sempre. De cada vez, parecia-lhe ouvir o padre que a tinha batizado a gritar do tumulto católico: «Pecadora!»

Lily entrou na sala e estendeu-lhe a pequena Christina, que tinha acabado de acordar da sesta, embora ainda olhasse tudo com cansaço.

– Podes ficar aqui e tomar conta das Crianças? Gostaria de ir ao banho turco.

– Claro, vai. – Ainda assim, seria capaz de confrontar Thomas Kinsella em duas horas.

A pequenina ao colo animou-se e, de repente, não queria mais nada senão destruir a quinta do irmão mais velho. Emily quis apanhá-la e tentou levantar-se rapidamente, mas sentiu uma pontada no abdómen que não conseguiu identificar. As costas? Com cuidado, endireitou-se.

– Mãe?

– Está tudo bem, Johnny. Posso deixar a pequena contigo por um momento?

– Não, vai estragar tudo!

Emily sentiu algo quente a escorregar-lhe pelas virilhas.

– Oh, não – sussurrou. Andou de pernas abertas pelo corredor e desceu as escadas.

Colocou no berço a criança e atirou-lhe rapidamente uma boneca de trapos e um urso para o colo.

A casa de banho de CK e Lily cheirava a bolor, apesar de a terem mandado instalar nova quando se mudaram para ali. Deixou a porta entreaberta para ouvir Christina a chorar. Inclinou-se para a frente e, quando levantou as saias, já conseguia ver o sangue a correr-lhe pelas pernas.

Já não tinha de tomar uma decisão.

Pela segunda vez na vida, Emily passou o Natal de cama com febre. O doutor Warren veio e foi. Washington ficou junto dela dia e noite.

– Porque não disseste nada, Emmie? – sussurrou. – Minha querida Emmie...

– Não tinha a certeza – murmurou. – Tive medo.

Sabia que o marido iria interpretar mal aquela declaração, pois não tinha medo do nascimento da criança, mas de ter de desistir do trabalho na ponte. No entanto, deixou-se estar em silêncio enquanto ele tentava

tranquilizá-la, murmurando-lhe Coisas Carinhosas.

Fanny veio de Montauk para cuidar dela e Emily Chorou quando viu o rosto querido da prima.

– Coitada... Minha querida – sussurrou Fanny, desviando-lhe o cabelo da testa.

Enquanto chorava muito e acabava de recuperar, em janeiro, os administradores votaram unanimemente em Lloyd Haigh, não pelo aço Bessemer, mas sim pelo aço fundido. Não se seguiram os protocolos naquele dia e ninguém sentiu necessidade de se justificar perante Emily ou Washington.

– Vai funcionar – disse Wash tentando manter a calma. – Vamos fazer as contas outra vez. Sentes-te bem o suficiente?

– Isto cura-me. Lembra-te em Covington...?

Como um casal jovem, feliz e ainda sem filhos, tinham passado tardes inteiras na cama, a calcular e a rever e a orçar pela terceira vez os cabos da Ponte de Ohio para encontrar o erro de John. Possivelmente, um assunto que ninguém em toda a Covington, Brooklyn ou nos Estados Unidos da América acharia romântico, mas sorriram um para o outro. Washington enfiou outra almofada para lhe apoiar as costas.

– Desta vez, no entanto, não te vou despir. – Retirou-lhe o delicado laço no decote da camisa de dormir e colocou-lhe o cobertor sobre as pernas. – Aqui temos as especificações dos cabos do Haigh...

Falaram até os olhos de Emily se renderem.

Mais tarde naquela noite, acordou e, quando se virou, conseguiu ouvir a respiração de Washington, que também não estava a dormir. Emily procurou a mão dele.

– Não te estás a sentir bem?

– Na verdade, gosto muito de ficar acordado à noite porque os meus olhos parecem ver bem. Parece que vejo melhor no escuro do que na luz. Achas que teria sido rapariga ou rapaz?

Emily levantou-se, foi até à janela e empurrou os cortinados para o

lado. A Lua creSCente era tão fina que mais pareCia que alguém tinha feito uma fenda no firmamento por acidente. Sentou-se no parapeito da janela e puXou os pés para cima. Wash fez o mesmo à frente dela, colocando um cobertor sobre as pernas e entrelaçando os pés com os dela.

– Sabia que estava grávida – Confessou Emily. – Só não sabia se devíamos ter outro bebé.

– O doutor Warren aConselhou-nos a não o fazer. Devíamos ter sido mais cuidadosos. Deveria ter sido mais cuidadoso.

– Não era isso que queria dizer.

– Que querias dizer?

Emily Confessou-lhe que tinha o endereço de uma parteira que ajudava as mulheres a terminar a gravidez e Contou-lhe ainda sobre o dia em Filadélfia, sobre Thomas Kinsella e o beijo, que só tinha sido um beijo, nada mais, mas que entendia que mesmo isso era demais, claro. Wash recolheu os pés e envolveu as pernas com os braços. A expressão dele era indiscernível na escuridão.

– Podemos... Queres... – Emily nem sequer sabia o que lhe queria perguntar.

Wash levantou-se.

– Vou para o quarto de hóspedes.

– Não, eu vou. – Tinha dormido muitas vezes lá quando o marido estava pior.

– Ainda estás doente. Fica aqui.

Wash já tinha desaparecido. Emily deitou-se na cama, enrolou-se e puXou as mantas por cima da cabeça.

Em fevereiro, a ponte pedonal estava terminada. Emily pintou dois sinais, um para cada lado: *«Só é seguro para 25 homens de cada vez, nada de andar perto uns dos outros, nada de correr ou saltar, nada de marchar! W. A. Roebling, engenheiro-chefe»*.

C. C. Martin martelou-o do lado de Brooklyn junto dos cinco degraus

que levavam até à estrutura de madeira. No início, ainda havia um corrimão, mas depois só havia cordas. Não era uma construção segura.

Pousou o martelo.

– Bem, podem subir.

As filhas gémeas de 12 anos aplaudiram. Emily seguiu um pouco mais devagar. Desde o aborto, sentia-se cansada o tempo todo, e Wash, em vez de falar com ela, refugiou-se em novas crises de dor. A luz provocava-lhe enxaquecas, por isso preferia rondar a casa depois do pôr do sol. Quando falavam, tratava-se apenas de negócios. Emily sentia-se como se andasse debaixo de água.

– Porque não podemos caminhar juntas? – perguntou Sue.

– Nem marchar? – perguntou Sarah.

– Porque senão, a passarela começará a balançar – explicou o pai, paciente. – Se continua a balançar e a balançar, podem quebrá-la.

– Como a de Wheeling – acrescentou Emily.

C. C. Martin acenou com a cabeça.

– Alguma vez teve pesadelos com isso?

– Uma vez, após a morte do pai de Washington. – Emily pôs a mão sobre o corrimão. – Começamos.

– É melhor ficarmos aqui – disse uma irmã.

– Não – resmungou a outra. – Atravemo-nos. Vamos lá.

A que tinha a fita do chapéu vermelha era Sue, calculou Emily, e a que tinha a fita azul era Sarah. Nunca tinha visto irmãs gémeas tão parecidas. C. C. Martin tinha confessado que até ao quarto aniversário das miúdas, ele e a esposa tinham-nas sempre marcado com uma fita para as distinguir, mesmo quando tomavam banho. Contudo, no quarto aniversário, o irmão de C. C. Martin tinha tirado as fitas em segredo e tinham percebido com alívio que sabiam quem era Sue e quem era Sarah mesmo sem elas.

Os quatro pisaram a ponte pedonal de madeira, que tinha ainda um tramo sobre terra antes de chegar ao rio. Em direção à torre, o caminho

tornava-se mais íngreme e esCorregadio. Fazia tanto frio e vento que Emily tinha pouCo desejo de Caminhar até ao fim. O Corrimão tinha-se tornado num Cabo fino, ao qual não se Conseguia agarrar, tendo de confiar apenas no equilíbrio. Deteve-se e olhou para baixo, para o rio cinZento. C. C. Martin Caminhava Com Curiosidade Com as filhas. Quando se virou para olhar para ela, Emily aCenou-lhe.

– Continue.

Emily nunca pensou que Washington ficaria Zangado Com ela durante tanto tempo. Não estava resSentido, mas devia tê-lo magoado muito. Claro, se fosse ele quem tivesse beijado outra mulher, Alva Vanderbilt, por exemplo, que estava tão entusiasmada Com o trabalho dele, Emily sentir-se-ia igual.

O primeiro passeio pela ponte pedonal chegou aos jornais. C. C. Martin falou da Segurança da Construção, enquanto as filhas relatavam o balançar assustador e do quão Contentes ficaram quando chegaram à torre de Brooklyn e às escadas seguras, acrescentando que, mesmo assim, nunca teriam querido perder a experiência. Mais uma vez, Thomas Kinsella tinha escrito um anúncio de primeira Classe para a ponte. Emily não tinha falado Com ele desde que os tinha apunhalado pelas costas na questão do aço. Sempre que o via à distância, fugia-lhe.

– Já leu isto, Frank? – Emily pôs o *Eagle* e entregou-o a Farrington no escritório no Edifício da União.

– Não sou só eu. Dê uma vista de olhos. Já chegou uma pilha de cartas e alguns homens até já cá estiveram pessoalmente...

– Para quê? – perguntou, intrigada. – Ficaram moralmente indignados por duas jovens raparigas atravessarem primeiro?

– Não, de modo algum. Todos querem subir sozinhos.

Farrington colocou uma garrafa de uísque e dois copos em cima da mesa.

– Nunca lhe tinha dito isto antes, Emily, mas faria uma engenheira de primeira Classe. Se ao menos fosse um homem...

Sentiu uma onda de gratidão. Emily aceitou o copo cheio e brindou



Com ele.

– Também não me importaria de ser mecânica.

– Também teria confiança no seu trabalho nessa área.

Se ao menos fosse um homem... Andaria em cima de cada corda bamba... Testaria o equilíbrio em cada corda, treparia a cada ponte, teria inventado o caminho de ferro séculos antes e deixaria crescer uma barba farta. Ficaria gorda e rechonchuda. Bem, se fosse um homem, existia a probabilidade de que Washington não quisesse dormir mais com ela, mas...

Naquele momento, nem sequer lhe falava.

Brooklyn, agosto de 1877

Emily esfregou os olhos, cansada, mas contente e agraçou os papéis juntos. Quando olhou para cima, John estava de pé na porta, a sorrir. Sentiu o coração derreter. Aquele rapaz magro e alto, quase com dez anos, saía ao pai, com o cabelo louro-claro a escurecer gradualmente e as pernas a alongar.

– Entra, rapagão.

Entrou no escritório da Bridge Company e entregou-lhe um bilhete.

– Do pai.

Presumiu que Wash tivesse descoberto alguma questão relevante com o telescópio ou já sabia algo desde aquela manhã, mas não tinha querido falar-lhe. Instaurara-se uma espécie de trégua: falavam sobre trabalho e sobre John, mas não sobre o que fazer com a relação. Emily comia muito e ele muito pouco, continuando a dormir no quarto de hóspedes.

– O nosso próprio engenheiro-chefe júnior – exclamou Henry Murphy.

John gostava do velhote e olhou furtivamente para as pilhas de correspondência.

– Que está a fazer, Senhor Murphy?

– Decidimos deixar as pessoas utilizarem a ponte pedonal. Não apenas para atravessar, é mais para lhes mostrar o nosso trabalho de perto.

– E para lhes provocar arrepios. – Emily riu-se. – Ainda não atravessou, Senhor Murphy?

– Deus do Céu, nem que fossem à minha frente dez cavalos brancos.

– Os cavalos podem atravessar? – perguntou John, espantado.

– Não, não. – Henry Murphy penteou o cabelo. – Embora um cavalheiro tenha perguntado sobre isso, um famoso jóquei.

Repórteres de todo o tipo já se tinham aventurado, vários engenheiros

curiosos, políticos e religiosos.

– O senhor Farrington disse – acrescentou Henry Murphy – que teve de recusar um jornalista no outro dia por fazer muito vento. O homem estava bastante contente, tinha sido encarregado de tal tarefa pelo patrão. No dia seguinte, apareceu uma história inventada no jornal sobre como heroiicamente o repórter tinha enfrentado os ventos e visto o East River de cima.

– Mentiu – observou John.

– Mas vejamos, há pedidos comoventes. Um casal que está casado há cinquenta anos e que quer espalhar as cinzas do neto que faleceu há pouco tempo pelo rio.

– Isso é permitido? – perguntou Emily com dúvidas.

– Ontem, veio aqui ter ao escritório um homem que disse ser um estranho e que só estava na cidade por um curto período e que gostaria de tirar partido do belo dia... Perguntei-lhe de onde era, e respondeu que era de Manhattan.

– É tudo uma questão de perspectiva – riu-se Emily.

– Deixámo-lo passar. Conseguiu andar alguns metros e depois rastejou de volta de gatas. Mas porque estou a gozar? Eu faria o mesmo.

Estimaram que o trabalho com os cabos levaria cerca de dois anos e meio no total, pelo que a ponte estaria pronta no inverno de 1879. Emily lembrava-se dos procedimentos de Cincinnati e da Ponte de Niágara de John sénior, que tinham sido construídas de forma semelhante, mas, neste caso, tudo era muito maior e, por isso, também demorava muito mais tempo a recuperar e a substituir um cabo partido. Uma parte dos homens estava nas torres e monitorizava o processo, outros trabalhavam diretamente sobre a água. Mantinham-se em contacto com sinais e as marcações ao longo de todo o comprimento mostravam que os cabos de aço mantinham a tensão correta. Se fazia vento ou estava nevoeiro, os trabalhos tinham de ser suspensos. Se as temperaturas oscilassem, o aço encurtava ou aumentava e todas as medições ficavam erradas. A cabeça de Emily andava às voltas, mas os trabalhadores tinham tido em conta

todas as Contingências.

Durante todo o verão, a ponte pedonal permaneceu uma atração para aqueles que não podiam ir para a praia ou passar os meses quentes na Europa.

Em Setembro, um visitante sofreu um ataque no meio da ponte pedonal e foi graças ao forte companheiro que o jovem não caiu 40 metros até ao rio. Em Consequência, Henry Murphy deixou de aceitar pedidos.

Durante o inverno, a construção foi suspensa outra vez por causa do frio. Os Warren – Emily e GK com as famílias – passaram os dias de Natal e todo o mês de janeiro em Cold Spring. Davam pequenas caminhadas ou andavam de trenó ao longo do rio. Não passou despercebido a Lily que a relação entre Emily e Wash estava instável.

– Emily, não me leves a mal – disse Lily. – Quero mesmo o melhor para ti, mas já te disse que Washington precisa de ti em casa.

Emily acabou por abanar a cabeça. Não podia falar dos problemas conjugais, pelo menos não com a cunhada.

Washington sentia-se surpreendentemente bem com o ar seco e as pernas de GK também estavam a melhorar. Os dois homens mancavam como velhos através dos caminhos limpos do jardim. Algum observador externo teria ficado preocupado com o mau estado de ambos, tendo em conta que tinham menos de 50 anos, mas as mulheres, que os viam da casa, estavam gratas por aquela boa fase.

A primavera chegou tarde em 1878 e com ela o estaleiro de construção ressuscitou, tal como o Conselho Superior, onde todos se debatiam em cada reunião e onde se questionavam todas as decisões desde o início. Em abril, os homens brincaram pela última vez com a situação de William Tweed, que tinha morrido de pneumonia na prisão.

Ocorreram mais mortes evitáveis. Do lado de Brooklyn, um arco de pedra desabou no ancoradouro quando retiraram um suporte demasiado cedo. Um trabalhador ouviu tarde o aviso e teve de ser resgatado dos escombros. Mais tarde, uma corda estalou, cortando um trabalhador

chamado Geoffrey ao meio, longitudinalmente, atirando-o para fora do cesto e espalhando partes dele pela área, o que também atingiu Farrington. Ficou apenas com uma concussão, mas, confiou a Emily, não conseguia tirar da cabeça as imagens de Geoffrey desfeito. Foram juntos ao funeral, onde os seis filhos do trabalhador choravam por ele, enquanto a viúva garantia a Farrington que o marido sempre tinha tido orgulho de trabalhar na ponte. Encontraram uma parte do cabo partido a centenas de metros de distância, num armazém no porto.

As disputas entre os administradores levaram Nova Iorque a reter os pagamentos. Levou apenas algumas semanas até que o dinheiro acabasse, em agosto, e que o trabalho tivesse de ser interrompido. Por volta de 600 homens ficaram sem trabalho de uma só vez, e a ponte de John A. Roebling ficou semiacabada com 22 cabos entre Nova Iorque e Brooklyn.

Washington não estava preocupado.

– Encontrarão uma solução. Não nos preocupe a política, mas é melhor dar uma vista de olhos nisto...

Tinha, como de costume, mandado o Coronel Paine trazer-lhe um pedaço do cabo de aço que se tinha partido de forma tão espetacular. Não havia nada de anormal num cabo rachar aqui e ali, mas partir todo o cabo era preocupante. Wash segurou-o à luz do sol da manhã. Deixara o cabelo comprido, mas acabava de o lavar e Emily conteve o impulso de enterrar o nariz nele.

Se ao menos a pudesse perdoar! Tentara pedir desculpa várias vezes, mas o marido era tão teimoso como uma mula. Teimoso como o pai. Não a censurava, não, mantinha-se em silêncio.

«Um casamento sem amor não é melhor do que o suicídio», tinha dito John sénior na viagem de comboio. Será que Wash já não a amava realmente? Por causa de um beijo?

Emily estendeu uma lupa para observar o cabo.

– Nem sequer precisas disso. Sente isto.

Obedecendo, ela tocou-lhe com o dedo.

– É muito frágil. – Quando o dobrou, um pedaço partiu-se.

– O material do Haigh... – percebeu. – mas mandamos verificá-lo regularmente. Como é que sabemos quanto dele já utilizámos?

Emily Confrontou o Coronel Paine, que Confessou que Haigh tinha tentado suborná-lo e aos outros inspetores desde o início. No entanto, não tinha conseguido nada. Confiando na honra dos homens, o Coronel Paine não tinha dito nada nem a Emily nem a Wash. Desde então, tinham verificado não só cada décimo tambor, como planeado ao início, mas sim todos os carregamentos que partiam de Haigh em Red Hook.

– Então, como é que ainda recebemos fios assim? – questionou Emily, mostrando-lhe a peça quebradiça.

– Não Sei, Senhora Roebling. Estamos mesmo no local. Verificamos três vezes por semana, marcamos os bons tambores, descartamos os maus. Este tipo deve ser um patife ainda maior do que presumimos.

– Receio bem que sim. – Emily andou para a frente e para trás pelo escritório, a pensar. Depois, parou no sítio, decidida. – Não nos resta mais nada senão ir espiar.

Pediram emprestada uma carruagem rápida e leve a Alva Vanderbilt e, com Farrington, conduziram até Brooklyn Sul antes do nascer do Sol no dia seguinte. Farrington levava um chapéu de feltro que lhe conferia um aspeto sombrio.

– Parece um detetive de uma história policial, Frank. Um que não deixa escapar um bandido – disse Emily.

– Não Serei eu – resmungou.

– Se vai escrever um romance sobre isso – corrigiu o Coronel Paine –, é a Senhora quem devia desempenhar o papel principal. *Emily Warren Roebling, Detetive Contra a Sua Vontade.*

– Veremos se somos bem-sucedidos, mas uma segunda personagem principal não seria nada a desconsiderar.

A fábrica de cabos de Haigh ficava perto das Atlantic Docks. Pararam a alguma distância para encontrar um ponto onde pudessem avaliar o que a contêcia e o Coronel Paine descreveu-lhes como funcionava.

– Como veem, lá atrás, no corredor, fazemos as inspeções. Os cabos recebem um certificado, ou seja, uma nota é colada no tambor. São cinco e meia, por isso, uma carroça deve partir em breve para chegar a tempo à ponte.

O espaço de armazenamento no local era limitado, pelo que, quando o trabalho estava a correr bem, era necessário trazer material novo quase de forma diária.

Esperavam em silêncio. Farrington ajustou o boné. O Coronel Paine começou a andar de cima para baixo. Esfregou o pé contra o solo seco e, de repente, desculpou-se para ir para trás de uma árvore a poucos metros de distância. As gaivotas sobre a água ensolarada graSNavam como se quisesse denunciar os três detetives. Farrington apontou para a frente com o queixo.

– Ali.

O Coronel Paine veio a correr.

– Certo, e depois daqui vão diretamente para... – Não falou mais.

– Diretamente para o local da construção? – perguntou Emily.

No entanto, o Coronel Paine estava a observar com atenção o que estava a acontecer. A carroça não iniciou a longa viagem, foi conduzida algumas centenas de metros mais adiante para outra sala.

– É lá que armazenam os testados... – O Coronel Paine não chegou a terminar aquela frase.

– Coronel? Temos de ver o barracão?

Antes de responder, Emily já estava a entrar na carruagem.

– Venham, cavalheiros.

Esconderam-se atrás de uma vedação. Através das portas do corredor aberto, viram com clareza como o tambor que tinha acabado de ser entregue foi descarregado da carruagem e substituído por outro que tinha exatamente o mesmo tamanho. Da mesma forma, era visível como removeram com cuidado a nota pegajosa e a colaram ao novo tambor. Pela forma como agiam, aquilo era um procedimento rotineiro e os

trabalhadores pareciam estar a falar de assuntos completamente diferentes enquanto trabalhavam.

– Diabos – rosnou o Coronel Paine.

Permaneceram agachados naquela posição desconfortável atrás da cerca. O comboio, transportando vários cabos que supostamente teriam sido testados e considerados em bom estado, partiu e dirigiu-se para norte. Entretanto, os trabalhadores rolaram o tambor substituído de volta para o barracão de onde tinha vindo. E lá, percebeu Farrington, seria verificado outra vez e retirado, enquanto o material mau era instalado na ponte.

Emily só tinha números na cabeça.

– Utilizamos até agora duzentas e vinte toneladas, de forma aproximada.

Farrington tirou o boné e esfregou a parte de trás do pescoço. O sol de agosto estava quente o suficiente naquela altura do dia para o fazer suar. Ou será que se devia à súbita ansiedade com os cabos fraudulentos?

Emily deu um salto.

– Vá lá, temos de voltar.

Foram diretos para a zona de ancoragem, onde o engenheiro assistente McNulty tinha tomado posse naquela manhã. Tudo estava em segundo plano porque muitos trabalhadores ainda não estavam a ser pagos e, consequentemente, nem sequer apareciam para o turno.

Emily instruiu a McNulty que lhe mostrasse os tambores, que eram maiores do que ela e cheiravam a aço.

– São os que acabaram de chegar?

– Sim, há apenas cinco minutos.

– E ninguém os moveu? – perguntou o Coronel Paine. – Ainda?

– Não, Senhor, ninguém.

Recolheram amostras de todas as bobinas. McNulty ficou espantado.

– Quebradiço – observou o Coronel Paine. – Como esperado.



Farrington colocou o seu peso contra a madeira, encostando-se.

– Aposto o meu boné que não o fez só hoje.

Com o pedaço de arame na mão, Emily caminhou até ao *Eagle*. Thomas Kinsella olhou para fora do escritório escuro com olhos cansados, mas ela bateu à porta de Henry Murphy, o presidente do Conselho Superior que tinha apostado naquele material.

– Senhora Roebling, a que devo a honra da visita?

Entregou-lhe o fio e explicou-lhe com a voz trémula de raiva de onde tinha vindo.

– Tememos desde o início que o Haigh não fornecesse a melhor qualidade de cabo, mas isto é... estou sem palavras.

– Uma confusão?

– Se quiser dizê-lo com elegância, Senhor Murphy. É... fraude!

Ouviu alguém mexer-se atrás dela. Thomas Kinsella estava encostado à ombreira da porta.

– Quanto é que já foi instalado?

– No total? – O jornalista acenou com a cabeça. – Cerca de duzentas e vinte toneladas.

Henry Murphy bufou.

– Bem, não se pode simplesmente trocar.

– Não, não pode ser substituído de forma alguma. Os fios são incorporados em todas as cordas, sem exceção. Além disso, o que segura na sua mão é o aço fundido.

– E? – perguntou Murphy.

– Encomendamos aço Bessemer – disse Thomas Kinsella.

– É melhor ou pior? Não precisa de me dizer.

– Melhor ou pior é uma questão de opinião, Senhor Murphy. Mas foi sobre isto que se discutiu com tanta amargura no ano passado. O aço Bessemer é definitivamente mais caro e o Haigh dá-nos o material mais barato.

Henry Murphy arranhou as patilhas. Era assim que devia agir um porco-espinho quando entrava em pânico.

– É um assunto para o Conselho – disse Thomas Kinsella. Ficara aborrecido por ter defendido o Haigh? Porque parecia tão indiferente?

– Em qualquer caso, o Conselho é responsável. – Emily ouviu-se a si própria e o quão mordaz soou.

– Estou prestes a convocar uma reunião – Henry Murphy murmurou e empurrou-os para fora do gabinete.

– Fiz-lhe alguma coisa, Emily?

– Não, senhor Kinsella – revidou ela, enfatizando o nome dele para que a deixasse de chamar pelo primeiro nome, mesmo em privado. Após tantos meses, podia, por fim, censurá-lo pela deslealdade. – Só espero que esteja ciente de que contribuiu para isto.

– Com o meu artigo? – Fez um gesto de desdém com a sua mão. – Como se o público se importasse com o tipo de aço que usamos, e os cavalheiros do Conselho tinham bases bastante diferentes para as suas decisões...

– Então porque escreveu sobre isso? Qual foi a *sua* base?

Thomas Kinsella veio ao seu encontro. Antes que desse por isso, pegou-lhe no rosto entre as mãos e inclinou-se para a beijar, mas, no último momento, lutou contra ele. Não queria aquela proximidade. O jornalista sussurrou o nome dela e tentou de novo.

– Senti a sua falta.

– Pare – repetiu com firmeza.

Havia um brilho nos olhos dele, mas não era malicioso, era... divertido?

Compreendeu tudo de uma vez, tratava-se de uma manobra de distração. Não queria explicar-lhe o motivo, mas não precisava, porque, de repente, compreendera: Thomas Kinsella, o bom e honrado Thomas Kinsella, movia-se por razões políticas. Na cabeça, reuniu as manchetes e tópicos dos últimos meses que o *Brooklyn Eagle* tinha publicado. Thomas

Kinsella tinha outro cavalo de batalha além da ponte sobre a qual escrevia com tanta frequência: Sammy Tilden, o governador de Nova Iorque e candidato presidencial democrata. O senhor Tilden era, ao mesmo tempo, um amigo de longa data e companheiro político de Kingsley, que queria com alguma urgência a John A. Roebling's Sons fora da corrida. Na altura, o jornalista dissera não ter encontrado quaisquer provas para levar a história de Haigh a público e nem tinha qualquer interesse em fazê-lo. Era uma vergonha para todos os interessados.

Tudo lhe passou pela cabeça com tanta rapidez que ela mesma ficou perplexa. Talvez devesse ter sido detetive. No entanto, de forma similar aos outros trabalhos, não era para as mulheres.

Virou-se sobre os calcanhares e deixou a redação.

Atrás de portas fechadas, os administradores decidiram manter Haigh como fornecedor. Confiaram no facto de Washington, como este confirmou por escrito, ter planeado os cabos seis vezes mais fortes do que deveriam ter sido como margem de manobra suficiente. Aplicaram novos controlos a Haigh, mantendo os tambores sempre sob controlo. O fornecedor teve de prover alguns cabos adicionais sem qualquer pagamento extra e cumpriu. O envolvimento de Kingsley, como de costume, foi varrido para debaixo da mesa.

Emily ficou a remoer a fraude durante semanas. Alguma coisa tinha de correr mal com um projeto tão importante, mas o facto de a ponte ter estado mesmo envolvida num escândalo tão grande afetou-a. Será que ainda se poderia orgulhar da Grande Ponte mais tarde?

Em outubro – mais depressa do que tinham planeado –, colocaram os últimos cabos. O fio com que tinham de ser atados foi encomendado de forma discreta pelos administradores à John A. Roebling's Sons. Nada disto chegou aos jornais e Thomas Kinsella permaneceu em silêncio. Será que Henry Murphy o tinha proibido de o fazer? Emily não queria saber. Tinha, por fim, encerrado aquele capítulo. E já estava farta do marido! Já não conseguia viver naquela casa. Quando chegou a casa de noite, Wash estava enterrado debaixo das cobertas no quarto de hóspedes, no escuro, a tremer.

– Estás com febre? – Tentou ver-lhe a temperatura com a mão, mas ele virou a cabeça. Naquele momento, lembrou-lhe tanto John que teve de rir. – Wash, pelo menos deixa-me... És pior do que o teu próprio filho quando está doente.

– Ninguém é pior do que eu.

– Desculpa? – Emily sentou-se à beira da cama.

Washington tremia menos, mas recebia tão pouco ar debaixo das cobertas que respirava com mais intensidade. Empurrou-o.

– Diz qualquer coisa.

– Queres o divórcio?

– Como?

– Que mais podes fazer com alguém como eu...

A raiva fervilhou dentro dela. Levantou-se, tirou um dos sapatos e puxou pelo cobertor.

– Que estás a fazer? – gritou Wash.

Emily, por sua vez, continuou a puxar.

– Estou a tentar dar-te um pontapé na canela!

O marido sentou-se, rodou, tentando fugir dela de alguma forma e, entretanto, ela acabou por se emaranhar nas saias e caiu na cama ao lado dele. Ficaram ali deitados.

– Se não estivesse doente – resmungou –, não terias de construir aquela maldita ponte.

– Não é maldita. É incrível. É a nossa Grande Ponte.

– E não terias de pensar em ter ou não um segundo filho.

– Não estava destinado a ser. Não te atrevas a culpar-te por isso. – Emily engoliu.

– Mas...

– Washington Augustus Roebling! Jurei-te fidelidade, no melhor e no pior. Dei-te maus momentos porque eu... Tu sabes. Porque beijei outra pessoa. Estou infinitamente arrependida. Pensei que estavas zangado

Comigo o tempo todo e teria compreendido.

– Estou Sempre a dar-te uma trabalhadeira Com esta maldita doença.

– Ainda assim, quero que fiquemos juntos. Até que a morte nos separe, que é um longo caminho... Até quero estar Contigo Como fantasma! Olha para mim. – Wash virou a cabeça na direção dela. – Ainda estás Zangado Comigo?

– Não.

– ACertei na Canela?

– Não, mas Sim noutras partes Sensíveis.

– Provavelmente também o mereciam. – Emily levantou-se e Sentou-se em cima dele. – Consigo aguentar, Consigo lidar Com a tua doença, Wash. Nós tratamos disso, mas não podes sentir pena de ti mesmo, não pode ser. Temos muito que fazer.

Washington tocou-lhe na testa.

– Estás a Suar.

– Então, tira-me este estúpido edredão de cima!

Brooklyn, novembro de 1879

– Sammy está a chegar! Vai viver mesmo conosco, mãe?

– Sim, vai.

– Então, este agora é o quarto do Sammy?

– É isso mesmo. – A cama estava feita de lavado e um pequeno ramo de flores estava à espera do convidado. Emily fechou a porta do lado de fora. – É sempre preciso bater para entrar, está bem? Sammy já tem dezassete anos e é crescido.

– Também quero estudar Medicina.

– No outro dia, queria ser bailarino.

– Mãe... – John revirou os olhos. – Isso foi há muito tempo.

– Eu sei. – Emily deu-lhe um beijo na testa. O filho era quase tão alto como ela aos 12 anos e frequentava a Escola Preparatória para Rapazes de Brooklyn.

Os pulmões de Fanny estavam completamente curados, já não havia nenhuma réstia de tuberculose a pairar sobre ela. George estava feliz com o antigo emprego como pescador e ficaram em Montauk. Contudo, Sammy queria estudar Medicina e tinha perguntado se podia viver com eles durante algum tempo em Brooklyn.

John nunca o deixaria ir, o grande primo era a sua estrela. Emily não poderia ter pedido melhor modelo para ele.

Pouco depois do Natal, Emily leu no jornal que a ponte do estuário do rio Tay tinha sucumbido na Escócia.

– Mais uma. – Entregou o jornal ao marido. – Uma grande tempestade.

– Mortos?

– A via-férrea foi parar à água, recuperaram quarenta e seis corpos.

Wash leu o artigo.

– Parece que o engenheiro não calculou a carga máxima como deve ser. Vão culpá-lo e depois todos voltarão a perguntar se poderia

aConteCer à nossA. Leste esta?

– Ler o quê?

– O Lloyd Haigh declarou falênCia e foi detido.

– Ha! – Satisfeita, levou metade de um *muffin* à boCa. MereCia-o.

Na primavera de 1880, as CoiSaS voltaram a ficar difíCeis. Um tribunal teve de forçar Nova Iorque a pagar a Sua parte da ponte. A ação judicial de um proprietário de armazém que argumentava que a ponte destruiria todos os negócios à beira-mar tinha sido arquivada e significava que poderiam avançar a toda a velocidade. Ao mesmo tempo, surgiram rumores de que a John A. Roebling's Sons tinha aceitado subornos pelo aço da estrutura de suporte. Ferdinand chegou a Nova Iorque alarmado e o meXerico foi afastado rapidamente. A origem deste, Henry W. SloCum, do Conselho, enColheu os ombros, indiferente, e não Considerou pertinente pedir desculpa.

Emily, Wash e Ferdinand passaram uma noite a proferir os insultos mais originais possível Contra ele.

O Conselho foi substituído em parte e logo se tornou evidente nas reuniões que os recém-chegados não sabiam muito sobre Construção e que podiam compreender ainda menos o facto de uma mulher ter tanto a dizer sobre isso. Kingsley era uma pedra no sapato e Emily não se teria importado que o expulsassem, mas um dos recém-chegados fez tanto alarido para o fazerem durante todo o verão, e mesmo no outono seguinte, que a maioria dos novos membros se recusou a apoiá-lo por ressentimento. Kingsley ficou de braços cruzados e sorridente e o velho Henry Murphy, que tinha desistido por razões táticas, entretanto regressou.

Enquanto Wash voltava para a cama e se consolava com umas gotas de morfina na língua, Emily marcava presença no local. Havia sempre assuntos por tratar e estava contente por não ter de ficar em casa. Os progressos com a estrada, que se começava a delinear em ambos os lados e alguns metros por cima do rio, eram visíveis. Tudo corria conforme planeado, quase tudo era rotina, era muito raro haver vítimas, e Emily

deixou grande parte do trabalho a Farrington, McNulty e C. C. Martin, que, no entanto, sempre se dirigiam a ela com perguntas.

Alva Vanderbilt ficou entediada depois de ver terminada a propriedade e convidou Emily a passar uns dias com ela.

«O meu William nunca está em casa», queixou-se enquanto conduzia Emily pelos corredores intermináveis dos quartos. «Está sempre a navegar».

«Não faz muito frio?»

«Não na Costa Azul...»

«Provavelmente, vais-te rir da minha oferta, mas gostarias de passar as férias connosco?»

Emily sabia que Alva não se sentiria à vontade com eles, pois a categoria dos festejos era muito diferente no mundo dos Roebing, com uma árvore de Natal e o ganso, embora a porcelana e os copos de vidro fossem de boa qualidade.

«É muito simpático o teu convite, mas já me comprometi com a minha cunhada. Vai organizar outro banquete tão opulento que até se esquece de celebrar o aniversário de Cristo. E a minha Consuelo está numa idade terrível... A propósito, ocorre-me uma ideia maravilhosa: não poderíamos ter algumas canções de Natal a tocar na ponte?»

«Como queres fazê-lo?»

«Deixa nas minhas mãos.»

Assim, na véspera de Natal, dois músicos da igreja subiram à torre da ponte do lado de Nova Iorque e, com a ajuda de Farrington, subiram para o cesto central de trabalho para desembalar os instrumentos musicais no alto. Tocaram durante meia hora, terminando com *Noite Feliz*, enquanto as pessoas, aconchegadas nos casacos, escutavam nas margens e até em alguns barcos de excursão que tinham posto em ação os motores só para aquele dia. Emily ficou com Alva, Elizabeth e Julius Adams, John e Sammy na torre de Brooklyn. Começou a cair uma fina camada de neve e Emily colocou os braços à volta dos dois rapazes. Esperava que Washington estivesse a observar com o telescópio.



Em fevereiro de 1881, Washington perdeu a visita de um convidado de honra: Ferdinand de Lesseps, o construtor do Canal de Suez, que tinha viajado de França para ver a ponte.

– Que pena que não possa estar presente – disse o avozinho depois de se curvar perante Emily, desviando de seguida o cabelo branco da testa.

– A mente e o coração dele estão sempre aqui, na obra – respondeu Emily. – Não tem de se preocupar.

– Não estou preocupado. Não estive com muita frequência no local quando estávamos a construir o Canal do Suez. Tem de se poder delegar. Então, vamos escalar a torre?

Voltou a vestir a cartola, alisou o casaco preto e pôs-se a escalar. Farrington subiu com ele, enquanto Emily ficou lá em baixo. Estava com dores abdominais e queria poupar as forças para a noite. Em casa, Wash atou-lhe o vestido.

– Estou tão orgulhoso de ti.

Numa tentativa de o consolar, contou-lhe que Lesseps também não tinha estado no local o tempo todo quando o Canal estava em construção.

– Não, porque deveria? – questionou Wash. – Era só o responsável pelo projeto, não era o engenheiro.

– Não? – Olhou para ele, perplexa.

– É um diplomata. Obviamente, um bom diplomata, pois conseguiu obter financiamento para o Canal do Panamá.

– Mas vai fazer um grande discurso perante a Sociedade Americana de Engenheiros Civis esta noite!

– E tu irás ao pé dele pelo corredor. Não me envergonhes – notou ele e piscou-lhe o olho.

Caminhou com um sorriso nos lábios e os ombros direitos. Não conhecia as outras três senhoras que tinham a mesma honra. Pareciam também ser esposas de engenheiros importantes e Emily tentou fazer conversa com elas enquanto ocupavam os seus lugares. Com Lesseps, era parada a cada dois metros para apertos de mão.

– DeCoração floral muito bonita – Comentou uma.

– Um pouCo pomPosa – CritiCou a outra.

Ferdinand de Lesseps fez um disCurso humorístiCo e apaixonado, promovendo o projeto de Panamá e elogiando a nova ponte do East River, dizendo que não só seria bonita de se ver, como seria mais forte do que qualquer outra. Os homens da audiência aplaudiram com satisfação. Pouco depois de terminar os estudos, Wash ainda tinha mantido muito contacto com outros engenheiros, seguido as carreiras deles e trocado ideias em privado através de cartas ou de forma pública em revistas profissionais. A correspondência tinha parado nos últimos anos, mas Emily notava que as opiniões contrárias, que pareciam vir de todos os lados, não se faziam sentir de todo ali. Aqueles especialistas sabiam muito bem que não havia nada a criticar sobre a ponte de Washington. Era aceite e admirada. Esperava que os jornalistas presentes transmitissem alguma dessa confiança para fora.

Após a reunião, houve uma refeição sumptuosa no Delmonico's. Emily pensou em Fanny, que sempre tinha sonhado em jantar naquele restaurante. Havia plantas verdejantes penduradas no teto, que irradiava luz dourada, e as paredes estavam cobertas de um tecido vermelho-escuro.

Emily sentou-se com as outras senhoras numa das mesas redondas. Os ramos altos dos lírios bloqueavam a vista da pessoa à frente. Tudo o que conseguia ver era um grande chapéu, ornamentado com flores. Se Fanny tivesse estado presente, ter-se-iam acotovelado uma com a outra debaixo da mesa para se fazerem rir.

– O último baile patriarcal foi aqui mesmo – murmurou a senhora à sua direita. – Conseguem imaginar?

A senhora à esquerda e o chapéu do lado oposto acenaram de forma conspiratória com a cabeça.

– Que tipo de baile é? – perguntou Emily.

A senhora da direita teve de beber um gole de champanhe antes de responder.

– Os vinte e cinco mais nobres da cidade dão todos os anos um baile elegante e insuperável. Revezam-se como anfitriões. Nunca ouviu falar? – Colocou com suavidade a luva no braço. – Bem, a senhora é de Brooklyn.

– Não, sou de Cold Spring.

– Onde fica isso? – perguntou a segunda.

– Por cima do rio Hudson.

– Oh!

Como se tivesse dito que tinha crescido na Sarjeta ou, pior ainda, nos estados do Sul. Emily conteve um comentário desagradável. Considerava aquelas mulheres demasiado estúpidas. Mais tarde, em casa, contou toda a cena em grande pormenor a Washington, alegre e gozando com a pompa e o paroquialismo das esposas dos outros engenheiros.

Na manhã seguinte, Farrington subia e descia pelo escritório, franzindo o sobrolho.

– Nervoso, Frank? Que se passa?

O homem deteve-se e colocou as mãos nos bolsos.

– O que se passa é que recebemos um pedido. A Câmara quer que ganhemos a confiança dos Brooklynitas com uma palestra.

– Uh.

– Será que podia...?

Emily torceu os lábios.

– Penso que o presidente da Câmara não me queira ao ar livre quando se trata de construir a confiança das pessoas.

– Mas sabe que não consigo fazer isto, Emily.

Colocou-lhe uma mão no ombro tenso.

– Tenho uma ideia maravilhosa.

– Que será...?

– Assisti a uma apresentação de Thomas Edison no ano passado, em Manhattan. Com um cinetoscópio. – Perplexo, Farrington olhou para ela.

– Uma lanterna mágica.

– Eu Sei o que é, mas...

– Não Se teria de Colocar no meio do palco. As imagens Seriam as estrelas e estariam algures ao Seu lado, no escuro, enquanto só falava. Nunca Cheguei a ver o Senhor Edison, talvez nem sequer lá tenha estado.

Demorou algum tempo a Convencer Farrington, mas depois, juntos, encomendaram as fotografias, Emily escreveu o discurso e decidiram que o Salão de Música de Brooklyn seria o local.

Na noite programada, penduraram uma grande tela e o aparelho projetou 35 imagens estereoscópicas para o espaço em branco, uma após a outra. Com cada fotografia, Emily sentava-se mais direita. A ponte era simples, bela e, pela primeira vez, sentiu que, afinal, conseguiriam terminá-la.

*A nossa ponte, Wash. A minha ponte.*

A voz de Farrington tremia, mas era fácil de ouvir e entender. Emily sentou-se na primeira fila e acompanhou cada palavra com os lábios. Estava tão orgulhosa do homem, quase 30 anos mais velho, como de um filho que tinha memorizado um poema para o Natal. No final da palestra, um jovem da plateia apresentou-se. O nome dele era Thomas Edison, era inventor e um grande admirador da nova ponte e adoraria ter uma palavrinha com o Senhor Farrington.

Brooklyn, março de 1881

**T**homas Edison obteve autorização para filmar a ponte. O inventor ficava nas margens de pé, muitas vezes durante horas, com ou sem câmara, a ver a ponte. Alva Vanderbilt mandou-o instalar eletricidade na casa dela e ficou bastante irritada quando o precioso papel de parede ardeu por causa disso, ficando arruinado.

O trabalho da ponte continuou mesmo no inverno porque o clima manteve-se muito ameno e quase não se sentiram ventos fortes a varrer o rio. Não houve mortes nem desastres. Emily estava quase entediada e mesmo uma visita com o filho ao recém-inaugurado Museu Metropolitano de Arte apenas a tinha distraído de forma temporária. John desenhava e pintava com mestria e sabia muito sobre os artistas em exposição.

Ausente, vagueava pela casa, ajustando uma moldura ou interrogando-se se deveria comprar uma nova cómoda.

– Que estás a fazer, tiazinha?

Emily olhou para cima. Sammy estava inclinado por entre a porta.

– Estou a morrer do tédio... – Riu-se embaraçada. – Por favor, nunca mais me chames tia. Não tenho oitenta anos, são só trinta e sete.

– Pareces muito mais jovem. Tenho uma sugestão! Vamos sair. Olha, o Washington já está pronto.

De facto, o marido estava de pé, de chapéu e casaco, um pouco trémulo, mas com um sorriso desenhado no rosto.

– Tenho fome.

– Fome? O cozinheiro pode fazer-te alguma coisa. Onde vais?

– Vamos a Chinatown.

– Como assim? – Percebeu que estava em pânico, apesar de Wash só querer sair de casa. Deveria estar feliz.

– Veste-te rápido, qualquer coisa chique, vem conosco. Vamos sair.

Qualquer coisa chique... Teve de se rir, mas obedeceu e, pouco mais

tarde, estavam no *ferry* com destino a Nova Iorque. Wash permaneceu sentado na Carruagem aberta.

– Olha para a nossa ponte – pediu-lhe Emily.

A Grande Ponte estendia-se para o Céu ameno mesmo ao lado deles.

Washington abanou a cabeça e enterrou o chapéu para dentro da cara e a atitude magoou-a. Deveria estar orgulhoso da ponte e admirar o que tinham criado juntos...

Emily ficou do lado de Sammy no Corrimão. O rapazinho tinha-se tornado um jovem bonito, até tinha penteado os cabelos da testa com gel. Só tinham percorrido uma curta distância na Carruagem quando Emily avistou os primeiros caracteres estranhos nas fachadas das casas que eram, na verdade, nomes de lojas e jornais de parede. Chinatown. Até àquele momento, só tinha passado por aquela Zona sem parar. Quando Sammy se pronunciou, o motorista parou. O sobrinho saltou da Carruagem e encomendou a comida por um buraco na parede para logo voltar com uma refeição embrulhada em jornal. Emily foi conhecendo os pratos mais bizarros, um após o outro, macarrão muito fino, arroz perfumado, vegetais verdes brilhantes e malaguetas quentes que lhe ardiam nas bochechas. Sammy conhecia claramente como funcionava aquele mundo e as vendedoras namoriscavam-no. Para a sobremesa, trouxe um doce que sabia a mel.

– Então, isto é que é Chinatown.

– Bem... – comentou Sammy. – Conheces-te a culinária de Chinatown.

Quando a tia olhou para o sobrinho a questioná-lo, o rapaz corou. Com os amigos devia ter ido a bares e estabelecimentos com que a tia não sonhava. Emily olhou à volta. Só se viam rostos asiáticos, pessoas com vestes típicas e uma linguagem corporal completamente diferente. Não havia um único asiático empregado na obra da ponte, porque os grupos populacionais da Grande Cidade, na maioria, não se metiam no caminho uns dos outros ou entrariam em conflito.

– Nunca comi tão bem na minha vida – elogiou ela. – Porque temos de comer sempre coisas francesas?

Sammy saltou da carruagem mais uma vez, Emily olhou apressadamente para a esquerda e para a direita e depois deu um longo beijo ao marido. Um par de rapazes chineses aplaudiu-os. Era-lhe igual.

– Ainda bem que vieste – observou ela. – É a primeira vez que saís desde...

– Sei que já lá vão séculos... E não imaginas como me cansa toda esta gente e o barulho, mas valeu a pena.

Washington ainda se deleitava cinco dias depois, quando começou a sentir que a enxaqueca e o formigueiro nos braços e pernas estavam a diminuir. Provavelmente, estaria melhor se tivessem começado com uma caminhada de meia hora debaixo das árvores de Brooklyn, mas nunca o conseguiria convencer a fazer isso, porque os vizinhos estariam à coça.

De igual modo, não conseguiu persuadi-lo para assistir à festa de inauguração da casa de Alva. Não, na verdade, nem sequer tentou. No entanto, o marido ajudou-a a vestir-se, porque Alva tinha planeado um baile de máscaras, estando escolhidos a dedo 1200 convidados que iriam exhibir-se no recém-terminado domicílio da anfitriã. A cidade inteira estava a falar do acontecimento, não só porque os saraus de Alva eram sempre tema de conversa da cidade, mas porque a dama tinha conseguido armar uma cilada. Contara à Emily, sem fôlego.

«Nunca pensei que funcionasse. Mas fi-lo, Emily! Fi-lo!»

«O quê?»

«Carrie Astor vem ao baile!»

Uma Astor? Era a entrada de Alva na alta sociedade absolutista de Manhattan. Era o que se dizia quando um Astor aceitava o convite.

«Como?»

«Ao não a convidar.»

Teria sido socialmente apropriado, explicou Alva, convidar Carrie de 22 anos, porque convidavam um Astor para cada baile, mesmo que não fossem a muitos. Contudo, Alva tinha deixado Carrie de fora por razões táticas, argumentando que os Astor nunca a tinham visitado. Era um

ritual importante que não podia ser negligenciado. Se Carrie tinha instado à mãe ou se a mesmíssima Senhora Astor se tinha sentido incomodada, Alva não sabia, mas, dois dias antes, Caroline Astor tinha parado à porta de Alva na carruagem e enviado um cartão de visita através da criada. Alva tivera de se recompor para não saltar fazendo círculos de alegria. No dia seguinte, fora até à casa da Senhora Astor e o criado dela tinha dado o cartão de visita de Alva ao criado da dama. Assim, era claro que tinha enviado um convite a Carrie.

«Espero que venhas com um fato original, Emily. Estou a contar contigo!»

Naquele momento, no seu vestido azul-escuro, Emily segurava os braços no ar, tensos, para que Wash enrolasse o arame prateado brilhante à volta da cintura, cortesia da John A. Roebling's Sons de Trenton, Nova Jérсия.

– Pareço uma árvore de Natal.

– Estava a pensar mais numa prisão... – observou Wash.

– Ora, muito obrigada.

– Tiro-o?

– Ainda não sei. Vou chamar primeiro o Ferdinand.

O irmão de Washington não só tinha trazido o fio, como também o chapéu para o fato de Emily. À medida que ia envelhecendo, ficava cada vez mais interessado em todos os brinquedos que lhes tinham sido sonegados na infância e tinha reagido de forma entusiástica quando Emily lhe perguntou se poderia fazer-lhe um modelo da ponte como ornamento para o chapéu com a condição de o levar a um verdadeiro baile nova-iorquino.

Primeiro, Wash pediu os ganchos para o cabelo à menina Fraser, mas depois de espetar-lhos no couro cabeludo duas vezes, preferiu segurar a construção de cartão e arame da ponte, deixando a fixação com a menina Fraser.

– Vou soltar, Senhora Roebling – advertiu a ama.



– Boa. Ui, é bastante pesado.

John veio para a Sala.

– Uau, mãe!

– Que me dizes?

HeSitante, o filho Contornou-a uma vez.

– ConSegues andar Com isso?

– Vou experimentar agora. – Pegou-lhe na mão. – Uma quadrilha, por favor, meu Senhor!

Ferdinand e a menina FraSer juntaram-se, WaSh Cantarolou.

– É Como aprender a andar Com um livro na Cabeça na escola de etiqueta.

– Vamos lá.

NuvenS cinZentaS de algodão subiram pelo ar provenientes da carruagem de Ferdinand que funcionava Como um *ferry*, movida a vapor. Foi difícil subir, mas o chapéu e a ponte aguentaram. Ferdinand pegou na Chaminé da Carruagem.

– Estás meSmo a suportar bem isto tudo Com a ponte, Emmie? – perguntou-lhe.

– Está bem, é só uma noite.

– Não é isso que quero dizer.

– Ah, referes-te à verdadeira ponte – perCebeu Emily. – Sim, também está tudo bem. PareCe-me um trabalho tão emocionante e aprendi tanto com o WaSh e o Frank Farrington e todos os outros... Só teria gostado que fosse diferente para o Washington.

– NunCa Consideraste deixar tudo e levá-lo para Trenton Contigo?

A demissão nunCa enviada estava ainda nos arquivos.

– Não, nunCa – afirmou. – Esta é a noSSa ponte... E o que ia fazer em Trenton?

– Tomar conta dele?

Surpreendida, olhou para ele.

– Agora também tu me vens Com essa?

– Também?

– A Lily, a minha Cunhada, pensa que não Cuido dele o suficiente. Parece Solitário e malCuidado?

– Não – refletiu após um breve silêncio. – Desculpa.

– Nunca o deixo Sozinho quando Se Sente mal.

– Emmie, não tens de te defender.

No entanto, Emily ainda não tinha acabado.

– Quer Construir a ponte juntos. Não funcionaria Sem mim, da mesma forma que não funcionaria Sem ele, Claro.

Teve de engolir para Conter as lágrimas de raiva e Ferdinand pôs-lhe uma mão grande nos punhos Cerrados. Em silêncio, Conduziram para norte ao longo da Quinta Avenida.

Emily já Conhecia a magnífica Casa nova de Alva Com todas as torres e inúmeras janelas, mas nunca a tinha visto tão iluminada. O número de criados tinha quadruplicado para o baile. Tudo brilhava e reluzia. Quando os convidados chegavam, eram anunciados pelo nome Como Se fossem recebidos na Casa da rainha. Alva esperava no átrio, sob um retrato enorme dela mesma que mandara fazer. A tinta a óleo provavelmente ainda não estava seca. Por isso, Emily olhou de relance para o quadro que lhe devolvia o olhar Com grande dignidade e, ao mesmo tempo, para a figura logo à altura do olhar, a verdadeira Alva, que usava um vestido amarelo-dourado Com uma cauda e Colares de pérolas no topo, Como uma princesa do renascimento veneziano. Só faltava soltar pombas brancas.

Emily apresentou Ferdinand e continuaram, entrando no salão do baile.

– É de loucos – sussurrou Ferdinand. – Que loucura...

– Não me ocorre nenhuma outra expressão.

– Mas há algum tempo que te movimentas por estes círculos – observou o Cunhado.

– Oh, nem por isso. Conheço Alva, mas tirando isso, fico em Brooklyn.

Ninguém lhes prestava atenção, por isso deixavam os olhos vagar para admirar ou adivinhar os disfarces uns dos outros. Emily reconheceu a cunhada de Alva, Alice, a pavonear-se com uma tocha elétrica na mão.

– Será a Estátua da Liberdade? – perguntou Ferdinand.

– Não, é a luz elétrica – explicou um homem ao lado deles. – O fato foi desenhado por Charles Frederick Worth, o costureiro mais famoso de toda a Paris. Sou Ward McAllister.

Emily sorriu e apresentou-se a si própria e a Ferdinand. McAllister era amigo de Alva e sabia mais sobre a alta sociedade do que os próprios membros.

– Roebing – repetiu e olhou para Ferdinand. – Da ponte?

– Exatamente.

– Prazer em conhecê-lo. Estão a construir uma obra muito especial.

– Não, eu não construo – corrigiu Ferdinand. – Só forneço os cabos. O meu irmão é o engenheiro-chefe e Emily é a esposa e braço direito.

– Certo, certo, não estava... não pensei... não sabia...

– Ele está bem – acalmou-o Emily. – Não está fisicamente muito resistente, mas tem o coração e a alma no projeto.

Já McAllister estava a ser chamado por outra pessoa.

– Será que ouvi bem e está a construir a ponte?

Uma sereia com um traje turquesa, muito apertado, apareceu ao lado de Ferdinand, que recuou, assustado.

– Ouviu bem, sim – afirmou Emily.

A mulher tinha pintado as pálpebras de cor turquesa e fez esvoaçar as pestanas falsas.

– Como foi trágico o que aconteceu ao seu marido...

– Ele está bem – repetiu Emily com um sorriso. Só conseguia imaginar o que Wash pensaria daquela mulher e daquela compaixão.

– Ele está bem? Mas não está... Não estava... Teve um acidente no

caixão, mas está bem? Oh! Pensei que tinha... morrido – sussurrou a dama.

Estava a ficar cada vez pior!

– O nosso pai morreu há alguns anos – respondeu Ferdinand. – O meu irmão assumiu as suas funções.

– Ah! Não sabia – disse a Senhora com alívio e desapareceu.

– Isto não te acontecia em Trenton – murmurou-lhe o Cunhado.

Emily riu-se em voz alta.

– Alguém parecido com uma Sereia confundir o John e o Washington?

– Não, não, é um facto que também temos Sereias, claro. Conheces o Canal.

Emily e Ferdinand ousaram aproximar-se do enorme *buffet*, que intimidava pela opulência. Provou o faisão com trufas, ovos de codorniz e um pedaço de *aspic au foie gras*. No ananás, como não tinha a certeza se era apenas decoração, preferiu não tocar.

– Posso perguntar... – a mulher ao lado examinava o chapéu de Emily.

– Sou a Ponte do East River.

– Estou a ver. – A Senhora foi-se embora sem mais comentários. Obviamente, não podia fazer nada com a declaração de Emily. Aquilo aconteceu mais algumas vezes e começava a ficar irritada.

– Senhora, é curiosidade, minha Senhora – acalmou-a Ward McAllister. – Como pode ver, as Senhoras estão mais interessadas em assuntos classicamente femininos. Princesas, Sereias, as quatro estações. Ali é de manhã, acolá é de noite. E a rainha Vitória já a vi duas vezes... Não a verdadeira, infelizmente.

Emily não sabia o que responder. Embora no seu interior estivesse a resistir, sentiu a vergonha a crescer dentro dela.

– Estás a ficar cada vez mais calada, Emmie – observou Ferdinand depois de um grande intervalo desde que McAllister se tinha novamente ausentado.

– Só me questiono porque é que Alva me convidou. Não fazemos

parte disto. – Concluiu Emily Com calma. – OS Roebling num Castelo...

– Tenta levá-lo Com humor.

Emily suspirou.

– Tens razão.

– Vá lá, vamos CuSCar mais um pouCo. QuantoS multimilionários aChas que estão aqui? E quanto dinheiro é que terão no total?

– Com Certeza, não Conseguimos Somar a fortuna deles de cabeça...

Emily tentou. OS números aCalmaram-na.

Só foram interrompidos outra vez quando Alva os apresentou a Carrie Astor, a jovem que tinha insistido em estar presente. Uma jovem esquelética e pálida. Emily interrogou-se por um instante se não teria tuberculose.

– Não gosta do *buffer*? – perguntou Emily. Talvez a jovem tivesse estado há pouCo tempo em ChinatoWn e já não gostasse de mais nada.

– Eu não Como.

– Desculpe? – perguntou Ferdinand que quase protetoramente levou as mãos à barriga que tinha ido ficando redonda nos últimos anos.

– Não vou voltar a Comer – insistiu Carrie Astor, olhando de forma desafiante para o teto. – Não até que a mãe me deixe CaSar Com o meu estimado Senhor Wilson.

– Oh! – Ferdinand estava desorientado.

Carrie segurou firmemente o braço de Emily.

– A mãe diz que não tem o *status* suficiente para CaSar. Ah, mas o meu senhor Wilson, eu amo-o... Senhora Roebling, amo-o muito. Sabia que os Astor também têm antepassados alemães?

Tinha mudado de assunto tão rápido que Emily só conseguiu levantar as sobranças.

– Sim, sim. – Guinchava Carrie ligeiramente histérica. – Claro que sabemos que estão fora de moda. De onde são os seus antepassados, senhora Roebling? OS nossos vêm de Baden, da família de um talhante. Consegue imaginar? Um Astor de faCa na mão a cortar porCos? Estou

com tanta fome... Tenho de sair daqui.

– Misericórdia – murmurou Ferdinand.

– Wash disse-me que o vosso avô vendia tabaco – disse Emily. – Será isso mais respeitável do que um talhante? Significa que está por cima dos Astor?

– Definitivamente. E os seus?

– Só direi: *Mayflower*. Anda, Ferdinand, vamos. Tenho de me apresentar amanhã de manhã na obra.

Newport, Rhode Island,

julho de 1882

**E**m junho, foram para Newport. Alva tinha ido falando do sítio, que ficava em Rhode Island, mas Emily ainda não tinha posto de parte as memórias desagradáveis do baile, pelo que só ficou convencida quando GK lhe disse que tinha sido colocado lá para construir uma nova barragem portuária para o exército em Block Island, dando por concluído o seu tempo em Brooklyn.

Outrora, Newport fora um símbolo de simplicidade e tolerância religiosa. Naquele momento, a antiga classe alta de Manhattan construía ali as conhecidas casas de campo. Nem ela nem o marido conseguiam acreditar que tinham o dobro do tamanho da sua própria casinha de pedra castanha em Brooklyn. Os nova-iorquinos sentiam-se ali como em casa, tão livres e, ao mesmo tempo, tão esmagados pelas rotinas: mudavam de roupa três vezes por dia e vagueavam por lá. Até as grandes lojas dos armazéns abriram filiais. Se um dos senhores quisesse pescar, levava um criado com ele para lhe pôr a minhoça no anzol.

A casa de campo de dois andares onde GK e Lily tinham vivido durante um mês ficava fora do bairro mais elegante da Avenida Washington.

– Aposto que deram à avenida o nome do pai – brincou John com um piscar de olhos e correu pela rua até à praia onde Sydney jogava à bola com os amigos.

– Por favor, leva a Christina contigo – pediu Emily, e John parou para esperar pela priminha.

Lily saiu para a grande varanda com um jarro de vidro cheio de limonada.

– Sentem-se, por favor. A menina Fraser também. Podemos desfazer as malas mais tarde.

Emily tentou chamar a atenção de Lily. Nos dias seguintes, teriam de

falar.

– Esta vista... – sussurrou a menina Fraser, suspirando.

A água da baía de Narragansett era de um azul profundo e ondulado ao de leve, não se conseguindo ver nenhuma terra do outro lado, pois era demasiado longe para isso. Ainda assim, Emily sabia que Fanny e George viviam desse lado, em Montauk, e, de igual modo, teria gostado de os ter ali com ela.

Um mês antes de partirem para Newport, tinha ocorrido a primeira caminhada pela Ponte de Brooklyn, assim que os dois lados da estrada se encontraram no meio, num dia quente e chuvoso. Emily não levava o guarda-chuva com ela, mas usou uma capa para se proteger da chuva. Farrington, C. C. Martin, coronel Paine, Collingwood e McNulty caminhavam junto dela e desejou do fundo do coração ter Wash e o amável Mac, que trabalhara nas profundezas do caixão, a caminhar com eles.

No meio da ponte, deviam ter sido recebidos pelos presidentes das Câmaras de Manhattan e Brooklyn, mas não os encontravam em lado nenhum. Emily semi-cerrou as pálpebras, esforçando-se por perceber o que acontecia do lado de Nova Iorque. De repente, um homem aproximou-se, segurando um jornal sobre a cabeça como um escudo contra a chuva.

«Desculpem», comunicou o homem a Farrington. «O cham-panhe ainda não chegou.»

Emily riu-se baixinho pelo profissionalismo e solenidade. Queriam brindar com champanhe com os presidentes da Câmara e outros convidados selecionados ali, mesmo no meio de Brooklyn e Nova Iorque.

«Mas, por favor, juntem-se a nós do lado de Nova Iorque», continuou o recém-chegado, dirigindo-se ainda a Farrington. «Sem pressa.»

O coronel Paine riu-se, ofegante, e o homem voltou por onde tinha vindo, pelo que ainda permaneceram de pé durante algum tempo.

«Então, o que pensa da sua ponte, senhora Roebling?», perguntou o coronel Paine.



Emily Sorriu-lhe.

«A *nossa* ponte, Coronel.» Olhou para cada um deles nos olhos. «Acho que fizemos um ótimo trabalho, não acham?»

«Nem parece que há uns anos não havia nada aqui», concordou C. C. Martin. «Tempos em que havia que cruzar o rio de barco!»

«Ou ir apinhado num dos *ferries*», seguiu Farrington, apontando para baixo, onde os barcos lutavam contra as ondas. A maré estava no ponto mais alto e, no entanto, a água parecia estar longe.

Emily levantou a mão direita, ligeiramente fechada num punho, como se estivesse a segurar num copo.

«Brindemos, mesmo sem champanhe. A vós, cavalheiros, a todos os trabalhadores que nos apoiaram. À ponte.»

«Um brinde a si, chefe.» Os homens levantaram os copos imaginários. «E ao Senhor Roebbing.»

Brindaram e Farrington ainda imitou o tchim-tchim, seguido de um gole invisível de champanhe.

«Da melhor qualidade.» Collingwood acenou com a cabeça. «Boa colheita.»

«Já esperamos que chegue?» O Coronel Paine olhou para Nova Iorque.

Concordando, começaram a marchar, mais devagar ao início e acelerando depois, chegando a correr alguns metros antes de regressarem ao ritmo normal. Estavam todos radiantes, e Emily teria gostado de os abraçar. Estava tão feliz.

A cerimónia oficial sob a torre de Nova Iorque, com muitos discursos e aplausos, não pareceu tão importante depois do brinde imaginário. Todos tinham ficado entusiasmados e tinham bebido muito champanhe, que tinha acabado por chegar, embora já bastante quente. Emily evitou Kingsley, que era ainda mais insuportável com álcool. De volta, optaram pelo *ferry*, tendo em conta que o vento e a chuva tinham ficado mais intensos.

Uma vez em casa, Emily puxou Wash para o quarto.

«Vamos, Senhor Roebling, vamos tirar o resto do dia de folga.»

Uma semana depois, os administradores atravessaram a ponte pela primeira vez. Os 20 homens reuniram-se do lado de Brooklyn, incluindo Henry Murphy, que estava de volta após recuperar de uma longa doença. Estava ainda mais envelhecido, embora naquele momento estivesse radiante. Thomas Kinsella seguia Emily com o olhar, mas ela ignorou-o, pondo-se em segundo plano.

À esquerda, estava Seth Low, o novo presidente da Câmara de Brooklyn, que parecia frio e reservado, mas não completamente insensível, e Emily tentou dedicar-lhe um sorriso extra caloroso para o fazer descongelar um pouco.

«Precisa de nos explicar a todos outra vez, por favor, Senhora Roebling», interveio o presidente, «porque está o Senhor Roebling a mandar instalar ainda mais aço do que o inicialmente previsto».

O projeto tinha dado origem a longas discussões no outono anterior, com explicações, cálculos e até um novo modelo para o efeito, pois resultava em mais 1200 toneladas de peso, decisão bastante considerável. Seth Low não tinha estado presente nas reuniões.

Kingsley apanhou a conversa e, de repente, juntou-se à direita deles, aproximando-se o máximo possível.

«O Senhor Roebling tomou providências para que a ponte estivesse pronta para a via-férrea», explicou Emily, dirigindo-se claramente a Low.

«Via-férrea? Queremos um caminho de ferro?»

«Foi o que os administradores decidiram.»

Washington tinha sido contra a ideia. Na sua opinião, o caminho de ferro era demasiado ruidoso e não só perturbaria a travessia como também assustaria constantemente os cavalos das carruagens. Emily, no entanto, tinha convencido o marido. Quem sabia o que iria acontecer no futuro? Pelo menos, podia imaginar elétricos para que as pessoas pudessem viajar ainda mais depressa entre cidades. McNulty era responsável pela conceção das estações de que precisariam antes de subir.

«Então, significa que instalámos aço pesado na ponte e queremos enviar por ela locomotivas... Não se está a colocar em causa a estabilidade?»

«Mais peso também significa mais estabilidade, senhor Low.» Mais uma vez, Emily sorriu-lhe quase exageradamente. «Consegue-se mais rigidez.»

«E sai mais cara», interveio Kingsley.

Emily rangeu os dentes.

«Pois.»

Por aquela altura, já ultrapassava os 13 milhões de dólares, mais do dobro da estimativa inicial, que o sogro já tinha considerado generosa no seu tempo, e, no entanto, Emily tinha a certeza de que não consideraria nada daquilo um desperdício. Porém, até ao momento, só tinham instalado uma parte das vigas extras porque o fornecedor, Edge Moor Iron Company, não tinha cumprido as entregas de aço, resultando em cartas desagradáveis por parte de Emily e Wash.

Em junho, optou-se por remover a ponte pedonal, pois já não se precisava dela. Wash via tudo através do telescópio cheio de satisfação. Estava constantemente a melhorar. Emily esperava que melhorasse assim que a obra estivesse concluída.

Em vez de saltar para a culinária ou outras aventuras, Washington tinha saído em primeiro lugar para o jardim, ficara sentado ao sol e, mais tarde, arrancava ervas daninhas durante um tempo.

Noutra tarde, tinha chutado uma bola de futebol com John, ganhara cor na cara e namoriscara com ela. O escritório dele, sombrio, com a bem organizada coleção de minerais, fora arejado e limpo por completo.

Newport fora o desejo de Washington para ver a esposa relaxar. No entanto, não demorou muito até que a construção da ponte chegasse até eles, mesmo ali. Seth Low não conseguia compreender como é que o engenheiro-chefe podia tirar férias enquanto havia tantos problemas com o fornecedor de aço em Brooklyn. Kingsley aproveitou a oportunidade para se colocar contra ele: o Coronel Roebling deveria voltar e responder

às perguntas.

Emily escreveu a Henry Murphy uma carta pormenorizada sobre o que Edge Moor tinha prometido pela primeira vez e o que tinham acabado de acordar, tudo factos que os homens já conheciam. Infelizmente, as entregas atrasadas não podiam deixar de o estar e, de qualquer modo, nada aconteceria durante o verão, pelo que não iriam regressar mais cedo.

– Qual seria o objetivo – reclamou Wash – se voltássemos? Não percebem o que lhes dizemos de qualquer forma. Este senhor Low não parece muito brilhante.

– Como político tem boa reputação. Da parte técnica, não pesca muito, não.

Alguns dias mais tarde, chegou um visitante indesejável. Wash estava a dormir e, quando Lily lhe comunicou a chegada dele, à espera na pequena sala de estar, ficou no jardim com John durante algum tempo. Sentia-se enjoada. Que queria? Não podia esperar mais algumas semanas?

Passou despercebida pela sala de visitas, direta à cozinha.

– Menina Fraser, pode vir comigo, por favor? Não quero ficar sozinha com aquele canalha.

– Não pode o Senhor Roebeling... ou o Seu irmão...

Emily não queria que um homem falasse por ela, só precisava de um pouco de apoio.

– Por favor, menina Fraser.

A empregada caiu em silêncio e juntas entraram na sala.

– Senhor Kingsley – pronunciou-se Emily a modo de cumprimento.

O mesmo levantou-se com um sorriso e curvou-se na direção da menina Fraser, que tinha parado ao lado da porta.

– A sua acompanhante?

– Como posso ajudá-lo?

Deixou-se estar de pernas bem abertas.

– Não me pode ajudar em nada. Hoje vou falar pessoalmente Com o Coronel Roebling, é que não Saio daqui Sem o fazer.

– ReCeio que não Seja possível.

– Se quer que aCredite que o Seu marido não Se baba e Continua São, como tem insistido durante anos, então, vou vê-lo. E então?

– Não Se preocupe, Senhor Kingsley – ouviu-se a voz de Washington.

– Não me babo, pelo menos enquanto estou aCordado.

Kingsley deu meia-volta, tão Surpreendido que ficou Sem palavras por um momento. Emily olhou de imediato para Wash quando Kingsley o viu, um pouco inclinado, mais magro e com a barba farta salpicada de cinza. Parecia ter mais de 45 anos, mas os olhos azuis ainda predominavam no rosto. No fato escuro, que obviamente vestira à pressa, parecia aceitável e não alguém que Sofria há anos.

A menina FraSer esCaPuliu-se.

– Que bom – graCejou Kingsley. – Então, irei direto ao assunto. Está na hora da Sua demissão, Coronel.

– Não vai aConteCer.

– Não há nada de desonroso nisso. É o momento certo. Ninguém sabia tanto sobre os cabos como o Senhor, mas essa fase acabou. O trabalho para o qual era realmente neCessário está feito.

Wash ficou em silênCio, e Emily sentia o bater do coração na garganta.

– Teremos todo o prazer em mantê-lo Como especialista em Segundo plano – Continuou Kingsley.

Emily gostaria de perguntar quem iria aSSumir a posição de Washington, mas era óbvio que Wash não queria Ceder um centímetro e tinha razão: tal pergunta só mostraria fraqueza.

– O Senhor Martin aSSumirá a posição – afirmou então Kingsley de vontade própria. – ConheCe-o e sabe que é o melhor homem para o cargo.

– Não, Senhor Kingsley – Corrigiu Wash. – O melhor homem para o

cargo Sou eu. Não me vou demitir e nada irá mudar. Querendo ver-se livre de nós, terá de me despedir.

Kingsley levantou as mãos.

– Muito bem, então despedimo-lo.

– Oh, sim? Por que razão?

– Sabe muito bem...

– Não, Conte-me.

– Nunca está na obra.

– Não é razão suficiente para tal. Até agora, construímos uma ponte inteira sem que estivesse lá. A minha mulher representou-me tão bem como o Coronel Paine, o Senhor Farrington e o Senhor Martin.

– Edge Moor ainda não entregou a encomenda – insistiu Kingsley.

– E é por isso que me quer despedir? – Washington quase se riu.

– Senhor Roebling – Kingsley corou, perigosamente chateado –, vou despedi-lo porque quero.

E, dito isto, virou-se bruscamente e desapareceu.

Washington sentou-se e apoiou a cabeça entre as mãos. Enxaqueca. Emily, por outro lado, sentia a cabeça demasiado leve. Quis ir à cozinha buscar-lhe um pano fresco e húmido, mas entrou Lily a correr na divisão.

– Aconteceu qualquer coisa com o GK.

Gouverneur Kemble Warren entrou em coma devido à diabetes e morreu poucos dias depois com somente 52 anos. Foi enterrado com roupas civis e, de acordo com os desejos dele, sem quaisquer honras militares. Five Forks tinha deixado uma grande cicatriz no coração do ex-soldado. Lily estava inconsolável e Christina não sabia como reagir perante a atitude da mãe, que tinha mudado tanto. John e Sydney tentaram tomar conta da menina e superaram-se um ao outro nos dias seguintes e, passado algum tempo, Christina começou a fazer perguntas a Emily e Wash sobre Deus e o pai no Céu, o que pareceu ajudar.

Lily chorava horas a fio e não queria ser consolada.

– Estive sempre presente para ele, quando voltava para casa depois do trabalho, fazia tudo por ele e agora está morto. Wash ainda está vivo.

– Estás a dizer um monte de disparates!

– Eu sei – Soluçou a Cunhada e enterrou-se debaixo dos lençóis.

– Lamento imenso, Emmie – desculpou-se uma tarde. – Tenho sido tão má para ti.

Apesar da triste ocasião, Emily ficou contente por falarem sobre o assunto.

– Talvez estivesse a passar das marcas nessa altura e talvez o vá fazer eu agora... Mas pensa nos vossos filhos.

Lily calou-se.

– Não consigo imaginar o quanto deve doer perder um marido – Continuou Emily. – Perder um irmão já é suficientemente mau. Por vezes, sinto que ainda não percebi o que aconteceu de todo... E que gostaria de me esconder, mas Sidney e Christina precisam de uma mãe.

Lily tentou o seu melhor e Emily ajudava-a naquilo que podia. Christina gostava de se sentar no apêndre com Wash e fazer-lhe mais perguntas sobre a vida após a morte. Wash nem sequer acreditava em Deus, mas parecia estar a fazer um bom trabalho. Sydney e John, por outro lado, caminhavam durante quilómetros ao longo da praia. Encontraram um cão vadio, um *terrier* branco com uma mancha castanha nas costas e com a cauda a abanar da forma mais amigável que Emily já tinha visto. Ficaram com ele e deram-lhe o nome de *Billy Sunday*.

No final de agosto, uma nova visita sem aviso prévio veio pela mão de C. C. Martin e Henry Murphy.

– O Senhor Kingsley e o Senhor Low reuniram os administradores. Quase não apareceu ninguém, estão todos de férias, mas ainda querem que o notifiquemos e que designemos o Senhor Martin como o novo engenheiro-chefe – relatou Henry Murphy.

– O que diz sobre isso, Senhor Martin? – perguntou Emily.

– O que sempre disse – respondeu C. C. Martin com voz firme. – Não

quero substituir o Senhor Roebling, especialmente nesta altura do processo.

Henry Murphy já Continuava.

– O Senhor Martin argumentou muito a Seu favor e é verdade que ele poderia representá-lo, mas por que razão deveria? E o que deveria fazer de diferente quando o material não está lá para Continuar? ACuSou Kingsley e Low de ser desonroso destituí-lo tão perto da Conclusão da ponte. Não importa que os Seus Conhecimentos já não sejam tão necessários nesta fase Como no ano passado.

– Obrigado, Senhor Murphy, Senhor Martin – disse Wash. – Agradecemos-vos.

Na Semana Seguinte, Chegou uma Carta de outro membro, Comptroller Semler, que escreveu que também defendia o Senhor Roebling e que só queria assegurar-lhe o Seu apoio. Dizia ter a certeza de que nenhum dos homens, nem Paine nem C. C. Martin, faria o trabalho por ele, por uma questão de princípio. Emily escreveu-lhe uma resposta amigável e agradeceu-lhe Calorosamente.

Então, um repórter do *World* apareceu de repente à porta. Apresentou-se como James Smith e disse que tinha tomado conhecimento do paradeiro da família por Semler e que gostaria de entrevistar Washington Roebling.

– Lamento que tenha vindo até aqui – desculpou-se Emily –, mas não damos entrevistas. Estamos de férias e, como pode ver, de luto.

Atrás dela, ouviu alguém pigarrear.

– Porque não? Porque não entra?

Ali estava Wash, a sorrir para o homem. Que estava a acontecer? O repórter aproveitou e entrou à pressa, e Emily puxou Wash para a Cozinha.

– Tens a certeza? Nem sequer o Conhecemos. Se vamos falar com a imprensa, é melhor falarmos com o *Eagle*. Falo com o Thomas Kinsella e tenho a certeza de que vem já cá ter.



OS olhos de Washington escureram por momentos ao ouvir a referência a esse nome.

– Não, não faz mal. Aquele homem está aqui e agora. Antes que inventem mais alguma coisa sobre as minhas babas, preferiria falar com este.

E deixou-a ali de pé. Que lhe estaria a passar pela cabeça?

O repórter garantiu-lhe que estava contente por ver o engenheiro-chefe tão bem e começou com as perguntas sobre Low e Kingsley ao que Wash respondeu relatando o progresso da ponte e os problemas de entrega da empresa siderúrgica.

– Consegue compreender a raiva do Conselho? – perguntou Smith.

– Não são os administradores que estão zangados – respondeu Emily.  
– São dois cavalheiros.

– Pelo menos um dos dois deveria conhecê-lo bem – acrescentou Wash. – O que vou dizer não é para o público, mas todo o Conselho Superior é composto por políticos que não sabem nada sobre o lado técnico.

– Todo o Conselho? – perguntou Smith.

Emily fez um som com a garganta, mas Wash continuou a falar.

– Mesmo o senhor sabe exatamente com o que todos sonham ou, na verdade, que até podem ter uma oportunidade real de se tornarem governadores de Nova Iorque, nas próximas eleições.

– Muito obrigado pelas palavras sinceras – agradeceu Smith ao sair. – Agradeço-lhe o tempo dispensado. Não será impressa nem uma palavra.

No entanto, não cumpriu a sua promessa, visto que a tentação era demasiado grande. Assim, toda a Nova Iorque soube que o suposto engenheiro-chefe doente estava a gozar a vida em Newport e de que forma estava enfurecido com as aspirações políticas do Conselho. Começaram a chegar as primeiras cartas de Brooklyn: Semler sentia-se tão esbofeteado como muitos outros que o tinham defendido durante as discussões. O pior golpe vinha daqueles que nem sequer entraram em

contacto, incluindo Henry Murphy.

Naquele momento, deveriam ter voltado atrás com a palavra, mas as enxaquecas dele regressaram.

– Não precisas de me repreender, Emmie – murmurou, enquanto tremia e passava água quente pelas mãos, esfregando-as até ficarem vermelhas vivas. – Sei que foi um erro.

– Foste mesmo estúpido, Wash, mesmo, mesmo estúpido. Devias ter-me escutado.

– Sim, já fazes questão de insultar-me sobre isso.

– Porque o mereces. Recusei tantos jornalistas... também me teria livrado deste. A esta altura, já teríamos silenciado Kingsley, mas agora tem-te na mão.

– Foi estúpido.

– Foi mesmo estúpido – afirmou ela, incansável.

Estendeu-lhe uma toalha, em que ele pegou hesitante, enquanto ela deitava fora a água.

De seguida, foi sentar-se a escrever cartas. A primeira para Henry Murphy.

*«O meu marido é um homem lúcido quando se trata de questões técnicas. É um engenheiro de primeira classe, como sabe. No entanto, é melhor que mantenha o nariz longe dos assuntos políticos. Agradecemos-lhe que o defenda e, mesmo que esta controvérsia não acabe a nosso favor, agradecemos-lhe o seu apoio. Lutamos há tanto tempo que, se a visita deste repórter vier destruir tudo, devemos confiar em Deus de que é o melhor.»*

Quatro dias mais tarde, Kingsley tinha reunido todo o Conselho em Brooklyn, exceto três homens que estavam ainda a regressar das férias. Admitiram-se seis repórteres na reunião. Foi realizada uma votação e por dez a sete confirmou-se que o Coronel Washington A. Roebling era o engenheiro-chefe da Ponte do East River.

Thomas Kinsella escreveu-lhes a felicitá-los e o artigo dele argumentava com grande convicção ser a decisão correta. Nomeou a ponte de «Ponte de Brooklyn» em vez de Ponte do East River e Emily

gostou do novo nome.

Henry Murphy também lhes escreveu a relatar os acontecimentos, mais aliviado por ter surgido uma maioria a favor de Washington apesar dos discursos incendiários de Kingsley e Low. Parecia que os dois homens tinham cortado os próprios pés ao apresentarem argumentos tão pessoais de forma tão óbvia. O Senhor Roebling não tinha feito mal a ninguém e sempre tinha feito um bom trabalho. Porque o queriam denegrir? Ainda esclareceu a Emily que não devia preocupar-se com o facto de ter levado a peito o artigo, pois era tão velho que já não tinha ambições políticas, só queria ver a ponte concluída.

Emily sentou-se na varanda com a longa carta ao colo e ouviu o som das ondas que vinham de trás das dunas. Sim, tinham ganhado, mas não estava realmente convencida. Tinha sido renhido e esperava que aquela maioria aguentasse por algum tempo.

Que verão de loucos! No dia seguinte, ia novamente descer ao mar para sentir a areia e a água nos pés, enviar uma saudação a Fanny para Long Island e depois teria de regressar. A ponte estava à espera dela.

Brooklyn, novembro de 1882

Emily virou-se em frente ao espelho do quarto.

– Anda cá, mãe – chamou-a John, sentado na cama dela, a folhear uma revista.

Levantou-se, parou à frente dela e olhou-lhe com atenção para a testa. Ergueu a mão e arranhou-lhe um cabelo, segurando-o.

– O teu primeiro cabelo branco.

A mãe pôs as mãos sobre as ancas.

– John Augustus Roebeling.

– Preferias tê-lo guardado?

– Poderias tê-lo deixado cair acidentalmente sem o mencionar.

– Mereceste-o.

Abraçou o filho e apreciou a proximidade.

– Podia ficar assim para sempre.

– Não fosse estarem à tua espera.

– Tens razão.

Juntos apressaram-se a descer para a obra, que já não era uma obra, mas sim uma ponte. C. C. Martin tinha adquirido uma pequena carruagem e recolhido o tejadilho. Iam experimentar como a ponte se comportava quando passava um cavalo e Emily teria a honra de ser a primeira a passar nela, enquanto C. C. Martin ia a pé para observar possíveis vibrações.

– Não vale a pena – tinha dito Washington. – Se descobríssemos nesta fase que um único cavalo estava a causar vibração, estaríamos num grande problema.

Contudo, fazia parte dos testes que tinham acordado com o Conselho, e Emily estava ansiosa pela viagem. O cavalo estava um pouco nervoso, mas era bonito de se ver com a cabeça estreita e o pelo castanho a brilhar ao sol.

John ajudou-a a entrar na carruagem e tomou assento sobre o banco estreito, pois ele ia a conduzir. Nessa altura, um dos trabalhadores veio com um carrinho de mão sobre o qual estava uma gaiola.

– Senhora Roebing – disse o Coronel Paine –, temos aqui outra coisa para si.

Curiosa, esticou o pescoço. O trabalhador abriu a gaiola, deslizou as mãos para dentro e pôs para fora um enorme galo branco, ao que Emily franziu o sobrolho. O homem aproximou-se dela com a ave nos braços estendidos.

– Oh, não – argumentou a dama à pressa. – Não temos de fazer isso.

O pássaro mexeu-se e virou a cabeça para poder absorver tudo com aqueles seus olhinhos feios e ver quem é que estava prestes a bicar.

– Trouxemo-lo até aqui... – disse C. C. Martin. – Não é uma beleza?

– Vai sujar-me o vestido e...

– Mas é um antigo símbolo de sucesso! Para a vitória. Foi por isso que pensamos nisso – afirmou o Coronel Paine.

– Nunca tinha ouvido isso antes.

Os homens pareciam estar a falar a sério e pareciam tão desiludidos que Emily teve de rir.

– Está bem, dê cá isso.

O operário sorriu e pôs-lhe o bicho ao colo. Emily fechou as mãos em torno dele com rapidez para não esvoaçar. Odiava galinhas, mesmo na sopa.

– Vamos – ordenou C. C. Martin, e John estalou a língua.

O cavalo arrancou em força e John teve de o abrandar com as rédeas, enquanto Emily tentava apoiar-se com os cotovelos nas paredes da carruagem, para não cair, e C. C. Martin, que já os tinha perdido, tentava alcançá-los.

– Brrrr – rosnou John, tentando acalmar não só o cavalo, como também a si mesmo. A mãe ouviu-lhe a incerteza na voz. Os homens que ainda estavam a trabalhar ao longo da estrada viraram-se para eles,

pararam e tiraram os Chapéus. Emily queria aCenar-lheS, mas o galo abanava-Se e não o podia largar, pelo que Sorria em agonia.

O Cavalo estava tão inquieto Como Se não SaísSe à rua há dias. Ainda nem Sequer tinham abandonado a terra firme, o rio não podia Ser a Causa daquela ansiedade.

John tentou virar-Se para falar Com ela e perdeu o Controlo das rédeas. Demorou algum tempo a parar o Cavalo e, no fim, tinha a parte de trás do peSCoço enCharcada em suor.

– Pronto, já chega – reSmungou Emily. – Aqui, Senhor Martin, Segure nisto. – Esperou impaciente até C. C. Martin lhe tirar o galo desContente e logo Saiu. – Vá lá, John, entra para trás e leva o bicho estúpido. Eu dirijo.

Foi assim que trocaram de lugar. O Cavalo parecia Sentir que Emily não estava com disposição para brincadeiras e parou de estrebuchar, permitindo que C. C. Martin fosse capaz de tratar das medidas. Quando chegaram ao lado de Nova Iorque, alguns dos trabalhadores da construção aplaudiram. Tudo tinha corrido bem, C. C. Martin estava satisfeito, e Emily não precisava de um símbolo ou de um galo verdadeiro para saber que o projeto tinha sido um Sucesso.

Em novembro, uma audiência Convocada pelo presidente sobre os acontecimentos em Five Forks Concluiu que o falecido Gouverneur Kemble Warren tinha sido demitido de forma ilegal, ilibando-o. Emily esperava que, onde quer que estivesse, o irmão ficasse em paz para sempre.

Não passou muito tempo até que Henry Murphy morreu de insuficiência cardíaca Com 72 anos, depois de andar à Chuva no Caminho para Casa e apanhar uma pneumonia. Os obituários na imprensa celebraram-no Como o pai fundador da Brooklyn moderna e um dos poucos homens honrados que restavam em Nova Iorque.

Pouco tempo depois, ocorreu a Emily, pela primeira vez, que a ponte estava pronta. Ainda faltavam pormenores e tinha várias inspeções pendentes, que, em Cincinnati, tinham levado mais seis meses, mas que não se repetiriam ali. Todos os trabalhadores importantes tinham ficado,

até mesmo Collingwood, que, a rir, lembrou-os que no início só queria trabalhar ali durante um mês.

Os olhos de Washington melhoraram a ponto de conseguir ler o jornal outra vez, mas passou-se algum tempo antes de o confessar à esposa.

– Gosto tanto quando lêes para mim – confessara e assim continuaram as sessões de leitura, que, de forma ocasional, o filho acompanhava.

– Como foi Troy, pai? – perguntou um dia John. – Gostaste de estudar no Instituto Rensselaer?

– Porque queres saber? – respondeu Washington estupefacto.

– No caso de querer ser engenheiro.

– Como? – perguntaram Emily e Wash ao mesmo tempo.

– É uma profissão bonita, não é? – O filho olhou-os. – Sei desenhar bem e fazer as contas.

Era verdade. As notas da escola eram boas e nunca tinham tido de se preocupar.

– Ainda falta algum tempo – disse Wash evasivo.

– É já no outono. Significa que não gostaste daquilo?

Washington refletiu.

– Já lá vai muito tempo desde que lá estive. Para mim, não era a forma correta de ensinar. Aprende-se de cor só para se esquecer depois do teste e voltar a estudar para o seguinte.

– Mas tu és tão bom a memorizar coisas – notou Emily.

– Não foi difícil para mim, só irritante. Outros tiveram de lutar para acabar. Contudo, continua a ser a melhor escola, querendo-se realmente ser engenheiro.

– Não deveria sê-lo?

Wash levantou-se e pegou a cabeça de John entre as grandes mãos. Pressionou um beijo no topo da cabeça dele.

– Eu ficaria extremamente orgulhoso de ti.

Chegou um aparelho telefónico à casa dos Roebing e Emily podia

falar com Alva Vanderbilt e com a Senhora Adams. Somente algumas casas particulares tinham o aparelho próprio, a maioria dos grandes hotéis é que tinha telefones. A Senhora Adams tinha permanecido leal ao movimento feminino e estava bem encaminhada para se tornar a próxima Susan B. Anthony. Se estivesse na mão dela, iria conseguir o direito ao voto das mulheres nos cinco anos seguintes. Alva, por outro lado, queixava-se da filha, Consuelo, inteligente, mas preguiçosa e, acima de tudo, da postura tão má que a fez obrigá-la a usar um aparelho de apoio nas costas durante várias horas por dia. Emily queria falar com ela sobre isso, com calma, pois a coitada tinha apenas oito ou nove anos.

Thomas Edison também deu notícias e todos eles se juntaram quando o aparelho tocou. A menina Fraser proferiu maldições britânicas que Emily nunca tinha ouvido da boca dela em todos aqueles anos. Edison queria saber de Washington se poderia fornecer as setenta lanternas elétricas para a ponte. Fez uma boa oferta e Emily aceitou. Claro que só depois de o Conselho ter discutido longamente o assunto... O ambiente durante as reuniões era tenso, mas tentavam fingir que não discutiam até à morte.

Havia muito a organizar para a inauguração oficial da ponte. Os apoiantes de Washington sugeriram fazer um busto do engenheiro-chefe e Emily até gostou da ideia, mas Wash pensou que era uma tolice, como seria de esperar, e não quis posar. Emily conseguiu convencê-lo com muitos beijos.

– De qualquer forma – insistiu –, podíamos simplesmente colocar um sinal a dizer «*ponte aberta*». Não era suficiente?

– Não, meu amor, não. Deixa-me tratar disto.

Com a ajuda da Senhora Adams, encontrou uma boa tipografia para produzir os cartões de convite.

«A Ponte do East River ficará aberta ao público em geral na quinta-feira, 21 de maio, às quatro horas. O coronel Washington A. Roebling e a senhora Roebling pedem a honra de o poder receber após a cerimónia de abertura até às nove horas. Columbia Heights n.º 110, Brooklyn.



*É pedida uma resposta.»*

O papel timbrado foi baseado num desenho do filho e mostrava a nova ponte em toda a Sua glória a partir da orla de Brooklyn Com veleiros a navegar por baixo dela e algumas nuvens por cima. À esquerda, estava um retrato de Wash também da mão de John. Emily tinha-o enchido de beijos de orgulho e gratidão. O Seu grande e talentoso filho...

– Na verdade, devia tê-lo desenhado ao teu lado – disse o rapaz enquanto olhava para os Convites acabados.

– Podes fazer isso na nossa cópia, guardá-lo-ei nos meus livros de recortes sobre a ponte, Será um Convite muito especial.

Seth Low, o presidente da Câmara de Brooklyn, foi um dos vários que queriam ou precisavam de fazer um discurso. Numa Carta, perguntou se o engenheiro-Chefe poderia nomear-lhe alguns edifícios de grandiosidade semelhante e, de igual modo, queria informações mais pormenorizadas sobre os custos, de preferência listados numa tabela. Na saudação, tinha escrito «*Robeling*» em vez de *Roebing*, ao que Wash abanou a cabeça Sem parar.

– Se os egípcios tivessem tido um Conselho Superior, nunca teriam terminado as pirâmides...

No entanto, sentaram-se juntos e escreveram para Low uma lista, não dos custos, que deveria somar ele mesmo a partir dos intermináveis relatórios oficiais, mas de todos os homens que deveriam ser mencionados. Mereciam-no tantos trabalhadores...

Como agradecimento, Wash recebeu outra carta, desta vez Sem o erro ortográfico e Com o Cancelamento da presença visto que, infelizmente, não poderia comparecer. Perguntou também qual era o primeiro nome da senhora *Roebing*.

Thomas Kinsella, por outro lado, veio em pessoa e foi tão atencioso como sempre. Afinal, Emily e Washington tinham decidido dar uma entrevista. O *Union*, o jornal republicano de Brooklyn, tinha recentemente acrescentado a nova ponte ao logótipo e tinham considerado dar-lhe a honra de uma entrevista em troca, mas o *Eagle* tinha-os apoiado durante

tanto tempo e parecia Ser a escolha mais Segura.

Emily deu as boas-vindas a Thomas Kinsella no salão. Tinha conseguido deixar de pensar na noite em Filadélfia cada vez que se viam.

– Pode parecer inadequado – proferiu o jornalista com um sorriso –, mas estou muito orgulhoso de si, Emily.

Encarou-o durante algum tempo. Nunca diria tal coisa a Washington ou a qualquer outro homem, mas, mesmo assim, parecia sincero.

– Agradeço-lhe o apoio, a si e ao Senhor Murphy.

– Além da questão com o aço dos cabos?

Emily acenou. Nada de mais tinha surgido das suas ambições políticas, o candidato ao qual ajudara tinha perdido.

– Acha que o Coronel teria uma palavrinha comigo?

Emily levantou-se.

– Venha.

Juntos foram até Washington, que estava sentado à secretária a folhear um velho caderno de notas. Quando Thomas Kinsella estendeu a mão, levantou-se. Falaram durante algum tempo, Thomas Kinsella com muita suavidade e cuidado, sem fazer quaisquer perguntas críticas, mas obviamente feliz por voltar a ver o engenheiro-chefe.

Assim que Wash começou a ficar cansado, Emily percebeu e pigarreou, avançando para a beira da cadeira. Thomas Kinsella reagiu de imediato.

– Parabéns, coronel. Criou uma grande obra. Presumo que será a última?

– Não sei – respondeu Wash. – Pode ser que me volte a sentir melhor... Ainda há muito a fazer no mundo.

Emily teve de asfíxiar uma tosse e, depois de se despedir de Thomas Kinsella, apressou-se a voltar para ao pé do marido e sentar-se no colo dele.

– Não te atrevas a assumir outro projeto, Wash. Eu vou... Vou... – Olhou à volta. – Vou vender a coleção de minerais e eu vou com ela!

Washington ofegou.

– Terias de pagar Caro para que um Certo alguém te Contratasse...

Em resposta, deu-lhe um pontapé na Canela Com o Calcanhar.

Brooklyn, maio de 1883

A 19 de maio, Sem aviso prévio, ligaram as luzes de Edison pela primeira vez e Emily, que estava na Costa, mordeu o punho Com emoção. *Oh, Wash, estás a ver? Estás a ver isto?*

OS aplausos das pessoas privilegiadas Com tamanha visão ouviam-se dos dois lados do rio. Era um sábado de maio à noite e as pessoas estavam a desfrutar do belo tempo no exterior. Desde que o presidente da Câmara de Brooklyn tinha declarado feriado o dia da inauguração, na seguinte quinta-feira, até os céticos que restavam se tinham tornado admiradores, excetuando ingleses e irlandeses, que não queriam celebrar a inauguração da ponte no mesmo dia do aniversário da rainha Vitória.

Seria a maior celebração desde a abertura do Canal Erie, há 58 anos. Queriam permitir a entrada de sete mil pessoas na ponte, mas a polícia já esperava que toda a Nova Iorque e Brooklyn estivessem de pé, o que somaria um total de mais de um milhão de pessoas. Vários jornais já imaginavam que não demoraria muito até que ambas as cidades crescessem juntas. Será que Brooklyn faria oficialmente parte de Nova Iorque em breve? Emily não conseguia imaginar a fusão de outra forma.

Chegou o momento e hastearam as bandeiras em todos os edifícios e nas duas torres da ponte, dando início às cerimônias.

Emily assistiu aos festejos do quarto de John, pelo telescópio de Washington. Originalmente, quis assistir, mas de manhã tinha mudado de ideias de forma espontânea. De certa forma, queria supervisionar os preparativos das boas-vindas que iriam dar em casa junto Com a mãe, que tinha viajado para o efeito, e deixar as coisas oficiais para os homens, a quem era permitido celebrar. Já tinha cruzado a ponte uma vez Com as pessoas mais importantes e o passeio de carruagem tinha sido o seu triunfo, apesar do cavalo louco e do galo engraçado. Para ela, era o suficiente.

Dessa forma, assistiram à distância, enquanto as pessoas se alinhavam nas ruas e começava um desfile militar. O presidente dos

Estados Unidos, Chester A. Arthur, tinha vindo de Washington, D. C. e o governante de Nova Iorque estava orgulhoso ao lado dele. Seguidos por uma banda, entraram na ponte. Os músicos tinham recebido com antecedência instruções importantes para não marcharem a passos uníssonos e, felizmente, cumpriram-nas. Mesmo no meio da ponte, desta vez com o champanhe a tempo e horas, encontraram-se com a delegação de Brooklyn: Seth Low, Henry Ward Beecher, Horatio Allen, William Kingsley e outros convidados de honra.

Depois, foram proferidos inúmeros discursos. «Um pedaço de Atlântida ressuscita da água» poetizava um, ganhando divertidos abanões de cabeça, logo outro falava da ponte como uma verdadeira dama.

Seth Low dera o seu discurso ao jornal com antecedência e, naquela manhã, Emily já tinha reparado que até ela tinha sido mencionada.

*«Não devemos esquecer-nos hoje de um nome que, com alguma probabilidade, não aparecerá nos registos oficiais. Nos tempos antigos, quando se erguiam grandes edifícios, escolhia-se uma deusa para os vigiar com bondade e amor. É assim que as ruínas da Acrópole recordam hoje, aos admiradores, o nome de Pallas Atena. Na Idade Média, pedia-se a bênção das santas para proteger dos bárbaros e do tempo destruidor as estruturas criadas pelo homem em honra de Deus. É desta forma que esperamos que a ponte fique associada para a eternidade a uma santa que, através da sua mente analítica e capacidade de organização, permitiu a comunicação entre as forças governantes e os leais e laboriosos artesãos. Esta ponte será um memorial eterno à devoção autossacrificial da mulher e das suas capacidades intelectuais, que muitas vezes não lhe permitiram utilizar. O nome da senhora Emily Warren Roebling será, no futuro, inseparável do produto dos homens, uma obra arquitetónica admirável.»*

Wash tinha começado a ler o discurso num tom irónico, mas a cada frase tinha ido suavizando a voz. Nenhum deles esperava que Emily recebesse uma menção tão honrosa. Seth Low tinha feito mais do que perguntar o primeiro nome dela.

Por volta das quatro horas, os primeiros convidados apareceram em casa. Emily quase se sentia triste pelas desculpas de Seth Low, percebendo pelo discurso que, afinal, o governador tinha um coração

caloroso. Contudo, não demorou muito a ter de afastar lágrimas de alegria. Tinham enviado convites a Mühlhausen e nunca tinham recebido resposta, mas, naquele momento, estavam perante ela Clara e Franz com os dois rapazes que tinham feito a longa viagem, enquanto a carta em resposta parecia perdida pelo caminho. O navio tinha atracado só algumas horas antes, depois de passarem por uma tempestade no meio do Atlântico que os tinha empurrado para norte.

– Terão de nos contar tudo mais tarde – exclamou Emily. – Oh, como cresceram os rapazes... Já são homens. Ainda querem juntar-se ao circo?

– Ora! Claro! – responderam eles com vozes graves. – Já amanhã!

Franz já estava a pensar se deveriam emigrar para os Estados Unidos, mas teria de trabalhar algumas das convicções com Clara.

Fanny tinha vindo de Montauk com a família, e Lily e os filhos de Newport. Alva lidava com a corte, desta vez acompanhada por Carrie Astor, que ainda estava a discutir com a mãe poder casar com o tal senhor Wilson e a explicar o assunto a todos os presentes, acrescentando que estava a comer cada vez menos.

A senhora Adams, por outro lado, só pôde ficar por pouco tempo, pois o marido tinha tido um derrame uns dias antes.

– Brooklyn tornou-se uma verdadeira cidade. – Ouviu-se alguém dizer.

O busto de Washington ficou no átrio e, mesmo que Emily não o admitisse perante ele, quando o viu, achou bastante idiota ver o seu humilde Wash em pedra. Em algum momento perdera a paciência e pedira ao artista para continuar a trabalhar a partir de uma fotografia. Apreciando-o melhor e, de uma forma estranha, o busto parecia-se mais com John.

Lá em cima, no quarto, ajudou o marido a ajustar o lenço no bolso do blazer.

– Alguma vez te disse que a barba te fica mesmo bem, meu *washinim*? És um homem lindo. – Wash beijou-a. – Estás pronto?

– Espera. – Outro beijo. – Agora sim.

A excitação daquele dia causava-lhe dores fortes nas pernas, mas Washington não queria nem podia ficar na cama. Quando pediu ao filho para o acompanhar pelas escadas abaixo, John recusou.

«A mãe terá de o fazer. Têm de descer juntos e dar um festão. Só não faça muito peso para que ela se possa apoiar, tal como ela se te tem apoiado em ti durante todos estes anos. Não há nada mais simbólico do que isso.»

Os aplausos começaram logo quando desceram as primeiras escadas e acompanharam-nos até que Wash tomou lugar num sofá na sala de estar. O primeiro a felicitá-los foi, com certeza, o presidente Arthur e a comitiva. Emily nem sequer tinha reparado na chegada dele e mal podia acreditar que um verdadeiro presidente estava de pé na sua sala de estar. Até bebeu uma taça de champanhe sossegado e conversou com os Roebing de Mühlhausen. John fez de intérprete.

Washington recebeu muitas felicitações e, de igual modo, Emily recebeu imensos elogios e ramos de flores, não só pelo facto de o marido ter feito um bom trabalho mas também pela própria contribuição. O coronel Paine, C. C. Martin, Collingwood e McNulty também lhe sorriram e Thomas Kinsella ainda lhe piscou o olho com um ar cúmplice.

Quando o presidente se retirou, Washington também o fez e foi para a cama. Emily e a menina Fraser ficaram à porta do jardim a ver os convidados a agruparem-se à volta de um modelo de três metros de comprimento da ponte. Um padeiro de Brooklyn mandara-o entregar como presente e, como era feito de açúcar, tinham-no colocado junto ao muro da propriedade vizinha para não derreter com o sol.

Ao anoitecer, a casa ficou mais vazia, pois a maioria dos convidados queria ir para casa num instante, trocar de roupa e ir para a ponte ver o fogo de artifício. Washington já estava sentado à janela, e John desceu até à margem com os outros. O casal ficou sozinho.

– Ainda te preocupam os fogos de artifício? – perguntou Wash.

– Um pouco. A lenha fresca no pavimento pode pegar fogo com facilidade e, além disso, não gosto do barulho. Faz-me lembrar Cold

Spring quando testavam as armas durante horas e tenho a certeza de que ainda haverá alguns homens que se lembram da guerra.

Wash puxou-a para baixo, sentando-a ao pé de si no braço da cadeira. Estava a escurecer e ligaram as luzes da ponte que, em três elegantes impulsos, se destacaram contra o azul profundo do rio.

– A Ponte de Brooklyn – murmurou Emily.

– Gosto do nome. Temos a melhor vista daqui...

Quando o fogo de artifício rebentou, tentou esquecer os pensamentos sobre madeira a arder e procurou apreciar as explosões coloridas. A ponte estava tão bonita. No rio, os navios buzinavam e tocavam música, as velas brancas a reluzir com o reflexo dos fogos de artifício.

– A engenheira-chefe está a olhar para a sua obra – agradeceu Washington. – Está satisfeita?

Emily só acenou com a cabeça, satisfeita e orgulhosa.

Uma hora mais tarde, a Lua ergueu-se e banhou as duas cidades com a sua luz de prata. Washington tinha adormecido, mas Emily permaneceu sentada ao lado dele durante algum tempo. Colocou-lhe o nariz na têmpora quente.



Algumas semanas mais tarde, Emily Warren Roebling deixou a conhecida Brooklyn com o marido e o filho para se mudarem para Troy, onde John estudou no Instituto Rensselaer para ser engenheiro. Descobriram que tinha cardiopatia congénita, o que causou grande preocupação a Emily, mas que, felizmente, não era fatal. John casou com uma jovem de Trenton, trabalhou como químico (incluindo algum tempo para a John A. Roebling's Sons) e acabou por se estabelecer no Arizona.

Emily e Washington mudaram-se para a tranquila Trenton, onde Emily utilizou a experiência que tinha adquirido em Nova Iorque para projetar, construir e decorar uma casa ao estilo Tudor. Instalaram uma grande janela de vidro com chumbo na entrada, mostrando a Ponte de Brooklyn em todo o seu esplendor. Emily era uma anfitriã popular e envolvida em instituições de caridade, organizações de mulheres e as Filhas da Revolução Americana (DAR) – ambientes em que esteve envolvida com mulheres pela primeira vez em muito tempo.

O marido, entretanto, sentia-se cada vez melhor, devido, com certeza, ao fardo da grande obra lhe ter saído de cima. Não construiu mais pontes e, em vez disso, tomou conta do negócio familiar com Charles e Ferdinand. Também expandiu a coleção de minerais e criou uma cobra-d'água como animal de estimação. Uma e outra vez teve de lutar contra os efeitos secundários da doença, e Emily continuou a cuidar dele de forma abnegada.

A doença do Caixão, predominantemente conhecida na medicina atual como doença dos mergulhadores ou mal da descompressão, como hoje em dia se sabe, deve-se ao facto de a descompressão acontecer demasiado depressa e de se formarem bolhas de azoto no sangue. Os médicos daquele tempo não estavam tão enganados quando insistiam numa subida lenta do Caixão, embora devesse ter sido muito mais lenta do que pensavam.

O estímulo intelectual continuou a ser importante para Emily ao longo da vida. Quando precisava de uma mudança de ares, não só ia andar a

cavalo ou de bicicleta, como também ia a Nova Iorque para assistir ao teatro, à ópera ou a palestras de ciências naturais e sociais. Viajou sozinha, foi apresentada à rainha Vitória em Londres e foi convidada para a opulenta coroação do Czar Nicolau II em Moscou. As cartas ao filho mostram como era observadora e como se sabia comportar de forma apropriada em ambientes tão nobres. De volta aos Estados Unidos, deu uma série de palestras sobre as suas experiências de viagem.

A Guerra Hispano-Americana levou-a outra vez para Montauk, onde tinha sido criado um campo de quarentena para soldados que regressavam e onde, juntamente com outras mulheres, lhes forneceu alojamento limpo e comida.

Quando tudo o que já fazia deixou de ser suficiente para ela – apesar da recém-adquirida deficiência auditiva e visual e fraqueza física em geral –, tirou um diploma de Direito na Universidade de Nova Iorque. A matemática e a engenharia tinham sido os interesses do marido, mas a lei americana foi a sua própria escolha. É certo que foi só um curso de um semestre feito para mulheres, porém, o conteúdo era, ainda assim, complexo. Estavam representadas no curso mulheres mais velhas (grupo ao qual Emily, com 56 anos, já pertencia) com bens suficientes, bem como jovens ativistas dos direitos das mulheres, que ainda tinham muito a fazer. Emily até fez o exame final opcional e passou com distinção.

O seu Wash assistiu à cerimónia, na qual foi autorizada a ler perante todos o seu excelente ensaio sobre as questões femininas antes de receber o diploma. Há uma fotografia desse dia, Emily de boné e bata, uma elegante blusa de renda debaixo do manto preto e muitas joias nos dedos e orelhas. Não sorri, mas o olhar delata autoconfiança e contentamento: Emily Warren Roebling sabia exatamente o que tinha conseguido.

As fontes sobre Emily e a ponte são bastante interessantes de explorar. Num livro sobre a Ponte de Brooklyn dos anos 60, nem sequer é mencionada; nos anos 70, alguém escreve que ocasionalmente transportava cartas entre o local da obra e o marido e já depois, nos anos 80, aparece a primeira biografia intitulada *Silent Builder*, na qual Emily

Roebbing obtêm os créditos que lhe são devidos – escrita por uma mulher, Marilyn E. Weigold. No entanto, quase não há cartas ou entradas de jornais deste período, somente sobreviveram alguns álbuns com recortes de jornais sobre a ponte e notas nas margens.

Portanto, não sabemos muito sobre os pensamentos de Emily e as lutas que travou durante a construção da ponte, seja porque não teve tempo para escrever, porque destruiu documentos antes de morrer, em 1903, ou porque não se considerou importante para escrever uma autobiografia, por exemplo. São dúvidas a que, atualmente, ninguém poderá responder. Durante o tempo que passou em Trenton, tornou-se mais comunicativa e correspondia-se muito com o filho, sendo a partir dessas cartas, bem como das que lhe foram escritas por Washington, nas quais fala com um humor caloroso e afetuoso, que tentei descrever a relação com o marido.

O quão ativa foi, na verdade, na construção da Ponte de Brooklyn nunca será sabido ao certo, mas imagino que Emily, que sempre foi elogiada por qualidades tão femininas como o tato e a contenção, também poderia ser muito persistente quando se tratava de levar a ponte de Washington – e sua – a bom termo. Desceu ao caixão? Será que expôs a fraude de Lloyd Haigh? Não sabemos, mas é bastante concebível.

Para os antecedentes históricos, baseei-me principalmente no livro *The Great Bridge* (A Grande Ponte) de David McCullough, que pesquisou e descreveu a construção da ponte de forma tão metódica que nos sentimos a subir pela ponte balançante com os construtores e a assistir a todas as reuniões aborrecidas do Comité que tanto entediavam Washington. Espero ter conseguido fazer o mesmo neste romance biográfico de ficção, mesmo que tenha tido de mudar um ano aqui e ali, combinar dois eventos num só, ou omitir ou renomear pessoas porque, infelizmente, todos tinham os mesmos nomes próprios. A propósito, a pintura *Picnic on the Hudson*, que Emily tanto amava e que lhe foi oferecida pela mãe, existe e está neste momento na Biblioteca Julia L. Butterfield, em Nova Iorque.

Para mim, a construção desta ponte com Emily foi um

empreendimento emocionante, em Conjunto Com a minha representante Dorothee Schmidt e a editora Anne Scharf, às quais agradeço do fundo do meu coração. OS meus agradecimentos vão também para Annika Krummacher, Anja Neudert e Claro, Como Sempre, para o meu marido.

## Contents

### Capítulo Um 7

Manhattan, Nova Iorque, 7

janeiro de 1865 7

### Capítulo Dois 17

Manhattan, Nova Iorque, 17

janeiro de 1865 17

### Capítulo Três 25

Montauk, Long Island, 25

janeiro de 1865 25

### Capítulo Quatro 41

Montauk, Long Island, 41

janeiro de 1865 41

### Capítulo Cinco 51

Covington, Ohio, 51

maio de 1867 51

### Capítulo Seis 63

Saxonburg, Pensilvânia, 63

junho de 1867 63

### Capítulo Sete 75

Paris, agosto de 1867 75

### Capítulo Oito 81

Essen, setembro de 1867 81

### Capítulo Nove 87

Turíngia, outubro de 1867 87

Capítulo Dez 93

Turíngia, novembro de 1867 93

Capítulo Onze 101

Trenton, Nova Jérсия, 101

fevereiro de 1869 101

Capítulo Doze 107

Cataratas do Niágara, 107

Nova Iorque, abril de 1869 107

Capítulo Treze 117

Brooklyn, junho de 1869 117

Capítulo Catorze 133

Trenton, Nova Jérсия, 133

julho de 1869 133

Capítulo Quinze 139

Brooklyn, fevereiro de 1870 139

Capítulo Dezassex 153

Brooklyn, maio de 1870 153

Capítulo Dezassete 161

Brooklyn, julho de 1870 161

Capítulo Dezoito 173

Brooklyn, dezembro de 1870 173

Capítulo Dezanove 185

Brooklyn, dezembro de 1870 185

Capítulo Vinte 193

Manhattan, Nova Iorque, 193

maio de 1871 193

Capítulo Vinte e Um 203

Manhattan, Nova Iorque, 203

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| janeiro de 1872            | 203 |
| Capítulo Vinte e Dois      | 215 |
| Brooklyn, junho de 1872    | 215 |
| Capítulo Vinte e Três      | 227 |
| Manhattan, Nova Iorque,    | 227 |
| setembro de 1872           | 227 |
| Capítulo Vinte e Quatro    | 235 |
| Brooklyn, dezembro de 1874 | 235 |
| Capítulo Vinte e Cinco     | 249 |
| Brooklyn, abril de 1876    | 249 |
| Capítulo Vinte e Seis      | 257 |
| Filadélfia, maio de 1876   | 257 |
| Capítulo Vinte e Sete      | 271 |
| Brooklyn, maio de 1876     | 271 |
| Capítulo Vinte e Oito      | 283 |
| Brooklyn, setembro de 1876 | 283 |
| Capítulo Vinte e Nove      | 295 |
| Brooklyn, dezembro de 1876 | 295 |
| Capítulo Trinta            | 305 |
| Brooklyn, agosto de 1877   | 305 |
| Capítulo Trinta e Um       | 317 |
| Brooklyn, novembro de 1879 | 317 |
| Capítulo Trinta e Dois     | 325 |
| Brooklyn, março de 1881    | 325 |
| Capítulo Trinta e Três     | 335 |
| Newport, Rhode Island,     | 335 |
| julho de 1882              | 335 |
| Capítulo Trinta e Quatro   | 349 |

Brooklyn, novembro de 1882 349

Capítulo Trinta e Cinco 357

Brooklyn, maio de 1883 357

Considerações finais 363